

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

JUVENTUDE E TRIBOS URBANAS
OS *SURFERS* NO BARLAVENTO DO ALGARVE

Dissertação de Mestrado elaborada por
Luís Filipe Pereira Dantas

Évora, Maio de 1997

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

JUVENTUDE E TRIBOS URBANAS
OS *SURFERS* NO BARLAVENTO DO ALGARVE

por: Luis Filipe Pereira Dantas
lic.Ensino de História e Ciências Sociais.

Orientação Científica:
Professor Doutor Francisco Martins Ramos



83 432

Dissertação apresentada à Universidade de Évora para
obtenção do grau de Mestre em Sociologia
-Variante de Poder e Sistemas Políticos-

Maio de 1997

*À Linda, aos meus pais e irmão que sempre
me incentivaram a continuar.*

Agradecimentos

Para que este trabalho conseguisse chegar ao fim, pude contar com a ajuda de várias pessoas, a quem nesta ocasião gostaria de expressar os meus agradecimentos.

Desde logo, ao Professor Doutor Francisco Martins Ramos, meu orientador científico, pela receptividade em aceitar essa função, pela sua capacidade em me ajudar e elucidar nos momentos de maior dúvida e hesitação, e pela amizade sempre manifestada. Naquilo que este trabalho possa ter de melhor, muito fica a dever à sua competência profissional e argúcia construtiva que me tentou incutir. Aqui lhe deixo um sincero e reconhecido agradecimento

Depois, aos Professores Helder Adegar Fonseca e Casimiro Balsa; ao primeiro, por ter sido das primeiras pessoas com quem inicialmente falei sobre o tema deste trabalho e me incentivou a continuá-lo; ao segundo por, nalgumas conversas informais e em sessões lectivas, termos falado sobre o tema, quando ainda era um conjunto de dados avulsos, e de me ter sensibilizado para a utilização de algumas técnicas de tratamento de dados que se mostraram verdadeiramente úteis para este trabalho.

Não posso, igualmente, deixar de fazer um sincero agradecimento ao meu colega Carlos Alberto Silva, uma vez que este trabalho também ficou a dever, e muito, à sua ajuda no tratamento e no design informático dos dados e às suas críticas e sugestões, pertinentes e autorizadas.

Devo ainda um significativo agradecimento a todos os jovens que entrevistei e com quem passei uns dias de natural e descontraída relação, quer junto ao seu local de prática, quer noutros locais onde nos encontrámos para trabalhar, ou simplesmente conversar. A todos eles o meu obrigado pela informação, pela paciência e até pela iniciação que me tentaram inculcar.

Depois há coisas que são mais difíceis de agradecer...

Primeiro, aos meus pais que sempre me manifestaram um infindável apoio e foram das pessoas que me incentivaram a prosseguir em momentos de hesitação e angústia. À sua ajuda e confiança que em mim depositaram um sincero obrigado.

Em segundo lugar, um agradecimento ao meu irmão Vasco, pela colaboração no trabalho fotográfico, pelas iniciativas junto de alguns praticantes, e por todo o apoio sempre manifestado.

Por fim, claro está, à Linda pela sua compreensão nas minhas ausências pelas idas para Évora, pelos dias que passei junto dos jovens com quem trabalhei, ou ainda por me ouvir falar dias seguidos do tema do trabalho, alertando-me que a vida também tem outras coisas importantes.

Pelas condições que me disponibilizou, pelo carinho e pelo apoio sempre manifestado, aqui fica um sincero e reconhecido agradecimento.

Para eles os quatro aqui fica este trabalho que lhes dedico.

ÍNDICE GERAL

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I	
A- SOCIOLOGIA E PROBLEMAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS.....	13
B -CONDIÇÕES DE AFIRMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DA JUVENTUDE.....	22
1. Para uma definição de Juventude .	
2. O Processo de Afirmação da Juventude.	
- A Europa e o Caso Português -	29
3. Correntes Teóricas da Sociologia da Juventude.....	42
4. A Realidade Social dos Grupos de Jovens.	
- As Culturas Juvenis e as Tribos Urbanas -	47
CAPÍTULO II	
A - AS QUESTÕES TEÓRICO - METODOLÓGICAS.....	59
1. O Quadro Teórico de Referência .	
2. Escolha do Tema e Definição do Universo de Estudo.....	63
3. Caracterização do Estudo.....	72
4. Objectivos e Hipóteses.....	76
5. Métodos e Técnicas da Investigação.....	79
CAPÍTULO III	
A - OS DADOS DA INVESTIGAÇÃO.....	99
1. Processo e Metodologia de Recolha dos Dados.	
2. Descrição e Resumo dos Dados.....	106

B - A ANÁLISE DOS DADOS.....	119
1. Os Momentos de Tratamento e Análise dos Dados	
2. A « Leitura Qualitativa » dos Dados.....	122
3. A « Leitura Quantitativa » dos Dados.....	195
4. Os Dados numa « Leitura Qualitativa-Quantitativa ».....	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
BIBLIOGRAFIA.....	236
ANEXOS.....	246
ANEXO A	
Instrumentos de Recolha de Informação.....	A 3
ANEXO B	
Exemplos de entrevistas estruturadas, realizadas no âmbito do processo de pesquisa e recolha de informação.....	A 9
ANEXO C	
Documentação referente às saídas informáticas do SPSS, com listagem e sistematização de variáveis.....	A 23

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

	Pág.
Fotografia 1- Vista aérea da Praia da Rocha.....	97
Fotografia 2 - Vista do Molhe de Portimão.....	97
Fotografia 3 - Exemplos de duas pranchas de surf e bodyboard.....	139
Fotografia 4 - Exemplo de rapariga a preparar a prancha.....	140
Fotografia 5 - Momento de pentear a prancha.....	141
Fotografia 6 - Alguns dos membros do grupo junto do molhe de Portimão.....	149
Fotografia 7 - Momento de descanso e conversação.....	152
Fotografia 8 - Momento de preparação do material.....	163
Fotografia 9 - Representação da regra da entrada no mar.....	163
Fotografia 10 -Membros do grupo em momentos de descanso.....	178
Fotografia 11 -Membros do grupo com mais tempo de prática.....	178
Fotografia 12 - Exemplo de prancha de surf.....	187
Fotografia 13 - Membro do grupo a descer a onda.....	193
Fotografia 14 - Bodyboarder regressando à 'dimensão' terra.....	193
Fotografia 15 - Concentração dos membros do grupo.....	194

ÍNDICE DAS PLANTAS DE LOCALIZAÇÃO

Mapa 1- Macro-ambiente de permanência do grupo.....	98
Mapa 2 -Pormenorização dos locais de permanência do grupo.....	146

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Plano do peso relativo da discriminação das variáveis	201
Gráfico 2 - Plano factorial da projecção das categorias e símbolos nos planos 1 e 2	202
Gráfico 3 - Plano factorial da projecção das categorias nos planos 1 e 2	203
Gráfico 4 - Plano projectivo e explicativo dos movimentos de tendência e dos sub-grupos de variáveis	209

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1- Sequência dos procedimentos metodológicos.....	91
Quadro 2 - Estrutura da categorização sócio-profissional.....	109
Quadro 3 - Listagem de variáveis por quadrante.....	197
Quadro 4 - Distribuição das variáveis por quadrante e dimensão de estudo.....	199

INTRODUÇÃO

O presente trabalho inscreve-se no âmbito do Curso de Mestrado em Sociologia da Universidade de Évora e visa dar cumprimento à apresentação da dissertação final daquele Curso. Visa, igualmente, dar a conhecer todos os procedimentos operacionais e metodológicos que foram sendo percorridos até se chegar a esta última etapa da apresentação do texto final. Visa por fim, comunicar as conclusões e o grau de cumprimento e confirmação de objectivos e hipóteses previamente definidos.

Abordando como tema de estudo os grupos de jovens, e mais especificamente, a formação das Tribos Urbanas na Juventude, procura dar a conhecer as características específicas de um desses grupos de jovens, nomeadamente, a forma como se constituem, a relação que mantêm com o local que usualmente ocupam, a forma como se organizam, como vêem a Sociedade e a Família, da qual fazem parte e os enforma, ou ainda, as suas atitudes para com o meio ambiente e a Escola.

Em síntese, posso e devo dizer que se trata de um estudo de caso, descritivo - analítico, apresentando três objectivos gerais, definidos da seguinte forma:

- Compreender as razões do aparecimento de grupos tipo «Tribos Urbanas» e o seu processo de formação.
- Analisar a estrutura, relações e hierarquias de um grupo específico « os Surfers ».
- Verificar a importância, o papel e o tipo de comportamentos e atitudes dos membros do grupo face à família e à sociedade.

Para se proceder ao estudo do tema das tribos urbanas, e particularmente ao estudo de uma tribo urbana de surfers, resolvi definir como objectivos específicos os seguintes:

- Demonstrar que a formação das tribos urbanas na juventude é uma forma de crítica aos modelos de socialização da família e da sociedade.
- Confirmar que as tribos urbanas na juventude são formas de agregação social caracterizadas pela existência de um conjunto de padrões de conduta e modelos de comportamento específicos.

Enveredando pela teia sempre misteriosa e atractiva da Sociologia da Juventude, o primeiro capítulo do trabalho assiste à conjugação dos dados daquela disciplina, com todo um conjunto de dados de outras disciplinas como, por exemplo, da Antropologia ou da História, vindo assim a assumir uma perspectiva interdisciplinar no tratamento de alguma parte da informação. É este pressuposto interdisciplinar que está presente no primeiro capítulo do trabalho, do qual fazem parte títulos como, Sociologia e Problemas Contemporâneos e Condições de Afirmação e Emancipação da Juventude.

No primeiro, procuro fazer um levantamento sintético de alguns dos problemas actuais que suscitam o interesse da Sociologia e detectar se o recente aparecimento e crescente visualização das movimentações de jovens, se podem inscrever e perceber como um desses problemas .

No segundo ponto, procuro analisar as fases do processo de afirmação e emancipação da juventude, quer à escala do continente europeu, quer à escala da realidade portuguesa, e chegar a uma definição de Juventude e de Tribos Urbanas , no contexto das Culturas Juvenis.

Interessa referir que a redacção destes três últimos tópicos deparou com uma bibliografia específica quase inexistente. A que consegui reunir é bastante escassa, e só agora começa a ser levada ao prelo, podendo contar apenas com uma ou duas obras de significativa importância, alguns artigos de divulgação em

publicações periódicas, um ou outro capítulo de uma obra geral, a que se juntam as revistas da especialidade destinadas a um público jovem.

A solução encontrada para ultrapassar esta dificuldade foi o maximizar toda a bibliografia obtida sobre Sociologia da Juventude e sobre Culturas Juvenis, e recorrer a obras gerais sobre História Social e História da Família, tentando ler a forma como se retratava a família e o espaço geográfico familiar. Consegui assim, com alguma prudência e qualidade, entender e caracterizar o processo de evolução da família, assim como clarificar o processo como os jovens foram sendo percebidos, desde a II guerra Mundial até aos dias de hoje.

Este critério de ordem temporal resulta do facto deste assunto, na globalidade do texto, funcionar como parte introdutória - mas fundamental - e do facto de não se mostrar razoável o recuo para épocas históricas anteriores, uma vez que a ordem social, económica e familiar existente nos dias de hoje deve muito a todos os acontecimentos a seguir a 1945.

No segundo capítulo, relativo às Questões Metodológicas, exponho as razões, objectivas e não só, que me motivaram para a escolha deste tema de trabalho, as sensações e opiniões que retirei e anotei desde os primeiros momentos de observação dos praticantes, já com a preocupação da realização de um estudo com recurso a uma metodologia científica, e a forma como cheguei à primeira definição dos objectivos e hipóteses que pensei serem de testar num trabalho com esta natureza.

No terceiro capítulo, relativo ao processo de Recolha e Análise dos Dados, descrevo as iniciativas desenvolvidas para a aproximação e integração junto dos sujeitos a observar e entrevistar, e a forma como inventariei as primeiras dimensões de investigação. Nesse capítulo informo igualmente da forma como resolvi definir e organizar os instrumentos de pesquisa social, assim como a forma como decorreu o longo processo de recolha e análise dos dados.

Na base de todo este trabalho de pesquisa e interpretação do social, e de um grupo de jovens em particular, tive sempre presente o facto de se tratar de um

estudo qualitativo-quantitativo, tentando detectar pontos de confluência, e eventualmente complementaridade, entre estas duas orientações, relativas à realização de estudos e análises de dados em Sociologia.

Nas Considerações Finais transmito as ideias gerais do trabalho, concluo da sua verdadeira eficácia para a compreensão do tema, e debato o grau de concretização dos objectivos e da validação das hipóteses. Enumero ainda algumas das dificuldades com que tive que me confrontar.

Resolvi incluir as fotografias, gráficos e quadros no decorrer do texto que ia sendo redigido, com a finalidade de ajudar à compreensão e sistematização da informação. A documentação referente aos instrumentos de investigação utilizados, os exemplos de entrevistas realizadas, e outros suportes documentais, de maior dimensão, resolvi remetê-los para os anexos, como forma de não adensar excessivamente o discurso explicativo e caracterizador das várias fases do trabalho.

CAPÍTULO I

A - SOCIOLOGIA E PROBLEMAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS.

As recentes movimentações dos jovens, com o intuito de reivindicar alterações ao actual sistema de ensino, vieram confirmar a importância social e sociológica desse grupo social, destacando um conjunto de problemáticas que, começando por ser específicas de um grupo social, acabam por transformar-se em preocupações e problemas de toda uma sociedade.

Tratando este trabalho da análise de um grupo de jovens, e da caracterização das suas práticas e dos traços culturais do seu quotidiano, havia que tentar debater as questões subjacentes a essas movimentações, e averiguar se, de facto, podem, ou não, constituir o que em Sociologia normalmente se rotula como problema social .

Partindo do princípio que a Sociologia é uma ciência que se ocupa do estudo dos fenómenos sociais resultantes da interacção social, e das relações entre os diversos membros ou grupos de uma sociedade, considera-se ser igualmente importante a análise dos comportamentos sócio-culturais, e as formas de desvio social que, porventura, possam vir a gerar situações rotuladas como problema social.

Importa mesmo levantar a questão se essas movimentações de jovens, cada vez mais visíveis, e com maior impacto junto dos média e da sociedade em geral, assim como a grande pulverização de grupos juvenis - uns mais violentos, outros mais pacíficos -, não serão em si mesmas formas de contestação e de busca

de alternativas ao seu modo de vida, gerando as já referidas situações problemáticas.

É bem certo que para se compreender esse fenómeno social, que é a formação de grupos de jovens - para alguns autores resultado da crescente autonomia e diversidade das Culturas Juvenis, e que penso poder classificar como fenómenos *reactivos*, ou de reacção, por poderem ser interpretados como resposta a situações de carência e incompreensão, ou até de um desejo de uma maior autonomia -, importa não os desligar do contexto social em que ocorrem, fazendo um levantamento das condições sociais de base que os determinam ou simplesmente os influenciam.

Ao sociólogo pode, e provavelmente deve, interessar esse estudo de novas problemáticas sociais, como forma de operacionalizar a sua intervenção no social e pragmatizar a sua função como elemento eficaz e imprescindível na colaboração da detecção, acompanhamento e resolução dos problemas sociais. Quero com isto dizer, que as problemáticas sociais ligadas à juventude, ao aparecimento de grupos sociais na juventude e ainda, às eventuais formas de disfunção social, originadas, algumas vezes, por esses grupos de jovens, podem e devem suscitar o interesse do sociólogo, por ser a pessoa capaz de os ler, integrados num contexto social específico que, muitas vezes, os enforma e acaba por os condicionar. A questão principal é a de saber se a sociedade, encarada como um todo, está consciente das verdadeiras razões das actuais movimentações dos jovens, se tem conhecimento das suas propostas, ou se se mostra com interesse em conhecer as razões da constituição dos vários grupos sociais.

As referências a *Bandos Juvenis*, *Tribos Urbanas* e, mais recentemente, uma designação com um maior impacto junto da sociedade e dos próprios jovens, *Geração Rasca*, deixa entender, a meu ver, três aspectos fundamentais.

O primeiro tem a ver com a utilização de uma terminologia identificativa desses grupos de jovens que transmite distanciamento, desconhecimento e desejo de uma conotação sub-avaliativa dessas formas de agregação social juvenil. Os

conceitos de *Bando* e de *Rasca*, pretendem ilustrar uma realidade negativa, sem que exista, muitas vezes, um eficaz conhecimento das condições e razões da formação desses grupos de jovens, assim como das características do seu quotidiano, do seu ideário ou das suas propostas.

Pode-se, concerteza, contrapor um vasto conjunto de razões em defesa desse afastamento. Elas vão desde a violência física e verbal, interpretada por alguns desses grupos de jovens, até ao desinteresse manifestado pela continuação dos estudos ou pela entrada no mercado de trabalho, valorizando muitas vezes comportamentos de desvio social, contribuindo para situações de relativa instabilidade familiar e social. Esta posição argumentativa é a defendida pela sociedade global que, ao analisar a formação desses grupos de jovens, os compara com aquilo que existe na sociedade, com o que para eles é ou deve ser a norma social, levando a classificar aqueles grupos de jovens com uma rotulagem globalmente negativa.

O segundo aspecto tem a ver com o facto dessas definições se mostrarem tão abrangente e globalizantes que podem chocar o jovem mais responsável e cumpridor, ao ouvir que faz parte de uma juventude *Rasca* ou de uma juventude que se constitui em *Bandos*. É a necessária consciência da natureza globalizante desses conceitos que aconselha a utilização de uma classificação mais prudente e a realização de uma leitura mais rigorosa da realidade social específica dos Jovens. Aconselha igualmente a visualizar a Juventude não apenas como formando um único corpo social, caracterizado pela homogeneidade e identidade de padrões de comportamento mas, contrariamente, como um corpo social caracterizado pela diversidade e multiplicidade, vindo a justificar o falar-se não apenas em *juventude*, mas sim, e mais apropriadamente, em *juventudes*.

É esta a posição que é defendida por Machado Pais quando, na sua obra sobre as Culturas Juvenis refere que « Quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a juventude ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogéneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogéneo: homogéneo se

a compararmos com outras gerações; heterogéneo logo que a examinamos como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.» (PAIS 1993a: 34), opinião que acaba por confirmar a necessidade em encarar a juventude numa óptica de multiplicidade e diversidade, para que seja efectivamente possível efectuar uma leitura mais rigorosa das suas condições de formação em grupos diversos e autónomos e como requisito essencial para se chegar a uma correcta caracterização das suas práticas e dos seus quotidianos.

Por último, o terceiro aspecto, relativo à consciência e confirmação que esses grupos de jovens - as *Tribos*, os *Bandos* ou até toda uma *Geração Rasca* - contribui para o aparecimento de Problemas Sociais, podendo contribuir para o despoletamento de questões sociais, muitas vezes de demorada ou difícil resolução.

Aqui entra-se, sem dúvida, num campo científico e analítico de grande interesse para a Sociologia, tentando detectar as razões da atribuição de responsabilidades à juventude como geradora de problemas sociais e, na eventualidade dessa possível responsabilização, a sua caracterização, explicação e análise das consequências para o resto do corpo social. Nesta sequência de ideias, é então de toda a conveniência fazer um levantamento do que se deve entender, numa óptica sociológica, por *Problema Social*.

A necessidade de definição de Problema Social suscita, desde logo, uma questão de percepção metodológica. Quero com isto dizer que é fundamental a consciência da existência de uma diversidade de definições propostas por vários autores, influenciados, muitas vezes, pelas escolas sociológicas onde se perfilham e a partir das quais elaboram os seus raciocínios.

De qualquer das formas, e com o desejo de operacionalizar esta questão, posso afirmar que uma situação de *Problema Social* existe, quando se verifica uma situação, ou um momento, de disfunção social que age contra o estabelecido e perturba o natural desenrolar da vivência do quotidiano de uma dada sociedade.

Para Machado Pais, os problemas sociais, para além de se poderem constituir em « problemas sociológicos », são «... problemas que emergem de uma realidade material e social (real - social), para cuja solução é forçoso pensar uma realidade distinta...», passando, para o mesmo autor, pela «... liquidação desses problemas, e pela projecção de uma modificação do real - social »(PAIS 1993a: 21).

Esta posição realça a consciência da existência dos problemas sociais como fazendo parte do social e destaca a necessidade de solução dessas problemáticas através da modificação desse mesmo « real-social ». São esses problemas sociais que podem constituir-se em problemas sociológicos, no momento em que despertam a atenção do sociólogo que lhes atribui significado e resolve partir para o seu estudo. É ele que os tentará interpretar e colaborar para a sua resolução. Para aquele autor essa significação e atribuição de interesse sociológico é, nos seus termos, a passagem do « significante social ao significante sociológico » (PAIS 1993a: 21).

Para Peter Worsley , um Problema Social, para além de ser « ...uma qualquer estrutura de relações que exija uma explicação » (WORSLEY 1983: 66), também pode ser definido como «...um aspecto qualquer do comportamento social que origina atritos públicos e/ou misérias particulares e que requer uma acção colectiva para ser resolvido. » (WORSLEY 1983: 66), destacando o autor, desta forma, não apenas a necessidade de compreender e explicar o problema resultante de uma alteração do comportamento social, como também a necessidade de partir para a sua resolução através de uma acção desenvolvida pelos próprios componentes do corpo social.

Interessante é também a referência a « *um aspecto qualquer* » o que deixa em aberto a hipótese da diversidade de ocorrências a nível de alteração do comportamento social, com razão para ser classificado como problema social.

Esta abrangência epistemológica, proposta pela definição de Peter Worsley é em parte corroborada por Tavares da Silva quando, ao citar Wirth, refere que há um problema social « quando uma situação existente diverge doutra que é

preferida de acordo com certos valores » (SILVA 1967: 8), reforçando assim a ideia do aparecimento de um certo tipo de comportamento alternativo divergente, face a um outro comportamento esperado e, portanto, considerado dentro da norma.

José Manuel Nazareth, ao definir Problema Social, deixa também entender, não apenas, o carácter negativo subjacente a uma situação classificada como tal, mas reforça também a importância da necessidade de o ultrapassar e procurar solucionar. Para ele, uma situação de Problema Social existe quando ocorre algo na sociedade que é considerado prejudicial, pernicioso, ou negativo, para cuja solução, redução ou eliminação se pensa que algo deve ser feito de maneira global.

Falar em Problema Social implica, pois, entrar em linha de conta com uma certa dose de *comportamento* ou *ocorrência* tipo *desvio*, na medida em que certos comportamentos aparecem como estranhos, ou até completamente diferentes, face ao comportamento normativo vigente e que, em termos de reprodução da ordem social existente, se espera e deseja continuar a vigorar. Implica igualmente o pensar nas formas de agir para o tentar solucionar, com vista à sua redução ou até eliminação.

Carvalho Ferreira e a sua equipa, ao trabalharem sobre desvio social, referem que esse conceito se aplica «... às condutas individuais ou colectivas que transgridem as normas de uma dada sociedade, ou de um grupo » (FERREIRA et al. 1995: 429), realçando as condições e os agentes com responsabilidade na formação de um certo tipo de problemas sociais, e que, no seu entender, podiam ser originados pelo indivíduo ou pelo próprio grupo social .

Importa, no entanto, clarificar que a reflexão que tem vindo a ser trabalhada até ao momento, pode efectivamente servir para debater as condições de formação e desenvolvimento de alguns dos grupos de jovens que, com comportamentos considerados desviantes, acabam por originar situações de problema social, mas também é verdade que existe toda uma série de problemas

sociais nas sociedades contemporâneas que não radicam nem junto do indivíduo, nem provavelmente junto de um grupo social específico.

Estão neste caso, um certo tipo de problemas sociais, como a guerra, o desemprego, a pobreza, a dependência, as doenças, a falta de cuidados de saúde generalizados ou a intolerância social e religiosa, só para mencionar alguns; e que, por sua vez, acabam por acelerar e determinar outro tipo de problemas sociais, assumindo-se como causa e consequência de problemáticas sociais de difícil resolução.

O sociólogo Tom Bottomore, ao debater a temática de Problema Social, recorre à opinião de Raab e Selznick que o definem como «... um problema de relações humanas que ameaça seriamente a própria sociedade, ou impede as aspirações importantes de muitas pessoas» (BOTTOMORE 1987: 307). Esta definição de Problema Social acaba por reforçar a ideia que os problemas sociais ocorrem no âmbito da interação entre os indivíduos, considerando que a existência de situações rotuladas como problema social, ao existirem na sociedade, chocam com as expectativas de alguns dos indivíduos. A sua proposta de definição de Problema Social é mais abrangente e parte para uma caracterização interna de Problema Social, ao referir que « Um problema social existe quando a capacidade de uma sociedade organizada para ordenar as relações entre as pessoas parece estar falhando: quando as suas instituições desaparecem, suas leis são transgredidas, a transmissão de seus valores de uma geração para a seguinte fracassa, as expectativas não se realizam ...» (BOTTOMORE 1987: 307) .

Penso que se trata de uma perspectiva integral de problema social, na medida em que prevê dificuldades não apenas a nível relacional, mas inclusivamente a nível das próprias instituições, e do próprio quadro normativo de uma sociedade, pondo em causa o próprio processo de socialização das futuras gerações. Talvez seja o que, no dizer do mesmo autor, significa um estado de «patologia social» e que, neste caso, seria determinado por uma situação de problema social com características de generalização. Talvez seja preferível

visualizar os problemas sociais de forma mais individualizada e específica, como condição essencial à sua operacionalização e como critério facilitador do enquadramento das várias situações detectadas. Foi com o objectivo de alcançar uma posição de maior funcionalidade metodológica que surgiram as várias tipologias de Problema Social, formuladas de acordo com critérios diferenciados e específicos.

É esta a concepção que Samuel Koenig segue (KOENING 1975), ao resolver citar a tipologia proposta por Harold A. Phelps, defendendo a existência de quatro tipos de problemas sociais agrupados, precisamente, de acordo com o critério da sua origem.

Aparecem assim os problemas sociais de índole Económica, relativos à pobreza, ao desemprego e à dependência; os de índole Biológica, relativos à doença e aos defeitos físicos; os de índole Psicológica, relativos ao suicídio, desajustes de personalidade e outros tipos de problemática e , por fim, os de índole Sócio-Cultural, relativos a conflitos raciais e religiosos, crime, problemas de viuvez e divórcio, ilegitimidade e delinquência juvenil , entre outros .

A questão principal pode pois divergir entre duas posições e atitudes.

Uma primeira, é a de tentar analisar se se pode conceber e apresentar uma versão da juventude como geradora de uma situação de problema social global, ou como geradora de problemas sociais pontuais e particulares, originando, e de acordo com a tipologia anterior, problemas de índole Sócio-Cultural e até de delinquência juvenil. Uma segunda, numa perspectiva contrária, mas talvez mais razoável, é a que defende que devemos ser prudentes, e realizar a análise não de uma única juventude, mas sim de várias juventudes; o que, seguindo a proposta deste trabalho, seria o analisar um grupo de jovens em ambiente urbano, e tentar perceber e compreender os traços específicos da sua cultura de grupo, como condição necessária para o seu estudo e verdadeira caracterização. Será igualmente proceder à análise do seu quotidiano e do que sentem em relação à escola, à família e ao próprio grupo onde se encontram integrados. Só assim se

poderá compreender o quotidiano de um grupo de jovens, as suas preocupações e os seus desejos; só assim se poderá realizar uma leitura sociológica da realidade dos grupos de jovens na juventude, feita de forma rigorosa, eficaz e com condições para a sua efectiva compreensão.

Foi este conjunto de interesses, e desejos, que norteou este estudo desde o princípio e que, partindo da definição de juventude e do estudo das fases do seu processo de emancipação e afirmação até aos dias de hoje, a tratar já nas linhas seguintes, me levou a perceber a formação dos grupos de jovens, e especificamente o grupo estudado, como o resultado de um desejo, sentido pelos próprios jovens, de completar e diversificar o seu próprio processo de socialização.

B - CONDIÇÕES DE AFIRMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DA JUVENTUDE

1. Para uma definição de Juventude .

Uma das formas possíveis de seguir para detectar e seleccionar os principais indicadores do processo de afirmação e emancipação da juventude, no período pós 2ª Guerra Mundial, no espaço europeu, e especificamente em Portugal, será o partir do próprio conceito de juventude.

Para se obter uma resposta satisfatória pode-se recorrer a dicionários, obras de Demografia, de Psicologia, de Pedagogia, de Direito, de Sociologia da Juventude e até de História da Família.

Todas elas apresentam uma determinada noção e perspectiva de juventude, formulada e argumentada de acordo com o seu objecto de estudo específico, sendo necessária uma leitura global, e desejavelmente completa, de todas essas obras, para que se possa ficar com uma ideia do que na realidade significa a complexidade do conceito de juventude, e da realidade que este encerra.

Na sua raiz etimológica a palavra deriva do latim « *Juventute* » o que, de acordo com um reputado dicionário, tem como significado uma fase da vida do indivíduo que se situa entre a infância e a idade viril (LELLO UNIVERSAL 1993), concebendo, dessa forma, a fase da juventude como uma fase de mera transição e preparação para a etapa seguinte da fase adulta.

Esta falta de reconhecimento da juventude, enquanto faixa etária específica, com características e necessidades específicas, comunga ainda bastante das dificuldades e limitações das anteriores concepções existentes sobre a juventude e até sobre a criança, concepções e opiniões amplamente defendidas e divulgadas até aos finais do século XIX, mas com traços de continuidade, em algumas sociedades, até aos primeiros anos do século XX.

Nas sociedades dessa época, consideradas globalmente, não se reconhecia dignidade própria a um jovem ou a uma criança, esse ser era visto em função dos adultos e encarado como alguém que fazia parte do mundo dos adultos, que o ignoravam ou, em alternativa, sub-valorizavam, não lhes reconhecendo um estatuto próprio.

Foi necessário esperar por um conjunto de condições sociais, económicas e até mentais, para que o reconhecimento social das criança e, numa perspectiva mais globalizante, da própria juventude se processasse, e esses indivíduos pudessem emergir, dando lugar à consideração de verdadeiros grupos sociais, com características etárias e sociais específicas.

O conceito de juventude, e a realidade social que encerra, começam a ganhar crescente significado etário e social, passando a assumir um maior realce numa sociedade que continua a não mostrar-se ainda receptiva ao seu reconhecimento. O próprio conceito passa a ser encarado de forma diversa e, já numa perspectiva mais actualizada, passa a designar uma fase da vida do indivíduo em que este se deixa de ser criança para passar para o estágio seguinte, o estado de adulto, continuando, no entanto, a confundir-se com conceitos como mocidade, puberdade e até adolescência.

Se os dois últimos conceitos são essencialmente oriundos dos campos de estudo da Psicologia e da Pedagogia, com o realce das características psíquicas, cognitivas e de interrelação social e educativa dos jovens, já os conceitos de mocidade e juventude parecem englobar os dois anteriores e não reduzir-se às características dos objectos de estudo daquelas disciplinas.

Nesta perspectiva, os conceitos de mocidade e de juventude estariam muito próximos um do outro, funcionando como um prolongamento dos conceitos de puberdade e adolescência, opinião que Maurice Debesse pretende comunicar, propondo uma necessária distinção entre três conceitos que muitas vezes se confundem. Na sua obra de síntese sobre a adolescência, Debesse considera que, por vezes, se utilizam conceitos como adolescência, puberdade e juventude ao

acaso e, no entanto, eles «não são sinónimos», podendo, e devendo até, estabelecer uma diferenciação criteriosa entre eles .

Se o conceito de adolescência é o conceito que aparece como mais global e com maior utilização, defendendo que costuma «designar o conjunto das transformações corporais e psicológicas que se produzem entre a infância e a idade adulta», já o conceito de puberdade liga-se fundamentalmente ao lado «orgânico da adolescência e, em particular, no aparecimento e no estabelecimento da função sexual». Para o mesmo autor, o conceito de juventude seria a exteriorização e corporização destes dois outros conceitos, definindo-o como o «aspecto social da adolescência», definido «por oposição à geração que atingiu a plena maturidade» , visto como uma « fase do desenvolvimento em que o ser, já na posse de todos os seus meios, persegue os seus predecessores com um arroubo entusiasta e impaciente para conquistar um lugar ao sol » (DEBESSE 1989: 18).

Valorizando a fase da adolescência, e considerando-a não apenas uma simples transição entre a infância e a idade adulta, o autor mostra assim que essa fase aparece como um período importante na vida do indivíduo, caracterizada por problemas psicológicos, fisiológicos e educativos muito próprios. Dá igualmente a entender que se trata de um conjunto de características específicas de uma das fases da Juventude que, no seu entender, se manifesta no desejo de autonomia, na crescente procura de emancipação e até, num posicionamento mais activo, traduzido, muitas vezes, em atitudes de oposição às gerações anteriores; posição demonstrativa e enquadrada numa das correntes da Sociologia da Juventude que permitem a percepção e estudo dessa mesma realidade sociológica - estou a referir-me à « corrente geracional » , de que falarei mais à frente -.

Para António José Saraiva, a Juventude seria constituída por aquele corpo de indivíduos « cujos recursos lhes permitem prolongar a aprendizagem teórica muito para além da adolescência e adiar até relativamente tarde a sua instalação numa situação social e profissional definida » (SARAIVA 1983: 107). Esta posição relativa à

juventude, para além de estar imbuída de toda uma concepção ideológica, denunciando uma suposta falta de condições generalizadas, para que todos os jovens possam ter acesso a essa fase da sua vida, encara igualmente a juventude como um estágio da vida dos jovens, existente a seguir à adolescência, funcionando, neste caso, como um prolongamento do estágio anterior. Essa criação de uma Juventude seria, seguindo o raciocínio daquele autor, possível de atingir, desde que existissem, por exemplo, um conjunto de condições materiais propiciadoras do prolongamento dos estudos e do consequente adiamento da entrada no mercado de trabalho. O posicionamento ideológico que esta definição de juventude encerra, levanta igualmente a questão da existência do juízo de valor e da posição ideológica nos enunciados científicos que aliás Sedas Nunes (1994) explicou com clareza.

Falar em juventude só seria possível, na linha de raciocínio de A. J. Saraiva, de acordo com um critério de base de natureza sócio-económica, levando a excluir grandes quantidades de jovens dessa possibilidade de integração num estatuto de jovem. Falar em juventude seria então o equivalente a falar em todo aquele contingente de rapazes e raparigas que, por desejo ou necessidade, ainda não entraram no mercado de trabalho, encontrando-se numa situação que Machado Silva traduz como, momento de « moratória social » (SILVA 1993). A juventude funcionaria assim, como um corpo de reserva para os aparelhos produtivo, organizativo e redistributivo de uma dada sociedade.

Talvez a situação não possa ser tão facilmente retratada e interpretada, mostrando-se conveniente fazer completar aquela leitura determinista, por uma outra mais razoável. Nessa, a formação e afirmação da juventude não deve ser encarada como um processo global e uniforme mas, pelo contrário, como algo complexo e diverso, implicando a análise das várias formas de juventude e das várias *modalidades de acesso à vida adulta*, interpretadas pelos vários tipos de jovens.

António J. Saraiva, referindo-se ainda à juventude, considera que se trata de uma faixa etária e social caracterizada pela posse de um enorme « potencial transformador » e pela « primazia das representações mentais » (SARAIVA 1983: 107). A primeira ideia deve-se ao facto de se poder concluir que a juventude é todo um corpo social com condições para a futura intervenção e melhoria da sociedade. É o próprio Machado Pais que acentua este protagonismo da juventude ao referir que « a juventude constitui-se, de certa maneira, como um laboratório ou cenário de mudança das estruturas sociais. De facto, os jovens têm tido, designadamente ao longo das últimas décadas, um papel importante no que respeita à mudança social, por se revelarem um elo importante na cadeia da reprodução cultural e social » (PAIS 1993a: 35). A segunda ideia, deve-se à capacidade que certos sectores da juventude têm em reflectir sobre alguns assuntos da realidade social envolvente, e ao facto de se assumir, muitas vezes, como « defensora da pureza dos ideais e dos preceitos morais » (SARAIVA 1983: 110).

Para Machado Pais, a noção de juventude, para além de poder ser considerada, numa perspectiva global, como uma *fase da vida*, foi uma realidade que só «adquiriu consistência social a partir do momento em que, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento (...) dos tempos de passagem que hoje em dia continuam a caracterizar a juventude... » (PAIS 1993a: 31).

A juventude aparece assim ligada a uma das etapas do curso de vida dos indivíduos que, e agora mais do que nunca, aparece prolongada no tempo, projectando indivíduos com vinte e dois, vinte e três e mais anos, para um estatuto de jovem ou até de jovem trabalhador, na eventualidade de preencher qualquer cargo profissional.

Para Chiara Saraceno, o aparecimento da juventude deve-se a um conjunto de factores variados onde se inscrevem, nomeadamente, as mudanças ocorridas na própria esfera familiar com o aparecimento da família moderna, o acréscimo qualitativo dos processos formativos e das próprias condições de vida da família.

Considera a autora que «... a ' invenção' da juventude e da adolescência como fases do desenvolvimento individual, com necessidades próprias, só se desenvolve por volta do final do século XIX (...): quando o prolongamento e a institucionalização dos processos formativos nas classes burguesas, o seu parcial desvinculamento de formas de aprendizagem no trabalho, ligado a uma elevada numerosidade deste grupo etário devido ao aumento da fecundidade e ao melhoramento das condições de sobrevivência para além da infância, tornaram visível esta (ou estas) faixa(s) de idade, que foi progressivamente reconhecida como fase distinta da vida individual». (SARACENO 1995: 130).

Esta crescente visualização da juventude, materializada no prolongamento social de um estatuto de jovem por cada vez mais anos, a que não é alheio as dificuldades em arranjar um posto para trabalhar, e o aumento e maior generalização das hipóteses de acesso ao ensino, só para referir dois tipos de factores contribuintes para a sua formação, acaba por ser responsável pela dificuldade em delimitar os horizontes iniciais, e muito mais os finais, relativos a esse corpo social, e dificultar a formulação de uma definição global aceitável para essa realidade sociológica. Outra dificuldade deriva do facto da crescente complexidade e diversidade da actual juventude aconselhar a perspectivá-la no plural, optando assim por utilizar não apenas o conceito de juventude, mas sim o conceito de juventudes.

Estas dificuldades conceptuais, ligadas directamente à difícil e problemática delimitação dos momentos em que acaba e começa a juventude, e à complexidade e diversidade das várias formas de juventudes, foram mesmo os dois tipos de imperativos que mais me condicionaram nos primeiros momentos da perspectivação teórica da juventude. Sabia, no entanto, que podia e devia conceber a juventude como corpo ou realidade social, sabia também que a juventude podia aparecer como «construção social» e, segundo algumas opiniões, como corpo social em oposição a outras gerações existentes, mais velhas e mais novas. Sabia, por fim, que para se mostrar e fazer ouvir da forma significativa que

recentemente assumiu, tinha que ter passado, com certeza, por um processo de emancipação e afirmação.

2 . O Processo de Afirmação da Juventude

A Europa e o Caso Português.

Finda a segunda Guerra Mundial, com a assinatura formal do encerramento das quezílias entre os países beligerantes, na Declaração de Potsdam em 2 de Agosto de 1945, a tarefa prioritária dos Estados Europeus foi a reconstrução das suas economias e a revitalização das suas organizações sociais.

É a ocasião da tomada de medidas natalistas e do surgimento da preocupação com o processo de desenvolvimento educacional e integral de crianças e jovens. O sucesso dos estados democráticos media-se então pela capacidade em recuperar dos momentos de verdadeira tragédia e pela quantidade e qualidade das infra-estruturas destinadas ao bem-estar da 3ª idade, dos adultos e das camadas mais jovens das sociedades.

É neste contexto de desejada recuperação social e de revalorização de uma dignidade humana anteriormente afectada, sobrevivente das carências impostas pela guerra, que a adolescência e a juventude vão começar a ser percebidas de forma diferente e com cuidados redobrados.

São vários os Estados que passam a ver o investimento nesses sectores da população como algo rentável e imprescindível a uma estabilidade futura. É também o momento do desenvolvimento de disciplinas como a Psicologia Evolutiva, Psicologia Diferencial ou Pedagogia, que vêem, a partir do momento em que reúnem maiores condições de intervenção no social, o reconhecimento da sua funcionalidade e a ampliação do seu estatuto científico.

O rescaldo da guerra coincide assim, com um momento de reconhecimento da importância demográfica, económica e social das camadas mais jovens da

sociedade, coincide igualmente com o despoletar de um longo processo de afirmação e emancipação da juventude, embora com a implicação e necessidade de vencer algumas barreiras.

Para Antoine Prost, todo esse processo de afirmação das camadas mais jovens da sociedade esteve dependente de factores como a flexibilização da organização familiar e a conquista de maior intimidade e individualização por parte do indivíduo.

Se é bem verdade que as estruturas familiares anteriores a 1950 se caracterizavam pela existência de um poder patriarcal forte, com o destaque e constante reforço do poder do pai, onde os filhos não tinham « qualquer direito a uma vida privada » (PROST 1991: 79), também é verdade que se torna cada vez mais visível, uma vez avançando pela segunda metade do século XX, que a família irá passar por uma alteração a nível dos costumes, a nível dos padrões de comportamento e, por fim, a nível da relação entre os seus membros, alterações que virão a funcionar como condições para a futura e crescente emergência e visualização dos jovens.

Existirá então a confirmação do lento e progressivo, mas evidente, caminhar para o reconhecimento do individual e da sua autonomia e intimidade - neste caso, a intimidade do jovem - assim como a evolução das relações e características da autoridade, existente na esfera específica das famílias. É o que alguns autores rotulam como momento da transição de um modelo de autoridade paternal, muitas vezes coercivo, para um outro baseado na afectividade e respeito mútuos. É, precisamente, neste contexto de flexibilização e mudança da tipicidade das relações entre os vários elementos da família que se pode e deve compreender o início do processo de afirmação e futura emancipação da juventude .

É o próprio Antoine Prost que defende que: «...Para que este poder se esbata e para que a vida privada se organize segundo um modelo da troca afectiva entre pessoas, para que a vida familiar se torne o ponto de encontro de vidas autónomas,

foi necessário que o espaço se alargasse e se organizasse de modo diferente. Foi preciso também que a instituição familiar se tornasse mais flexível. A transformação do espaço teria sido ineficaz sem a evolução dos costumes»(PROST 1991: 81).

Será então oportuno concluir da importância da afectividade como elemento fundamental na organização do espaço familiar, acompanhada de uma alteração do próprio espaço físico do lar, e de uma alteração das características das redes relacionais familiares, como condição para que os indivíduos possam usufruir, cada vez mais, duma «individualidade própria» dentro da família.

É o momento em que o indivíduo, como ser pessoal e autónomo, ganha espaço de manobra e independência dentro do agregado familiar. É, igualmente, o momento em que o jovem se destaca por si - e não apenas por fazer parte de uma família - e começa a defender valores próprios da condição de jovem. É, por último, o momento, nas palavras de Antoine Prost, em que o «indivíduo é mais importante que a família» (PROST 1991: 94) e «conquista, no próprio seio da família, o espaço e o tempo de uma vida que lhe é próprio» (PROST 1991: 115).

Para que essa conquista de espaço físico, de espaço afectivo, ou de uma individualidade e reconhecimento sociais, face a dois agentes tão importantes como a família e a sociedade, fosse interpretada pela juventude, funcionando como um verdadeiro processo de afirmação social, foi necessário investir face à família e face à sociedade.

Face à família, pode-se considerar que foi um processo que veio a decorrer desde os inícios do século XX, reforçou-se no período pós 2ª Guerra Mundial, e existiu em detrimento de um poder patriarcal, rigidamente definido, que então continuava a caracterizar a maioria das estruturas familiares do continente Europeu. Face à sociedade, foi um processo mais lento, moroso e dificultado por todo um conjunto de instituições e valores que não viam com agrado essa crescente visualização e presença dos jovens em situações de destaque.

Tentando justificar esta minha opinião, devo dizer que a afirmação do jovem face à família, coincide com um processo de desvalorização do seu tradicional

papel de educadora e o inverso desenvolvimento da instituição escolar, cada vez mais prolongada no tempo. A escola torna-se, no dizer de alguns autores, num « substituto do papel da família no processo de educação dos filhos » (PROST 1981), contribuindo, dessa forma, para a alteração do quadro relacional existente no seio da família e para a diluição das anteriores prerrogativas que os pais detinham sobre a educação e controle da vida diária dos seus filhos. Um dos comportamentos demonstrativos dessa crescente flexibilização relacional, e da respectiva afirmação da juventude, teve a ver com o processo, sempre importante, da « escolha do cônjuge », realizado agora, e cada vez com maior frequência, de forma autónoma, sem o anterior e necessário consentimento dos pais, vindo a originar o que alguns autores dizem ser a evolução do casamento contrato, para uma outra modalidade dessa instituição, o « casamento de amor ».

Esta alteração dos quotidianos e « modificação dos costumes » ou, como se usou também designar, « revolução dos costumes », que acompanhou e foi resultado da própria afirmação de uma juventude em vários locais da Europa, traduziu-se ainda pela criação de toda uma nova simbólica e atitude juvenis. Dela fizeram parte a « coabitação juvenil » ou a formação das « famílias monoparentais », recusando várias convenções que até então eram caracterizadoras da normalidade das sociedades.

Estava assim instaurada uma situação de crítica, e até de ruptura, face aos padrões comportamentais dos seus pais. Mas mais importante que essas propostas dos jovens, havia pela primeira vez, a confirmação da existência de uma mudança que gradualmente se operava na organização das sociedades. A juventude conseguia demonstrar que estava em vias de concretizar os seus desejos de afirmação face ao universo familiar.

Importa, no entanto, diagnosticar se essas propostas e atitudes, interpretadas pelos jovens com vista à sua afirmação, viriam a efectivar-se e vingar no tempo e em vários espaços, ou, pelo contrário, não seriam apenas atitudes efémeras, esporádicas e sem qualquer funcionalidade.

Machado Pais, na sua obra sobre Culturas Juvenis considera que essa afirmação e emancipação da juventude se encontra, nos dias de hoje, num processo de acentuada dificuldade devido a um conjunto de dificuldades ligadas à falta de primeiro emprego para os jovens, considerando mesmo que « A emancipação dos jovens que tradicionalmente tem culminado com a constituição de um 'lar' próprio, habitualmente precedida pela obtenção de emprego, encontra-se, nesta perspectiva, cada vez mais bloqueada... » (PAIS 1993a: 25). Não obstante esta visão correcta e atempada das dificuldades que se impõem aos jovens, e das consequências daí derivadas, para o seu processo de afirmação e emancipação, considero que acontecimentos como os que aconteceram em França em Maio de 1968, ou mesmo em Portugal no ano seguinte, são verdadeiramente fruto de uma juventude cada vez mais desejosa de se afirmar e emancipar. Não deixam mesmo de serem considerados momentos significativos para a complementarização do processo de afirmação da juventude, desta vez face à sociedade global e face ao poder instituído.

Processo de complementarização, na medida em que depois de ganhar espaço de manobra e reconhecimento dentro do quadro familiar, haveria que ganhar esse reconhecimento face à sociedade global. Entra-se assim no que pode ser considerado, um segundo momento de busca da afirmação, com a tentativa de imposição no social, com o exercício de atitudes de demonstração do poder até então conseguido, como foram o caso da divulgação de aspectos fundamentais do seu ideário, ou de algumas atitudes de cariz mais ou menos revolucionário. Estamos então na transição dos anos 50 para os anos 60 do nosso século, quando a juventude começa a criticar e condenar a sociedade na qual nasceu e se educou, mas cujos valores começa a relativizar e até repudiar.

Para António J. Saraiva , esta reacção resulta de uma « contradição entre a juventude e a sociedade » (SARAIVA 1983: 109) que, em última instância, acaba por ser fomentada pela própria escola, ao educar os jovens para a liberdade, quando mais tarde, a sociedade não aceita a sua colaboração como actores sociais

positivos e intervenientes. Se por um lado essa «educação para a liberdade» aparece como factor positivo no processo de desenvolvimento integral dos jovens, por outro, verifica-se que o seu não reconhecimento posterior e a não receptividade das suas ideias e possibilidade de colaboração, acabaram por levar a juventude à crítica, à manifestação e à acção.

O que aconteceu em Maio de 1968, interpretado por uma juventude sequiosa de dar a conhecer as suas propostas, foi precisamente um passo demonstrativo que a sociedade tinha que contar com um novo corpo social, agora interventivo e activo socialmente.

Para autores como Gérard Vincent, esses acontecimentos, para além de se centrarem num processo de «contestação às hierarquias», constituíram igualmente um momento de verdadeira e significativa ruptura social que «rebentou com os interditos» (VINCENT 1991: 134). A juventude agira e assumira a responsabilidade de uma movimentação que rapidamente arrastou outros sectores sociais, levando à convocação da greve geral, e pondo em causa os poderes estabelecidos.

Foram vários os locais onde a juventude ou, ainda com maior exactidão, as juventudes, se manifestaram e lograram dar a conhecer a sua capacidade de crítica e mobilização sociais. As manifestações de Roma, Londres, Munique, Berlim, Colónia, Frankfurt e Washington são marcos demonstrativos dessa capacidade, embora os acontecimentos ocorridos em Paris, de 3 a 13 de Maio, viessem a tornar-se num marco referencial de toda a juventude Europeia, e até do outro lado do Atlântico.

Tratou-se, efectivamente, de uma «revolta violenta» empreendida pela juventude, com a crítica aos valores instituídos e a uma sociedade que, no seu dizer, era uma sociedade burguesa e consumista, e que os jovens consideravam autoritária, injusta e desigualitária. Paralelamente defendiam-se valores e atitudes de completa reformulação dos currículos académicos, de liberdade sexual, com a prática da vida comunitária, e de uma sexualidade diferente e dissociada da mera

função procriadora, como condição imprescindível a uma completa liberalização e emancipação da própria mulher.

É igualmente o momento em que a juventude passa a ser intérprete de atitudes caracterizadas pela intervenção social de massas e, simultaneamente, pelo idealismo e utopia social. Segundo alguns autores este vanguardismo viria, no entanto, a desvanecer - se e diluir - se a partir dos finais dos anos 70, com um certo conformismo e alheamento das juventudes que apenas, sectorial ou pontualmente, virão a manifestar-se até à década dos anos 90. A isso não são com certeza alheias as razões, já expostas anteriormente, que argumentam que as actuais dificuldades de afirmação e emancipação da juventude, se devem a todo um conjunto de problemáticas que acabam por afectar as sociedades contemporâneas, como por exemplo a falta de um posto de trabalho ou a dificuldade em estabelecer-se em residência própria.

Pode-se argumentar que essas dificuldades já condicionavam os jovens que agiram e reagiram nas décadas de 60, 70 ou 80, o que me leva a supôr que a juventude de hoje é diferente - naturalmente - da antecedente, ou então consegue encontrar outras modalidades para se dar a conhecer, afirmar e tentar emancipar.

Pode-se igualmente argumentar, mas em sentido contrário, que a juventude, na sequência dos acontecimento descritos anteriormente, teve oportunidade de dar a conhecer as suas potencialidades, captar apoios, pressionar governos ou demover iniciativas. Teve ainda , e por fim, capacidade em suscitar interesses em a mobilizar e encaminhar para efeitos de propaganda eleitoral e ecológica, a troco de Associações, Institutos ou Ministérios, muitas vezes distantes dos verdadeiros interesses da juventude.

O Caso Português

Para se conseguir detectar os eventuais traços do processo de afirmação da juventude portuguesa, a partir de 1945, é de toda a conveniência recordar que Portugal, na ocasião, era administrado por um aparelho político com características ditatoriais, assentes num regime de estrutura monopartidária. É igualmente importante destacar a preocupação do Estado pela preservação da ordem, obediência e disciplina para com as Instituições, a Igreja e o Chefe duma « Nação espalhada por vários continentes ». Este aparelho organizativo, ideológico e mental repousava numa mensagem padronizada, transmitida de geração para geração, controlada pela família, pela escola, pela igreja e por outras instituições de defesa do ideário oficial da Nação.

É neste contexto de marcada especificidade ideológica e cultural que se devem pesquisar as eventuais condições de afirmação da juventude, e tentar averiguar se os traços de afirmação da juventude que animavam outros países europeus, descritos nas linhas anteriores, também se fizeram sentir no espaço Português.

Existem alguns estudos que nos dão a conhecer a existência de movimentos de juventude anteriores à formação do Estado Novo. É o caso do estudo de João Freire, relativo a uma visão específica da juventude, enquanto constituída em movimentos de acção política ou sindical. Neste caso, o autor aborda a temática específica das juventudes sindicalistas que, no seu dizer, eram grupos de «jovens trabalhadores sindicalistas, próximos das correntes anarco-sindicalistas de finais da monarquia e inícios da República» (FREIRE 1990).

Para além da existência deste estudo de natureza específica, relatando movimentos de juventude num período anterior ao Estado Novo, não se conhece a

existência de outros movimentos juvenis autónomos, no quadro da nova ordem imposta pelo Estado Novo em 1926, que viria a ser constitucionalizada sete anos mais tarde. A razão dessa inexistência deve ser procurada nos mecanismos de vigilância e perpetuação da mensagem oficial do poder do Estado, criados por Salazar.

Poder-se-à questionar se existiria em Portugal, na ocasião, uma juventude desejosa e capaz de se afirmar e emancipar, procurando uma posição como juventude activa e participante, ou se era o próprio poder instituído que não permitia quaisquer veleidades de afirmação, não permitindo o destaque das camadas juvenis.

Tudo leva a crer que a responsabilidade e razão dessa aparente passividade, e inércia, dos jovens portugueses se deveu à própria «política de juventude do Estado Novo» (KUIN 1993: 555) e ao interesse do poder pelo controlo do sistema de ensino e dos organismos juvenis. Procurava-se, com essas iniciativas, encontrar uma fórmula que permitisse a orientação e condicionamento da sociabilização política de uma juventude, através da transmissão e inculcação de um conjunto de valores e atitudes de defesa e preservação da ordem instituída.

A própria escola, controlada pelo Conselho Permanente de Acção Educativa (CPAE), a funcionar no âmbito do Ministério da Educação, começou a ser percebida como um local onde se amestravam as crianças «...nas ideias da obediência sagrada às hierarquias (...) e onde se divulgavam os valores de Deus, Pátria, associada ao de Salazar e, por fim, Família» (AGUIAR e outros 1984: 14).

Os titulares do poder consideravam as crianças como indivíduos eminentemente influenciáveis que acabariam por se identificar com o modelo oficial de socialização pretendido e divulgado (AGUIAR e outros 1984). Para completar, e até reforçar, este modelo de socialização oficial, caracterizado por um efectivo condicionamento exercido sobre os jovens, de forma explícita e implícita, através da designada «lição de Salazar» (AGUIAR e outros 1984: 3), é criada em 19 de Maio de 1936 a Organização Nacional Mocidade Portuguesa.

Tenta-se, com essa criação, vigiar e controlar as actividades dos jovens e acentuar o seu condicionamento para com uma mensagem oficial do regime. Tenta-se igualmente difundir, naqueles que serão os futuros quadros dirigentes e mão-de-obra activa, um conjunto de princípios ideológicos que visam perpetuar o próprio regime e os seus alicerces.

Para Simon Kuin, essa Organização é o «último instrumento de sociabilização política da juventude, e o único criado expressamente para esse fim» (KUIN 1993: 556). Virá a durar até aos anos setenta, permitindo a integração de jovens dos 10 aos 21 anos, nas categorias de «lusitos», «infantes», «vanguardistas» e «cadetes». Para esse mesmo autor, não era mais do que uma atitude deliberada do regime para a criação de um «aparelho de controlo das actividades circum-escolares dos alunos dos liceus e, ao mesmo tempo, preenchendo um 'nicho' importante da sociabilidade juvenil, um meio eficaz de impedir a criação ou actuação de novas organizações independentes de juventude » (KUIN 1993: 568), funcionando como instrumento complementar de vigilância e controlo dos jovens, dentro e fora da escola, nos horários de trabalho e nos tempos livres.

Não obstante a existência de um conjunto de condicionamentos inerentes processo de afirmação da juventude portuguesa, importa averiguar a existência de eventuais momentos da sua afirmação e caminho em direcção à emancipação.

O ano de 1962 e a « crise académica » que nele irrompe de 24 de Março a finais de Junho, vem dar a entender que, não obstante a existência de um regime que dificulta a sua afirmação autónoma, a juventude portuguesa - principalmente a que frequenta um ambiente de "intelligentzia" universitária - está viva, operante e com o desejo de criar uma nova relação pedagógica numa sociedade mais igualitária.

Machado Pais ao referir-se a esses jovens, classifica-os como uma juventude «... 'militante', ' utópica' e cultivadora da 'solidariedade'...»(PAIS 1993a: 26), dando a entender que na base dessas movimentações, se encontra todo um novo ideário,

caracterizado pela existência de um novo conjunto de traços relacionais entre os jovens, alicerçados na defesa de um novo conjunto de propostas de alteração da ordem política, embora imbuídas de uma certa dose de idealismo.

Os estudantes foram reprimidos, outros expulsos e readmitidos mais tarde, a ordem que criticavam e pretendiam alterar foi apenas pontualmente alterada e viria a perpetuar-se até à década seguinte. Ficou o marco demonstrativo de uma juventude portuguesa à procura da sua própria afirmação, mais uma vez adiada. Este gérmen foi, no entanto, continuado com as posteriores atitudes de deserção face à Guerra Colonial - que então eclodira nas 'Províncias Ultramarinas' em 1961- e com o exemplo de alguns jovens inseridos em associações clandestinas.

Como conclusão, pode afirmar-se que o processo de afirmação e emancipação da juventude, a partir dos finais da 2ª Guerra Mundial, foi caracterizado por ritmos, condições e dificuldades diferenciados, conforme a sua existência numa Europa do Norte, Central e Ocidental, ou em países como Portugal.

Nos primeiros tratou-se de um processo mais fácil, facilitado e com maior rapidez, evidência e impacto, devido à força mobilizadora de uma juventude e à, importante e significativa alteração da organização da esfera familiar, das relações entre pais e filhos e dos próprios costumes tradicionais. Nestes países, a afirmação da juventude ocorreu como um processo inverso à importância do papel da família e em paralelo com o esbatimento da própria autoridade do chefe da família.

O jovem teve então condições para conquistar o seu próprio poder e individualidade no espaço familiar, para depois partir para o seu reconhecimento social e público. Numa perspectiva dicotómica entre «privado» e «público», pode afirmar-se que a afirmação da juventude europeia, na globalidade dos países extra-orla mediterrânica, funcionou, num primeiro momento, como um processo de quebra ou esbatimento do domínio do «privado», com o destaque do indivíduo no

quadro do universo familiar e, num segundo momento, com a sua afirmação e reconhecimento perante o público.

No caso de Portugal, as características de uma ordem política, social e cultural, específicas do regime Salazarista, impediam o esbatimento desse espaço do «privado» familiar, visando mesmo o seu reforço, e tentavam tornar imperceptível um espaço de « público» onde a juventude se pudesse assumir com liberdade e autonomia crítica.

A trílogia «Deus, Pátria e Família» que pautou toda a educação nacional, mais não foi que uma «trílogia da subserviência» e do adormecer de consciências. Comportamentos como a «coabitação juvenil», a «liberalização sexual» dos anos 60, ou os movimentos «Hippie» e «Woodstock», expressão e resultado de uma afirmação concretizada da juventude, eram admissíveis para as populações da Inglaterra, Estados Unidos da América ou França, e despertavam reacções sociais de crítica e repulsa no espaço português, sendo considerados como atentados aos «bons costumes» da Nação. Desta forma, a afirmação e emancipação da juventude só podia ter sido um processo dificultado, moroso e bastante longo.

Nos dias de hoje a juventude portuguesa parece continuar à procura da sua verdadeira afirmação e emancipação e consegue abalar o regime em momentos de contestação. Em resposta, continua a criticar-se esses movimentos e os seus intérpretes, argumentando-se que a juventude está, cada vez mais, alheada, desinteressada e distante da intervenção social. Essa indefinição que lhe é atribuída, levou mesmo à formulação e divulgação de uma classificação geracional de «geração X» e, mais recentemente, quando reagiu, criticou e esboçou um exemplo do seu poder de mobilização, como «geração rasca».

Estou, no entanto, convicto que algumas das reacções e comportamentos que hoje são visíveis, e exteriorizados por certas camadas da juventude, são o reflexo do seu desejo de afirmação, tantas vezes bloqueada e adiada. São talvez a resposta construtiva a uma socialização exclusivista e padronizada, imposta pela família, pela escola e pela sociedade em geral.

A constituição numa multiplicidade de pequenos grupos juvenis, talvez possa, e deva mesmo, ser visto como uma das formas de concretizar essa desejada afirmação e emancipação, tantas vezes dificultada. A sua constituição em quotidianos sociais e grupais próprios, pode mesmo ser a sua resposta construtiva a um processo de socialização que desejam completar, através da aposta na variedade de processos e na busca de novos valores e sensações.

3. Correntes Teóricas da Sociologia da Juventude

Tive oportunidade de afirmar nas linhas anteriores que é de toda a conveniência, num processo de análise e estudo da juventude, partir do pressuposto da sua heterogeneidade e diversidade, levando à sua conceptualização no plural - com a utilização do conceito de juventudes -, em detrimento de uma concepção mais simplista, com a utilização do conceito no singular .

Este segundo conceito, e respectivo entendimento conceptual e epistemológico, numa acepção mais imediatista e genérica, subentende a visualização da juventude como um todo, criando assim condições para o entendimento da juventude como corpo social caracterizado apenas pela homogeneidade e identidade. Importa, igualmente, fazer uma distinção entre as juventudes do norte do continente europeu, e da zona que tradicionalmente faz parte da Europa Ocidental, e as juventudes do sul, mais propriamente dos países que se encontram junto à bacia do Mediterrâneo. É, por fim, importante tentar analisar e compreender as condições que permitem, ou dificultam, o processo de afirmação e emancipação da juventude.

Para que se possa ter acesso a todo um conjunto de dados científicos, com credibilidade assegurada, há que pesquisar junto de corpos teórico-científicos, como os que são fornecidos pela Sociologia da Família ou Sociologia da Juventude. Uma e outra, tentam estudar e compreender a evolução dos papéis sociais existentes dentro do espaço familiar, assim como as formas como a família e a juventude têm vindo a evoluir e a formar-se.

A segunda disciplina existe mesmo com esse objecto de estudo e com essa designação, por a realidade social da juventude se revelar com cada vez mais significado no contexto da sociedade global, gerando problemas sociais específicos e contribuir para a constituição de problemáticas sociológicas. É neste contexto de redobrado interesse pela juventude, e de resposta por uma das áreas da sociologia, que devemos encarar a importância da Sociologia da Juventude, e do conjunto de correntes científicas que nela se incluem.

Ao longo dos tempos, o estatuto social da juventude e as formas do seu reconhecimento como entidade social têm-se vindo a alterar. De fase da vida individual ignorada, a fase da vida individual indefinida e geradora de problemas, muitas foram as atitudes de desvalorização dessa fase do crescimento dos indivíduos. Muitas foram igualmente as reacções quando os jovens agiram e pretenderam ser intérpretes e agentes da mudança social. A sua força e capacidade de mobilização sociais derivou mesmo da sua capacidade de se agregarem em grupos, de natureza esporádica ou duradoura, com o objectivo de dar a conhecer o que pretendiam.

Olhar para a juventude implica pois procurar a sua diversidade, conhecer os contextos onde decorrem os seus quotidianos, com as suas práticas e atitudes próprias, e enveredar pelo estudo de dois tipos de correntes da sociologia da Juventude. O conhecimento das características científicas e epistemológicas de cada um dos campos teóricos da «corrente geracional» e da «corrente classista» (PAIS 1993a), contribui para o melhor entendimento dos ritmos de vida juvenis, permitindo a interpretação do papel desempenhado pelos jovens no quadro da sociedade global.

A «corrente geracional» alicerça-se a partir do pressuposto que a juventude deve ser encarada como uma fase da vida dos indivíduos. Esta globalização epistemológica e de entendimento, leva a que a juventude seja percebida

como um grande corpo « unitário », face às outras gerações mais novas ou mais velhas.

É esta corrente da Sociologia da Juventude que subsídia todo um conjunto de posições unitárias e de relativa homogeneidade sobre a juventude. No dizer de Machado Pais, trata-se mesmo de uma corrente que levanta questões teóricas sobre «Socialização Contínua», «Ruptura Geracional» ou ainda, «Crise Intergeracional». Nesta perspectiva, a « Cultura da geração Juvenil » apareceria, num primeiro plano, seguindo uma noção de globalidade e homogeneidade, num segundo plano, funcionaria em termos de «oposição à cultura dominante das gerações mais velhas» (PAIS 1993a).

A grande crítica que se pode e deve fazer à teorização proposta pela «corrente geracional», tem a ver com o facto desta conceber a Juventude como «categoria etária» bem definida, e em oposição às restantes categorias sociais e etárias. Tem igualmente a ver com o facto de conceber a juventude como «entidade homogénea» (PAIS 1993a: 43), quando o que pode ainda caracterizar, também, a juventude é a sua heterogeneidade e diversidade, originando dificuldades em a distinguir face às outras gerações .

A «corrente classista» começa por fazer uma crítica à juventude como grupo social homogéneo bem definido, considerando que a juventude deve ser perspectivada numa acepção pluralista e de diversidade social.

Para Machado Pais falar em juventude, e de acordo com esta segunda corrente, implica a consciência, não apenas da sua diversidade, mas também, a consciência que essa diversidade radica nas características sócio-económicas da classe social onde o jovem se integra e da qual faz parte. Para esta corrente, a vida quotidiana dos jovens e a sua transição para a vida adulta, seria sempre pautada e resultado de «desigualdades sociais» (PAIS 1993a: 44), o que viria a determinar que a «Cultura da Geração Juvenil», ou as «Culturas Juvenis» fossem sempre entendidas como «cultura de classe», resultantes da existência dos «antagonismos de classe» (PAIS 1993a: 48). É isto que o autor quer dizer ao afirmar que as «culturas juvenis

aparecem como soluções de classe face a problemas partilhados e compartilhados por jovens de determinada classe social» (PAIS 1993a: 49), realçando, dessa forma, a condição de classe como critério de formação das próprias Culturas Juvenis.

Importa, no entanto, questionar se este determinismo da condição social de classe leva, tão directa e linearmente, ao aparecimento de um tipo específico de jovem ou a um tipo específico de cultura juvenil. Importa igualmente averiguar se todos os jovens que se integram numa determinada classe social, virão a formar um mesmo tipo de jovem ou integrarão um mesmo tipo de grupo social ou cultura juvenil.

Quero com isto dizer que não se deve enveredar apressadamente pela defesa de uma ou outra corrente da Sociologia da Juventude, sem que nos apercebamos das suas características, argumentos e principalmente, alicerces e implicações científicos e ideológicos. É importante ficar, igualmente, consciente que ambas fornecem dados importantes para a compreensão da juventude e para a pesquisa das raízes da sua formação, em grupos culturais específicas. Acima de tudo, é imprescindível perspectivar a juventude como alguém que pode produzir um leque de várias culturas juvenis, com formas de sociabilidade específicas, e que, pertencendo a uma fase de vida, acabam por evidenciar um largo conjunto de « diferenças específicas entre os vários tipos de jovens »(PAIS 1990). Importa, por fim, partir para o estudo e análise dos grupos de jovens, podendo contar com estas teorias como ponto de partida, enformador do discurso e entendimento contextual do problema das culturas juvenis, mas também como ponto de chegada, num processo de interpretação global dos diversos tipos de grupos de jovens que existem na sociedade contemporânea.

É o mesmo autor que, numa obra mais geral, sobre as Culturas Juvenis, opta por mostrar as virtudes e defeitos de cada uma das correntes e propõe uma metodologia para ultrapassar esta ordem dicotómica gerada pelas duas correntes da Sociologia da Juventude. Segundo ele, para tentar solucionar o confronto entre

as duas correntes da Sociologia da Juventude, deve-se tentar encontrar um caminho, que passa pelo « olhar a sociedade através do quotidiano dos jovens» (PAIS 1993a), propondo mesmo uma « utilização mais dinâmica do conceito de cultura juvenil, explorando também o seu sentido antropológico, aquele que faz apelo para modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam significados e valores ao nível das instituições, mas também ao nível do próprio quotidiano » (PAIS 1993a: 55-56). Se se optar por subscrever a opinião deste autor sobre esta orientação de ordem metodológica, considerando que o quotidiano é o que «no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar», ou ainda, «a vida que escorre»(PAIS 1993b: 108), então havia que seleccionar um conjunto de estratégias de aproximação ao real e, especificamente, de leitura do quotidiano de um daqueles grupos de jovens, procurando captar, na sua realidade, o que fosse caracterizado como « regularidade» e « repetitividade»(PAIS 1993b). Foi este caminho proposto por este autor, que este trabalho pretendeu seguir desde o momento das primeiras observações e entrevistas exploratórias. Considerei, na altura, que todo o trabalho de investigação devia partir desse contacto com os jovens nos seus locais de encontro e de prática da modalidade, e não mais perdi esse horizonte de vista. Era nesse local que se construía a sua teia relacional e social, e era nesse local que a sua cultura juvenil eclodia, manifestando-se num quotidiano que importava descobrir e tentar descodificar. Para Machado Pais, o quotidiano manifesta-se « num campo de ritualidades» (PAIS 1993b:109); logo, eram essas formas de construção social ou, como o mesmo autor refere, de «reificação do social» (PAIS 1993b), que iria tentar captar nos passos seguintes.

4. A Realidade Social dos Grupos de Jovens As Culturas Juvenis e as Tribos Urbanas

Os dados anteriormente referidos permitem partir para análise dos grupos de jovens como realidade social e sociológica, e cria condições para o eventual tratamento e integração das culturas juvenis, e de outros tipos de grupos sociais de jovens, numa daquelas correntes, ou mesmo em ambas.

Tendo este trabalho o objectivo de realizar um estudo descritivo e analítico sobre um grupo de jovens, a viver, estudar e ou trabalhar, numa cidade de litoral do Algarve, e desejando que metodologicamente venha a incidir sobre algumas das suas características específicas de grupo social, é de toda a conveniência - como forma de compreender e analisar a crescente complexidade da realidade social dos grupos de jovens e das designações a eles associadas - desmontar e averiguar, com algum rigor, o significado sociológico dos conceitos de Grupo Social, Culturas Juvenis, Bando Juvenil e, com maior actualidade e crescente divulgação, o conceito de Tribos Urbanas.

Uma das muitas definições de grupo social, que se poderá perfilhar, é a que afirma que um grupo social é «qualquer colectividade ou pluralidade de indivíduos, juntos por critérios formais ou informais de pertença. Um grupo social existe quando os membros se envolvem na interacção social, pressupondo papéis recíprocos e laços integrativos» (JARY e JARY 1991: 264).

Nesta hipótese de definição realçam-se os aspectos da quantidade de indivíduos, pessoas ou coisas, que se agregam de acordo com um conjunto de critérios, formando assim um corpo social, caracterizado pela existência de interacções sociais, materializadas na assumpção dos papéis sociais pelos indivíduos do grupo, e na existência de laços integrativos e relacionais entre si. É

precisamente esse conjunto de critérios de agregação, e a complexa especificidade social que a partir deles se estrutura, que leva à necessidade de distinguir entre vários tipos de grupos.

Aparecem assim os grandes grupos, as multidões, os grupos de formação espontânea ou de formação organizada, os grupos de semelhança, também designados por grupos de iguais, os grupos de interesse e os grupos de pressão. Existem também, e seguindo uma tipologia mais simples, e já com uns anos, os grupos primários, caracterizados pelas relações pessoais, de face a face, e os grupos secundários, onde essa interação social não é tão próxima.

Para Franco Ferrarotti um grupo social é uma qualquer «formação social resultante da presença de dois ou mais seres humanos» (FERRAROTTI 1985: 52), rotulando essa presença como «participativa». Essa natureza de constante participação, acaba por dar origem, no dizer do mesmo autor, às situações de «interdependência entre os seus membros» e a uma «interacção relativamente continuada no tempo» (FERRAROTTI 1985).

É esta capacidade de interação existente entre os membros de um grupo social, vista como uma das suas características fundamentais, que aparece como um dos critérios para a sua classificação em «grupos primários» ou «grupos secundários». Os primeiros seriam caracterizados pelas relações sociais constantes e duradouras concretizadas através de um conjunto de trocas «face a face». Os segundos, devido a serem caracterizados por um maior número de membros, teriam dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de manterem essa relação ou interação social tão próximas.

É seguindo este critério da proximidade relacional, existente entre os membros de um grupo, e um outro relativo «às exigências culturais e sociais que levam à formação dos grupos sociais» (FERRAROTTI 1985), que aparece uma proposta de tipologia com alguma eficácia, na qual tentarei mais tarde enquadrar o grupo de jovens que me propuz estudar. Segundo essa tipologia, existiriam cinco tipos possíveis de classificação, potencialmente aplicáveis aos grupos sociais.

Não devendo ser encaradas como classificações de exclusão mútua, permitem, por isso mesmo, a classificação de um grupo em mais de uma categoria. De acordo com a proposta de Ferrarotti, os grupos sociais podem ser classificados como «Primários ou Secundários», «Formais ou Informais», «Espontâneos ou Funcionais», «Abertos ou Fechados» e, por fim, tendo em conta a sua emergência, visualização e impacto perante o social, a classificação dos grupos em «Públicos ou Secretos».(FERRAROTTI 1985: 53).

O sociólogo Guy Rocher, para além de destacar a importância dos «grupos sociais» como «agentes de socialização» importantes, funcionando em articulação conjunta com «a família e a escola» (ROCHER 1989), considera que, no caso específico dos grupos etários de jovens, se pode propôr uma distinção entre três tipos de agregação social, diferenciadas e caracterizados por especificidades relacionais, por organizações sociais distintas e por diferenças na forma de perseguir e assegurar o processo de « socialização » dos seus jovens membros.

Nos termos dessa proposta tripartida, aparece uma terceira possibilidade, na qual se enquadram os grupos de jovens compostos por «grupos etários (...) onde para desempenharem as suas funções, ou para exercerem determinadas actividades, têm de socializar os seus membros», encarando o processo de socialização grupal, neste caso, como «um meio com vista à realização de determinadas funções ou actividades» (ROCHER 1989: 144).

Enquadram-se neste caso, os grupos de companheiros, que o autor rotula como «gangs», próximos do tipo de grupo social de jovens que foi por mim estudado, na medida em que o processo de socialização, realizada pelo próprio grupo de jovens, aparece como um «processo instrumental», para que se possa prosseguir determinados objectivos.

Alguns autores, ao tratarem a temática dos grupos sociais de jovens, e as formas específicas da sua agregação social, tecem todo um conjunto de considerações sobre uma realidade social juvenil específica, adjectivando-a com os conceitos de «Bandos de Jovens» ou «Bandos Juvenis».

A razão da utilização da designação de Bando deriva da necessidade, segundo eles, em classificar um certo tipo de agrupamento de jovens, com características numéricas muito próprias e com formas de relacionamento caracterizadas por uma certa especificidade.

Outras designações de bando são utilizadas para classificar «grupos de jovens mais ou menos estruturados» (ROBERT 1990: 25), o que, em certa medida, corrobora a ideia que um bando de jovens é um «pequeno grupo com uma estrutura social simples» (JARY e JARY 1991: 35). Talvez seja esta situação de uma organização social simples, ou com características sociais e organizacionais diluídas, que faz com que as características da organização desse tipo de organização social se torne, muitas vezes, quase imperceptível, ou invisível, aos olhos dos outros cidadãos.

Para autores como Philippe Robert, o fenómeno dos bandos de jovens não pode ser desligado de uma necessária análise das atitudes de «radicalização das atitudes segregativas entre o interior e o exterior do bando» (ROBERT: 1990). É este carácter de radicalização, e muitas vezes violência, que permite a sua melhor visualização e origina a existência de conotações marcadas por uma carga social verdadeiramente negativa. A razão da desvalorização dessa forma de agregação juvenil deve-se, sem dúvida alguma, às acções de alguns dos bandos juvenis, levando a confundir essas acções parciais, como comportamentos usuais de todos os bandos de jovens, vindo assim, a tomar a excepção pela regra.

Óscar Soares Barata, ao referir-se aos bandos de jovens, acentua a sua importância como elementos intervenientes e decisivos para o processo de socialização e emancipação dos jovens e realça a necessidade de distinguir três tipos de bandos juvenis. Segundo ele há que diferenciar entre «bando social», «bando delinvente» e, por fim, «bando violento» (BARATA 1991: 118), apresentados como realidades sociais diferentes, não apenas na forma como se constituem e nas ideias que perseguem, mas também, e fundamentalmente, nas acções que interpretam. Por considerar que a minha opção neste trabalho de investigação se

liga directamente ao estudo e análise de um tipo de grupo de jovens que se aproxima mais deste conceito de bando juvenil, penso que é de toda a importância tentar desmontar, com mais critério e rigor, os dados relativos a essa realidade social grupal.

Para Michel Fize, essa realidade social dos bando de jovens existe quando se verifica um «mínimo de coesão e integração internas», uma «violência programada ou accidental » e, por fim, um «sentimento de pertença». (FIZE 1993: 101). É este conjunto de características que permite, por um lado, a formação de todo um tipo de bandos de jovens, podendo-se visualizar essa formação como um processo homogéneo e identitário, na medida em que é interpretado por toda uma juventude e serve os seus objectivos; e por outro, a necessidade de fazer uma diferenciação entre eles, devido à existência de propostas e padrões de comportamento que variam de grupo para grupo, vindo assim a confirmar a razão das outras duas classificações propostas por Óscar Barata.

A compreensão desta diversidade de grupos de jovens e, especificamente, dos bandos de jovens passa, igualmente, pela necessidade do conhecimento das razões ou motivos que originam a formação destes tipos de grupos de jovens.

As razões e justificações esgrimidas por Psicólogos e Psiquiatras, de que Michel Zal é um fiel intérprete, argumentam que é uma forma de resolução de «dúvidas e incertezas », num processo em que «os amigos substituem a família no papel de apoiar o jovem» (ZAL 1992 : 47). A pertença a grupos juvenis e, neste caso específico, a bandos sociais de jovens, permitiria a continuação de obtenção de apoio pelo jovem, num momento em que o seu processo de socialização passaria a decorrer, cada vez mais, fora do espaço da família e até, para alguns deles, fora da instituição escolar. É o mesmo autor que defende que a pertença a um grupo, estabelece a transição de um papel como criança e membro da família, para o papel de um adulto independente. (ZAL 1992).

É o que, com certeza, Óscar Soares Barata quer dar a entender quando refere que os bandos de adolescentes têm uma função social importante e

decisiva no processo de crescimento e emancipação dos jovens, uma vez que, no seu dizer, realizam «uma função de apoio psicológico e social, numa fase da vida marcada por uma transição difícil, e cuja duração a sociedade urbana e industrial tende a prolongar» (BARATA 1991:120). Para Idalina Conde, a pertença a um grupo de amigos surge como o «epicentro na organização da vida social juvenil» e ainda, como a hipótese de se dispôr de um «espaço de uma efectiva socialização endogeracional, de partilha de valores e experiências comuns» (CONDE 1990: 689), funcionando o grupo de jovens como um local de socialização, de sociabilidade e de convivialidade entre os seus membros. É este apoio, de nível psicológico e social, disponibilizado ao jovem pelo grupo de iguais, que parece funcionar como um reforço do próprio «sentimento de pertença» colectiva, ampliação do bem-estar junto dos membros do grupo, e incremento da própria coesão do grupo. Este tipo de «grupos sociais de jovens» ou «bandos de jovens», perspectivados como bandos sociais, a viver em ambiente urbano, apareceriam então, como um realidade social com características específicas, e desenvolvendo actividades consideradas dentro dos padrões da sociedade. Funcionariam, dessa forma, como uma pequena célula social ou «unidade de convívio» juvenil, caracterizada pela autonomia e procura de um certo nível de independência.

A opinião de Óscar Barata, em relação a este tipo de bandos de jovens, defende que se tratam de jovens que «desenvolvem amizade entre si e dedicam-se publicamente a actividades comuns. Muitas vezes usam peças de vestuário ou emblemas que os identificam como membros do grupo. As suas actividades são socialmente aceites, e só marginalmente podem dar origem a conflitos» (BARATA 1991: 118).

Segundo alguns autores, esses tipos de grupos ou de bandos de jovens, constituem autênticas *Culturas*, originadas pela especificidade das suas condutas sociais e pelas formas de agregação e relação social de que são intérpretes. Idalina Conde é mesmo de opinião que são um «traço constante e distintivo do mundo juvenil» (CONDE 1990: 688), acabando por gerar um conjunto de formas

específicas de sociabilidade e convivialidade. É assim que aparecem as designadas Culturas Juvenis que emergem, ganhando destaque e significado social no contexto da sociedade global. Para outros autores, essas novas culturas, para além de serem intérpretes e transmitirem as potencialidades dos jovens no processo de mudança e dinamismo sociais, assumem, muitas vezes atitudes de verdadeira «contracultura», originando choques e uma dialéctica de oposição com a cultura instituída, restando mesmo analisar, se essa dialéctica não acaba por se tornar num contributo importante para o próprio processo de mudança social .

É o próprio Óscar Barata que, ao analisar esta temática das Culturas Juvenis, e ao percepcionar os jovens como fazendo parte de um grande corpo social que é a juventude, as identifica como geradoras de uma « contracultura », em oposição à cultura defendida e imposta pelos grupos sociais dominantes. Esse autor considera mesmo que, em última instância, as culturas juvenis acabam por ser responsáveis por conflitos sociais, nomeadamente os chamados conflitos intergeracionais. Para suportar essa opinião, argumenta que «em certas circunstâncias, tem-se visto alastrar um fundo cultural característico a toda uma larga camada de jovens, que se dissociam dos modelos dominantes, que são os do comum dos adultos, acabando por vir à superfície da vida colectiva um conflito de gerações, que em regra tem profundas consequências. Um fenómeno deste tipo tem-se vindo a manifestar(...) e está a dar origem a toda uma contracultura» (BARATA 1991: 123).

Os autores anglo-saxónicos David Jary e Julia Jary, ao trabalharem sobre esta temática das Culturas Juvenis, defendem que se tratam de realidades sociais que resultam de um conjunto de «aspectos culturais que rodeiam a juventude como categoria social»(JARY e JARY 1991: 709), e completam o seu discurso, especificando que esses aspectos incluem áreas tão diversas como, «diferentes modas e gostos, especialmente na música e nas roupas», «relações sociais centradas na amizade nos grupos de amigos em detrimento da família» , «relativa centralidade do descanso face ao trabalho», «desafio dos valores dos adultos e

experimentação individual por novos estilos de vida» e, por fim, a «valorização de gostos e comportamentos de descanso» (JARY e JARY 1991).

É precisamente este conjunto de traços culturais específicos, interpretados por uma enorme variedade de grupos sociais de jovens, que acabam por ser responsáveis pela formação de culturas específicas, caracterizadas, muitas vezes, por alguns autores, como «subculturas» ou até «contraculturas». Idalina Conde defende que a forma aconselhável para se conseguir captar as características internas e externas das culturas juvenis - entenda-se relacionais, face aos outros grupos geracionais -, passa pela consciência de uma ampliação do próprio conceito e noção de subcultura juvenil, supondo a importância, e até necessidade, de o relacionar com o sistema cultural envolvente. É esta nova aceção do conceito de subcultura juvenil, supondo a existência de um subsistema cultural juvenil, em relação sistémica com um sistema cultural mais abrangente e envolvente, que aparece alicerçado no discurso que refere que «não se deverá assumir a subcultura no sentido de um subsistema fechado em si mesmo, mas defini-la principalmente pelo modo como determinados segmentos sociais - neste caso os jovens- participam em estruturas simbólicas globais, isto é, pelas modalidades de interacção e de intercomunicação com o sistema cultural dominante, neste caso representado pelas gerações mais velhas. Só nesta perspectiva relacional se tornam inteligíveis as razões por que os jovens aderem a certos aspectos e recusam outros; se identificam os contornos e a natureza da sua identidade» (CONDE 1990: 693).

O reconhecimento da identidade específica da juventude e da existência de uma cultura ou subcultura juvenil, com traços culturais específicos, interpretada pela ou pelas juventudes, implica assim, necessariamente, não apenas, a abertura do conceito, e respectiva análise, a uma situação de relação com as outras gerações, mas também, a aceitação do conceito de culturas juvenis como entidade sociológica específica, ou como, no dizer de Machado Pais, uma «construção social» (PAIS 1993a: 28). Implica igualmente a formação de uma

consciência das diferenças e da complexidade das suas relações sociais, como condição do conhecimento exacto da sua identidade, assim como da necessidade de conceber essas culturas específicas, num « espaço social próprio». É esta diversidade e complexidade comportamental e relacional, existente entre os diversos grupos de jovens, - fazendo parte de uma grande cultura juvenil, e contribuindo para a instituição e definição de culturas juvenis sectoriais - que aparece como responsável pela pulverização da própria realidade juvenil, tornando difícil a aplicação e desmontagem do conceito de culturas juvenis.

A sua diversidade e complexidade faz com que a cultura juvenil esteja longe de ser «completamente uniforme», podendo assumir, pelo contrário, uma variedade social, gerada por variáveis como o «género, aspecto étnico, e até classe social» (JARY e JARY 1991), sendo caracterizada, tal como defende Idalina Conde, por uma « identidade fragmentária »(CONDE 1990: 691). É esta actual complexidade de grupos de jovens, constituídos em bandos sociais e gerando formas de cultura juvenil muito próprias, que tem tendência para ampliar-se e tornar-se cada vez mais emergente e visível.

Segundo Salomé Marivoet, o aparecimento, cada vez maior, de todo um conjunto de representações simbólicas nas sociedades modernas - e confirme-se, que as culturas ou subculturas juvenis podem ser identificadas como produtoras dessas novas representações e identidades -, muitas vezes ligadas ao fenómeno desportivo, como é o caso deste grupo de jovens estudado, é o resultado da crescente «ocupação diferenciada do lazer» e de «diferentes modelos de apropriação do tempo e do espaço, que produzem novas práticas capazes de satisfazerem novas identidades nos universos simbólicos das representações sociais» (MARIVOET1994: 208). Na base deste processo de divulgação das novas realidades sociais juvenis encontram-se, segundo alguns autores, «os meios de comunicação responsáveis pela criação de novos mercados de produtos culturais destinados aos jovens» (JARY e JARY 1991) . Este efeito, digamos, de contágio a partir dos meios de comunicação, teria contribuído, não apenas para a criação desses grupos juvenis,

mas também para a sua vulgarização e crescente massificação, tornando-os presença constante nos quotidianos das nossas cidades.

Tratando-se de grupos juvenis fundamentalmente a viver em ambiente urbano, onde as solicitações e oferta de informação e produtos aparecem em maior escala, confirma-se, inclusivamente, a existência de novas designações para retratar e classificar as suas formas específicas de identidade. É neste sentido que se verifica a existência da terminologia Tribo Urbana, para se identificarem, darem a conhecer e serem classificadas como grupo social juvenil com características sociais e comportamentais específicas.

A designação de tribo urbana parece querer acentuar o carácter urbano destes grupos juvenis e, em certa medida, pode ser uma resposta alternativa à conotação negativa que envolve a conceptualização de bando juvenil. Desejando, pelo menos em termos de exterioridade, o distanciamento face a essa realidade de bando social, e querendo impôr-se pela diversidade e inovação de comportamentos e práticas, acabam por aceitar e propôr uma nova terminologia como identificação. Existiria assim uma grande cultura juvenil, em termos de identidade e homogeneidade, e vários pequenos grupos sociais de jovens - entenda-se, várias tribos urbanas -, perspectivados já em termos de multiplicidade e heterogeneidade sociais, cada uma com características culturais e modelos de comportamento específicos.

O conceito de Tribo, trabalhado por vários sociólogos e antropólogos, é vulgarmente utilizado para designar «uma organização segmentária de organização social, (...)assentando no princípio do confronto em cada nível de unidade de poderes aproximadamente iguais» (BAECHLER 1990: 244). É esta identidade de poderes existentes dentro de « cada nível » da organização social da tribo que, no caso específico das realidade das tribos urbanas juvenis, me leva a considerar estar perante um factor limitador ou até impeditivo da realização de uma mais fácil detecção e leitura de eventuais fenómenos de liderança. Outras definições de tribo acentuam precisamente este carácter da existência de um

poder «fraco» ou mesmo, «enfraquecido», existente num agregado social, onde os membros «partilham características culturais e linguísticas e mantêm-se juntos por direitos e obrigações sociais mútuos» (JARY e JARY 1991: 669).

Esta situação de, poder-se-à dizer, *diluição* do poder, ou até de falta de um líder carismático que seja o intérprete da liderança é, concerteza, a situação que se verifica em tribos urbanas em que a violência é menos habitual, face a outras onde essas atitudes estão mais presentes e necessitam de maiores mecanismos de coesão e liderança.

Os autores Pere Costa, José Tornero e Fabio Tropea, num estudo recente sobre as Tribos Urbanas, consideram que se trata de uma forma de «identidade juvenil» específica, procurando a afirmação através do culto da imagem individual, da imagem de grupo e da própria violência. Consideram esses autores que falar em Tribos Urbanas implica analisar um tipo de grupo social para o qual a violência é um meio de imposição, visualização e reconhecimento sociais. Implica igualmente entrar em linha de conta com um vasto conjunto de conceitos analíticos, específicos de âmbitos científicos diversos. Dentro deles, e de acordo com a natureza deste trabalho de investigação, importa talvez refer aqueles que são focados para as disciplinas de Sociologia e Antropologia.

Numa perspectiva Sociológica, os conceitos fundamentais à compreensão do fenómeno das tribos urbanas seriam os de «Grupos gregários e Líderes carismáticos, Anomia, Construção social da realidade e Violência instrumental e expressiva». Numa perspectiva Antropológica, uma vez que se trata de outra disciplina importante para o estudo dessa realidade grupal juvenil, os conceitos com maior significado seriam os de «Conflito interracial, Violência simbólica, Intensidade relacional, Territorialidade e vínculo, Sistemas Culturais: produção e transmissão». (COSTA e outros 1996: 17).

O objectivo principal deste trabalho tem precisamente a ver com o estudo de um desses grupos de jovens - uma tribo urbana de surfers -, com o estudo das suas características organizacionais e com a compreensão dos traços culturais do

seu quotidiano. Tenta perspectivar as razões da sua formação como tribo urbana e a forma como se agregam e exercem o seu domínio sobre um território. Procura igualmente inventariar as formas específicas da sua construção social sobre a realidade social da escola e da família. É por isso importante, tentar compreender as reacções que os seus membros desenvolvem face a um processo de socialização que, no seu dizer, muitas vezes aparece como algo rotineiro, padronizado e desadaptado das suas verdadeiras necessidades.

CAPÍTULO II

A - AS QUESTÕES TEÓRICO - METODOLÓGICAS

1. O Quadro Teórico de Referência

Depois de no capítulo anterior ter tentado desmontar e comunicar os principais aspectos relativos à revisão bibliográfica efectuada, e à problemática teórica existente sobre a constituição de grupos sociais na juventude, é a altura de sistematizar as características do quadro teórico de referência, contextualizador deste estudo sobre um grupo de jovens surfistas e dar a conhecer o conjunto de opções de ordem metodológica que tive oportunidade de considerar imprescindíveis e seguir, para o desenvolvimento do processo de investigação.

Para os autores Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, esses momentos, até agora seguidos, a nível do processo de investigação, coincidem com a passagem de uma etapa do conhecimento marcada pela «ruptura», da qual fazem parte a «definição da pergunta de partida», a «exploração» e a «definição da problemática», para uma outra fase desse mesmo processo científico, caracterizada pela «construção» (QUIVY e CAMPENHOUDT 1992: 25). Esta definição da problemática funciona, senão como ponto de partida, pelo menos como um «pano-de-fundo» contextual, onde se alicerça e decorre o estudo que se pretende desenvolver.

Para autores como João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, é possível circunscrever ou «delimitar um espaço de visibilidade definidor das condições de surgimento dos problemas» (ALMEIDA e PINTO 1990: 64), através da existência de um primeiro momento de conhecimento do nível de produção científica já existente sobre a temática a estudar, e de um segundo momento de

definição de um conjunto de hipóteses pelo investigador. Os mesmos autores ao questionarem a importância científica da matriz teórica ou, do que dizem ser, a «problemática teórica», consideram que é a partir do «campo de visibilidade» que ela fornece, que podem surgir as «contradições ou anomalias» geradoras da possibilidade de «construção de novos objectos de conhecimento» (AMEIDA e PINTO 1990).

É bem verdade que isso pode efectivamente acontecer. O cientista pode definir o seu interesse por um objecto de estudo a partir do quadro teórico já existente e da realização de um conjunto de leituras prévias, estando, neste caso, inserido numa problemática teórica que pode, ou não, encerrar novas questões com interesse para serem debatidas e estudadas. No caso deste estudo, este primeiro momento de definição de um conjunto de dados teóricos sobre a juventude, ou de definição do que alguns autores classificam como matriz teórica, permitiu a correcta delimitação do objecto de estudo e o seu enquadramento em questões teóricas importantes como:

- Necessidade de diferenciação dos conceitos de adolescência, puberdade e juventude.
- Crescente dificuldade em delimitar os momentos finais da juventude e a efectiva passagem dos jovens para a fase adulta.
- Possibilidade de identificar a juventude como geradora e intérprete de um novo tipo de «problemáticas sociais».
- Existência de diversos ritmos de evolução e emancipação da juventude à escala europeia.
- Existência em Portugal de um conjunto de factores de ordem social e política, condicionadores de uma mais rápida e evidente emancipação da juventude.
- Necessidade de caracterizar a juventude como entidade e «formação social», caracterizada pela diversidade e complexidade, levando a concebê-la numa dicotomia complementar de juventude e juventudes.

- Possibilidade de enquadrar os grupos de jovens estudados, numa ou mais tipologias de grupo social.
- Existência das correntes teóricas da Sociologia da Juventude, «geracional» e «classista», como forma de compreender e enquadrar teoricamente os mecanismos sociais de formação da juventude e as suas formas de passagem para a vida adulta.
- Necessidade de realizar uma distinção sociológica entre os conceitos, e as realidades sociais juvenis, de «Grupo Social», «Bando Social» e «Tribos Urbanas».
- Existência de diversos tipos de Tribos Urbanas:
 - a) Tribos Urbanas com recurso consciente e sistemático à violência como meio instrumental de afirmação e imposição sociais.
 - b) Tribos Urbanas com reduzido ou nulo recurso à violência, interpretando um conjunto de comportamentos e papéis sociais considerados dentro dos padrões da sociedade.
- Existência de verdadeiras Culturas Juvenis, caracterizadas pela instituição e organização de quotidianos sociais e de lazer específicos.
- Utilização de um conceito mais amplo de cultura juvenil, ou de subcultura juvenil, supondo a sua relação com um sistema cultural mais global e envolvente.
- Importância da análise dos quotidianos dos jovens, como forma de captar, analisar e compreender as características específicas das suas formas particulares de agregação social e comportamento social.

É com base neste quadro teórico de referência, alicerçado nestes treze pressupostos, pensados, sistematizados e estruturados de acordo com uma lógica que se prende com a organização e objectivos específicos do trabalho a desenvolver, que havia que partir para a construção do modelo de investigação destinado à análise de um grupo de jovens surfers a viver no litoral do Algarve.

A proposta foi mesmo a de analisar uma Tribo Urbana de surfers, tentando conhecer e compreender as modalidades da sua agregação e organização, a mensagem de que são portadores, as suas opiniões sobre a escola e a família e, por fim, numa perspectiva mais psicológica e axiológica, quais as sensações que retiram da sua prática e os valores que defendem.

2 . Escolha do Tema e Definição do Universo de Estudo

A escolha do tema Juventude e Tribos Urbanas como objecto de estudo do meu trabalho de mestrado, deveu-se a um conjunto de razões objectivas e razões subjectivas.

Começando pelas segundas razões, resultantes de um processo anterior ao início do curso de mestrado, posso dizer que radicam directamente no meu interesse pessoal pelo estudo da temática da juventude e nos estudos que venho a desenvolver desde 1986, ocasião em que pela primeira vez me vi obrigado a elaborar uma pequena dissertação sobre essa realidade.

Radicam igualmente num conhecimento com alguns jovens de que fui professor em Portimão, e que praticam a modalidade do surf.

Por fim, todo o contacto diário com os jovens no meu local usual de trabalho, a visualização dos seus comportamentos e das suas formas de relacionamento, assim como as conversas com um ou outro, desde logo mais receptivo, acabaram por acentuar a curiosidade e suscitar o interesse em tratar aquela realidade grupal dos jovens de forma mais específica e profunda.

Sendo professor de História e Ciências Sociais, aparecia agora uma hipótese de realizar esse estudo de forma criteriosa e orientada - como condição necessária para atingir um conhecimento mais rigoroso e científico de uma determinada realidade social - para aspectos importantes como as razões do aparecimento destes grupos de jovens, as características específicas das suas formas de organização grupal e as formas de se relacionarem com o espaço que ocupam. Desejava igualmente compreender a natureza das características das suas práticas

de lazer e das suas atitudes e comportamentos, face à sociedade onde estão integrados e da qual fazem parte.

A juntar a este conjunto de razões de ordem pessoal, radicando num interesse prolongado no tempo, acrescem as razões de ordem objectiva que, em meu entender, são de mais fácil explicação. Nestas, há que focar a necessidade, originada directamente pelo facto de frequentar um curso de mestrado em Sociologia, com a necessidade de realizar uma dissertação final sobre uma temática que, para além de dever ser preferencialmente inédita, correspondendo assim a um dos pressupostos destes trabalhos de mestrado, devia igualmente procurar a inovação e o tentar conseguir algo de novo, em termos de conhecimento. A juntar a estes dois tipos de razões, e já numa perspectiva de atitude subjacente a ambas, considerava que teria que escolher um tema que me proporcionasse um constante aliciamento e sedução, como condição imprescindível à sua concretização. Penso mesmo que se trata de uma atitude, e até condição, necessária para levar a um verdadeiro e profícuo envolvimento social e metodológico do analista social com o seu objecto de estudo.

Depois, ainda este trabalho não tinha começado a ser pensado de forma racional e científica, encontrando-se ainda como mera hipótese de trabalho, e já numa conversa com um desses jovens, retive a ideia do seu próprio interesse e curiosidade por um estudo que retratasse a sua realidade enquanto elemento de uma tribo urbana de surfers. Tratou-se de um dado precioso que naquele momento funcionou como reforço do interesse que existia apenas em mente.

Foi com base nestas primeiras impressões empíricas, que resolvi então falar com outros jovens conhecidos, igualmente praticantes da modalidade, e começar a realizar a sua observação já com a preocupação da realização de um futuro trabalho de investigação. Falei igualmente com vários professores do curso de mestrado, com o intuito de inventariar as hipóteses de realização de um trabalho sobre um tema desta natureza, vindo a começar o trabalho teórico a partir de

Janeiro de 1995, numa disciplina do ramo da história designada Economia e Sociedade dos séculos XIX e XX.

Não me podia esquecer que a minha formação inicial era no âmbito da História e Ciências Sociais e a primeira componente, mesmo que involuntariamente, acabaria por marcar o meu discurso, e toda a organização do trabalho de pesquisa e investigação. Nestes primeiros momentos do trabalho, essa característica, funcionou como um precioso auxiliar, através da criação de condições metodológicas para o conhecimento do processo de evolução e afirmação da juventude; mais tarde, porém, obrigou-me a tentar realizar um consciente exercício racional para me desprender dessa impositiva orientação científica e metodológica e poder enveredar por um trabalho mais no âmbito da Sociologia.

A confirmação da crescente movimentação e visualização da juventude na sociedade portuguesa, dada a conhecer nos meios de informação, os resultados das conversas meramente informais com alguns elementos do grupo de surfistas, as primeiras observações das suas práticas de lazer e dos seus comportamentos em grupo, as conversas com professores de História, Sociologia e Antropologia sobre a temática dos grupos de jovens e, especificamente, sobre a temática das tribos urbanas, assim como os resultados das primeiras abordagens teóricas sobre o processo de afirmação e emancipação da juventude, acabaram por funcionar como razões objectivas, e de significado relevante, para a escolha do tema *Juventude e Tribos Urbanas* como área de trabalho a seguir.

Passando a estar consciente que o tema do trabalho incidia sobre a juventude e tribos urbanas havia, num momento seguinte, e de acordo com a própria metodologia do trabalho de investigação, que definir o universo de estudo, seleccionando, racional e cientificamente, os actores sociais que pretendia abordar e cujos papéis sociais pretendia analisar e compreender.

Para que conseguisse realizar uma definição do universo de estudo, que se mostrasse adequada e facilitadora das próximas etapas do meu trabalho, entrei em

linha de conta com as conversas tidas com os meus antigos alunos, que considerei pertencerem a uma tribo urbana de surfers, e procedi a uma inventariação, mais objectiva, das hipóteses de uma futura abordagem de alguns dos seus companheiros de grupo. Com isso, pretendi averiguar se os restantes se mostrariam igualmente receptivos a colaborar no processo das entrevistas.

A resposta positiva que me forneceram reforçou a ideia da importância do prévio conhecimento formal, ou mesmo informal, de uma realidade que se pretende estudar, e ajudou a cimentar a ideia de que aquele grupo de jovens podia efectivamente ser estudado. A juntar ao facto do grupo de jovens se mostrar receptivo à colaboração para a realização das entrevistas - o que por si só é já um facto importante em qualquer processo de investigação, por facilitar a aproximação do entrevistador ao seu objecto de estudo, e por poder contribuir para atenuar a ocorrência de eventuais bloqueios e sonegação de informação - entrei em linha de conta com o facto de se tratar de um grupo de jovens a viver e relacionar-se na cidade de Portimão, o que facilitava o contacto, observação e estudo da sua realidade social específica. Foi essa opção pelo tratamento de um grupo de jovens localizado em Portimão que acabou por dar, inclusivamente, origem ao próprio título do trabalho de mestrado. Ao optar por definir como subtítulo de trabalho, os *Surfers no Barlavento do Algarve*, acabo por fornecer a ideia do tratamento dos vários grupos de surfistas naquela parte geográfica do Algarve, o que, em certa medida, se limita ao estudo do grupo de surfistas de Portimão e de outros pequenos grupos que com aquele grupo têm contacto e desenvolvem a sua prática.

Quero com isto dizer que, a juntar ao factor de ordem relacional, caracterizado pela importância do prévio conhecimento com alguns dos membros do grupo de surfistas, aparecia agora o importante e decisivo factor da proximidade geográfica que, em conjunto, reforçavam a definição desse grupo de jovens, como universo a estudar. Levantou-se, no entanto, a questão de saber como definir o número de membros que compunham efectivamente o grupo de

praticantes podendo, e devendo, ser estudados como fazendo parte da tribo urbana de surfistas de Portimão.

A estratégia seguida, foi a de solicitar aos primeiros entrevistados que me integrassem no grupo e me apresentassem aos outros praticantes que consideravam fazer parte do seu grupo. Foi igualmente a de definir um período de tempo para a realização das entrevistas, como iniciativa que visava a tentativa de captação da globalidade dos membros do grupo.

Essa definição era-me mesmo imposta pelo facto do grupo de surfistas ser caracterizado pelo que eu, nessa altura, pensava ser uma certa flexibilidade e abertura à entrada de novos praticantes, o que me levava a supôr a necessidade em encontrar uma estratégia que me permitisse ultrapassar eventuais omissões dos nomes de alguns membros do grupo. Foi durante esse período que procurei entrevistar todos os jovens que faziam parte do grupo de praticantes, desde longa data, mas também todos aqueles que foram entrando até ao fim do período estipulado para a conclusão das entrevistas. A duração desse período foi de cerca de 6 meses, abrangendo desde os meses de Inverno até ao início do Verão. É nesta época do ano que os praticantes mais frequentam o local, devido a melhores condições para a prática, e foi tendo em conta essa realidade funcional, que resolvi balizar o critério temporal entre os meses de Janeiro de 1996 e meados do mês de Junho do mesmo ano. Essa estratégia permitiu confirmar se os pedidos de indicação de outros nomes ficavam efectivamente completos, e possibilitou «apanhar» e cobrir a totalidade de praticantes, em termos de universo de estudo, levando a contabilizar 42 *praticantes* como fazendo parte do grupo de jovens que pretendia estudar.

A definição do universo de estudo resultou então, poder-se-à dizer, de dois momentos complementares. Um primeiro, definido a priori, a partir das primeiras conversas e observações minimamente orientadas para um futuro estudo. Um segundo, funcionando em complementaridade com a fase de definição prévia, caracterizado por uma forma mais prolongada no tempo, a ocorrer em simultâneo

com as entrevistas e com a observação de todos os praticantes que iam chegando ao local da prática e eram considerados, pelos restantes, como fazendo parte do grupo. A juntar a estes dois momentos complementares de definição do universo de estudo, que aliás permitiriam captar toda a sua amplitude, tive ainda oportunidade de acompanhar as conversas informais tidas com alguns praticantes, com a realização de algumas *entrevistas exploratórias* a indivíduos que, na altura, considerei e encarei como informantes privilegiados por terem também contacto com a prática do surf. Estão neste caso as conversas com os irmãos Frade Vieira, praticantes da modalidade há bastantes anos, o meu amigo Paulo Martins, antigo praticante e actual gerente de uma loja de venda de artigos de surf, ou ainda com outros amigos igualmente próximos da realidade que pretendia estudar.

Estas conversas, já mais orientadas para a temática do surf, perseguindo uma preocupação de identificação de algumas das características dos grupos de jovens surfistas, encarei-as como entrevistas exploratórias e permitiram criar uma primeira tipologia sobre os vários grupo de jovens existentes na realidade social Portuguesa. Possibilitaram igualmente a obtenção de um conjunto de dados específicos sobre os grupo de surfistas, nomeadamente a formulação de uma contextualização sumária sobre o assunto que escolhera como tema de trabalho

Interessava trabalhar sobre um universo que tivesse interesse do ponto de vista sociológico e fosse receptivo à minha presença nas funções de observador e entrevistador. Estas conversas informais e as entrevistas exploratórias ajudaram a definir o universo de estudo e criaram, desde logo, a consciência que o objecto do trabalho se devia circuncrever a esse grupo de jovens surfistas e não a outros grupos de personagens urbanas que também existem em ambiente urbano.

Das entrevistas exploratórias e das conversas informais realizadas com os indivíduos informantes, já citados anteriormente, resultou um conjunto de dados que me permitiu formular uma primeira tipologia dos grupo de jovens. Na ocasião, os meus interlocutores chamaram-me a atenção para o facto de nem todos os

grupos de jovens se revelarem na sociedade portuguesa actual, com o mesmo significado e impacto sociais.

Primeira tipologia de Tribos Urbanas fornecida pelos entrevistados:

Barbies
Bétinhos
Futuristas
Grungers
Hard-Core
Metálicos
Modernistas
Pós-Modernistas
Psicadélicos
Punks
Rockers
Rocker Bily(s)
Skaters
Surfers

Subdivididos em Surfers, Bodyboarders e Skimmingers.

Trashmetal

Urbano-Depressivos.

Com esta listagem fiquei a saber que o universo de estudo que pretendia estudar fazia parte de um grande universo de pequenos grupos de jovens e, mais do que isso, teria que ser perspectivado e estudado com bastante cuidado, pois parecia encerrar uma complexidade interna caracterizada pela diversidade de praticantes que podiam estar integrados em vários grupos.

Esta primeira distinção, para além de me ajudar a definir e caracterizar a especificidade do objecto de estudo, permitiu posteriormente organizar o guião das entrevistas de molde a contemplar essa diversidade de praticantes que podem ser classificados como surfistas. A juntar a esta primeira e importante tipologia, que mais

tarde se viria a mostrar incompleta, devido à confirmação da existência de uma maior diversidade de grupos de jovens, foi-me também fornecido um conjunto de dados avulsos sobre a realidade dos jovens surfistas. Entre eles, tive oportunidade de compilar um conjunto de dados sobre a existência de um espírito antigo do surf, contrariamente a um espírito actual do surf, o tratar-se de uma modalidade individual por excelência, a existência de atitudes de localismo com base na identidade de grupo e na rivalidade face a outros grupos, o localismo como factor positivo e factor negativo, as questões da ligação ao mar por parte dos praticantes, a valorização da força e destreza físicas e da relação com a prancha, a existência de um conjunto de regras e códigos de honra para e no pegar a onda e , por fim, a existência de pequenos grupos de praticantes .

Estas questões, para além de reforçarem a ideia da existência de uma realidade social complexa que merecia ser estudada, levaram-me a concluir da necessidade em as confirmar posteriormente, e acabaram por criar condições para a definição das futuras dimensões de investigação, norteadoras do processo de formulação das perguntas da entrevista.

Em síntese pode-se dizer que o conjunto de razões que determinaram a escolha do Tema foram as seguintes:

Razões subjectivas da escolha do tema :

Interesse Pessoal pela temática da Juventude.

Realização de anteriores estudos sobre a Juventude.

Gosto por actividades desportivas ligadas ao mar.

Conhecimentos com praticantes de surf.

Curiosidade pessoal pela realização de um estudo mais aprofundado.

Razões objectivas da escolha do tema :

Necessidade de realização de um trabalho de mestrado.

Opção pela realização de um Trabalho com uma certa dose de inovação.

Conversas informais com membros do grupo de surfistas.

Primeiras observações do grupo de surfistas

Receptividade dos membros do grupo para a futura colaboração
e para o ceder das entrevistas.

Resultados motivadores das primeiras abordagens teóricas sobre o
assunto.

Os momentos e factores determinantes da definição do universo de estudo
foram os seguintes:

1ºMomento (2º Semestre de 1995).

Factores relacional e metodológico:

Continuação da observação das práticas dos membros do grupo.

Conversas informais com alguns membros do grupo.

Realização de entrevistas exploratórias.

Obtenção de uma primeira tipologia de grupos sociais de jovens tipo
- Tribos Urbanas -.

Inventariação da possibilidade de futuros contactos com outros
membros do grupo.

Factor geográfico:

Grupo de jovens existente em ambiente urbano - Portimão -.

Realidade grupal de surfers no Barlavento do Algarve com
maior significado.

Proximidade geográfica como factor facilitador da realização do
trabalho de campo, da realização da observação e das
entrevistas.

2ºMomento (Período de Janeiro de 1996 a Junho de 1996) .

A ocorrer durante a fase da observação directa e realização das
entrevistas.

Complementaridade da prévia definição do universo de estudo.

Confirmação da dimensão do universo do grupo segundo um
critério de natureza temporal.

3 . Caracterização do Estudo

Tive oportunidade de afirmar na introdução deste trabalho, que o estudo que esta dissertação pretende relatar, e dar a conhecer, devia ser visto como um estudo de caso descritivo e analítico, apostando principalmente numa linha de orientação de metodologia qualitativa .

A razão desta orientação metodológica começa, desde logo, por derivar precisamente das características específicas do próprio universo de estudo, constituído por 42 indivíduos. Tornava-se importante nunca perder de vista que se tratava de um universo de estudo caracterizado pela exiguidade, e até uma certa homogeneidade, - como haveria de ser demonstrado mais tarde - mostrando-se assim de toda a conveniência, e até necessidade, tentar perspectivar que tipo de pesquisa e metodologia seriam mais aconselháveis de seguir.

A razão da utilização da orientação metodológica em causa, deriva da concordância com a ideia de Raymond Boudon quando refere que «(...) há também situações onde o método de casos se impõe, simplesmente porque a população que desejamos estudar é demasiada restrita para possibilitar o emprego dos métodos estatísticos»(BOUDON1990: 121). A argumentação a favor da opção metodológica por um estudo de caso é, igualmente, reforçada se se tiver em conta que é, ainda no dizer do mesmo autor, um tipo de metodologia adequada ao estudo de fenómenos únicos e singulares, características que parecem marcar a especificidade sociológica das Tribos Urbanas. Tratando-se de um estudo de caso, assente numa metodologia fundamentalmente qualitativa, importa precisar as condições da sua aplicabilidade.

Estudo descritivo, porque, em relação a uma tribo urbana de surfers, procura descrever as características específicas das práticas de lazer, as razões da prática

daquela modalidade, a relação que mantêm com um território específico, ou qual o material e outras condições que são necessárias para a prática da modalidade. Aliás a descrição faz sempre parte de um processo de investigação social.

Estudo analítico, porque procura analisar e compreender as características organizacionais do grupo de jovens, as características relacionais, existentes entre os membros do grupo de jovens, ou entre o grupo estudado e outros grupos semelhantes, ou ainda, por procurar conhecer as suas impressões e sensações sobre a prática da modalidade, assim como as suas opiniões e juízos de valor, em relação a dois agentes importantes de socialização, como o são a escola e a família.

Importa, no entanto, referir que embora se trate de um estudo de natureza fundamentalmente qualitativa, recorrendo prioritariamente, como explicitarei a seguir, à aplicação de entrevistas e ao seu tratamento com a técnica da análise de conteúdo, recorre igualmente a algum tratamento estatístico dos dados, derivados da análise de conteúdo das entrevistas. É nesse sentido, que se pode afirmar que a dimensão quantitativa aparece, neste sentido, como uma atitude de reforço metodológico, de um primeiro momento de estudo e leitura dos dados numa perspectiva qualitativa.

É o próprio autor Jorge Vala que, num artigo sobre análise de conteúdo, refere essa possibilidade de articulação entre a dimensão qualitativa, concretizada através da aplicação de entrevistas aos elementos de um dado universo de estudo, procurando a sua compreensão com a utilização da análise de conteúdo, com a dimensão quantitativa, concretizada através do tratamento informático dos dados resultantes dessas entrevistas (VALA 1986). Segundo o mesmo autor, as possibilidades abertas pela existência de computadores acabaram mesmo por dar um impulso à análise de dados das ciências sociais em geral, particularmente à realização da «quantificação na análise de conteúdo» (VALA 1986: 117). É esta linha de opção e actuação metodológicas, procurando o tratamento estatístico dos dados obtidos com a análise de conteúdo por ocorrências, aplicada sobre um conjunto de entrevistas estruturadas, que este trabalho tentará ensaiar e justificar.

Esta opção e conjugação metodológicas atribui a este estudo uma perspectiva qualitativa-quantitativa, na medida em que a utilização da orientação metodológica quantitativa, com o recurso à análise informática dos dados num programa de SPSS, serve principalmente para se conseguir desagregar e especificar o conjunto de dados que, num momento anterior de tratamento qualitativo, se mostravam corpórea e homogeneamente agregados.

Foi esta integração de uma metodologia qualitativa com uma metodologia quantitativa, que foi utilizada por Mark Bauer e Anne Wright num estudo de campo junto da comunidade nativa dos Navajos (BAUER e WRIGHT 1996). A sua conclusão, baseada na existência de maiores condições, não apenas para a percepção da realidade a estudar e para a formulação das hipóteses de trabalho, a partir da aplicação de entrevistas, mas também para a possibilidade de desagregar o grupo estudado - naquele caso específico, a formação de grupos de mulheres navajos, formados de acordo com as características específicas da alimentação que davam aos seus filhos -, acabou mesmo por me colocar perante uma hipótese de trabalho que passei a considerar de necessidade e viabilidade crescentes.

A ideia que essa metodologia poderia contribuir para desagregar o grande conjunto de dados que possuía e criar condições para visualizar se no seu interior se detectavam sub-grupos ou tendências de agregação dos dados, que podiam ter escapado à minha percepção no momento da análise qualitativa, foi uma ideia que se foi ampliando e acabou mesmo por reforçar o meu interesse em seguir uma opção metodológica caracterizada pela articulação e integração dessas duas linhas de orientação metodológica.

Não se tratou, no entanto, de uma opção inicial, uma vez que apenas a partir da análise qualitativa dos dados, e das primeiras conclusões que dela pude retirar, viria a concluir que devia enveredar por um momento seguinte de tratamento quantitativo dos dados. Para isso contribuiu, a sempre presente, leitura de nova bibliografia a que ia entretanto tendo acesso, como foi o caso da leitura de artigos, como o referido sobre as mães Navajos, que acabou por me informar, e

até orientar, no sentido do desejo e da procura de uma posição metodológica de verificação e validação dos dados qualitativos, através da perspectiva quantitativa.

4 . Objectivos e Hipóteses

Nas primeiras linhas deste trabalho, ao tentar explicitar a sua estrutura, tive oportunidade de referir que tentava atingir objectivos gerais como, compreender as razões do aparecimento de grupos tipo tribos urbanas e o seu processo de formação, analisar a estrutura, relações e hierarquias de um grupo específico de surfers, e ainda, verificar o papel e o tipo de comportamentos e atitudes dos membros do grupo face à Família e à Sociedade.

A razão do aparecimento destes objectivos gerais deriva directamente de uma concepção que considera que um estudo do quotidiano dos grupos de jovens, partindo de um conjunto de pressupostos de investigação com uma certa abrangência, deve acabar por enveredar por uma posição metodológica de estudo descritivo e analítico. Deve igualmente preocupar-se em colocar a sua incidência não apenas numa óptica de simples compreensão descritiva desse fenómeno mas, em complementaridade, deve procurar analisar os processos de estruturação e organização do grupo alvo do estudo.

Procurando atingir aqueles objectivos gerais, tenta-se desenvolver um estudo científico das actuais formas de agregação social dos jovens - que empiricamente se vulgarizou intitular de tribos urbanas -, procurando tornar visíveis as condições da sua formação como grupos juvenis, e as características dos seus códigos simbólicos específicos, caracterizados pela existência de conjuntos de práticas de lazer muito próprias.

Na sequência de conversas informais com antigos e actuais praticantes de surf, da realização de várias entrevistas exploratórias e da leitura de bibliografia directamente relacionada com o tema de estudo, considerei oportuno tentar perspectivar a formação das tribos urbanas no quadro do processo global de

formação individual e social dos jovens. Quero com isto dizer que essa agregação em grupos sociais específicos, muitas vezes vista e denunciada, pelos meios de informação, numa perspectiva de processo global e homogéneo, e como um processo negativo e gerador de instabilidade social, talvez possa e, deva mesmo, suscitar, uma necessidade de perspectivação mais individualizada e até com menor conotação negativa.

É partindo dessa hipótese, assente numa perspectiva alternativa sobre a importância social e sociológica do processo de formação das tribos urbanas, que aparece a minha preocupação em analisar aquele processo de formação, tentando compreender os seus universos de actuação, assumindo, como pressuposto teórico, a concepção da existência de uma realidade que deve ser percebida segundo as características da diversidade e complexidade.

Foi com base neste raciocínio, alicerçado numa preocupação em encarar o estudo científico da juventude e dos seus grupos sociais numa perspectiva individualizada, que fui levado a considerar que a formação das tribos urbanas na juventude podia, e devia até, ser percebida como um outro factor complementar no processo de formação e socialização dos jovens. Foi a partir dessa ideia de base, segundo a qual a formação das tribos urbanas podia desempenhar um papel importante no processo de formação e emancipação individual e social dos jovens, que achei por bem considerar dois tipos de objectivos específicos, como o foram o demonstrar que a formação das tribos urbanas na juventude é uma forma de crítica aos modelos de Socialização da Família e da Sociedade e, um outro, que pretende confirmar que as tribos urbanas na juventude são formas de agregação social específicas, caracterizadas por um conjunto de padrões de conduta e modelos de comportamento específicos.

Para a formulação desses objectivos gerais e específicos, pude contar com o contributo directo de toda a base bibliográfica consultada, relativa à realidade social das culturas juvenis que, para além de aconselhar a que essa definição fosse feita com precaução, sugeria uma opção metodológica assente na existência de

uma diversidade de jovens, intérpretes de diferentes modelos de comportamento e responsáveis por modalidades diversas de transição para a vida adulta.

Partindo da definição de três grandes objectivos gerais e de dois objectivos específicos, e reforçando a condição de se tratar de um estudo descritivo e analítico, considereei indicado definir as seguintes hipóteses de trabalho:

- A formação das tribos urbanas na juventude é uma forma de crítica aos modelos de socialização implementados pela instituição Escolar.
- A formação das tribos urbanas na juventude é uma forma de completar o poder socializador da Família.

5 . Métodos e Técnicas da Investigação

Metodológica e tecnicamente, este estudo de caso alicerça-se na utilização de 4 tipos de instrumentos, em interactividade metodológica, procurando captar uma realidade de agregação social juvenil, como é o caso específico de uma tribo urbana de surfistas a viver e relacionar-se em Portimão.

No que diz respeito a esses instrumentos metodológicos, existe um momento inicial de pesquisa documental e bibliográfica, que aliás funciona como um processo transversal a todo o estudo, com a finalidade de permitir realizar a revisão bibliográfica do que existe já tratado, numa perspectiva científica, ou de mera divulgação, sobre o tema escolhido como objecto de estudo. A partir dela pretende-se, igualmente, criar condições para o surgimento de eventuais pistas de trabalho e linhas de actuação metodológica. Foram estas mesmas leituras, acompanhadas das conversas informais e da realização de um conjunto entrevistas exploratórias, que acabaram por facilitar a formulação de um conjunto de dimensões de investigação, de que falarei mais à frente, e que funcionaram como norteadores do próprio processo de investigação que pretendi levar a cabo.

Num segundo momento de investigação, resolvi optar pela utilização e aplicação da técnica da entrevista, estruturada em dois momentos distintos, mas a funcionar em sincronizada articulação, com a finalidade de antever possíveis dados a explorar ou promenorizar - no caso das entrevistas exploratórias -, ou tentando já captar os traços característicos do quotidiano da tribo urbana de jovens que me propunha estudar - neste caso, já com a utilização das entrevistas em profundidade -.

O momento da realização destas segundas entrevistas em profundidade, foi o momento que considerei como momento chave de toda a investigação e despoletou em mim toda uma precaução, para que decorressem com

naturalidade, e não viessem a gerar eventuais situações bloqueadoras das opiniões e sensações dos entrevistados. Foi mesmo um dos momentos mais delicados de todo o processo de investigação, a requerer atenção e uma certa habilidade para conseguir, com maior ou menor naturalidade, orientá-las e aplicá-las de molde a corresponder, senão à totalidade das questões previamente definidas, pelo menos à maior parte delas.

A realização da revisão bibliográfica, que se mostrou ser uma necessidade constante durante todo o trabalho, e a realização de conversas informais e entrevistas exploratórias, mantidas durante essa fase do trabalho, suscitaram uma extensa e complexa matriz teórica que aconselhava à precaução na elaboração do guião das entrevistas, como condição para se conseguir captar uma realidade que se mostrava cada vez mais complexa à medida que se ia desbravando.

Foi assim que resolvi estruturar um guião de entrevista composto por 48 questões, que acabaria por se confirmar como sendo um guião adequado e suficientemente abrangente para o que pretendia captar junto daqueles jovens. A opção pela realização de entrevistas orientadas por um guião previamente definido, com um conjunto de questões orientadas para as variáveis que pretendia estudar, deriva do interesse em captar, descrever e analisar as várias dimensões do quotidiano de um grupo de jovens, com a natureza daquele que seleccionara como objecto de estudo.

A acompanhar a realização das entrevistas aos 42 jovens, tive ainda oportunidade de preencher uma ficha de registo de identificação individual e caracterização sócio-profissional do entrevistado e do seu agregado familiar, vindo a formar um banco de dados específicos sobre essas variáveis de caracterização, passando a obter, dessa forma, condições para mais tarde as cruzar e interrelacionar com as variáveis de cada uma das outras dimensões definidas para realizar este estudo.

Esse conjunto de dimensões permitiu abranger e captar o processo de formação do grupo de surfistas, ficar a conhecer as condições que consideram

necessárias à prática da modalidade, a sua relação com o espaço geográfico onde decorre a prática do surf, as características organizacionais enquanto grupo juvenil e a existência de eventuais situações de liderança, o conjunto de relações intra-grupais e extra-grupais, as suas opiniões sobre a Família e sobre a Escola e, por fim, ficar com um retrato genérico das suas sensações e emoções sobre as suas práticas e momentos lúdicos.

São os próprios autores Raymond Quivy e Luc V. Campenhoudt que reforçam a importância da utilização da técnica da entrevista, justificando a sua operacionalidade para atingir objectivos e hipóteses similares aos que pretendia concretizar com este estudo. Consideram esses dois autores que se trata de um método utilizado em investigação social, especialmente adequado para a «análise do sentido que os autores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das suas próprias experiências, etc. A análise de um problema específico: os dados do problema, os pontos de vista presentes, o que está em jogo, os sistemas de relações, o funcionamento de uma organização, etc. A reconstituição de um processo de acção, de experiências ou de acontecimentos do passado». (QUIVY e CAMPENHOUDT 1992: 194).

Para João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, a técnica da entrevista deve ser perspectivada como fazendo parte das técnicas de investigação não documentais e, particularmente, da própria observação não participante. Consideram esses autores que se trata de uma hipótese de recolha de informação a partir da comunicação verbal, (ALMEIDA e PINTO 1990), aparecendo como uma das técnicas em que, desde muito cedo, pensei alicerçar o meu estudo. Argumentam igualmente esses autores que se trata de uma técnica de investigação que permite a obtenção de doses de informação bastante ricas, dependentes da duração da entrevista, da margem de liberdade do entrevistado para responder às questões, ou ainda, da eventual facilidade em repetir várias

vezes as entrevistas junto dos entrevistados (ALMEIDA e PINTO 1990). Considerando que não restavam dúvidas que o principal instrumento de investigação a utilizar e aplicar se devia enquadrar na técnica da entrevista, numa modalidade de entrevista orientada e em profundidade, havia agora, a partir destes esclarecimentos propiciadores da rentabilidade do processo de realização das entrevistas, que especificar as regras da sua aplicação e definir a estrutura, duração e período previstos para a sua aplicação.

Em relação à estrutura da entrevista, havia que tentar que os entrevistados respondessem à totalidade das 48 perguntas do guião, escalonadas por dimensões de investigação. A sua estrutura incluía 6 perguntas relativas à dimensão de investigação *Definição da prática*, 8 perguntas relativas à dimensão de investigação *Adesão e prática da actividade*, 4 perguntas relativas à dimensão de investigação *Condições necessárias à prática*, 5 perguntas relativas à dimensão de investigação directamente relacionada com o espaço ou *Território* da prática, 5 perguntas relativas à dimensão de investigação *Relacional Interna*, 6 perguntas relativas à dimensão de investigação *Relacional Externa*, 4 perguntas relativas à dimensão de investigação *Organizativa*, 7 perguntas relativas à dimensão de *investigação Sócio-cultural* e, por fim, 4 perguntas relativas à última dimensão de investigação, relacionada com o aspecto *Psicológico*. (veja-se Anexo A, páginas A3 a A5).

Esta estrutura de entrevista permitia abranger e captar o que, na ocasião, considere serem as várias componentes do quotidiano de um grupo de jovens, havendo apenas que proceder à realização das entrevistas com uma certa precaução, para conseguir obter respostas com um certo nível de clareza e funcionalidade para o desenvolvimento do estudo.

Com a formulação de um guião de entrevista tão abrangente e extenso, seria natural que as entrevistas tivessem uma certa duração. Foi o que de facto veio a acontecer, uma vez que a sua duração oscilou entre os 50 a 60 minutos, por vezes com a existência de paragens de gravação pelo meio. Apenas nas

entrevistas colectivas, a dois jovens e, em duas vezes, a três, essa duração foi superior. O período previsto para a realização das entrevistas decorreu de Janeiro a Junho de 1996, como já tive oportunidade de referir anteriormente, altura do ano em que as condições climatéricas mais se tornam propícias para a prática da modalidade, e foi mais fácil contactar com todos os praticantes.

A realização das entrevistas, que ia sendo acompanhada de uma metodologia de observação directa da prática dos utilizadores no próprio local, decorreu a maior parte das vezes junto do principal local de encontro dos membros do grupo, e depois do que os praticantes diziam ser uma «boa surfada». Continuo a pensar que essa proximidade do local da prática para a realização das entrevistas, funcionou como uma preciosa condição para o sucesso das mesmas.

Para ele contribuiu igualmente um posicionamento de constante e sistemática realização/audição das entrevistas, que iam entretanto ficando registadas em gravador, com a finalidade de identificar eventuais lacunas no processo de gestão das entrevistas e nas próprias respostas que me iam sendo fornecidas. Quero com isto dizer que a funcionalidade das entrevistas derivou também, e muito, de um processo de acompanhamento e, digamos, vigilância epistemológicos, que permitiram indagar da sua verdadeira qualidade, num momento em que ainda estavam a ser realizadas, criando assim condições para a introdução de uma ou outra estratégia com vista à melhoria da sua aplicação.

Contando já com a existência de dois recursos de ordem metodológica, como o são a pesquisa documental e bibliográfica e o recurso a entrevistas exploratórias e em profundidade, havia que completar o leque dos instrumentos e técnicas de investigação que, em conjugação, me viriam a permitir concretizar este estudo.

Uma outra opção teórico-metodológica teve que ser tomada para o tratamento entrevistas em profundidade que entretanto tinha concluído. A técnica mais apropriada para o tratamento do tipo de informação verbal que possuía, apontava no sentido da utilização da análise de conteúdo como a estratégia mais

adequada a seguir, aparecendo como recurso fundamental para maximizar o processo de tratamento dos dados.

Depois de ter seleccionado as melhores entrevistas, segundo razões e critérios que explicitarei mais à frente, e de ter passado as entrevistas de audio para texto, num processo que se mostrou uma árdua e demorada tarefa, mas que me permitiu ficar com um ficheiro estatístico de 140 páginas e cerca de 53300 palavras, criando assim uma base documental fundamental e adequada para os momentos seguintes do estudo, tive então que interiorizar todo um conjunto de procedimentos normalizados, para as fases seguintes do trabalho, em que iria recorrer à utilização da técnica da análise de conteúdo.

Os autores Jorge Vala e Laurence Bardin ao trabalharem e explicitarem o quadro teórico para a utilização desta técnica de investigação, fornecem todo um conjunto de conhecimentos e fases de trabalho metodológico que se mostraram de verdadeira utilidade para que me dispusesse a prosseguir este trabalho. No caso do primeiro autor, o seu texto realça, precisamente, a importância da utilização desta técnica de tratamento de dados como recurso adequado para o tratamento de dados originados em entrevistas abertas. Confirmando a adequabilidade da selecção da análise de conteúdo para as fases seguintes do trabalho, resolvi então enquadrar e subsidiar este estudo nessa linha de actuação metodológica, procurando fazer um tipo de análise que, primeiramente, devia seguir uma orientação descritiva. Para Jorge Vala, essa atitude, significava a inscrição do estudo num nível de investigação empírica de natureza descritiva (VALA 1986). Diz este mesmo autor que num estudo empírico de nível descritivo, o «investigador visa a descrição tão exhaustiva quanto possível de um acontecimento, de um caso, de uma população» (VALA 1986: 105) podendo, ou não, partir da formulação de prévias hipóteses de trabalho. Neste caso existiam duas hipóteses de trabalho que contribuíram para a definição das perguntas da entrevista e das próprias categorias da análise de conteúdo.

Sabendo que inicialmente me devia circunscrever, em termos de razoabilidade metodológica, a um nível de estudo descritivo, havia que definir que tipo de análise de conteúdo devia e era possível realizar, de acordo com factores de várias ordens. Entre eles, realçavam-se os objectivos que pretendia atingir com este trabalho, o conjunto de hipóteses que dispunha, a matriz teórica que entretanto tinha tido oportunidade de formular e, por último, a própria natureza dos dados originados pelas entrevistas realizadas. Devido a esse conjunto de factores, determinantes da minha escolha, optei por seguir uma linha de actuação metodológica que, para alguns autores, se inscreve numa *análise de conteúdo por ocorrências*. Procurava, dessa forma, proceder ao tratamento da informação verbal fornecida pelos jovens durante os momentos de entrevista, desejando captar o que Jorge Vala diz ser, os «elementos constituintes e significantes do discurso» (VALA 1986). O objectivo era detectar palavras, símbolos chave, temas ignorados, temas considerados maiores, e procurava detectar os próprios centros de interesse dos entrevistados, sendo, para isso, necessário agir com prudência para que as fases seguintes do trabalho pudessem igualmente resultar.

Uma das fases mais delicadas com que me defrontei, e que exigiu grande dose de atenção, foi a realização de uma adequada e correcta categorização. Para Jorge Vala, e para o próprio Laurence Bardin, trata-se de um momento fundamental da análise de conteúdo e que deve obedecer a um conjunto de regras. Para aquele autor é uma operação que permite simplificar o código a analisar, como condição para , e no seu dizer, «potenciar a apreensão e se possível a explicação» (VALA 1986: 110), devendo as categorias estar sujeitas a um conjunto de requisitos como a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objectividade, a fidelidade e, por fim, a produtividade, referindo que o processo de categorização, e de construção de um sistema de categorias, pode ser feito em dois momentos distintos, mas também complementares, ou seja, «à priori ou à posteriori, ou ainda através da combinação destes dois processos» (VALA 1986: 111). Assim, o processo utilizado foi o de formular esse sistema de categorias segundo a

combinação daqueles dois momentos, uma vez que já dispunha de algumas categorias formuladas antes de partir para a análise das entrevistas, tendo surgido a maior parte delas, durante o próprio processo de inventariação das *unidades de significação*, que ia considerando importantes para o estudo.

Importava agora ficar seguro, e encontrar uma metodologia que me permitisse obedecer ao conjunto de regras existentes para obter uma boa categorização. Foi uma das minhas principais preocupações, sendo obrigado, até ao momento da introdução dos dados em ficheiro estatístico de SPSS, a proceder a agregações e desagregações de unidades de significação em várias categorias, com a finalidade de concretizar as regras da exclusão mútua, homogeneidade e pertinência.

Para conseguir concretizar esses alicerces metodológicos, garantia de uma boa categorização, optei mesmo por seguir uma estratégia de realização do processo de categorização das entrevistas em dois momentos distintos. Com ela, tentei atingir e confirmar a presença da *exaustividade e exclusividade* das categorias que compunham o sistema a que entretanto ia chegando, garantindo assim a sua *validade interna*, e procurava proceder de molde a garantir a existência da tão importante e necessária fidelidade do processo de categorização.

Tentei ultrapassar esta segunda condição através do recurso àqueles dois momentos de análise categorial, realizando-os sequencialmente, sem qualquer interrupção, de molde a eliminar possíveis contaminações, sempre influenciadoras da leitura das entrevistas e do próprio processo de categorização da informação. Com essa estratégia procurava garantir a tão desejada coerência e homogeneidade do processo de categorização. O balanço final, em termos de produtividade da construção do sistema de categorias, havia de mostrar-se positivo, confirmando assim, mais uma vez, e neste caso *a posteriori*, a rentabilidade de todo o processo de construção e utilização daquele sistema.

Depois de seguir e utilizar a pesquisa documental e bibliográfica, e a análise de conteúdo de ocorrências, para o tratamento das entrevistas, achei por bem avançar para o tratamento estatístico e informático dos dados de que entretanto passava a dispôr. Foi o momento da utilização do que Jorge Vala diz ser uma análise de conteúdo quantitativa (VALA 1986), tornando-se necessária a construção de uma matriz de frequências, materializada na construção de um quadro de contingência com duas entradas.

Na parte da matriz referente às colunas, encontrava-se a informação referente às variáveis reveladoras do interesse do emissor por uma dada variável, na parte da matriz referente às linhas, encontrava-se a informação e as respostas referentes a cada indivíduo entrevistado. A opção por esta estratégia, derivou do facto de se considerar que, depois de um primeira análise descritiva e qualitativa dos dados das entrevistas, estes apresentavam uma certa homogeneidade e agregação, levantando-se a questão da importância e necessidade de proceder à sua desagregação.

Resolvi então seguir a proposta de trabalhar os dados derivados das entrevistas, agora condensados numa matriz de frequências, recorrendo a um programa estatístico de SPSS, normalmente utilizado para proceder à agregação de dados derivados da separação das várias unidades de análise de e uma realidade sociológica a estudar. Tratava-se de uma experiência metodológica, saber se o referido programa podia resultar em termos inversos, ou seja, se permitia realizar um processo de desagregação a partir do extenso conjunto de dados que possuía.

A confirmação da importância desta opção pelo tratamento dos dados, seguindo uma linha de metodologia quantitativa, acabaria por ser-me dada mais tarde, quando tive oportunidade de trabalhar sobre todo o conjunto de variáveis resultantes da utilização da análise multivariada. Mais uma vez, a confirmação da correcta opção pela utilização de uma técnica de investigação, me surgia a

posteriori e ajudava a descansar e dissipar de algumas dúvidas metodológicas que sempre existem nestes momentos de opção e expectativa.

A crescer a um momento, sempre presente, de pesquisa documental e bibliográfica, de realização de entrevistas exploratórias e em profundidade, de tratamento dos dados das entrevistas com o recurso à técnica da análise de conteúdo de ocorrências, e de tratamento dos dados derivados da análise de conteúdo com o auxílio de um programa estatístico, pude ainda optar pela utilização de um quarto instrumento metodológico.

Na ocasião, considerei que uma adequada e razoável leitura dos quotidianos dos jovens, e especificamente da tribo urbana de surfistas que pretendia estudar e analisar, passava, forçosamente, pela utilização de uma estratégia de observação dos seus comportamentos e traços culturais específicos, realizada no seu próprio ambiente. Quando falo em traços culturais, quero mesmo referir-me à forma como se relacionam e organizam, a forma como inter-agem entre si e com jovens de outros grupos sociais, a forma como encaram um espaço geográfico que normalmente ocupam, as características específicas do seu vestuário, as particularidades verbais dos seus códigos de linguagem, ou a leitura que fazem do mundo e da sociedade que os rodeia.

Muitas vezes, a única hipótese de captar informação sobre estas dimensões sociais de um grupo, passa apenas, como recurso final, pela utilização de instrumentos e estratégias metodológicas menos formais, através das quais se consegue fazer aquela leitura de forma mais receptiva e natural, e menos sujeita a eventuais bloqueios.

Já antes tive oportunidade de realçar, e agora convém reforçar mais uma vez esse pressuposto, que o prévio conhecimento com alguns dos entrevistados, funcionou, desde as primeiras abordagens aos elementos do grupo, como um factor atenuador e até, nalguns casos, impeditivo da existência de eventuais bloqueios e sonegação de informação. Em todo o caso, essa certeza não existia em relação a todos membros do grupo, e por isso, havia que optar pela utilização

de um instrumento metodológico que permitisse percepcionar aquelas dimensões do seu quotidiano juvenil. Foi assim que desde cedo optei por seguir, e tentar realizar, um tipo de observação que, metodologicamente, se pode, e deve, classificar como observação directa do grupo de praticantes .

Tentava assim pôr em prática uma estratégia que se mostrasse suficientemente próxima dos elementos do grupo que procurava estudar, com o objectivo de captar informação e confirmar outros dados que entretanto ia sistematizando. Havia, no entanto, que proceder com um suficiente distanciamento de molde a não interferir nos seus comportamentos normais e na sua vivência grupal. Para isso, em todos os momentos de conversa informal, de realização de entrevistas exploratórias, de realização das entrevistas em profundidade, já orientadas para as dimensões de investigação entretanto formuladas, ou em momentos de simples , mas decisiva, observação, tive sempre o cuidado de não interferir, procurando aperceber-me da forma como agiam e se comportavam. Tive igualmente o cuidado em tomar bastantes notas que viriam a ser posteriormente decisivas para completar e aferir a informação obtida de forma mais formal, a partir do conjunto de respostas ao guião das entrevistas, de que me fazia sempre acompanhar. Para que este instrumento metodológico pudesse resultar e tornar-se rentável, permitindo a recolha e confirmação de informação, havia igualmente que especificar as regras e estratégia específicas para a sua aplicação.

Achei por bem fazer uma observação de forma frequente, e de preferência intensiva, deslocando-me sempre que possível, num processo que chegou a ser diário, ao local onde o grupo passava a maior parte do seu tempo e onde decorria a prática da modalidade do surf, pois só assim conseguiria captar o que pretendia e teria acesso a comportamentos rotina, verdadeiramente caracterizadores do grupo de jovens. É certo que os comportamentos que se mostrassem pontuais, muitas vezes considerados excepção, e até acidentais ou violentos, para a normal vivência do grupo, podiam igualmente mostrar-se de captação importante, uma vez que podiam permitir completar o corpo de informação que ia recolhendo,

podendo servir como uma ajuda importante no processo de compreensão dos traços comportamentais do grupo em situações ou momentos de desvio, face à sua prática e conduta normais. A opção era, no entanto, a de tentar captar e perceber o grupo de jovens em ambiente próprio e em momentos considerados de vivência natural, procurando apreender os traços estruturantes dos seus comportamentos, das suas características organizacionais e relacionais, e da sua prática lúdica que parecia funcionar como elemento agregador e estruturante do próprio grupo.

A sequência das operações teórico-metodológicas, subjacentes a este estudo, derivada da aplicabilidade no terreno, dos considerandos teóricos, e da própria utilização de um conjunto de instrumentos previamente seleccionados, caracteriza-se por um desenvolvimento em três grandes etapas. São elas, as fases da definição do estudo, da operacionalização do estudo e, por fim, da análise e comunicação dos resultados, que coincidem com as fases do procedimento metodológico que Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt dizem ser as fases da «ruptura», «construção» e «verificação» (QUIVY e CAMPENHOUDT 1992: 24). A primeira, com a definição do tema de estudo e da problemática teórica que o enquadra, a segunda, com o momento da construção do modelo de análise a aplicar e, por fim, a terceira com a observação e recolha e tratamento da informação.

Para Mesquitela Lima, essas três fases do procedimento científico desdobram-se em quatro momentos fundamentais como o são a «definição do problema», a obtenção de «informação sobre as variáveis», a «análise da informação segundo regras» e, como momento culminar de todo o trabalho de investigação, a «comunicação dos resultados obtidos» (LIMA 1992), vindo, dessa forma, a reforçar a noção da necessidade de não perder de vista a explicação e comunicação dos resultados, como forma de funcionalizar e rentabilizar um estudo de natureza científica.

No caso específico deste estudo, e tendo por base esta contextualização teórica envolvente das fases do método científico, resolvi estruturar os procedimentos metodológicos naqueles três grandes momentos, esquematizados no quadro seguinte:

←----- Realização da pesquisa documental e bibliográfica ----->		
1º Momento metodológico Definição do Estudo.	2º Momento metodológico Operacionalização do Estudo	3º Momento metodológico Análise e Comunicação do Estudo.
<ul style="list-style-type: none"> - Interesse pelo tema. - Consultas bibliográficas iniciais - Primeiros tratamentos teóricos do objecto de estudo. - Conversas informais com praticantes. - Realização das primeiras observações. - Realização de entrevistas exploratórias . - Confirmação da definição do objecto de estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de um primeiro conjunto de dimensões de de investigação. -Formulação do guião das entrevistas. - Preenchimento da ficha de identificação dos entrevistados. - Realização de 42 entrevistas orientadas e em profundidade. - Confirmação da adequabilidade das dimensões de investigação. - Selecção de 30 entrevistas ilustrativas do universo 	

	<p>estudado.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Passagem das entrevistas de audio a texto. -Desdobramento das dimensões de investigação em tópicos de investigação . -Definição de um primeiro conjunto de categorias da análise de conteúdo. -Realização de dois momentos sequenciais de categorização, com o objectivo de garantir validade e fidelidade à análise de conteúdo por ocorrências. -Definição das restantes categorias da análise de conteúdo. -Informatização das 178 variáveis num ficheiro estatístico de SPSS, com o objectivo de proceder à sua eventual desagregação e separação por sub-grupos de tendência . 	<ul style="list-style-type: none"> -Realização de uma primeira análise qualitativa dos dados das entrevistas. -Realização de uma segunda análise qualitativa dos dados das entrevistas. -Realização de uma análise de dados quantitativa a partir dos dados da utilização do programa de SPSS. -Cruzamento e verificação de complementaridade entre as leituras qualitativa e quantitativa dos dados. <li style="text-align: center;">↓ -Obtenção e discussão dos primeiros resultados do estudo. -Redacção do relatório sobre o estudo.
--	---	---

Quadro 1 - Sequência dos procedimentos metodológicos seguidos no estudo

No que diz respeito ao primeiro momento, relativo à definição do estudo, importa realçar a importância da realização de 5 ou 6 entrevistas exploratórias, realizadas de molde a deixar uma ampla margem de manobra aos entrevistados, para que, com toda a liberdade, pudessem falar das questões que julgassem mais importantes, quer sobre a modalidade do surf, quer sobre as características específicas dos grupos de praticantes.

Em relação ao segundo momento metodológico, relativo à operacionalização do estudo, é de toda a conveniência pormenorizar certas opções que tive que tomar para conseguir levar o estudo a bom termo. Entre elas, registam-se a realização das entrevistas em profundidade ou a aplicação da ficha de identificação individual do entrevistado, e do seu agregado familiar, onde procurava registar um conjunto de informação relativa ao domínio individual e domínio sócio-familiar (*Veja-se Anexo A, páginas A6 e A7*). Com essa aplicação e registo, pretendia ficar com uma identificação individual de cada um dos entrevistados e, num momento seguinte de tratamento de dados, orientado para a caracterização sócio-económica dos praticantes da modalidade e das suas famílias, teria um banco de dados que me poderiam facultar o cruzamento de informação e a obtenção de algumas conclusões.

Durante um período de seis meses, durante os quais me foram apresentados e entrevistados vários praticantes, componentes do grupo, concretizando assim as 42 entrevistas de que já falei anteriormente, tive oportunidade de experimentar a realização de entrevistas colectivas a dois praticantes em simultâneo e, em dois momentos, a três membros do grupo. Com essa modalidade de entrevista colectiva, esperava obter respostas cruzadas, e considerações trocadas entre os vários praticantes, esperando contribuir para o enriquecimento das entrevistas e do próprio estudo. Infelizmente houve a tendência para um ou dois dos entrevistados se limitarem a um papel de mera concordância com o que um entrevistado, talvez mais informado ou com maior protagonismo, ia respondendo às questões que lhes eram colocadas.

Esta confirmação reforçou a necessidade de realizar uma constante avaliação da qualidade das entrevistas que iam sendo realizadas, com o objectivo de detectar, e até superar, as dificuldades de comunicação e uma menor clareza de discurso. Foi aliás, com base nesse considerando, que procurei captar e eliminar os vários momentos de respostas monossilábicas ou repetitivas, vindo a seleccionar cerca de 30 entrevistas, num processo de visava garantir a homogeneidade e qualidade das entrevistas, procurando concretizar a desejada adequabilidade aos objectivos que tinha estabelecido para este estudo. Embora se tratasse de um banco de dados especificamente criado para a realização do estudo, a qualidade diversa, e até insuficiente, de algumas entrevistas, levava a que me empenhasse numa tarefa de selecção metodológica, procurando agir de acordo com os objectivos do trabalho.

É o próprio Jorge Vala que, numa explicação sobre a utilização da análise de conteúdo, reflecte sobre a importância que se deve dispensar aos materiais a analisar. Defende esse autor que podem existir critérios de «ordem qualitativa ou quantitativa» (VALA 1986: 109) que podem ser seguidos como critérios norteadores dessa selecção. Se seguirmos o seu raciocínio, então posso dizer que os critérios de base que orientaram a selecção das entrevistas foram de natureza fundamentalmente qualitativa. Aliás, é também aquele autor que refere a existência de situações como «a diversidade e a heterogeneidade das fontes documentais» ou mesmo, a necessária «adequação entre o tipo de informação contidas nos documentos e os objectivos da análise» (VALA 1986), como factores suscitadores, e até determinantes, de um processo de selecção dos materiais a submeter à análise de conteúdo. Em todo o caso sou levado a concordar com Jorge Vala quando refere que, não obstante a necessidade de se levar em linha de conta essas condições teórico-metodológicas como determinantes de um processo de selecção de materiais, é a própria «sensibilidade do investigador que orienta a selecção a realizar» (VALA 1986: 110).

Os dois momentos de categorização que tive oportunidade de realizar, fizeram parte da estratégia encontrada para tentar garantir a validade e fidelidade da análise, e formular um sistema de categorias que viria, mais tarde, a revelar-se de verdadeira produtividade e eficácia. Algumas das categorias foram formuladas *a priori*, outras foram sendo detectadas à medida que a análise ia sendo realizada, o que permitiu, a partir da conjugação desses dois momentos, obter uma categorização suficientemente abrangente, pormenorizada e correspondente à caracterização das várias dimensões de investigação.

Num passo seguinte, importava detectar se, dentro da massa de informação que dispunha, existiriam tendências de opinião ou posição, sobre alguns assuntos das várias dimensões do estudo. Foi para tentar detectar essa eventual existência, que passei para o momento seguinte da utilização da análise multivariada, com recurso ao programa de SPSS. Tratando-se de um programa utilizado para a realização da agregação e tratamento de várias unidades de análise, numa perspectiva de estudo quantitativo, passava a averiguar se podia fornecer o «jogo» de tendências e agregações de variáveis que pensava poderem existir. Continuava, no entanto, a considerar que a observação e análise do quotidiano do grupo de jovens devia ser perspectivada, e funcionar, como estratégia decisiva para a captação da vivência quotidiana dos jovens, optando por maximizar o trabalho de pesquisa junto deles. Era essa observação que me permitia completar a leitura de uma realidade que se mostrava complexa e de difícil percepção, procurando captar a informação que eventualmente escapasse à «malha de leitura» tecida pelas entrevistas.

Já nos momentos finais da pesquisa, passava a dispôr de um conjunto de informação em registo textual, audio, gráfico ou simplesmente mental, da qual fazia parte:

- Base documental, textual, gráfica e iconográfica, conseguida a partir da realização das consultas bibliográficas e documentais.

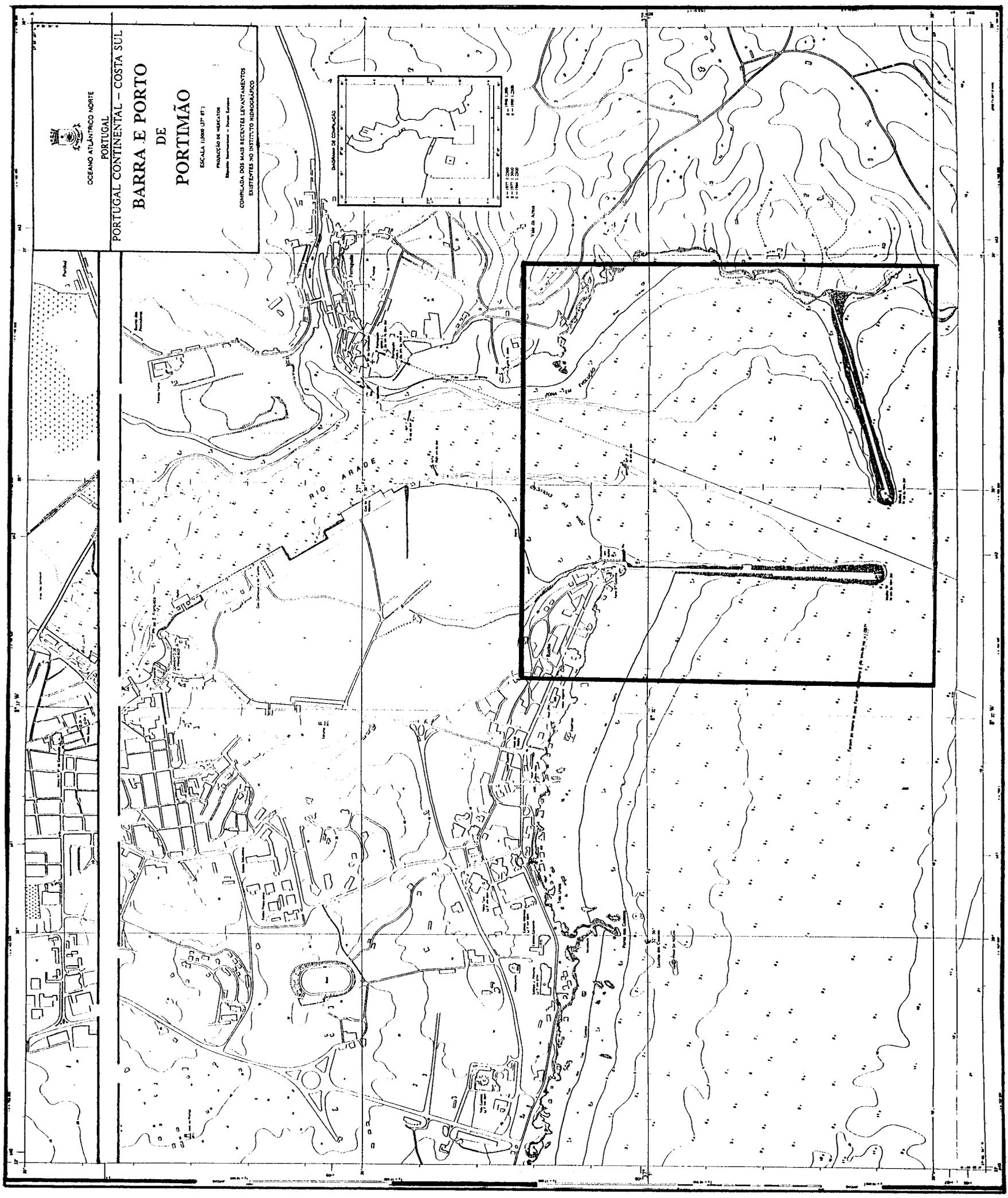
- Informação recolhida e sistematizada nos momentos das entrevistas exploratórias.
- Uma primeira tipologia dos grupos de jovens, fornecida por indivíduos considerados informantes privilegiados.
- Cerca de 25 cassetes de entrevistas realizadas aos jovens que fazem parte do grupo, com a duração média de uma hora.
- Um ficheiro de Word composto por cerca de 140 Páginas e 53300 palavras, resultante da selecção e transcrição de áudio para texto das 30 entrevistas seleccionadas e consideradas de maior qualidade.
- Um conjunto de registo de informação relativo ao processo da análise de conteúdo por ocorrências.
- Um ficheiro informatizado de SPSS, contendo os dados relativos às 30 entrevistas previamente seleccionadas, funcionalmente organizado, em termos de codificação e configuração, para que a análise multivariante pudesse ser utilizada.
- Um arquivo de fotografias e slides obtidos no decorrer da observação.
- Um filme realizado num dia de maior concentração de praticantes no seu local usual de prática.
- Informação relativa ao processo de observação directa que foi sendo realizada durante o trabalho, e que viria a funcionar como um precioso instrumento metodológico.



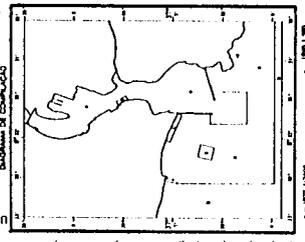
Fotografia 1- Vista aérea da Praia da Rocha com a localização do molhe e do local de encontro do grupo de surfistas.



Fotografia 2- Vista do molhe de Portimão, com o local de encontro dos membros do grupo.



OCEANO ATLÂNTICO NORTE
PORTUGAL
PORTUGAL CONTINENTAL - COSTA SUL
**BARRA E PORTO
DE
PORTIMÃO**
ESCALA 1:5000 (1:7500)
PRODUÇÃO DE SELECÇÃO
Dados: levantamentos - 1958-1960
COMPLADA DOS MAIS RECENTES LEVANTAMENTOS
EXISTENTES NO INSTITUTO HIDROGRÁFICO



INSTITUTO HIDROGRÁFICO
CORRETA A DOS
AVIADORES MALTIGANTES
AV. DE CURIA, 16 - 3112-111

INSTITUTO NACIONAL
DE ESTUDOS E PESQUISAS
DE ENGENHARIA DE PORTIMÃO - PORTUGAL

Planta 1- Especificação do macro-ambiente de permanência do grupo de surfistas, no contexto da Barra e Porto de Portimão.

CAPÍTULO III

A - OS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

1. Processo e Metodologia de Recolha dos Dados

A recolha de informação, que constitui o corpo documental, decorreu em dois momentos considerados fundamentais, e em articulação e complementaridade metodológicas. Um primeiro momento, caracterizado pela recolha de informação, com o recurso a estratégias consideradas menos formais, como o foram os encontros e conversas informais com antigos e actuais praticantes da modalidade do surf, ou a realização das entrevistas exploratórias. Nesses primeiros momentos, a minha posição foi a de, conscientemente, remeter-me para um papel de simples ouvinte e receptor de informação. Esta informação que ia sendo sistematizada, e permitindo formar uma primeira e sumária contextualização teórica sobre os grupos de jovens surfistas, viria a mostrar-se funcionalmente importante para o trabalho que pretendia desenvolver, e fornecer-me-ia, mais tarde, a possibilidade de confirmar, ou infirmar, a informação recolhida em momentos mais formais.

Num segundo momento, procurava agir em concordância com um conjunto de regras e princípios metodológicos adequados, e com o auxílio de um leque de instrumentos previamente construídos. Em relação a estes, sempre os considerei que não se tratavam de instrumentos finais e acabados; pelo contrário, tive sempre o cuidado e a preocupação em os considerar instrumentos sujeitos a eventuais reformulações.

Foi por isso que, no decorrer do processo de realização das entrevistas, tive que alterar, por vezes, a gestão dos ritmos de pergunta/resposta, ou até diversificar a ordem das perguntas, sempre de acordo com a natureza das respostas que me

iam sendo fornecidas. Foi igualmente por isso que tive que orientar a minha observação do grupo de jovens para áreas que considerava não ter ainda percepcionado suficientemente bem, com o objectivo de tentar ultrapassar situações lacunares de informação, consideradas essenciais para as fases seguintes do trabalho. Foi por isso, e por fim, que sempre manifestei uma atitude de natural compreensão para alguns casos de entrevistados que não queriam responder a algumas perguntas da entrevistas ou, simplesmente, diziam ignorar uma resposta que fosse adequada.

Mais tarde, já com a recolha de informação concluída e com o tratamento dos dados a avançar, tive oportunidade de concluir que tinha conseguido captar e apreender uma dose de informação que considerava ser superior às minhas expectativas iniciais. Quero com isto dizer, que o trabalho de recolha de informação, para além de se mostrar como a parte mais motivadora de todo o projecto de investigação, talvez devido à própria natureza do universo de estudo escolhido, permitindo o contacto directo com os jovens e o trabalho ao ar livre, funcionava ele próprio como elemento motivador e suscitador da confirmação da adequabilidade dos instrumentos de pesquisa.

Para o sucesso do processo de recolha de informação, tive oportunidade de contar com o apoio, desde as fases iniciais do trabalho, de alguns dos entrevistados que desde logo se prestaram a serem entrevistados e me apresentaram a outros colegas de modalidade. Foi, sem dúvida, um aspecto metodológico importante, ao permitir-me um certo tipo de integração junto do grupo de praticantes, processo que podia levantar alguns problemas de aproximação ao grupo e pôr em causa o sucesso do processo de recolha de informação e do próprio trabalho. Lembro-me mesmo de, num desses primeiros momentos, quando ainda tentava realizar as primeiras observações de uma forma ainda pouco formal, uma jovem que costumava acompanhar o grupo de praticantes, ter-me afirmado que viria a ter dificuldades em entrevistar os membros do grupo, uma vez que eles não gostavam de ser perturbados. Felizmente essa denúncia não se veio a confirmar, mas

levantava a questão importante da escolha do momento adequado para realizar as entrevistas aos jovens, de molde a conseguir que estivessem mais receptivos às perguntas, e conseguissem responder satisfatoriamente às questões. Importava, então, definir um critério de natureza metodológica e funcional, como garante do sucesso das próprias entrevistas.

Obedeceu, como é lógico e sempre acontece, a um critério de natureza pessoal, que resolvi definir na ocasião, e que se traduziu pela realização de uma abordagem prévia ao membro, ou membros, do grupo, tentando combinar a forma e o momento que mais lhe fosse conveniente para a realização da entrevista. Os momentos da realização da maior parte das entrevistas, foram mesmo, no dizer dos próprios entrevistados, depois de «boas manobras», ou em momentos de descanso entre surfadas. Importava que nunca fossem marcados para momentos anteriores à prática da modalidade, uma vez que tinha sido essa prática a principal razão da sua deslocação até àquele local. Foi nesses momentos de diálogo, com a companhia de um pequeno gravador previamente escolhido, cuja presença importava ignorar, de molde a garantir uma certa desinibição do entrevistador e dos entrevistados, tentando concretizar uma certa naturalidade e fluidez no discurso, que me foram dadas a maior parte das entrevistas.

Junto do local de reunião do grupo e da prática da modalidade do surf, e tendo o mar como horizonte, foram várias as vezes em que tomámos o pequeno-almoço, o lanche, ou simplesmente, bebemos umas águas ou sumos. Eram os momentos de fazer as perguntas e ouvir as respostas, enquanto o gravador ia registando as nossas trocas de opiniões sobre o surf, e sobre outros assuntos que os entrevistados achassem por bem introduzir na conversa. Por vezes acabámos mesmo a falar de outros assuntos não previstos no guião da entrevista, o que implicaria, mais tarde, não apenas a realização de uma selecção da informação a dactilografar, mas também o poder reunir informação sobre outros temas de interesse dos jovens, permitindo reunir outro tipo de informação diversa da esperada pelo próprio guião da entrevista.

A capacidade de gestão do tempo e ritmo da entrevista foi uma condição que inicialmente não possuía, e que a existir mais tarde, como de facto veio a acontecer, acabou melhorar a qualidade da gestão do tempo de entrevista e a quantidade da informação que tentava recolher.

A metodologia de aproximação e observação ao e do grupo, teria que permitir uma boa receptividade de quem o queria estudar e, para isso, procurava não interferir nas suas práticas. Os conhecimentos prévios com alguns dos praticantes, que viria a considerar, mais tarde, com alguma prudência e razoabilidade metodológicas, como informantes privilegiados, acabaram mesmo por facilitar este processo de aproximação ao grupo. Estava assim reunida, o que eu considerava ser a pré-condição da familiarização com o contexto social a estudar, como factor facilitador da aproximação ao grupo, possibilitando o estudo das suas características específicas.

Alguns autores, como é o caso de António F.Costa, realçam a importância da «familiarização por socialização ou aproximação prévia», como condição importante, e necessária, ao esbatimento do impacto do investigador com o grupo e vice-versa, e até como forma de tornar esse impacto « negligenciável» (COSTA 1986). Importava então seguir uma metodologia e estratégia de aconselhado equilíbrio entre «familiarização e distanciamento»(COSTA 1986:146) face ao grupo, com o objectivo de me integrar suficientemente no seu ambiente e vivência, permitindo assim passar a conhecer e apreender a cultura de grupo e, por outro lado, agir com um certo distanciamento metodológico e epistemológico, que me permitiriam funcionar como agente descodificador de uma realidade que pretendia estudar e categorizar.

Procurando captar o que fosse considerado estrutural no comportamento e vivência do grupo, passei dias inteiros, ou simplesmente tardes que se prolongavam até à noite, junto dos praticantes, tentando pôr em prática uma metodologia de trabalho com o objectivo de tentar aperceber-me das suas características específicas de grupo juvenil.

Para António Firmino da Costa, essa metodologia implica «uma presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e as situações» (COSTA 1986: 129). Foi nesse critério da necessidade de permanência e contacto directo com as pessoas que tentei alicerçar a minha conduta metodológica. Tentava, tal como diz este autor, agir de acordo com a sensibilidade e estratégia de um investigador que, no seu processo de pesquisa ou trabalho de campo, «observa os locais, os objectos e os símbolos, observa as pessoas, as actividades, os comportamentos, as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos. Participa, duma maneira ou doutra, no quotidiano desses contextos e dessas pessoas. Conversa com elas; por vezes entrevista-as mais formalmente (...)» (COSTA 1986: 132). Eram estes aspectos que eu considerava fazerem parte do quotidiano dos jovens que compunham o grupo seleccionado como universo de estudo e, como tal, eram esses elementos que desejava apreender e estudar.

Para aquele autor, uma metodologia de trabalho de campo, recorrendo à observação directa de um conjunto de agentes sociais, implica sempre uma certa comunhão com o universo de estudo, levando a que o processo se transforme, efectivamente, em observação participante. Neste meu processo de recolha de informação, recorrendo ao método da observação, tentei que fosse uma observação não participante, assentando primordialmente numa observação directa da realidade grupal que pretendia analisar. Sei, no entanto, que a minha presença sempre acabou por se reflectir na vivência do próprio grupo, alterando a norma e rotina que pautava o comportamento daqueles jovens. Ao funcionar como alguém exterior ao grupo, estava consciente que era importante tentar minimizar esse «impacto» com o grupo de jovens criando, dessa forma, as condições necessárias para uma familiarização verdadeiramente existente e eficaz.

Os próprios membros do grupo, várias vezes, tentaram motivar-me a pôr de pé em cima de uma prancha e tentar fazer umas ondas, considerando, talvez, que seria um factor que me permitiria ainda uma maior aproximação ao grupo. A partir

de certa ocasião, foi mesmo um dos principais tópicos das nossas conversas, ao argumentarem que para compreender a modalidade, o melhor era mesmo experimentar. Esses momentos funcionavam como a confirmação de que tinha sido aceite pelos membros do grupo, só faltando cumprir o que para eles deveria funcionar como principal elemento agregador e móbil da formação do próprio grupo. Em resposta, ficavam com as minhas promessas de que um dia viria a experimentar e far-lhes-ia a vontade, mostrando-se expectantes, e até duvidosos, de que tal viesse efectivamente a ocorrer.

Na base desta proximidade física e relacional com os membros do grupo estiveram, sem dúvida, os contactos privilegiados com alguns dos praticantes que, por livre iniciativa ou correspondendo à minha solicitação, me foram apresentando aos restantes, permitindo, dessa forma, o sucesso da recolha de informação. Este processo de apresentação e contacto sequencial, com base em contacto anterior, foi o principal processo utilizado para a abordagem da globalidade dos jovens e, conseqüentemente, para a obtenção do vasto conjunto de informação que viria a constituir todo o corpo de dados. Os membros do grupo, depois de um contacto prévio com o objectivo de definir o momento oportuno para realização das entrevistas, apareciam, davam a sua entrevista e apresentavam outros jovens que consideravam pertencer igualmente ao grupo. Por sua vez esses praticantes que me tinham sido apresentados, rápida e facilmente, repetiam a atitude de me apresentar outros, vindo assim a concretizar a captação e recolha de entrevistas de todos os elementos do grupo de surfistas.

A esta modalidade de abordagem dos informantes e de captação da informação, num processo que vai originando uma dose de informação cada vez mais corpórea e extensa, chamam os cientistas sociais, «snowball approach», e que eu penso poder apelidar de aproximação e envolvimento crescente. Foi, sem dúvida, a principal estratégia seguida para conseguir abranger a totalidade dos membros do grupo e captar as tonalidades específicas dos seus quotidianos.

A partir das observações realizadas, parecia funcionar como um grupo homogéneo, com um forte sentido de identidade relacional e grupal a partir da prática da actividade do surf, como um grupo que age em profunda relação com um território que consideram seu e defendem, ou ainda como um grupo que se assume como grupo de não ruptura face à escola ou à família. Esses eram alguns dos traços específicos da sua cultura de grupo que, aliás, tentaria especificar nos capítulos seguintes.

2. Descrição e Resumo dos Dados

O conjunto de dados que passei a dispôr com a prática das observações, com a realização de várias conversas informais e entrevistas exploratórias, com o registo da ficha de identificação individual e sócio-familiar, e com a realização das entrevistas estruturadas, permitem agora partir para a descrição e resumo dos dados nelas contidas.

No final do primeiro semestre de 1996, quando considerei ter finalizado a fase de recolha de informação, tinha em meu poder um vasto conjunto de informação, para a qual era urgente definir estratégias de aproximação e interpretação. A primeira opção que assumi como válida, não obstante ter finalizado a fase da recolha e do, digamos, trabalho de campo, foi a da continuação da observação e contacto com o grupo. Estava consciente que essa continuidade viria a permitir um mais fácil trabalho a nível da decifração, sistematização, interpretação e significação do material recolhido, e possibilitaria uma melhor organização da estrutura e redacção do relatório final. Foi, por isso, que os primeiros momentos de descrição e resumo dos dados decorreram em constante contacto com o grupo de praticantes.

Num primeiro momento de descrição e resumo dos dados, a opção que segui foi a de partir da análise dos dados registados nas fichas de identificação individual e sócio-familiar. Considerei, a partir de então, que estava perante um conjunto de dados que, em conjugação com os obtidos com a realização das entrevistas estruturadas, formavam o principal corpo de dados do meu trabalho. O conjunto dos dados derivados da observação, sem deixar de o considerar importante, passei a encará-lo como um precioso e decisivo meio de confirmação

e complementaridade para os que tinha compilado com o recurso àqueles dois instrumentos de pesquisa.

A partir da utilização daquelas fichas de identificação, e da elaboração de uma primeira matriz, caracterizadora de todo o universo de membros do grupo que tinha entrevistado, tive a possibilidade de reter uma primeira caracterização de todo o universo de estudo. Tinha feito 42 registos, um por entrevistado, sendo 15 de praticantes de bodyboard e 27 de praticantes de surf. Os dois tipos de praticantes enquadravam-se dentro do grupo de surfistas e, à medida que o trabalho de recolha de informação ia avançando, ia-me apercebendo que, embora todos considerassem ser surfistas, em diferentes modalidades, existiam diferenças mais significativas do que aquelas que pretendiam dar a conhecer e que uma leitura imediata podia fornecer. Formava-se, nessa altura, uma linha de trabalho e análise de dados, suscitando a necessidade em desmontar, e até especificar, o conjunto de perspectivas e relações que os jovens tinham de si mesmos e revelavam em relação aos outros.

No que diz respeito ao domínio especificamente individual, passava a ter condições para definir, pela primeira vez, as características do chamado praticante tipo que caracterizava o grupo de jovens surfistas, seleccionado como universo de estudo:

- Praticante do sexo masculino, embora no grupo existissem cerca de 4 ou 5 raparigas que usualmente praticavam a modalidade, sendo consideradas como fazendo parte do grupo de praticantes. Esta evidência levantava algumas pistas de reflexão como, por exemplo, a masculinidade no seio de grupo e a preponderância dos rapazes sobre as raparigas, a forma como as raparigas, uma vez em minoria, eram vistas pelos rapazes, e os diferentes papéis que uns e outros poderiam ter no interior do grupo.

- As idades dos praticantes oscilavam entre os 12 e os 25 anos, com uma maior evidência dos praticantes com idades compreendidas entre 16 e 19 anos.

A maior parte dos praticantes enquadrava-se assim dentro do que em Psicologia se usou designar a primeira e a segunda adolescência, estando já alguns dentro da faixa etária a que tradicionalmente se atribui o estatuto de adulto, ou jovem adulto. Desta verificação podiam-se levantar questões, suscitadoras de futura reflexão, como as formas de relacionamento diferencial entre mais velhos e mais novos, ou até a existência de eventuais fenómenos de liderança associados a essas diferenças etárias.

- Cerca de dois terços dos praticantes nasceram em Portimão, os restantes tiveram o seu local de nascimento nas proximidades desta cidade, em Lisboa ou em outras cidades do País; apenas um dos praticantes nasceu num outro país, encontrando-se em Portugal há bastantes anos. O seu local de residência é na maior parte dos casos em Portimão, destacando-se três membros do grupo que vivem numa área que dista cerca de 4 a 5 quilómetros.

- As suas habilitações literárias circunscrevem-se fundamentalmente à frequência do 3ºCiclo do Ensino Básico, 9 casos, e à frequência ou conclusão do Curso Secundário, com 28 registos. Apenas um dos praticantes se encontra a frequentar o 2ºCiclo do ensino Básico, e 4 dos entrevistados frequentam já o Ensino Superior.

- Em relação à profissão dos praticantes, 33 dos registos evidenciam a sua condição de estudante, e portanto totalmente dependentes do agregado sócio-familiar, 6 dos entrevistados conjugam a condição de estudante com uma actividade laboral de natureza diversa. Os restantes praticantes afirmaram ser trabalhadores, tendo já abandonado o ciclo de estudos que frequentavam.

Em relação ao domínio sócio-familiar, envolvente dos membros do grupo, procurei reunir um conjunto de informação relativa à composição dos seus agregados familiares, e às habilitações literárias e categorias sócio-profissionais dos seus pais e mães. Com esta linha de actuação procurava criar um conjunto de dados que me permitisse ficar a conhecer as características genéricas daqueles

agregados e tentar inferir das condições de vida sócio-económica de cada um deles. O objectivo era o de tentar perspectivar se as condições sócio-económicas, tal como as condições culturais dos seus progenitores, podiam funcionar como um factor contribuinte para a adesão ao grupo de surfistas.

Para que pudesse avançar para a fase da caracterização dos agregados familiares dos jovens, que compunham a tribo de surfistas, permitindo completar o índice de conhecimento sobre o praticante tipo, tive que criar condições para proceder à categorização das suas profissões. Como se sabe existem várias hipóteses de proceder a essa caracterização, obedecendo normalmente a critérios de natureza distinta. No meu caso, já que trabalhava numa escola que usualmente utilizava uma categorização proposta pelo Ministério da Educação, resolvi utilizar um procedimento que recorresse a essa tipologia. O quadro que apresento de seguida, pretende informar o número, e constituição, das nove categorias que utilizei para a categorização sócio-profissional.

Categorias:	Actividades Profissionais/ Sector de Actividade
Categoria I	Agricultores e pescadores independentes.
Categoria II	Empresários da indústria e comércio.
Categoria III	Quadros e técnicos.
Categoria IV	Empregados do comércio e serviços.
Categoria V	Trabalhadores da produção.
Categoria VI	Trabalhadores agrícolas e da pesca.
Categoria VII	Pessoal dos serviços pessoais e domésticos.
Categoria VIII	Professores.
Categoria IX	Outros.

Quadro 2 - Estrutura da categorização sócio-profissional utilizada no estudo.

(Fonte: Modelo nº 1223 da INCM - ME)

Em relação às categorias sócio-profissionais dos pais, tive oportunidade de confirmar que a maior evidência dos registos das profissões se enquadravam nas categorias II e III, relativas a Empresários da indústria e comércio e Quadros e técnicos, respectivamente. As duas categorias só por si somavam cerca de 24 registos, o que permitia concluir que a maioria das profissões dos pais dos entrevistados localizavam-se globalmente num nível social e profissional bastante razoável. Apenas a categoria IX, relativa a Outros, aparecia com significado estatístico relevante, 15 registos, incluindo profissões como pintor, carpinteiro, maquinista, ajudante de motorista, ceramista ou jardineiro, entre outros. A conclusão principal era que, pelo menos, cerca de 2/3 dos pais dos jovens, teriam condições sociais e profissionais de um certo nível, no contexto da sociedade, integrando estatutariamente o nível de uma baixa ou média burguesia.

Para que esta análise ficasse completa, importava fazer a mesma análise em relação às mães dos jovens. A primeira ideia a retirar, era a da existência de uma maior diversidade e pulverização das profissões pelas várias categorias, assim como, a confirmação da existência de um certo movimento de deslocamento da maior parte dos registos para as últimas categorias da mesma listagem. A maior quantidade de registos das profissões das mães dos jovens entrevistados, recaí na categoria VII, relativa a Pessoal dos serviços pessoais e domésticos existindo, especificamente, catorze casos de registos de mães domésticas. Os restantes registos ocorrem nas categorias IV, empregados do comércio e serviços, com oito casos; II, Empresários da indústria e comércio, com sete casos e, por fim, nas categorias VII e IX, com cinco registos de ocorrência para cada categoria.

Estes dados permitiam concluir que a condição sócio-profissional dos pais é, genericamente, superior à das mães, encontrando-se grande parte do seu universo limitada a uma condição de doméstica. Esta evidência, para além de confirmar o destaque da posição sócio-económica dos pais dos jovens no quadro do agregado familiar, levantava a questão de se saber que condições permitiam essa situação de opção pelo estatuto de doméstica, por parte de um certo número de mães dos

entrevistados. Embora tal situação não fizesse parte dos objectivos iniciais deste trabalho, não deixava, no entanto, de ser uma pista de reflexão, já que se tratava de um factor igualmente caracterizador do universo de estudo.

Já no que diz respeito às habilitações literárias dos pais e das mães dos entrevistados, os dados revelam uma maior uniformidade, uma vez que existem cerca de quinze pais e quinze mães com habilitações literárias a nível do 1º ciclo do ensino básico. Existem depois outros seis casos, em que as mães e os pais possuem um nível de escolaridade correspondente ao 3º ciclo do ensino básico e, por fim, um conjunto de pais que aparecem com onze registos a nível de ensino secundário e um conjunto de mães com sete registos, para o mesmo nível de ensino. Para finalizar, aparecem os registos relativos à frequência ou conclusão de curso superior, onde aparecem cerca de oito casos de ensino médio e ensino superior para os pais, e onze casos, com o mesmo nível de escolarização, para as habilitações literárias das mães. Estes dados revelam um claro indício da existência de uma maior homogeneidade e uniformidade de habilitações literárias entre pais e mães dos entrevistados. Por outro lado é de realçar a existência de uma significativa pulverização de profissões e habilitações literárias entre os responsáveis pelos vários agregados familiares dos quais fazem parte os jovens que tive oportunidade de entrevistar, sendo por isso difícil a definição de um padrão de ocorrência. Numa análise modal, conclui-se que as habilitações literárias das mães encontrar-se-iam num nível superior às dos pais, contrariamente à sua categoria sócio-profissional, situada num nível inferior à dos seus cônjuges.

Uma outra questão que tive oportunidade de analisar, foi o tipo de agregado familiar onde se incluem os jovens que compõem a tribo de surfistas do molhe de Portimão. A maior parte dos agregados familiares, em número de vinte e cinco, é constituída por pai, mãe, o entrevistado e um irmão, encontrando-se em registo, logo de seguida, dez casos de agregados, compostos apenas pelos pais e pelo entrevistado. Estes trinta e cinco casos enquadram-se assim dentro do que penso

ser o agregado tipo do praticante de surf do grupo do molhe e que, sociológica e demograficamente, podem ser classificados como família nuclear.

Na sequência da caracterização inicial do praticante tipo, a nível individual e a nível sócio-familiar, havia que trabalhar as entrevistas que me tinham fornecido uma elevada quantidade de informação que se mostrava urgente apreciar e analisar. No capítulo referente à sequência das operações de investigação, tive oportunidade de clarificar que esse tratamento das entrevistas incluiu um momento de pré-análise, vindo a escolher, da totalidade de 42, as 30 que me pareceram revelar maior clareza e pormenor, oferecendo, em meu entender, uma melhor resposta aos objectivos que tinha traçado.

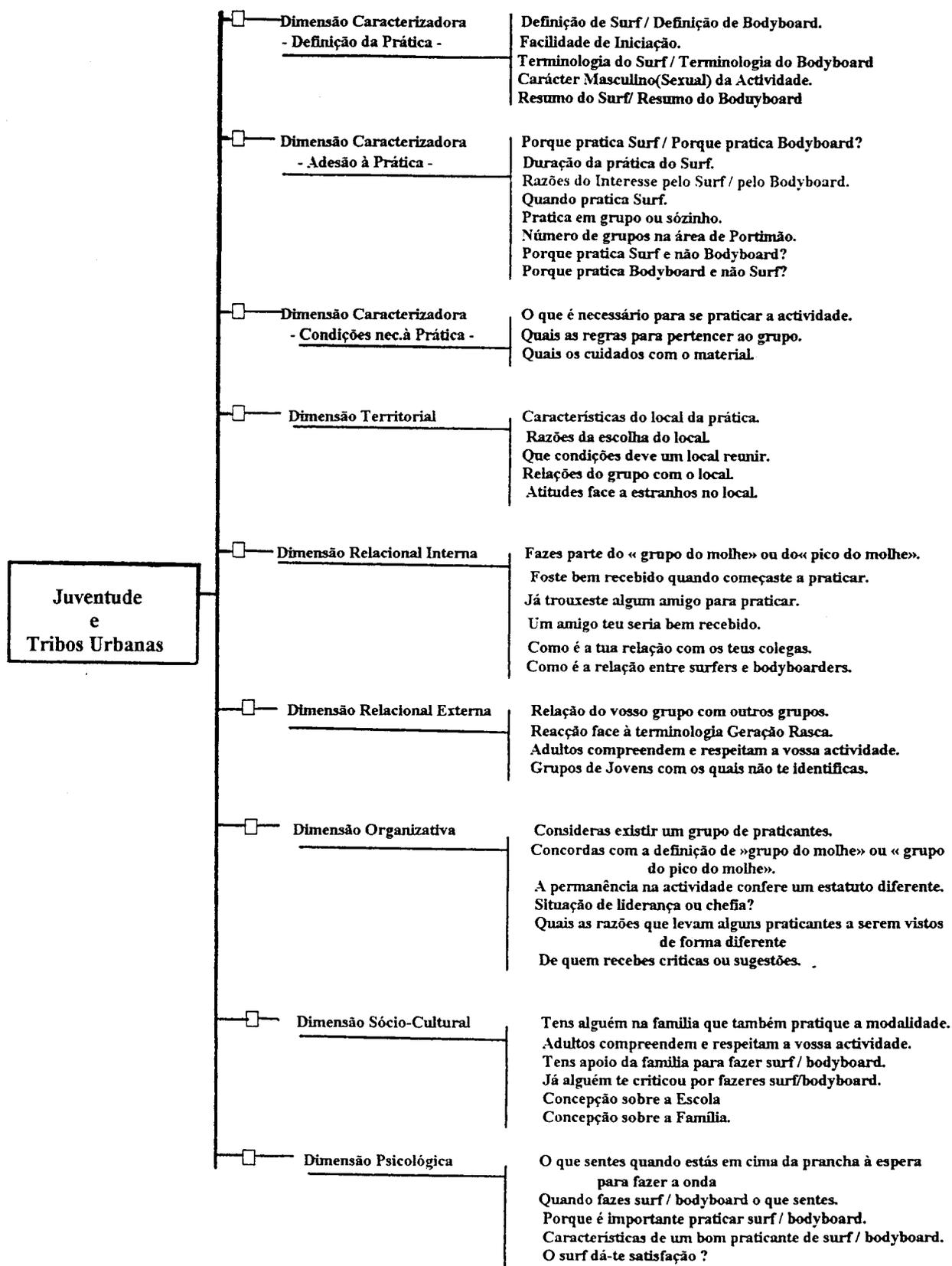
Para que conseguisse construir um correcto e completo sistema de categorias, optei por realizar a leitura categorial das entrevistas, em dois momentos sequenciais, com o objectivo de concretizar a chamada fidelidade intra-codificador, e conseguir pautar o meu procedimento metodológico de acordo com as regras da fidelidade e validade.

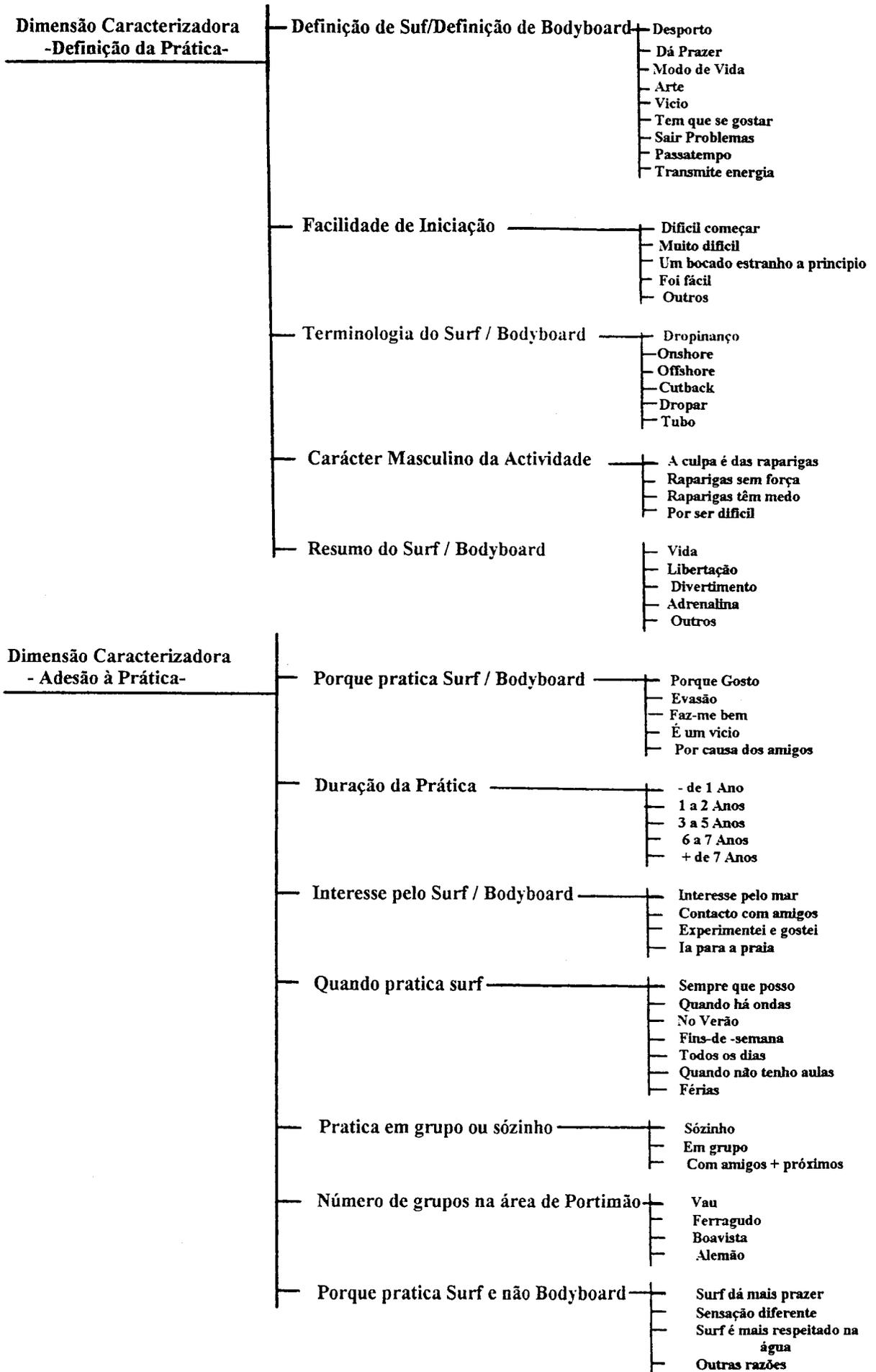
As 48 categorias de investigação, formuladas e encaradas como grandes unidades de análise, aconselhavam a proceder com um certo cuidado, uma vez que a sua extensão conceptual poderia dificultar o preenchimento de regras como a pertinência, a exclusão mútua ou a exaustividade de cada categoria, e impossibilitar a correcta formulação dos registos. Procurei assumir um compromisso entre a opção de utilização de unidades de registo simples, e unidades de registo de contexto, procurando assegurar que cada variável identificada caísse apenas, e com toda a certeza possível, numa única categoria. Penso, neste momento final do trabalho, que foi o que efectivamente aconteceu, vindo a criar uma matriz de variáveis de ocorrência com 178 variáveis de investigação e a formar uma complexa e extensa árvore de dimensões, categorias e variáveis de investigação, como se pode ver nas páginas seguintes.

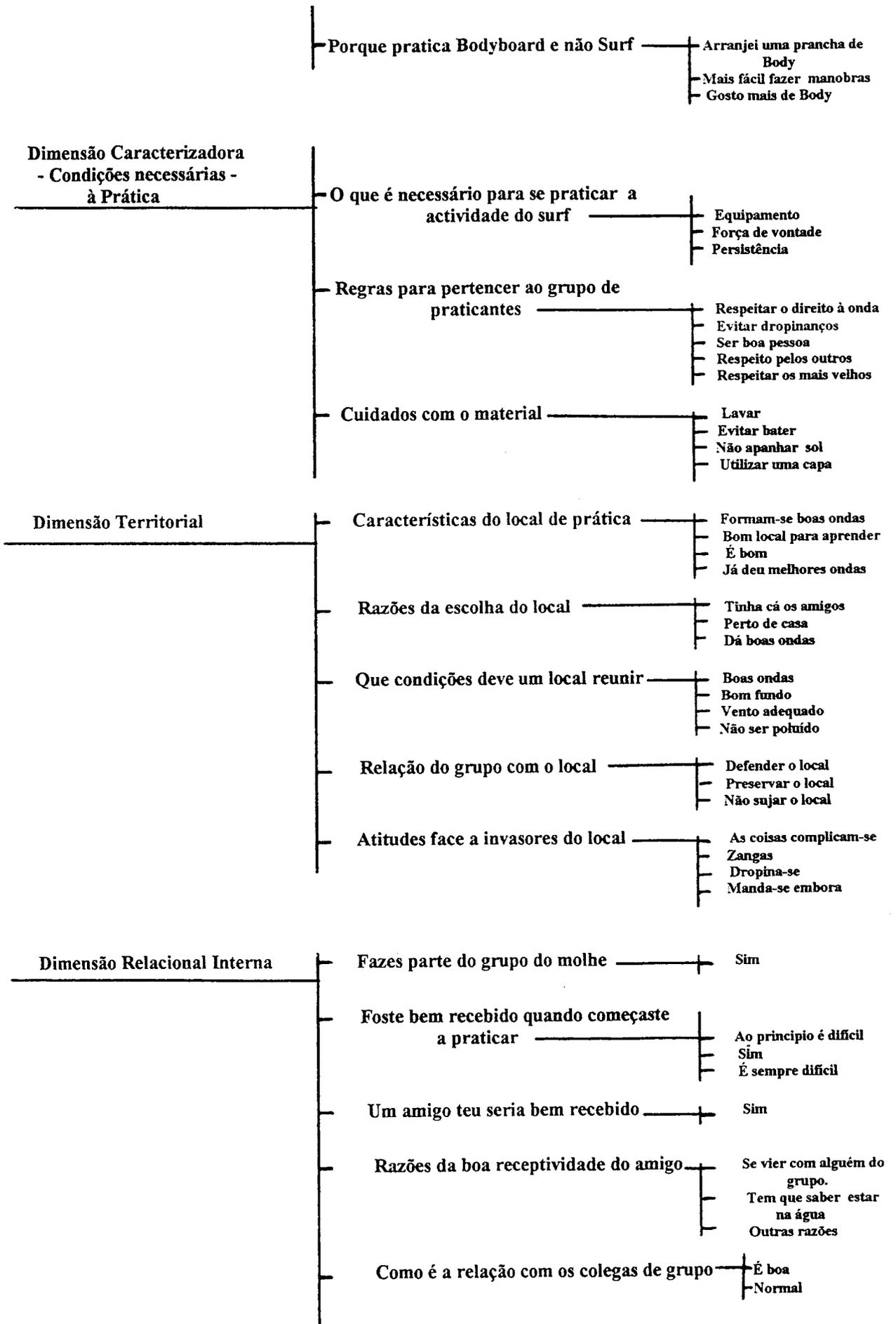
A partir desta construção categorial, avancei então para a fase do registo das ocorrências que ia detectando nas entrevistas, e registando de acordo com a

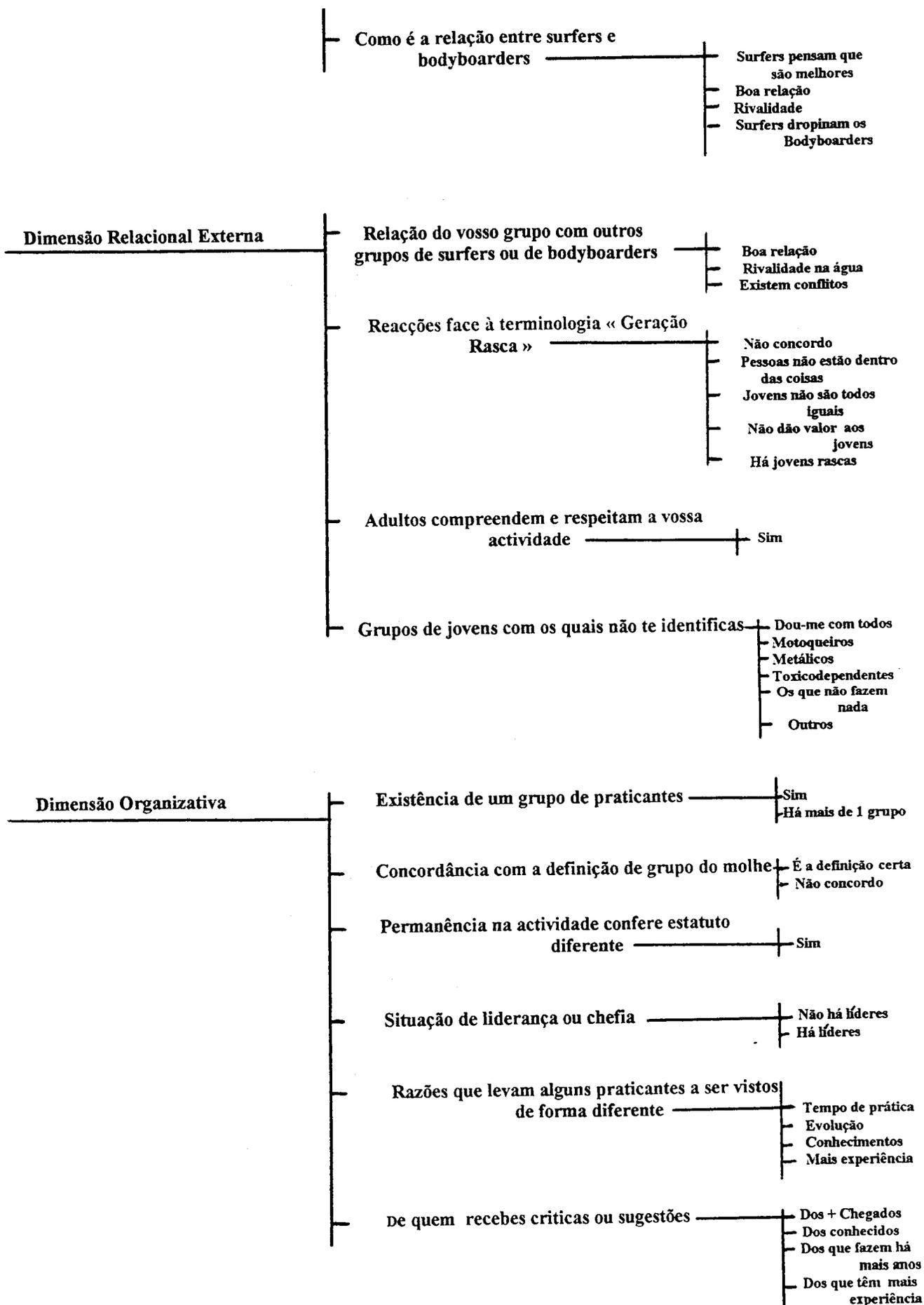
sua presença ou ausência no decorrer do texto das entrevistas. Procurava, nesses dois momentos, proceder ao registo das várias unidades que apareciam no texto, detectando o seu nível de frequência e atribuindo-lhe significado estatístico e sociológico, conforme o índice da sua ocorrência. Ficava assim de posse de um extenso conjunto de variáveis que me permitiriam, mais tarde, proceder a uma análise qualitativa dos dados, ficando igualmente de posse de uma extensa matriz de frequência das variáveis previamente detectadas. Foram esses dados, já devidamente compilados e configurados, que viria a submeter, mais tarde, a um processo complementar de tratamento quantitativo dos dados, com o recurso ao programa estatístico de SPSS.

Árvore das Dimensões, Categorias e Variáveis de investigação









Dimensão Sócio-Cultural	Tens alguém na família que também pratique a modalidade	<ul style="list-style-type: none"> Sim Não, sou o único
	Tens apoio na família para fazer surf/bodyboard	<ul style="list-style-type: none"> Sim Não Às vezes criticam
	Já alguém te criticou por praticares surf ou bodyboard	<ul style="list-style-type: none"> Já criticaram Não criticam
	Concepção sobre a Escola - Aspectos Positivos	<ul style="list-style-type: none"> Sítio Importante Temos lá amigos Aprende-se Dá formação geral Gosto da Escola
	Concepção sobre a Escola - Aspectos Negativos	<ul style="list-style-type: none"> Maus Professo/ Não estimulam as pessoas Sítio Chato
	Concepção sobre a Família - Aspectos Positivos	<ul style="list-style-type: none"> É quem nos apoia É importante Gosto da minha família
	Concepção sobre a Família- Aspectos Negativos	<ul style="list-style-type: none"> Não tem
Dimensão Psicológica	O que sentes quando estás à espera da onda	<ul style="list-style-type: none"> Ansiedade Mom. Reflexão Conversamos Apreciamos a natureza Sinto-me bem
	Quando fazes surf ou bodyboard o que sentes?	<ul style="list-style-type: none"> Sinto-me bem Liberdade Esqueço os problemas Alegria
	Porque é importante praticar surf ou bodyboard?	<ul style="list-style-type: none"> É importante Dá-me satisfação Gosto do mar Contacto com a natureza
	Características de um bom praticante	<ul style="list-style-type: none"> Faz bem as manobras Gosta do que está a fazer Liga-se à onda Tem um surf bonito Pessoa fixe
	O surf dá-te satisfação ?	<ul style="list-style-type: none"> Sim Queria praticar + Permite o contacto com a natureza Muita Satisfação

B - A ANÁLISE DOS DADOS

1. Os Momentos do Tratamento e Análise dos Dados

Esta primeira incursão nos dados procura sistematizar os três momentos de tratamento dos dados e tecer um conjunto de considerandos em que se alicerça o texto do capítulo seguinte.

No primeiro momento de análise de dados, segundo uma orientação qualitativa, com o objectivo de continuar a agir em concordância com as opções e fases metodológicas já assumidas e seguidas anteriormente, optei por fazer a leitura dos dados, descrevendo e analisando a informação, de acordo com a seguinte sequência:

- Dimensão Caracterizadora - Definição da Prática.
- Dimensão Caracterizadora - Adesão à Prática.
- Dimensão Caracterizadora - Condições necessárias à Prática
- Dimensão Territorial
- Dimensão Relacional Interna
- Dimensão Relacional Externa
- Dimensão Organizativa
- Dimensão Sócio-Cultural
- Dimensão Psicológica

É de acordo com esta tipologia de dimensões de estudo, orientadoras das fases de recolha e preparação dos dados, que irei proceder ao primeiro momento de tratamento dos dados. Trata-se de uma opção de natureza funcional e

metodológica e que, acima de tudo, penso poder funcionar como condição necessária para um mais fácil tratamento e exposição da informação.

O segundo momento de tratamento e análise dos dados, funciona neste estudo como uma opção que se desenhou, e assumiu, já com o trabalho a decorrer, resultante do aparecimento dos próprios resultados derivados da análise qualitativa dos dados. Face ao que vinha a considerar ser uma significativa uniformidade, homogeneidade e agregação dos dados, optou-se por seguir uma metodologia de aproximação e tratamento quantitativo dos dados. Partia assim para a realização de uma análise quantitativa dos dados, definidos e categorizados a partir da utilização da análise de conteúdo por ocorrências. O principal objectivo era, dentro da globalidade dos dados, tentar detectar eventuais movimentos e tendências de desagregação dos dados e a criação de possíveis sub-grupos de agregação.

Se numa primeira ocasião, concebia esta segunda opção no tratamento dos dados como um passo subsidiário de um estudo que pretendia ser fundamentalmente um estudo de natureza qualitativa, mais tarde acabei por ver-me obrigado a concebê-lo como um momento de assumida complementaridade metodológica para o tratamento, especificação e caracterização de todo o conjunto de dados. Foi nessa altura que me apercebi da importância da conjugação das duas modalidades de leitura e tratamento dos dados, reforçando a minha posição e ideia de reducionismo, em defender exclusivamente uma ou outra forma de abordagem, e tratamento dos dados.

Se num primeiro momento de planificação do conjunto das tarefas metodológicas, tal não tinha sido uma estratégia metodológica pensada para a fase do tratamento dos dados, doravante, devido à configuração que os dados iam assumindo, e por força das características que a informação ia enformando a partir das primeiras conclusões, teria que concentrar alguns esforços na preparação dos dados, de molde a facilitar uma abordagem quantitativa dos dados.

Num terceiro momento, os meus principais objectivos seriam, para além de procurar fazer uma especificação e caracterização dos dados já desejavelmente desagregados, ou pelo menos com alguns indícios dessa eventual desagregação, o detectar e justificar a importância de uma leitura que conjugasse as orientações qualitativa e quantitativa em relação ao tratamento dos dados.

2 . A « Leitura Qualitativa dos Dados »

Entrando assim no momento correspondente à principal opção metodológica para a fase de tratamento dos dados, é de toda a conveniência realçar, mais uma vez, que o tratamento e exposição da informação decorre sequencialmente por dimensão de estudo, de acordo com a ordem exposta no capítulo anterior.

Uma das opções metodológicas foi, para além de considerar que o estudo do quotidiano de um grupo de jovens devia passar pela análise e tratamento de informação relativa a cada uma daquelas dimensões de estudo, a de explicar as razões da definição, caracterização e recolha de informação de acordo com cada uma daquelas 9 dimensões. Foi igualmente, nesta fase de comunicação dos resultados, a de expôr toda a informação que se considerasse fundamental à caracterização do universo de estudo, organizada e sistematizada nas várias dimensões de estudo.

Dimensão Caracterizadora - Definição da Prática

A razão da formulação deste primeiro ponto da dimensão caracterizadora, teve a ver com o desejo de conhecimento das opiniões dos praticantes sobre o que pensam ser a actividade do surf, como a conceptualizam, quais os principais conceitos que, nas suas opiniões, caracterizam a actividade do surf e ainda, o tentar inventariar as razões de se encontrarem mais praticantes do sexo masculino do que do sexo feminino.

A análise das 30 entrevistas, tratadas pela análise de conteúdo, começa por informar que a maior parte dos praticantes percepciona a actividade do surf como um desporto, opinião traduzida no aparecimento desta ocorrência em 21 das entrevistas, ou ainda, como uma actividade que lhes permite, segundo as suas próprias palavras, sair dos seus problemas quotidianos, revestindo-se neste caso, para alguns dos membros do grupo, como uma actividade lúdica de passatempo.

Outros praticantes, situados numa faixa etária mais velha, consideram que a prática da actividade do surf pode, e deve, ser vista como algo mais abrangente, suscitando o seu enquadramento num conjunto de práticas directamente relacionadas com o próprio modo de vida que pretendem seguir. Consideram que se trata de uma actividade que constitui um vício, podendo ser vista, inclusivamente, como uma forma de arte, ou algo que lhes propicia a obtenção de energia.

Curioso é, no entanto, a variabilidade da resposta em função da idade do entrevistado. Se os praticantes mais novos a encaram principalmente como um desporto, e muitas das vezes como um desporto que classificam de radical, por considerarem tratar-se de um dos novos desportos a envolver um conjunto de sensações diferentes e mais completas para os jovens, já os mais velhos não se ficam por uma definição que pode ser encarada como excessivamente simplista, optando por lhe conferir uma acepção de maior profundidade reflexiva, em simbiose com outro tipo de dimensões e sensações desejadas e procuradas pelos jovens.

Estão neste caso os jovens que percepcionam a actividade do surf como um modo de vida, ou como uma filosofia de vida, aproximando-se assim das correntes mais puristas do surf, pretendendo inspirar-se nos antigos praticantes das décadas de 60 e 70. Entre as várias respostas, realça-se a de praticantes que se enquadram precisamente nesse grupo de praticantes de maior idade, ou já com longo tempo de prática, que procuram reflectir sobre a sua prática, tentando conferir-lhe uma conotação mais reflectida e profunda.

« Inclino-me mais para a corrente que diz que tem uma componente artística, o surf reflecte o que a pessoa é, como se está na vida, há surfistas que consideram que é como uma arte, ou «arte» ... segundo a opinião de alguns surfistas, aliado com a parte desportiva, embora hoje tenha a tendência para ser considerado mais como um desporto. A definição de surf tem a ver com a pessoa, cada um dá a definição que entende e faz uso do surf da forma que quer, para se sentir melhor, reflectindo-se no dia-a-dia da pessoa. Quando se faz surf reflecte-se na maneira da pessoa, fica mais calma, pode ser visto como um escape »

Miguel, surfista, 25 anos.

« P'ra mim, surf é a minha vida praticamente..., é mais que um desporto... , não considero um simples desporto »

João, surfista, 23 anos.

« Surf ? surf p'ra mim é um desporto em que nós esquivamo-nos da vida de cá de fora..., e só pensamos naquilo que estamos a fazer »

Rui, surfista, 17 anos.

« Um passatempo? Não! ... é vida! De há pouco tempo para cá... mas é. Entrou cá de uma maneira »

Rui, surfista, 20 anos.

« Já sentimos o surf bem na alma... já é mais que catalogar o surf como desporto, acho que só quem o pratica, sabe o que é...»

Ana, surfista, 20 anos.

« Prazer... , prazer acima de tudo..., é mais que um desporto, gosto de competir, mas é mais que um simples desporto »

Sérgio, surfista, 24 anos.

« Eu não definiria surf, porque acho que não se deve definir, é ... eu por exemplo, faço surf para me acalmar e também como um estimulador, funciona como evasão, para me acalmar, é mais um estado de espírito..., tem um pouco a ver com filosofia de vida, mas não é tão ao ponto de filosofia de vida, porque eu acho que a filosofia de vida leva-nos a

querer mais, a ir para o perigoso, eu não...eu quero... gosto do calminho, aquela medida chega, vou fazer surf para me acalmar, eu não posso passar muito tempo sem ir pra dentro d'água»

Ricardo, surfista, 17 anos.

Este conjunto de opiniões reflectem um posicionamento sobre o surf que ultrapassa a simples conotação como um desporto, procurando a sua integração e classificação como uma prática lúdica, valorizada pelo lugar que ocupa na sua escala de actividades e valores, mas também pela fruição e prazer que possibilita aos jovens. Já os praticantes mais novos parecem ter uma opinião mais simplista sobre a prática da modalidade, e restringem a sua opinião à emissão do vocábulo desporto como classificação para a actividade do surf.

Em ambos os tipos de praticantes, com maior ou menor idade, incluindo os praticantes de surf e de bodyboard como pertencentes ao grupo estudado, parece existir uma certa concordância nas respostas às perguntas colocadas sobre a eventual facilidade de iniciação da modalidade. Oito dos entrevistados, dizem tratar-se de uma iniciação difícil, e outros dezasseis, referem mesmo a expressão, muito difícil, para exteriorizarem a sua opinião sobre os primeiros momentos de contacto com a modalidade na qual, no seu dizer, as quedas são frequentes, fazendo parte do quotidiano de qualquer praticante.

Esta dificuldade de iniciação e diferente forma de perspectivar a modalidade do surf, acaba por reflectir-se nas respostas dos jovens quando lhes foi pedido que respondessem quais eram para eles os principais conceitos que caracterizavam a actividade que praticavam. A grande referência, com cerca de dezoito ocorrências diz respeito ao conceito de «Tubo».

Para estes jovens, este conceito transmite aquilo que de melhor existe no surf, e aquilo que de melhor o surf lhes pode facultar. Defendem tratar-se de uma manobra, ou de um conjunto de manobras, a que qualquer praticante de surf ou de bodyboard, aspira chegar e realizar de forma satisfatória. Conotam esse vocábulo com outros conceitos e situações como, satisfação, o melhor do surf, a

essência do surf, a manobra mais sensacional, a manobra mais radical, a manobra mais difícil ou até, como algo que dizem ser inexplicável, pela sua grande dimensão e dificuldade em atingir. Consideram igualmente que se trata de um momento decisivo na prática da modalidade e quando, segundo a opinião de alguns dos praticantes, se verifica a tão desejada explosão de adrenalina.

« Tubos... é a essência do surf, eu quando vou para dentro de água vou para tentar fazer tubos, já fiz alguns ..., é o surf..., é o melhor...é a melhor manobra de todas... é esperar que a onda role... e tentar sair, ficar o mais tempo possível lá dentro..., é uma boa sensação ...»

Bruno, surfista, 19 anos.

« Já fiz alguns tubos... primeiro tenho que concentrar-me o máximo possível..., já fiz uns quantos..., é a satisfação máxima..., é a manobra mais radical, a mais difícil... »

Miguel, surfista, 23 anos.

« Tubo... não é bem uma manobra... a gente apanha a onda e faz, ainda só fiz deitado...aspiro a fazer de pé..., hei-de chegar lá...»

Jorge, surfista, 12 anos.

« Tubo...é bom, sente-se uma sensação, vontade de sair do tubo..., sente-se bem, fico contente, grita-se..., os da praia também ficam contentes..., o tubo é o máximo...»

Mário, surfista, 15 anos.

« Tubo é andar dentro da onda, é conseguir entrar dentro da onda e sair, todos os surfistas desejam fazer tubos, é uma sensação boa, bastante boa »

Miguel, surfista, 25 anos.

Esta valorização da manobra, e de toda a situação envolvente à realização de um Tubo, aparece como a grande referência conceptual com ocorrência nas entrevistas dos jovens. É pois de concluir que toda a organização, e investimento na prática da actividade do surf, parece estar voltada para a realização deste tipo de

manobra, acabando por condicionar e orientar os comportamentos dos jovens e do próprio grupo de praticantes.

A realização deste tipo de manobras - os tubos -, aparece assim como móbil da acção de todo o grupo, funcionando como um factor de constante procura e desenvolvimento. Para os praticantes mais velhos aparece como referência e situação a desenvolver e aperfeiçoar, para os praticantes mais novos, como referência e situação a tentar iniciar e conseguir realizar. Funciona, igualmente, como veremos mais tarde, como factor de distinção e diferenciação estatutária dentro do próprio grupo de praticantes.

Tratando-se de um grupo de praticantes, quase que globalmente constituído por praticantes do sexo masculino, resolvi confrontar o grupo de praticantes com várias questões orientadas para o conhecimento da razão dessa formação e constituição, tão próxima de uma quase exclusividade sexual masculina. Havia que averiguar as razões do grupo de praticantes evidenciar, o que se podia defender como, um carácter sexual, em relação à sua formação e constituição, limitando-se a incluir e aceitar apenas 3 ou 4 raparigas como membros do grupo.

As respostas com que me fui confrontando, emitidas principalmente pelos praticantes do sexo masculino, davam a entender que as razões dessa especificidade de agregação se deviam às próprias raparigas, ao não se mostrarem interessadas em praticar a modalidade do surf, por revelarem medo de enfrentar as ondas, ou ainda por não terem força para remar ao encontro das mesmas. As opiniões dos rapazes acabavam por reforçar o seu papel de membros do grupo e reforçavam a sua condição sexual, identificada como alguém com força, e sem medo, atributos que pareciam funcionar como condição natural de pertença e afirmação no seio do grupo de praticantes do surf. As suas opiniões reflectiam, também, uma valorização da sua condição de praticante do sexo masculino, face aos praticantes do sexo feminino, vindo a atribuir às raparigas a responsabilidade de não se mostrarem, segundo a opinião dos rapazes, com interesse em participar no grupo de praticantes.

Por fim, foi pedido aos membros do grupo que tentassem resumir a modalidade o surf em dois ou três conceitos, esperando, com isso, que a sua formulação pudesse transmitir, em síntese, o que consideravam ser a modalidade que praticavam. As respostas com maior ocorrência, incidiram em conceitos como Vida, Libertação, Adrenalina e Divertimento. Depois, com muito menos significado de ocorrência, e em respostas muito pulverizadas, apareceram conceitos como Liberdade, Dificuldade, Felicidade, Viagens, Descontracção, Evasão, Natureza, Aceleração e Prazer, devendo realçar um dos entrevistados que, em resposta àquele pedido, me forneceu a seguinte sequência de vocábulos :

« Dificuldade....., harmonia... e concretização»

Bruno, surfista, 18 anos.

De acordo com o conteúdo das entrevistas realizadas, penso que se trata de uma sequência conceptual que consegue retratar as características de que a modalidade se reveste, com a exteriorização conceptual do conjunto de sensações que a envolvem, proporcionam e condicionam. Desde um momento inicial de dificuldade, subjacente aos primeiros contactos com a prática, ao desejo de se conseguir pôr em pé ou passar a rebentação, com a preocupação intermédia em conseguir fazer boas e bonitas manobras, agindo em harmonia com o que se considera que deve ser o surf, até chegar ao momento final, posterior à realização da manobra, funcionando como momento de formação da consciência de uma concretização verdadeiramente atingida, acompanhada da satisfação e do reforço da auto-estima de cada um dos praticantes, a prática da actividade do surf, levava-me a formar a ideia de poder encerrar uma complexa tipologia de preocupações e sensações que orientavam os comportamentos dos jovens.

Em síntese, posso afirmar que, no que diz respeito à definição da prática da actividade do surf, a informação recolhida junto do grupo de praticantes revela tratar-se de um grupo fundamentalmente constituído por rapazes. As suas opiniões

sobre a identificação da modalidade que praticam, aparecem dispersas na utilização de vários conceitos. O mais utilizado é o conceito de desporto, embora os praticantes mais velhos se preocupem em perspectivar a modalidade segundo uma visão mais reflexiva e com profundidade filosófica e estética, encarando a sua prática como uma forma de alheamento dos problemas, como uma forma de arte, ou até como modo de vida. Consideram que é difícil começar a praticar a modalidade e, conjuntamente com o facto de se tratar de uma modalidade que exige alguns atributos como a força e a ausência de medo, defendem que as raparigas não são muito interessadas na prática da actividade do surf.

Para os membros do grupo é importante praticar surf para tentar fazer manobras que crescem de interesse e emoção conforme a dificuldade que encerram. Entre elas, os membros do grupo destacam o Tubo, visto como uma manobra, ou como um conjunto de manobras, e como um procedimento de acentuada valorização por todos eles.

Dimensão Caracterizadora - Adesão à Prática

Neste segundo ponto da dimensão caracterizadora, houve o interesse em conhecer as razões que levaram os praticantes a optar pela prática da modalidade do surf, ou do bodyboard, a identificação dos momentos em que os praticantes se dedicavam à prática a modalidade e a duração temporal dessa prática. Procurei igualmente saber as razões que suscitaram o seu interesse pela prática do surf ou do bodyboard, a leitura que fazem do número de grupos com modalidade idêntica, existentes na área de Portimão e, por fim, se a prática da modalidade decorria em grupo ou individualmente.

Os membros do grupo expõem um largo conjunto de razões responsáveis pela adesão à prática da modalidade do surf. Segundo eles, a sua prática deve-se a factores como o gosto, o funcionar como um factor gerador de um estado de

conforto individual por, no seu dizer, fazer bem ou permitir a fuga à sua realidade escolar e familiar quotidiana. Na base destas sensações está, sem dúvida, a atracção pelo risco e a procura de um conjunto de novas sensações que Gustavo Pires diz caracterizar as novas formas de desporto. Entre elas, é de relacionar as situações de «conquista da natureza», «procura de situações que vão exigindo soluções», «vitória sobre o medo» ou ainda, o «sentimento de que se está a fazer qualquer coisa que poucas pessoas são capazes de fazer» (PIRES 1994).

« Desde a primeira vez que pratiquei com outras pranchas, gostei..., depois comprei revistas, vi que era um desporto bom..., comecei a fazer e vi que era um desporto interessante »

Daniel, bodyboarder, 16 anos

« Foi um desporto que comecei a praticar..., que encontrei p'ra mim, liga-se a mim, sinto-me bem a praticar surf..., liga bem com aquilo que eu sinto lá dentro...é isso »

Ivo, surfista, 17 anos.

« Pratico bodyboard porque tenho uma grande necessidade de estar sózinho, penso que quando as pessoas estão a fazer surf ou bodyboard, como é o meu caso, ficam completamente isoladas dos problemas que têm lá fora...ficam sózinhas um bocado para pensarem, esquecem os problemas que têm»

Paulo, bodyboarder, 19 anos.

Importante é, no entanto, realçar que existe um conjunto de entrevistados que consideram que as razões da adesão à prática da modalidade do surf, radicam directamente no facto de possuírem amigos ou conhecidos que já anteriormente praticavam a modalidade.

« O surf começou pelo interesse, a minha irmã tinha amigos que faziam...e pronto...eu ia com a minha irmã...e eles eram porreiros e eu gostava da modalidade e eu comecei a praticar »

Francisco, surfista, 12 anos.

« Comecei a achar que é um desporto giro, radical..., comecei a fazer porque gostava, os meus amigos começaram a fazer também, comecei a fazer com o Francisco e a Mariana, ia prá praia com eles»

António, surfista, 13 anos.

« Também pratico para tentar esquecer os problemas , mas a principal razão foi por causa dele que me influenciou...não conhecia nada disto, nem do mar, vinha para a praia só no verão..., e depois a partir de uma vez no inverno em que vim... ele é que persistiu ...fiz-lhe a vontade... uma, duas vezes... continuei, para apanhar o gosto... hoje já venho sózinho e até mais do que ele »

Rui, bodyboarder, 19 anos.

Em relação à duração da prática da modalidade, a grande parte dos praticantes, perto de quarenta por cento, afirma ter um tempo de prática da modalidade que se situa entre os três e cinco anos. Outros oito praticantes afirmam praticar a modalidade ainda num curto período, menos de um ano, e os restantes dez praticantes dispersam a sua resposta pelas variáveis um a dois anos; com quatro respostas, seis a sete anos; com duas respostas e, por fim, os que praticam a modalidade há mais de sete anos, variável que aparece também com quatro registos de ocorrência. Estas respostas em relação à duração da prática, acabaram mesmo por constituir um corpo de conhecimentos de significativa importância e forneceram algumas pistas de trabalho para futura análise. Primeiro, porque no decorrer das entrevistas era um tipo de informação que me era facultada de forma assumida, e até com uma certa insistência e convicção, por parte dos praticantes, parecendo alguns querer vincar esse tempo de prática da actividade. Conforme a duração da prática da modalidade crescia e se mostrava significativa, quer para o próprio indivíduo, quer para o próprio grupo, assim o reforço dessa informação me era comunicada várias vezes durante as entrevistas. Segundo, porque o conhecimento dessa variabilidade de duração entre os vários praticantes viria, posteriormente, a permitir compreender as relações organizacionais e hierárquicas

existentes no interior do grupo de praticantes. Terceiro, porque o conhecimento dessa duração diferencial, em relação à prática da modalidade, dava origem a uma identificação e classificação interna de grupo, subentendendo a existência de diferentes gerações de praticantes no seu interior. Essa classificação, para além de se mostrar como algo verdadeiramente assimilado pelo grupo, permitia igualmente a realização de uma diferenciação entre os elementos do grupo.

Os membros da «Velha Geração» aparecem como entidades referenciais em termos individuais e grupais, por reunirem a capacidade de realizar melhores manobras e terem mais conhecimentos e experiência sobre a actividade que praticam podendo, dessa forma, aspirar a assumir um papel de maior realce no seio do grupo.

« Os surfistas da velha geração é como se fossem os nossos ídolos, quando vão à praia estamos sempre com atenção para ver as atitudes deles, o que fazem..., embora já vão pouco à praia..., quando chegam são sempre bem recebidos e admirados ».

Tiago, surfista, 18 anos.

Esta informação inicial viria mesmo, mais tarde, a confirmar a existência de um conjunto de categorias de investigação ligadas à temática organizativa, e reforçava-me o desejo de tentar detectar eventuais relações de liderança e hierarquização existentes no interior do grupo de praticantes.

Em relação ao momento em que praticam a modalidade do surf, também existem algumas considerações a formular. Assim, a maior parte dos praticantes afirma, de forma simplista e imediata, que pratica sempre que pode, o que dá a entender que, num universo de estudo maioritariamente constituído por estudantes, existe a possibilidade de dedicar largas horas a essa prática, muitas vezes com consequências delicadas para as actividades escolares. É, no entanto, importante verificar que dezassete dos indivíduos entrevistados, para a mesma situação de entrevista, respondem que o fazem quando há ondas. Significa isto que concebem, e fazem mesmo depender a sua prática, da existência ou não de ondas, o que a

verificar-se, contribui para uma total adesão à prática da modalidade, encarando aquela existência, não apenas como o seu principal desejo, mas também como o principal factor que determina a prática da modalidade. Deve-se, no entanto, referir que alguns desses praticantes, que destacam a importância da existência das ondas, resposta compreensível no quadro de uma actividade que decorre em contacto com o mar, e com a particularidade da necessidade de ondas, completam também a sua informação, referindo que praticam a actividade do surf ao fim-de-semana ou no período de férias.

A prática da modalidade do surf, segundo o conteúdo das entrevistas, pode ocorrer em grupo ou individualmente. Existem praticantes que colocam essa dupla possibilidade para a prática da modalidade, mas também existem praticantes que defendem que a prática deve ocorrer individualmente ou, pelo menos, com poucos praticantes, de forma a que não interfiram na prática dos outros praticantes e consigam apanhar e fazer boas ondas.

Lembro-me objectivamente de um dos dias de observação directa dos praticantes em que, pelo facto de existirem boas ondas, se encontravam na água na zona do pico, local mais apropriado para apanhar e fazer as ondas, cerca de quinze praticantes, vindo a suscitar a avaliação negativa dos seus desempenhos, quando abandonavam o local da prática e regressavam a terra. Talvez seja por isso mesmo, que os praticantes do grupo defendem que a prática do surf deva ser, preferencialmente, feita em pequenos grupos, como condição de não se atrapalharem e conseguirem apoiar-se entre si.

É de realçar que um dos praticantes com mais idade, e com mais tempo de prática, logo nos primeiros momentos de contacto com o grupo de praticantes, me referiu que o surfista é, segundo as suas palavras, «individualista e egocêntrico», o que, em certa medida, comprovava as opiniões que captava com as entrevistas e se relacionava directamente com o facto de grande número de praticantes valorizarem a prática individualizada do surf ou, em alternativa, em pequeno grupo.

Em relação ao número de grupos de praticantes existentes na área de Portimão, os entrevistados dão a entender e reforçam mesmo a importância do seu grupo de praticantes, existente na zona do molhe de Portimão, e revelam possuir um bom conhecimento em relação às características de outros pequenos núcleos de praticantes existentes em praias vizinhas, como a praia do Vau, do Alemão, ou em Ferragudo. Os membros do grupo consideram, no entanto, que essa diferenciação face a outros pequenos grupos está, actualmente, a atravessar um processo de esbatimento, uma vez que os praticantes desses pequenos grupos dispersos, começam já a frequentar a zona do pico do molhe, diluindo as diferenças anteriormente existentes.

Uma vez que o grupo de praticantes de surf do pico do molhe é constituído por surfistas e por bodyboarders, tive a iniciativa de questionar os membros do grupo sobre as razões da opção da prática de uma modalidade em detrimento da outra. A principal razão indicada pelos praticantes de surf para a sua prática, teve a ver com o facto de defenderem que com essa prática obtinham mais prazer, conseguiam ser mais respeitados na água e fruíam de um conjunto de melhores e diferentes sensações.

« Pratico surf porque sempre gostei de coisas difíceis, e o bodyboard é uma coisa fácil..., por exemplo, no surf para nos pômos em pé..., já é o que é!..., é difícil!... no bodyboard é só pegar na prancha e escorregar pela onda ».

Rui, surfista, 17 anos.

« Pratico surf ...porque o bodyboard é bastante deslegante e acho até que era um retrocesso...»

Miguel, surfista, 25 anos.

« O Surf dá mais prazer... os surfers pensam que estão acima dos bodyboarders, por talvez os bodyboarders serem muitos, tipo moscas, tipo enxame, tornam-se chatos. O simples facto de irem deitados ..., são diferentes, os surfistas respeitam-se mais...o bodyboarder é menos harmonioso »

Tiago, surfista, 18 anos.

Os praticantes de surf dão a entender considerar que se encontram num plano diferente, e até de superioridade, face aos praticantes de bodyboard, utilizando vários vocábulos para os identificar. Palavras como, "sabonete", "esponjas do mar", "moscas" ou "rastejantes", são utilizadas, pelos surfistas, para identificar uma modalidade diferente, e que consideram inferior à sua. Pretendem igualmente caracterizar e denunciar as formas de comportamento que, em seu entender, os praticantes de bodyboard têm dentro de água, e que os surfistas consideram não ser as atitudes apropriadas a um praticante da modalidade.

Em resposta, os praticantes de bodyboard consideram que a razão da prática dessa modalidade se deve ao facto de terem arranjado primeiro uma prancha de bodyboard, mais acessível economicamente, ser mais fácil fazer manobras, ou até gostarem mais dessa variedade de prática. Percepcionam os surfistas como alguém que é mais rápido dentro de água, e que quer ser mais importante, rotulando-os como os "zés sempre em pé" ou "paus de giz" .

« Pratico bodyboard porque primeiro tive mais facilidade em arranjar uma prancha de body, e segundo..., porque é mais fácil...depois vou tentar fazer surf...o surf é mais difícil, uma pessoa está sempre ali a tentar fazer, no body é mais fácil apanhar ondas »

Carla, bodyboarder, 16 anos.

« Eu comecei pelo bodyboard por coincidência, mas não me estou a ver praticar surf, é mais difícil e também não gosto muito do surf, por causa que tem uma iniciação difícil, nunca se está à vontade com a prancha, a prancha de bodyboard pode bater e não se parte...»

Carla, bodyboarder, 16 anos.

« ... nós de body temos muito mais facilidade em remar, apanhar a onda, passar a rebentação...mas pronto, todo o conjunto dá-nos mais facilidade em apanhar a onda, isto tem tido uma grande expansão... e essa expansão vai fazer com que eles sejam mais prejudicados »

Paulo, bodyboarder, 19 anos.

Em conclusão, pode-se dizer que os membros do grupo praticam a actividade do surf, porque gostam, sempre que podem e quando existem condições de formação de ondas. Optam por praticar em pequenos grupos, como condição decisiva para a rentabilidade do processo da espera, apanha e realização de boas ondas. A prática da actividade parece funcionar como um processo de desanuviamento, e até evasão, face aos seus quotidianos, e revelam ter um conhecimento seguro de outros pequenos grupos existentes na área, com é o caso de um grupo de Bodyboarders existente na praia do vau. Consideram aliás que esses pequenos grupos de praticantes têm pouco significado, mostrando interesse em aproximar-se do grupo do molhe de Portimão. É aliás, esse processo de aproximação dos outros grupos de praticantes, ao grupo de Portimão que, segundo alguns praticantes, tem vindo a transformar a realidade social específica do próprio grupo do molhe de Portimão. Tem ainda, no seu dizer, contribuído para alterar o tipo de relacionamento existente entre os praticantes do grupo do molhe, flexibilizando, inclusivamente, o processo de acesso ao próprio local da prática.

Esta confirmação da importância crescente do grupo de praticantes do molhe, viria mesmo a funcionar como dado metodológico fundamental, aparecendo como dado de confirmação da definição do universo de estudo, ao considerar significativo e decisivo o estudo do grupo de Portimão, como universo de estudo fundamental no barlavento do Algarve. Uma definição de universo de estudo feita a priori, e, como já tive oportunidade de referir anteriormente, confirmada no decorrer do trabalho, era agora completada com mais um dado, reforçando uma certeza já antes existente.

Dimensão Caracterizadora - Condições necessárias à Prática

A acompanhar a preocupação e desejo em conhecer as opiniões dos membros do grupo, sobre a identificação da sua prática e sobre as razões que os tinham levado a aderir à actividade do surf, optei igualmente por inventariar as condições consideradas necessárias à prática da actividade do surf.

Em resposta a uma pergunta formulada sobre o que consideravam necessário para a realização da actividade do surf, os jovens entrevistados forneceram um vasto leque de respostas, a incidir no aspecto material do equipamento, no aspecto específico da importância da condição física do praticante, ou até no aspecto individual da convicção e dedicação à actividade.

Cerca de dezasseis dos entrevistados referem, como condição necessária à prática do surf, o factor material do equipamento que, por ser dispendioso e a maioria dos entrevistados enquadrar-se ainda num estatuto de estudante, estando portanto a cargo do orçamento familiar, vai sendo, muitas vezes, progressivamente adquirido em mercado de segunda mão. Alguns dos praticantes que referem a importância da aquisição do equipamento, como factor decisivo para a prática da actividade, acrescentam que é importante que os praticantes tenham igualmente força de vontade e persistência, atributos sem os quais nunca poderão tornar-se bons praticantes.

As variáveis equipamento, força de vontade e persistência, são as que mais são registadas a partir das entrevistas dos jovens, embora existam outras respostas como, por exemplo, ser saudável, sentir-se bem no mar, gostar do que se faz, ou ter coragem no mar, que contam com registos dispersos, e ajudam a compreender o leque de respostas a esta questão.

Foi igualmente perguntado aos jovens do grupo, se existiriam algumas regras que funcionassem como condição necessária para pertencer ao grupo de praticantes. As respostas fornecidas pelos jovens, indiciam a existência de um certo

tipo de organização social no grupo, alicerçada num conjunto de regras que, de uma forma fundamentalmente informal, e até pouco assumida e visível, em termos de exterioridade, acabam por condicionar, e até conduzir, o comportamento dos membros do grupo.

São os próprios jovens que revelam uma preocupação com, o que eu poderia intitular, a componente ou dimensão organizativa do grupo, considerando doze deles que a principal regra a cumprir é o respeito pelos mais velhos.

« Ao princípio as pessoas não costumam ser muito bem recebidas pois existem algumas regras a ser respeitadas e os mais novos não as conhecem logo. Eu tive alguma sorte pois conhecia alguns dos mais antigos que me ajudaram na integração no grupo. Existem duas ou três fundamentais; uma delas é quem tem o direito à onda, no caso do molhe é quem está do lado direito mais perto do pico. Quem viola essa regra... e é essa violação que costuma dar chatices dentro de água... às vezes é na brincadeira...é o chamado dropinango.»

Tiago, surfista, 18 anos.

« É pá..., as regras é fazer surf, respeitar-se uns aos outros..., às vezes os mais velhos não respeitam os mais novos..., eu por exemplo..., os mais novos também não respeito...e os bodyboarders, respeito um ou outro da velha geração..., mas os mais novos não respeito... claro... , isso é normal, esses mais novos que eu não respeito, também daqui a uns anos não vão respeitar os mais novos..., nem nada...isso é a praxe.»

Bruno, surfista, 19 anos.

Curioso é detectar que, se por um lado existe um conjunto de regras que devem ser respeitadas pelos vários praticantes, como condição fundamental à sua receptividade e integração no grupo, por outro lado parece existir um constante desafio a essas regras, no qual os praticantes mais novos, e portanto da nova geração, são as principais vítimas. O desrespeito pelas regras, e a capacidade em o poder efectivamente interpretar, parece funcionar como atitudes de verdadeira praxe, assim como uma forma de distinção social e de afirmação da diferença

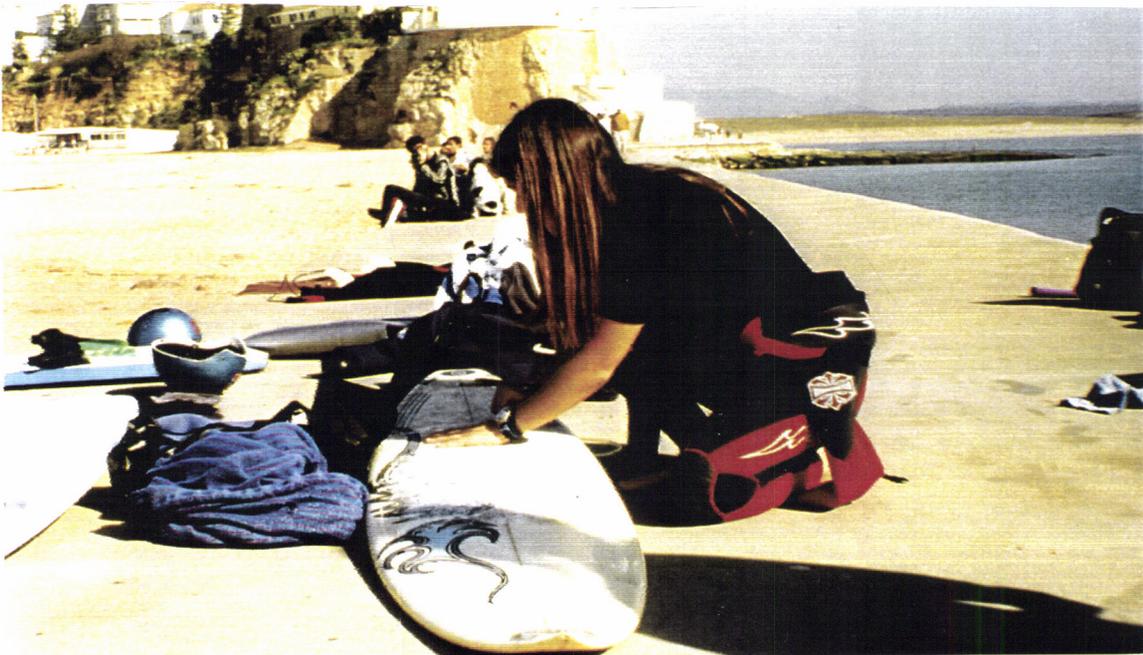
etária. São igualmente o reflexo do maior ou menor tempo de prática e da própria competência de alguns dos membros do grupo. É pois neste limite, entre o que deve ser cumprido e a vontade em não o cumprir, que vamos encontrar as atitudes de dropinanzo, que tantos problemas levantam no interior do grupo, originando, por vezes, situações de relativoconflito.

Foi igualmente perguntado aos jovens que cuidados deveriam ter para com o seu material, já que a sua obtenção, e preservação, pareciam incluir-se entre as condições necessárias à prática. As respostas variam entre os que referem a necessidade em o lavar a seguir aos momentos da prática, os que referem que se deve evitar bater com o equipamento, principalmente se fôr uma prancha de surf, feita em material facilmente danificável, ou ainda o não expôr o equipamento ao sol, durante largos períodos.



Fotografia 3 - Exemplos de duas pranchas, de surf e de bodyboard, e do restante material, indispensáveis à prática das duas modalidades de surf.

Parece existir uma relação de íntima cumplicidade entre o surfista e o seu equipamento, muitas vezes obtido com sacrifícios e opções de vida. Lembrava-me nessa ocasião, de numa das muitas conversas informais com indivíduos ligados à prática do surf, me ter sido dito que os praticantes chegam a não se desligar das suas pranchas dia e noite, quando, por vezes, têm a possibilidade de adquirir uma prancha nova. Cheguei mesmo a considerar que, nos momentos de observação dos praticantes em que deambulava junto dos seus equipamentos que permaneciam no chão do molhe enquanto os seus donos descansavam e se preparavam para futuros "sets", era observado com uma certa desconfiança por, talvez, estar a criar hipóteses de possíveis toques nos seus materiais, podendo danificá-los, - ao fim ao cabo não deixava de ser um intruso, potencialmente incauto, naquele local que consideravam seu - . Os cuidados e atitudes para com o material parecem pois ocupar um lugar de destaque no quotidiano de um praticante de surf, existindo mesmo dois praticantes que à mesma pergunta me responderam que deviam ter, e passo a referir, 'todos os cuidados do mundo'.



Fotografia 4 - Exemplo de rapariga surfista a preparar a sua prancha.

« Devemos ter todos os cuidados do mundo com a prancha pois é o nosso veículo em cima das ondas... e como é um material frágil e caro..., temos bastante cuidado com isso »

Miguel, surfista, 25 anos.

« P'ra já é muito frágil ! é como se fosse cristal..., ao pousar no chão, tem que ser muito devagarinho, tenho-as no quarto, metidas dentro de capas, penduradas, para evitar os toques »

Rui, surfista, 17 anos.

« A prancha não deve apanhar humidade, tem que estar sempre enroladinha senão fica cheia de bolôr, lavá-la com água da torneira e limpá-la »

Carla, bodyboarder, 16 anos.



Fotografia 5 - Momento do pentear a prancha com 'axe', como forma de proteger a sua superfície e garantir uma maior aderência do surfista.

Em conclusão, pode-se dizer que, de acordo com o conteúdo das entrevistas, os jovens dão a entender que para praticar a actividade do surf é preciso evidenciar características individuais e sociais de boa pessoa e respeitar um conjunto de regras defendidas como essenciais. Os membros do grupo defendem que essas regras passam pelo respeito do direito à onda e pelo respeito dos outros, particularmente dos mais velhos, a quem não se deve tentar dropinar e se deve ceder o direito à onda. Quando isso não acontece podem surgir situações de conflito mais ou menos declarado.

A obtenção e preservação do equipamento parece funcionar como aspecto importante no quotidiano e nas conversas entre os membros do grupo. A própria prancha de surf aparece como um símbolo de toda a prática, e a sua compra justifica sacrifícios e opções de vária natureza, como é o caso da ocupação em trabalhos durante a época estival. Os membros do grupo consideram igualmente que, para se atingir um grau de elevado desenvolvimento e perícia na actividade, os praticantes têm que reunir atributos como força de vontade, persistência e dedicação para com a actividade. São esses atributos que os praticantes mais velhos, os da velha geração, reúnem e tentam transmitir, em objectivo e preocupação, aos praticantes mais novos.

Dimensão Territorial

O estudo do quotidiano de uma tribo de jovens surfistas implica, necessariamente, o enquadramento da sua realidade grupal num espaço físico. Devido ao conjunto de relações sociais, e até de sentido de posse sobre ele, que se estabelecem nesse, e para com esse espaço, essa realidade espacial passa a ser percebida como um território sobre o qual se pratica um certo tipo de acção, se tem um certo tipo de posse e, por conseguinte, se defende como seu. É partindo do pressuposto da existência de uma aceção de propriedade sobre um

espaço, como acontece com estes jovens que tive oportunidade de entrevistar e estudar, que sou levado a considerar que o espaço se acaba por transformar numa entidade territorial que urge defender e preservar.

Num estudo de recente edição, sobre tribos urbanas com características comportamentais de violência, organizado pelos autores Pere-Oriol Costa, José Tornero e Fabio Tropea, é referida a dimensão espacial das tribos urbanas e as relações que mantêm com um determinado espaço, como um dos aspectos característicos dos seus quotidianos. Consideram aqueles autores, que é nesse espaço que a tribo urbana desenvolve um conjunto de relações de posse, visando o seu domínio territorial, devendo ser vistas como um conjunto de relações que extravasam do campo da realidade objectiva, para o campo do simbólico. É num espaço com essas características que, segundo aqueles autores, as tribos urbanas exercem um conjunto de funções ditas expressivas, como é o caso das relações de «pertença» ao local, «de representação» no local, e de «actuação» no local (COSTA e outros 1996: 128). Especificando, pode-se dizer que existe um conjunto de relações sociais e simbólicas que se alicerçam no pressuposto da existência de um local a que pertencem, e lhes pertence, e de um local onde, segundo os mesmos autores, «exibem o aspecto mais superficial e espectacular da sua identidade» (COSTA e outros 1996), representando um conjunto de papéis demonstrativos da sua especificidade grupal.

O local de permanência da tribo aparece ainda, como o meio geográfico onde actuam individual ou socialmente como tribo, existindo, como clarificam aqueles autores, uma grande proximidade, e até identidade, entre a função representativa e a função de actuação. Foi esta preocupação, com o estudo de uma dimensão espacial, ou como já tive oportunidade de referir anteriormente, dimensão territorial, que me perseguiu desde o início do trabalho, desejando, não apenas identificar o território de permanência, representação e actuação do grupo, mas também criar condições para a compreensão e análise do conjunto de relações que os praticantes de surf mantinham para com o local, tal como para o

conjunto de relações existentes face a outros indivíduos que tentassem penetrar naquele espaço. A análise das relações sociais e grupais dos jovens naquele território, passava, dessa forma, a funcionar como o enquadramento espacial e instrumental onde decorreria toda a acção dos jovens, e a própria incidência do meu estudo.

Para isso, resolvi colocar os entrevistados perante situações de entrevista que visavam obter respostas sobre as características específicas do local que, nas suas opiniões, teriam condicionado a sua escolha por aquele espaço, sobre as condições e qualidades que aquele espaço reunia, sobre a tipicidade de relações que o grupo de praticantes assume para com o local escolhido para a prática da modalidade e, por fim, um conjunto de perguntas com o objectivo de inventariar as suas atitudes de preservação do local e mesmo de detecção do sentimento de posse sobre aquele espaço.

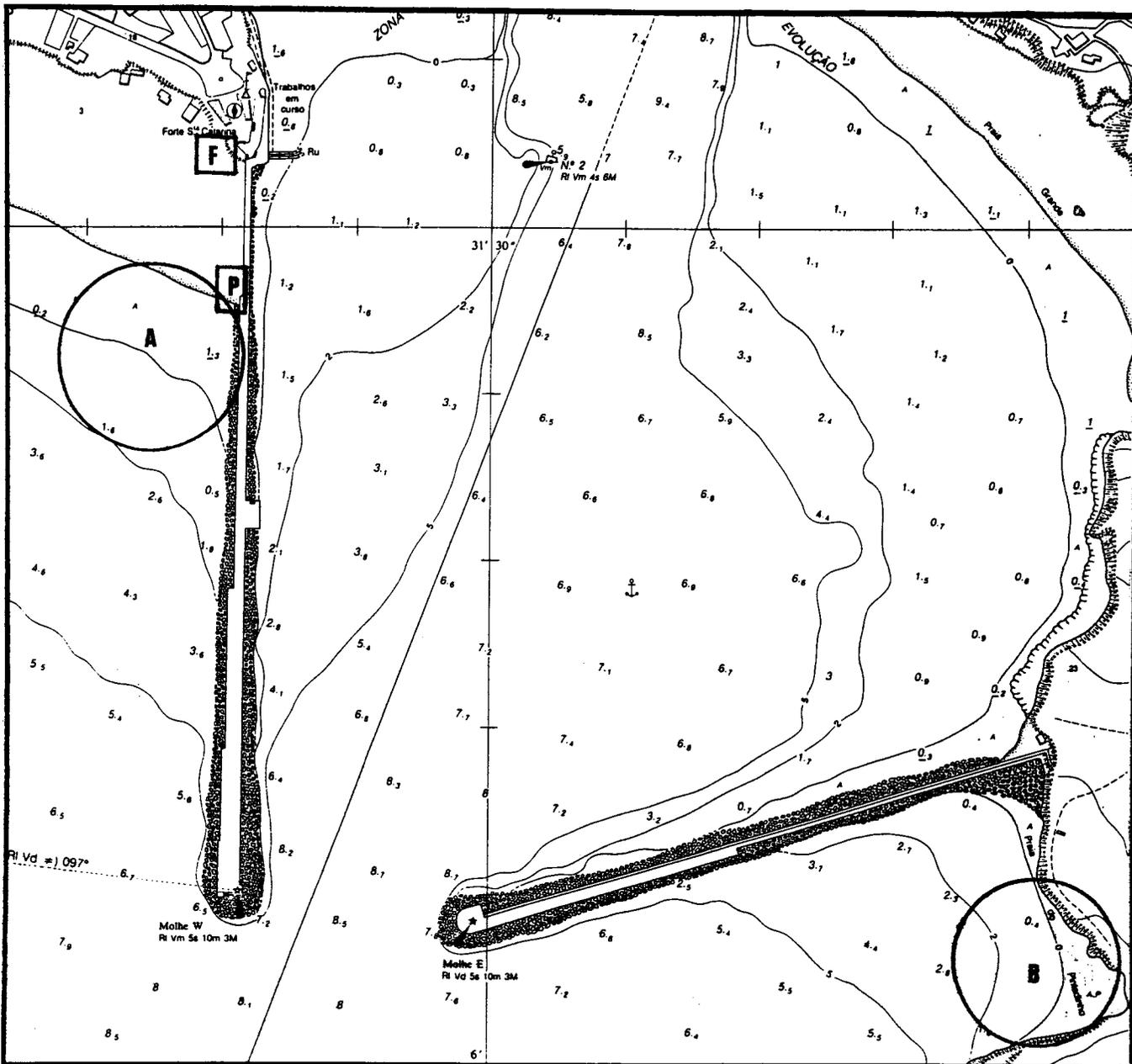
A identificação e delimitação do território foram determinadas pelo conjunto de observações, que tive oportunidade de realizar antes e durante o processo de aplicação das entrevistas. O principal critério seguido, para se conseguir chegar a uma correcta delimitação do território da tribo, foi a noção e situação de regularidade de ocupação daquele território por parte dos jovens e, num momento seguinte, a sua confirmação, obtida no decorrer das conversas informais, entrevistas exploratórias e entrevistas estruturadas. Esses momentos, existindo em articulação, davam-me a certeza de ter conseguido delimitar convenientemente o território da tribo, e permitiam-me enquadrar as questões futuras.

Localizado junto do molhe ocidental da entrada do porto de Portimão, *(Veja-se carta geográfica na página 98 deste texto)*, localiza-se principalmente no início do molhe de Portimão no sentido de terra pra o mar, ou seja no sentido de norte para sul. O macro-ambiente de localização do grupo inclui pois, nessa dimensão territorial, alguns aspectos importantes como o areal da Praia da Rocha, a Fortaleza de S.Catarina, o início do molhe, também chamado por alguns

praticantes de pontão de Portimão, a foz do Rio Arade e um conjunto de praias que ficam na outra margem do rio e que os praticantes designam por zona de Ferragudo. Este macro-ambiente tem áreas preferenciais de ocupação, e a zona do molhe de Portimão é, sem dúvida, a principal. É nesse local que os praticantes se despojam de todo o material quando chegam e é nesse local que se preparam para a prática da modalidade, é nesse local que permanecem várias horas à espera de boas ondas; é ainda nesse local que os praticantes se reúnem para comentar as surfadas que tiveram oportunidade de fazer.

Em suma, o local do molhe de Portimão, que aparece identificado, na carta geográfica da página seguinte, com a letra A, é o principal local de permanência do grupo e da prática da modalidade. Esse local aparece, no entanto, estruturado em vários sectores que importa especificar. Nas suas proximidades, existe o local onde os praticantes deixam o seu material enquanto praticam a actividade, em cima do pontão, e que, para ser mais facilmente localizado, resolvi identificar com a letra P na mesma carta geográfica. É o local que faz a transição entre a realidade terra e a realidade mar. Tive mesmo oportunidade de confirmar, a partir da observação, e da realização das próprias entrevistas, que funciona como um local de ritualização antes da entrada no mar para a prática da actividade. Tem muito a ver com a realização de todos os preparativos para a entrada no mar e procura de boas ondas; pode aliás, inscrever-se mesmo num momento de início da função representativa, como anteriormente foi referido. A juntar a esses dois locais, funcionando um, como local de actuação e representação - local A -, e outro, especificamente, como local de representação, - local P -, existe um outro que aparece identificado com a letra F. Trata-se de um outro local de permanência de alguns membros do grupo que se fazem acompanhar de amigos e conhecidos que não praticam a modalidade do surf. Curiosamente, os praticantes apelidam esse local de Frigideira, por se encontrar junto da muralha da Fortaleza de S.Catarina, onde as temperaturas são bastante elevadas, e onde os praticantes passam igualmente largas horas em conversa.

Do lado oriental da entrada da barra do Porto de Portimão, ficam as praias do lado de Ferragudo, igualmente com condições para a prática da modalidade. Entre elas, a praia do Pintadinho, ou a praia do molhe de Ferragudo, como também é conhecida, identificada na carta com a letra B, aparece também como um local de prática da modalidade do surf ou do bodyboard.



Planta 2- Pormenorização dos locais de prática e permanência do grupo.

Esta localização, do outro lado do rio, foi indicada pelos praticantes da modalidade quando lhes pedia que me indicassem outros locais com condições para a prática. É lá que os praticantes vão por vezes, e onde, no seu dizer, existem ondas com mais força, embora necessitem de um meio de transporte para essa deslocação. Embora, durante o período em que tive os contactos mais frequentes com o grupo, como condição de realização do processo de observação e realização das entrevistas, não me fosse dado a observar uma ocupação significativa desse território, é conveniente proceder à sua referência como contributo fundamental à caracterização do macro e micro-ambientes territoriais do grupo de praticantes.

Na sequência do processo da realização das entrevistas foi pedido aos jovens que me caracterizassem o território que tinha escolhido como principal local de permanência e da prática da modalidade. Cerca de dezasseis dos entrevistados, afirmam tratar-se de um local onde se formam boas ondas, criando assim condições para a prática da modalidade e para a atracção do grupo de praticantes. As suas opiniões assentam, muitas vezes, no seguinte discurso:

« É o local onde as ondas se formam melhor devido ao molhe que ajuda à formação das ondas. Há ali uma certa envolvência, uma estrutura que se monta ali, até podem estar melhores ondas noutra local da praia, mas por costume ou por hábito é ali que nos juntamos »

Tiago, surfista, 18 anos.

« Este local ? Este local pra mim é o local onde há a melhor onda, a onda que eu mais gosto, levanta um pico..., quando está bom é formidável, é inexplicável.»

Rui, surfista, 17 anos.

A classificação e avaliação do local de prática não é, no entanto, feita de forma idêntica por todos os praticantes. Alguns assumem uma posição de uma

certa crítica, originada, na sua opinião, pelo decréscimo da qualidade e força das ondas que actualmente se formam no pico do molhe de Portimão.

« É um bom local para aprender, mas há alguns anos para cá não tem dado tão boas ondas como costumava dar quando comecei a fazer...talvez tenha a ver com os anos. A gente às vezes fala sobre esse assunto, mas não chega a uma conclusão definida »

Miguel, surfista, 25 anos.

« Não é muito bom devido à qualidade das ondas, nem sempre entra swell bom, devido à qualidade das ondas..., devido à ondulação e obriga-nos a ter que ir para outros lugares...às vezes vou para a costa norte... »

Bruno, surfista, 18 anos.

« Praia da Rocha..., para praticar... há uns anos anos já foi melhor, agora está um bocado fraco, o nível da qualidade da onda aqui do pico do molhe desceu, está uma onda que já não... é uma onda muito mole, já não é aquela onda potente como era antigamente, no meu ponto de vista...as alterações climáticas...tem havido uma grande alteração dos suestes, das tempestades, tem entrado muito mar de fora de sudoeste...traz muita areia de outros locais para o pico do molhe, vai criar bancos de areia no fundo e fica areado...perde o fundo que tinha.»

Paulo, bodyboarder, 19 anos.

Do cruzamento destas opiniões, com a idade dos praticantes, e com o tempo de prática da actividade, é de concluir que o tempo de prática da modalidade parece funcionar como um factor determinante de uma maior exigência na avaliação das condições do local da prática, levando alguns praticantes a defender a actual existência de uma menor qualidade do local e a procurar outros sítios que consideram com melhores condições para a prática. A preocupação com a qualidade das ondas, com a força dos ventos que ali se fazem sentir, ou com as alterações do fundo, fazem parte das conversas entre os praticantes e revelam um conhecimento cada vez mais exacto e profundo sobre as

características envolventes da prática. Permite igualmente a existência de uma consciência crítica, por parte de alguns praticantes, em relação à sua prática, à prática dos seus colegas e às condições do próprio local. No entanto, a maior parte dos membros do grupo avalia positivamente o local, e mantém mesmo, uma grande regularidade nas suas vindas ao local e na prática da modalidade nesse espaço.



Fotografia 6 - Alguns dos membros do grupo de praticantes, num momento de conversação e espera das ondas, junto do molhe de Portimão.

As razões da escolha do local derivam assim das condições que o mar ali lhes oferece, mas também por ser um local onde têm os amigos e que se situa perto de casa. Sendo um conjunto de praticantes que residem, genericamente, na

cidade de Portimão, ou nos seus limites, têm a possibilidade de dispôr de um local de prática que dista apenas dez ou quinze minutos do seu local de residência.

Alguns praticantes referem mesmo que as razões da escolha do local se deve ao facto de ser um local com boas condições para a prática, um local onde se formam boas ondas, um local onde existem ventos adequados à e para a formação das ondas, um local não poluído, ou ainda, um local com bom fundo - neste caso de areia, para evitar hipotéticos acidentes em quedas, infelizmente frequentes -. Para alguns praticantes é mesmo visto como um local que é como a sua casa, por ter sido onde iniciaram a actividade.

Duas outras questões colocadas aos membros do grupo, pretendiam identificar a opinião que os praticantes possuíam sobre o tipo de relação que mantêm com aquele espaço, ou até, como veriam a eventual entrada de pessoas alheias naquele local de prática. As respostas às duas situações de entrevista funcionam em complementaridade, assumindo os entrevistados uma situação de autêntica defesa do local, através da prática de algumas atitudes que, por vezes, desempenham face a outros. Cerca de catorze dos entrevistados começaram por referir que a sua principal posição era a de defesa do próprio local. Por defesa do local, entendiam o reforço da sua posição como frequentadores e até dominadores do e no local, revelando, dessa forma, uma acentuada noção de defesa de uma territorialidade que consideram sua. Este sentido de preservação, posse, e até apropriação sobre aquele espaço, transmitia-se num discurso convictamente comunicado e reforçado pelos vários interlocutores.

« Antes de tudo é como se fosse um templo...tudo limpinho , ondas enormes...as pessoas não podem chatear, antes de tudo...nadadores dentro de água...eles vão à lua e voltam... »

Carla bodyboarder, 16 anos.

« Eu normalmente não sou agressivo mas quando essas pessoas começam a abusar da confiança e começam a meter-se entre nós, temos que lhes puxar a rédea, e fazer ver que não estão na zona deles »

Rui, surfista, 17 anos.

« Aquele local não é bem nosso...quer dizer...é o nosso local de divertimento, a gente já está lá há tanto tempo...quem vier de fora... a gente tem direito a apanhar as ondas que a gente quiser e o outro tem que esperar..., a gente faz de conta que somos os proprietários daquilo...faz de conta...»

Miguel, surfista, 18 anos.

« Tentamos que elas não abusem, para pensarem, e não terem muita confiança, e não pensarem que isto é deles... somos daqui... o espaço é nosso, isto é de todos, ninguém comprou isto... mas há que ter aqui um limite..., quando vamos para outro lado é assim..., existe em todo o lado. Em todo o lado que a gente vá que não seja a nossa terra, há sempre aquelas bocas »

Ivo, surfista, 17 anos.

Esta afirmação de posse sobre um território, chega mesmo a materializar-se, segundo os entrevistados, no atirar de pedras, mandar bocas ou evitar que outros praticantes indesejados entrem na água. Essa preocupação com a defesa e preservação do local, também materializadas na preocupação com o asseio do espaço, leva os praticantes a assumir a existência de algumas ocorrências, caracterizadas por atitudes que vão desde a crítica velada, e olhar de soslaio, até à mensagem declarada do mandar embora, ou à atitude violenta do «roubo», vulgo dropinção, de uma onda a quem a ela tinha direito. Cerca de dezoito dos entrevistados, referem mesmo a existência de zangas, com pessoas que consideram não fazer parte do grupo de praticantes e que, segunda a sua concepção de posse sobre o território, não têm sequer direito a entrar na água naquele local.

A defesa da territorialidade parece pois assumir papel de grande destaque neste, e para este grupo de praticantes, o que, em certa medida, vem confirmar a característica da «pertença» ao local, como uma das três características que marcam a especificidade das tribos urbanas.



Fotografia 7 - Momento de descanso e conversação no intervalo da prática da modalidade.

Existe assim um sentimento de pertença para com aquele local que, no entanto, parece mais acentuado dentro de água. É aí que se formam as ondas, é aí que se constrói a função representativa destes praticantes da modalidade, logo é aí que se acentua a existência de um espaço simbólico que deve ser respeitado

e evitado para terceiros. A afirmação do grupo de praticantes, e do indivíduo em termos particulares, ocorre nessa dimensão territorial e, particularmente, na componente água dessa territorialidade, o que faz com que as atitudes de respeito para com essa dimensão, e para os que se consideram seus proprietários, sejam encaradas como condições imprescindíveis por todos os membros do grupo.

« Dentro da areia não há muitos problemas... na praia não se liga muito... agora dentro de água... já há uns problemas...um desconhecido fazer surf... ou uma pessoa que lá vai... olha-se sempre de lado, dropina-se, tira-se a onda, e às vezes... em casos extremos, manda-se embora... mas isso é raro. »

Bruno, surfista, 19 anos.

« Oh!...Oh!...Oh!... Ao domingo as coisas tornam-se um bocado complicadas, pois as pessoas não aceitam facilmente e vêm para cima de nós... elas não nos dificultam propriamente a nossa prática, pois ela é dentro de água... agora cá fora... estamos habituados a estar ali sózinhos durante o Inverno inteiro, e ao domingo vêm as pessoas e dizem saiam daqui... deixem-nos passar... são as pessoas que vêm para cima de nós... os domingueiros »

Tiago, surfista, 18 anos.

« A geração mais nova tem sempre aquelas atitudes de repulsa com as pessoas novas que apareçam por aí...se vierem dois ou três não há problemas, se vierem sete ou oito, como às vezes aparecem aí... eles armam aí barulho se for preciso... eles reagem, por acaso não me chateio muito com isso, desde que não me chateiem a mim...não me venham estragar as minhas ondas...faço o meu surf...nunca tive problemas com ninguém dentro de água... nunca »

Sérgio, surfista, 24 anos.

Pode-se pois dizer que a territorialidade, para além de funcionar como aspecto estruturante e alicerçador do quotidiano do grupo, ao criar condições para a prática da modalidade e para a representação simbólica de uma actividade, aparece como uma dimensão marcada pela complexidade, sendo

materializada numa diversidade de atitudes e comportamentos de resposta e reacção por parte dos membros do grupo. Conforme o outro indivíduo seja um domingueiro, ou um praticante que, não pertencendo ao grupo, deseja frequentar aquele local, conforme se esteja em terra ou na água, os comportamentos diferem, mas são sempre expressão e resultado do desejo de afirmação da posse sobre o local.

Em conclusão, pode-se afirmar que o local escolhido pelos praticantes para a prática da sua actividade do surf, aparece como um bom local, onde se formam boas ondas e com um fundo que, embora com alguma irregularidade, pode ser considerado bom. É um local que se situa perto de casa e se assume como um local importante que deve ser defendido e preservado. Essa defesa territorial inclui, por vezes, atitudes de zanga e violência face a estranhos que tentam penetrar naquele espaço e praticar a actividade.

Tratando-se de um espaço revestido de uma significativa carga simbólica para todos os membros do grupo, é natural esse posicionamento de defesa e posse territorial. Para alguns destes jovens é, inclusivamente, assumido como uma entidade sua, passando a funcionar como palco da actuação e representação de um conjunto de comportamentos e atitudes directamente ligados à prática do surf.

Dimensão Relacional Interna

Depois de ter procedido à análise das dimensões de estudo Caracterizadora e Territorial, procurando inventariar e descrever as características exteriores do grupo de jovens surfistas, as razões da sua adesão à actividade e as condições necessárias para se praticar a actividade do surf, no primeiro caso; e a forma como percebem um espaço que lhes é devido e pertencente, e as modalidades de afirmação da sua autoridade nesse espaço, no outro caso; chegou o momento de

se enveredar pelo estudo das características internas e relacionais do próprio grupo de praticantes.

Neste estudo da dimensão relacional interna deste grupo de surfistas, procuro expôr o que de mais significativo consegui captar em relação ao sentimento de pertença ao grupo, transmitir os aspectos básicos do tipo de leitura que os próprios praticantes fazem em relação aos seus primeiros momentos de contacto com o grupo, assim como informar sobre as condições que um praticante deve reunir para que a sua integração no grupo possa decorrer mais facilmente. Por fim, tentarei comunicar as características que marcam as relações sociais que se estabelecem entre bodyboarders e surfers, já que, a partir de uma observação contínua e frequente dos praticantes, ia tendo a oportunidade de observar, e até, ouvir comentários, reveladores da existência de algumas diferenças entre os praticantes das duas modalidades de surf.

Comecei por perguntar aos membros do grupo qual a noção que possuíam sobre a sua eventual pertença ao grupo de praticantes. Cerca de dezoito dos entrevistados não revelaram qualquer dúvida em responder afirmativamente, confirmando essa pertença ao grupo de praticantes do molhe, ou do pico do molhe, o que permite ficar com a noção da confirmação da existência de um sentimento de pertença ao grupo de praticantes, muitas vezes reforçada com atitudes de defesa territorial daquele espaço. Estas atitudes parecem aliás, existir, e funcionar, com o objectivo de garantir a imposição e representação num determinado território, reforçando assim a identificação da maior parte dos seus praticantes para com essas atitudes, para com o colectivo de grupo e até para com o próprio local de prática. Existem, no entanto, alguns praticantes que, embora considerem existir um grupo de praticantes, o seu sentimento de pertença não ocorre, e não se realiza, em relação a todo o grupo, mas apenas em relação a uma secção desse grupo. Defendem a existência de um semi-grupo, dentro do grande grupo de praticantes, e chegam mesmo a denunciar a existência de um conjunto de praticantes que, em seu entender, ao permanecerem mais tempo no

local de prática, assumem e criam uma dimensão grupal, ou sub-grupal, específica.

« Eu acho que neste grupo... estão os locais e depois há os outros sugrupos, têm uma relação amigável entre eles todos. Os locais existem porque estão no local há mais tempo, não há uma relação do tipo vai-te embora daqui... tu não és daqui ... não há nada disso ... mas às vezes quando as ondas estão muito boas sente-se isso... eles dropinam um bocado o pessoal... também porque são mais rápidos... . Existe mais que um grupo de praticantes lá... mas eles são os habitués...é isso, um grupo de praticantes e outros praticantes à volta, quando se está dentro de água revela-se muitas vezes isso, como eles são de lá, têm uma atitude de posse sobre o local ... eles dropinam ... eu por acaso tive uma aceitação interessante, eu comecei a ir p'ra lá, dois picos ao lado do pico do molhe, eu já conhecia o pessoal que estava lá... só que não conhecia esse grupo... não gostava de surfar com pessoal que não conheço, gosto de surfar sem causar problemas...»

Ricardo, surfista, 17 anos.

A maior parte dos entrevistados considera que a sua entrada e integração no grupo de praticantes, decorreu de forma natural, embora tivesse resultado de um conjunto de estratégias de aproximação, como, por exemplo, o recurso a amigos que já ocupavam lugar de destaque no grupo, ou a opção por uma crescente aproximação espacial e geográfica, criando assim condições para o futuro momento de fixação e frequência no e do pico do molhe. Também existem praticantes que referem que essa integração é sempre difícil, principalmente num momento inicial, caracterizado pelo desconhecimento das regras básicas de conduta na modalidade, dentro e fora de água, na zona do pico do molhe, ocasião em que os praticantes mais antigos fazem prevalecer os seus conhecimentos e estatuto relativos à prática da actividade e à sua natural imposição e autoridade sobre o local.

« Acho que fui mal recebido pelos praticantes mais antigos...lembro-me dessa altura...até passavam-me por cima, chamavam-me nomes...da primeira vez é sempre..., eu ao fim ao cabo... andava ali, andava a atrapalhar... claro , hoje é diferente.»

Rui, bodyboarder, 19 anos.

« Lembro-me desses primeiros momentos ...e era discriminado... era uma coisa impressionante... muito mais que aqueles que são mais novos... hoje são »

Paulo, bodyboarder, 19 anos.

« Eu comecei a fazer bodyboarder..., sim tinha lá pessoal conhecido, só que havia aquelas praxes que era dropinar... e roubavam-me a comida...isso faz parte, a gente fica sem comer... não é bem brincadeira..., mas é normal...Agora é a minha vez de roubar aos mais novos »

Bruno, surfista, 19 anos.

Parecem pois existir um conjunto de atitudes, desenvolvidas pelos praticantes mais antigos, que se relacionam directamente com a defesa de uma territorialidade e com a própria noção de grupo e que, ao serem encaradas como praxe, ritualizam os primeiros momentos de entrada de novos praticantes no grupo, funcionando como momentos e formas de iniciação normal e natural. Alguns dos novos praticantes, por se integrarem no grupo de praticantes com o auxílio de um ou outro praticante mais velho, podem ver essa integração mais facilitada, não ficando tão sujeitos a uma praxe, que mais tarde tentarão reproduzir face a praticantes mais novos.

É através da existência, do que pode ser designado, um circuito de iniciação, caracterizado pela constante realização da praxe e da ocorrência de momentos de roubo de comida, de dropinango, ou daquilo a que os praticantes intitulam chamar de nomes, que o grupo, e os seus sub-grupos, reforçam-se como identidade social e marcam uma especificidade social e relacional característica desta tribo de jovens.

Uma vez integrados no grupo, e conhecedores das regras básicas de conduta da modalidade e de pretença ao grupo, os jovens consideram que, na eventualidade de tentarem integrar um seu amigo no grupo, ele seria bem recebido. Para que isso possa acontecer com os novos praticantes, eles têm que reunir um conjunto de várias condições. Primeiramente, essa integração, deverá contar com o apoio de um membro do grupo, devendo esse novo frequentador do local evidenciar um conjunto de atributos de natureza relacional e de conhecimento específico da modalidade. Assim, para além de se dever mostrar e assumir como uma pessoa simpática e previamente conhecido, deverá igualmente saber estar na água. Esta é aliás, uma das condições referida por grande número de praticantes, funcionando como a principal condição a reunir pelos indivíduos, que pretendam fazer parte do grupo, e começar a frequentar a zona do pico do molhe.

« Agora nesta altura até é capaz de ser bem recebido, conforme o que ele fizer dentro de água... mas acho que sim, acho que é bem recebido »

Paulo, bodyboarder, 19 anos.

« Se eles forem respeitadores como eu fui, não há problemas, comecei a ser aceite e a apanhar ondas tão boas como eles apanhavam ... é preciso respeitar aquela gente, porque ao fim ao cabo eles estão cá há mais tempo »

Ricardo, surfista, 17 anos.

Esta preocupação com a defesa de comportamentos adequados, fora e dentro de água, aparece, por um lado, como factor importante para a própria socialização de grupo, ao fomentar, e até exigir, que os praticantes adiram a essas regras, por outro lado, como algo que ao não ser obedecido e praticado, pode levar a atitudes de punição e impedimento de entrada no grupo, reforçando assim a autoridade dos praticantes mais velhos, já protagonistas de um papel de maior

destaque a nível organizativo e de posse de conhecimentos e experiência sobre a actividade.

Praticamente todos os indivíduos, observados e entrevistados durante o trabalho de campo, consideram que a sua relação com os restantes membros do grupo pode ser classificada como boa ou normal. Se consideramos, no entanto, que este grupo é constituído por praticantes da modalidade do surf e por praticantes da modalidade do bodyboard, e reforçando a ideia já anteriormente focada, da existência, segundo alguns dos entrevistados, de sub-grupos ou de mais de um grupo, dentro deste grande grupo de praticantes, então será necessário desconfiar natural e saudavelmente destas respostas.

Tive oportunidade de verificar, a partir da observação que fui realizando, e das conversas informais que ia mantendo, que existem algumas características específicas na relação entre bodyboarders e surfers. A maior parte dos entrevistados, sejam surfers ou bodyboarders, depois de me terem dito que a relação entre os praticantes era boa, ou até normal, acabam por dar a entender, e até referir directamente, que os surfers pensam que são melhores ao assumir um papel de maior destaque no grupo. As próprias conotações, esgrimidas por cada um dos sub-grupos, para apelidar o outro, dão a entender existir uma relação que, podendo parecer normal, acaba por encerrar uma certa distinção e até rivalidade entre ambos. É então possível concluir, a existência de dois níveis relacionais dentro desta dimensão relacional interna. Um primeiro, visualizado em termos de exterioridade, e afirmado pela maior parte dos praticantes, ao rotularem a sua relação interna como natural ou boa. Um segundo, já num nível mais camuflado, e portanto não comunicado directa e formalmente, mas implícito nas suas atitudes e reacções, subentendendo a existência de atitudes e posições de rivalidade e de diferenciação social, como características internas de grupo.

« Os surfers... prontos ... pensam que estão acima dos bodyboarders, por talvez os bodys serem muitos...tipo moscas, tipo enxame, tornam-se chatos. O simples facto de irem

deitados... são diferentes, os surfistas respeitam-se mais...o bodyboarder é menos harmonioso »

Tiago, surfista, 18 anos.

« Os bodyboarders são deselegantes porque vão deitados, às vezes põem-se numa posição muito esquisita que é o dropnee, que é quando vão de joelhos, aquilo é mesmo feio ... »

Miguel, surfista, 25 anos.

« Pelo que eu vejo dão-se todos bem ... mas há certos conflitos, por vezes há brigas dentro de água ... por vezes há conflitos entre bodyboarders e surfers ... os surfers ... eles às vezes julgam-se melhores e tornam-se um bocado chatos ... e como nós já somos muitos, torna-se um crowd imenso dentro de água..., somos os melhores que vocês, vocês são os rastejantes... ficam aí com um cantinho da praia e nós ficamos com o resto da praia toda... não pode ser assim ... nós somos todos iguais ... no fundo somos todos amigos »

Carla, bodyboarder, 16 anos.

« Bem... os bodyboarders ...pra mim...há uma certa rivalidade porque os surfer pensa que tem mais direito à onda que o bodyboarder... eu costumo brincar com os bodyboarders a dizer que não prestam... que quem manda ali sou eu...»

Rui, surfista, 17 anos.

« A princípio foi... encararam-nos talvez como invasores do que era só deles...eles por vezes encaram que estão num patamar superior ... eu não concordo ... é uma sensação diferente, um prazer diferente e... já fiz surf, mas o bodyboard dá-me mais prazer... faço da forma que quero »

Sérgio, bodyboarder, 25 anos.

« São um bocado mais estranhos ... são diferentes do pessoal do surf ... sei lá ...o pessoal do surf, mesmo os que estão aí há uns anos, vão na boa, o pessoal do body, mesmo entre eles que são amigos, fazem umas guerras descomunais por causa das ondas... o pessoal do surf é capaz de dar ondas, partilhar ondas na boa, deixar os outros irem...na

boa...e fica-se a ver a felicidade que o outro está a ter,...o pessoal do body... não é capaz de fazer isso! »

Rui, surfista, 20 anos.

« Chafices ? ...não, dão-se todos bem...está tudo bem...agora dentro de água é a separação entre os bodybords e os surfistas, porque é diferente, dentro de água é que se nota a diferença. »

António, surfista, 13 anos.

Esta mensagem de diferenciação de estatuto e de competência e destreza na actividade, começa a ser divulgada desde o momento da chegada ao grupo de praticantes. O último extracto de entrevista, incluído na sequência acima, foi-me fornecido por um dos praticantes mais novos do grupo que frequenta o pico do molhe há menos tempo. É curiosa a sua opinião, segundo a qual, ainda de forma superficial e sem condições de pormenorização, refere a existência de diferenças entre os surfistas e os bodyboarders. Foi esse tipo de mensagem que lhe foi transmitida como dado de socialização de grupo, opinião que deve apreender e agora passar a difundir. A materialização e objectivação dessa mensagem dará, mais tarde, lugar, como se vê nos comportamentos dos praticantes mais velhos, a uma rivalidade, com contornos desportivos e espaciais específicos e mais acentuados, conforme a relação com e face a outros praticantes, se exerça fora ou dentro de água.

Em síntese, pode-se dizer que os membros da tribo de jovens surfistas, consideram fazer parte do grupo do molhe, ou do pico do molhe, de Portimão, revelando assim um acentuado sentimento de identidade e pertença para com aquele conjunto de jovens que se reúne naquele local. Consideram igualmente que a princípio é difícil entrar no grupo de praticantes, existindo algumas condições e estratégias que podem facilitar essa entrada. Com elas, pretendem romper, ou atenuar, a sua sujeição às várias praxes e aos momentos de verdadeiro ritual que caracterizam alguns dos comportamentos do grupo. Essas praxes, ao existirem no

grupo, funcionam como momentos em que o grupo de praticantes reforça o seu poder, e pretende instaurar um conjunto de barreiras que os novos praticantes devem vencer, como condição de serem aceites junto dos praticantes mais velhos. É um circuito de iniciação que passa de geração em geração e que os mais novos terão igualmente a oportunidade de repetir mais tarde, quando a sua integração e socialização de grupo já tiver ocorrido, e conseguirem evidenciar as suas competências e destrezas na actividade.

Das várias regras que devem ser respeitadas para fazer parte do grupo, destaca-se a de saber estar dentro de água, que aparece como o pré-requisito mais focado, incluindo a situação do respeito pelos mais velhos na água e a tão importante conduta do respeito do direito à onda. É com a divulgação destes princípios básicos da actividade, muitas vezes feita e até imposta de forma violenta, que os praticantes mais velhos reforçam o seu poder e assumem papel de destaque no processo de vigilância de entrada de novos praticantes para o grupo.

Numa observação mais atenta da realidade relacional interna do grupo, verifica-se existirem diferenças de estatuto entre os praticantes de surf e os praticantes de bodyboard. A informação fornecida pelos praticantes de ambas as modalidades do surf, confirmam que os surfers parecem ocupar, e querer mesmo acentuar e cimentar, um lugar de maior destaque no grupo, considerando-se, e sendo considerados, melhores que os bodyboarders.



Fotografia 8 - Momento de preparação do material para a prática da modalidade, interpretado por alguns dos membros do grupo.



Fotografia 9 - A correspondência à regra da entrada no mar, para principiar a prática da modalidade, num local próximo do molhe, com a finalidade de passar mais facilmente a rebentação e não condicionar os outros praticantes.

Dimensão Relacional Externa

Nas páginas anteriores, relativas à exposição da informação sobre a dimensão relacional interna do grupo de surfistas, tive oportunidade de afirmar que a principal preocupação era a de tentar compreender, e comunicar, as várias características e variantes do conjunto de relações sociais existentes no interior do grupo de praticantes. É de toda a conveniência completar esse estudo de uma dimensão relacional interna, conjugando-a agora com uma dimensão relacional externa.

Significa isto que, neste segundo momento, a principal preocupação será a de tentar compreender, e comunicar, as características relacionais do mesmo grupo, mas a nível externo, com a caracterização do tipo de relação que o grupo de praticantes mantém face a outros grupos idênticos, a de tentar inventariar as diversas opiniões dos membros do grupo, face a afirmações de adultos que conotam os jovens, e as suas realidades grupais, com epítetos negativos, e até pejorativos, a de averiguar o tipo de opiniões dos jovens sobre a eventual compreensão e aceitação da actividade que praticam pelos adultos e, por fim, a de identificar os tipos de jovens com os quais estes jovens surfistas parecem assumir um certo distanciamento e rejeição relacional. É pois o momento de medir, e ficar a conhecer, o tipo de relação do grupo face ao outro. Esse outro, neste caso, são os outros grupos de jovens que praticam também a actividade do surf, são os adultos, para os quais a prática do surf aparece como algo novo e, muitas vezes estranho, ou são ainda, os outros tipos de jovens que com os surfistas coexistem na sociedade.

Ao perguntar aos membros do grupo como classificavam o tipo de relação do seu grupo, face a outros grupos de surfistas ou de bodyboarders, foi-me dito que era uma relação boa. Cerca de vinte e quatro dos entrevistados referem esse

conceito para classificarem, e conotarem, o que pensam ser o tipo de relação face a outros grupos com idêntica actividade.

Mais uma vez, trata-se de uma resposta que penso poder encerrar alguma dose de sonegação da verdade, ou até, de artificialismo. Sou levado a fazer esta consideração por, a partir de uma análise mais atenta e profunda do grupo de praticantes, ter retido a noção da existência de uma muito maior complexidade relacional, face às características da que os praticantes pretendem dar a conhecer. Para se conseguir compreender, com uma certa razoabilidade, o tipo de relação do grupo face a outros grupos com idêntica actividade, temos que entrar, por exemplo, em linha de conta com respostas que, de uma forma não tão directa e até camuflada, informam que essa relação é boa na dimensão terra, mas assume outras variantes na dimensão mar. Catorze dos indivíduos entrevistados, referem mesmo a existência de situações de rivalidade face a outros grupos de praticantes, ou até de uma certa animosidade face a indivíduos que apareçam isolados naquele local. Convém, nesta ocasião, lembrar que, para todos os efeitos, é considerado como um espaço sobre o qual existe um conjunto de direitos de acesso e permanência. A existência de rivalidades e até, mais esporadicamente, de algumas situações de conflito, integram-se assim, num conjunto de variantes comportamentais deste grupo de praticantes, por considerarem que os outros funcionam como estranhos à prática ou ao próprio local.

« Isto do surf com muita gente é um bocado complicado, é como andar numa estrada com muitos carros ... agora até estamos a tentar ajudar os mais novos ... antes de mais, temos que distinguir dentro de água e fora de água, fora de água damos-nos todos muito bem, dentro de água, existem por vezes problemas ... quando pessoas de outros grupos se vêm instalar no nosso sítio. Hoje em dia essas coisas já estão mais calmas e os elementos dos outros grupos já vêm também praticar no molhe.»

Tiago, surfista, 18 anos.

Este tipo de relação face a outros praticantes, envolvendo uma certa dose de rivalidade e conflituidade, deve, no entanto, ser compreendida como resultado do próprio processo de afirmação e defesa de uma territorialidade que, como já vimos atrás, é um dos aspectos principais do quotidiano destes grupos juvenis.

A maior parte dos jovens que compõem o grupo de surfistas do molhe de Portimão, tiveram ainda a oportunidade de exteriorizar uma opinião segundo a qual os adultos parecem não compreender, nem respeitar, a actividade do surf. Essa situação deve-se ao facto dos adultos, erradamente segundo os jovens, os associarem a uma juventude que não fazem nada, ou se dedica à actividades ligadas à droga. Consideram que essa incompreensão, e falta de aceitação, se deve ao desconhecimento das verdadeiras características e qualidades de uma actividade que, segundo os jovens, é saudável, não poluidora e impede que eles se dediquem a outras actividades prejudiciais. É também certo que alguns praticantes deixam entender que actualmente se verifica o começo de uma maior flexibilidade e aceitação da prática, fruto da crescente divulgação nos meios de informação.

Esta perspectiva em relação aos adultos, e sobre a sua concepção sobre a actividade do surf, foi completada com um conjunto de respostas a uma outra pergunta, colocada com o objectivo de conhecer a opinião dos jovens sobre a utilização da expressão «geração rasca» por alguns adultos, para classificar genericamente, os jovens da nossa sociedade. As respostas foram bastante elucidativas, e até comunicadas com uma certa veemência, uma vez que a quase globalidade dos entrevistados, não revelaram quaisquer dúvidas em afirmar que não concordavam com essa expressão. Curiosa foi, no entanto, a informação que apareceu anexa a essas respostas iniciais, emitindo várias opiniões justificativas dessa discordância. Cerca de vinte dos entrevistados, consideraram mesmo que a razão da utilização dessa expressão se ficou a dever ao facto de as pessoas que a emitiram e divulgaram, não se encontrarem, segundo os jovens, dentro das coisas, ou não darem o devido valor aos próprios jovens.

As suas respostas permitiram ainda concluir que alguns dos jovens estavam conscientes das consequências da utilização dessa expressão, acabando por concordar com alguns dos aspectos que nela estão subjacentes. Alguns dos entrevistados, argumentaram mesmo que nem todos os jovens devem ser considerados como iguais, e outros, pretendendo uma certa distinção, defenderam a existência de alguns jovens que podem ser rotulados como rascas. Significa isto, que os próprios jovens consideraram errado proceder a generalizações, considerando que não se deve perspectivar todos os jovens segundo uma óptica meramente geracional, demonstrando possuir uma acentuada capacidade de análise e reforço da sua identidade.

« É verdade que hoje em dia existem menos valores e que algumas das coisas que se defendiam eram um pouco utópicas... até a própria sociedade conduz as pessoas a serem mais p'ra si próprias, mas acho que há muitos valores que continuam a ser defendidos. Geração rasca é de pessoas que não estão dentro das coisas e vêem de maneira muito superficial, como por exemplo dizer que as músicas dos jovens é só barulho ... se calhar não se deram ao trabalho de ler as letras das músicas ... transmitem mensagens importantes »

Tiago, surfista, 18 anos.

« Um absurdo... primeiro que tudo, nem todos os jovens são iguais ... há sempre os melhores e os piores..., definitivamente, acho que não há razão para essa definição, sou contra ...foi a pior coisa que pude ter ouvido..., irritou-me »

Carla, bodyboarder, 16 anos.

« Acho que não...não se pode apelidar esta geração de geração rasca, isso é muito forte... é diferente, sei que não pertença a uma geração rasca...há certos casos que provavelmente têm razão..., mas a maioria não... »

Bernardo, bodyboarder, 16 anos.

Esta consciência da carga valorativa da expressão geração rasca, e das consequências nela envolvidas, faz com que os jovens assumam um distanciamento do conceito, e da situação que ele encerra, e deixa traduzir a existência de um certo distanciamento face a uma realidade que pode caracterizar outro tipo de jovens que revelam comportamentos indesejados e diferentes dos seus. Confrontava-me assim com um grupo de jovens, constituído numa tribo urbana de surfistas, que revelava uma forte imagem de si próprio, e procurava argumentar, construtivamente, para alterar a fraca expectativa e conotação que os outros tinham dele. Em situações de relativa proximidade com classificações menos abonatórias, procuravam o seu distanciamento e diferenciação, face a uma realidade que não consideravam a sua, nem a do seu grupo de praticantes. Se antes tinha verificado a existência de um conjunto de procedimentos verbais e físicos, com o objectivo de defender uma territorialidade própria de grupo, agora, com esta informação, via-me perante um atitude de defesa da sua condição de jovens e da sua própria realidade grupal.

Era mais uma das formas do grupo passar a sua mensagem, segundo a qual, os seus membros eram pessoas com percursos normais na sociedade e praticavam uma actividade que, embora fosse caracterizada por uma certa inovação e radicalidade, devia igualmente ser caracterizada como uma actividade normal.

Para a compreensão destas atitudes de distanciamento e diferenciação dos jovens do grupo, face a outros jovens isolados, ou outras realidades grupais juvenis, pude ainda contar com informação fornecida nas respostas a uma pergunta orientada para a identificação de grupos de jovens com os quais não se identificassem, e revelassem até uma certa oposição. As respostas obtidas, permitiram concluir da existência de uma significativa pulverização da informação em torno de alguns grupos, ou tribos de jovens, e permitia formular uma tipologia constituída por vários grupos de jovens. As referências que apareceram traduziam a existência, e vontade de distanciamento, para com grupos de jovens como, os que não fazem nada, os metálicos, os motoqueiros, os toxicodependentes, os bétinhos,

os vândalos, os cromos da bola e, por fim, os pimbas. A referência com maior frequência de citação, localizou-se em relação aos motoqueiros, considerados indivíduos com uma actividade de lazer com pouca importância e directamente responsável pela poluição do meio ambiente. Nela, o jovem limita-se ao controlo de uma máquina, que em nada se compara à necessidade de destreza e empenho de ordem física, como as que são exigidas pela actividade do surf.

Uma outra reacção interessante, tem a ver com a forma como denunciam as atitudes de droga e referem que os toxicodependentes constituem um grupo com o qual não se identificam. Importa clarificar que esta atitude de reacção à droga pode aparecer como natural num grupo de praticantes que, em certa medida, faz a apologia da saúde e da actividade física como condições necessárias para a prática da modalidade do surf, evitando assim a adesão a práticas impeditivas de bons desempenhos, quer no surf, quer no bodyboard. Parece não existir também grande proximidade relacional com alguns jovens que se assumem como metálicos, embora alguns dos membros do grupo de surfistas considerem que esses têm uma filosofia de vida, com traços culturais específicos e interessantes.

« Por exemplo... lá na escola... os que jogam futebol, constituem um grupo, numa zona demarcada, não me identifico com eles..., há também os heavy que no fundo têm uma filosofia engraçada, tenho amigos que pertencem a esse grupo...não me identifico com eles, mas não os rejeito ... ao passe que os outros rejeito ... os cromos da bola... »

Bernardo, bodyboarder, 16 anos.

« Talvez mais os bétinhos da noite, com botas bicudas, gel, discotecas todos os dias se for preciso ... não fazem nada, apesar de eu também andar na noite às vezes ... os que menos valorizo, não me chateio com eles ... os motoqueiros, aqueles que usam as motas mais como objecto de ostentação ... é isso... não quer dizer que sejam todos...»

Sérgio, surfista, 24 anos.

« Os metálicos... não é não gostar ... cada um escolhe o grupo com quem se dá...sinto-me bem com os do surf, não posso criticar as pessoas por aquilo que escolheram...mas que não gosto, não gosto.»

Iuo, surfista, 17 anos.

« Há muitos grupos...cada um deles tem as características... mas há o grupo dos pimbas, dos motoqueiros, de blusão, de capacete e de botas de bico...e depois ainda há as meninas...»

Ana, surfista, 17 anos.

Pode-se pois dizer que a dimensão relacional externa deste grupo de surfistas, é caracterizada pela existência de um conjunto de relações sociais que se podem perspectivar a dois níveis. Num primeiro, em termos de exterioridade, aparece, e é informada, a existência de uma relação classificada de boa, ou normal, entre todos os praticantes do grupo. Num segundo, já num nível de maior interioridade, verifica-se a existência de relações de praxística quase ritual e iniciática, face aos novos praticantes, ou a prática de atitudes de rivalidade, que assumem um maior significado dentro de água. Essas atitudes embora decorram, muitas vezes, de forma esporádica, podem mesmo chegar a momentos de alguma violência ocasional. As razões destas atitudes radicam directamente na defesa territorial de um espaço considerado seu, e no desejo do reforço de uma autoridade simbólica naquele local. Os jovens entrevistados demonstram não concordar com as perspectivas e conotações negativas que os adultos possuem sobre eles, revelando mesmo uma forte discordância em relação à utilização de expressões como geração rasca. Consideram que essas formulações negativas se devem ao facto dos adultos não possuírem um conhecimento exacto sobre a realidade quotidiana dos jovens, uma vez que os jovens não devem ser percebidos apenas como uma unidade homogénea. Em contrapartida, realçam a necessidade de perspectivar os jovens segundo a óptica da diversidade e heterogeneidade, aconselhando, desta forma, a assumir alguma prudência e

critério nas formas de encarar, estudar e classificar a juventude. Por fim, revelam não se identificar com alguns grupos de jovens, aparecendo os motoqueiros e os toxicodependentes, como os grupos juvenis que mais rejeição suscitam na maior parte dos membros do grupo.

Dimensão Organizativa

O estudo de uma realidade grupal juvenil, para além de dever incluir a preocupação com os aspectos relacionais internos e relacionais externos, procurando identificar as características específicas dessas duas dimensões relacionais, deverá também conhecer e caracterizar as características existentes a nível da organização desse grupo de jovens.

Já os objectivos definidos para este trabalho incluíam essa preocupação, através da existência de referências, como o tentar analisar a estrutura, relações e hierarquias no interior de um grupo de surfers ou ainda, e desta vez como objecto específico, o tentar confirmar que as tribos urbanas na juventude são formas de agregação social específica, caracterizadas por um conjunto de padrões de conduta e modelos de comportamento específicos.

A preocupação com a dimensão organizativa do grupo de jovens surfistas subentende, neste sentido, o interesse com o estudo de aspectos particulares como, a detecção da opinião dos membros do grupo sobre a existência ou não de um grupo de praticantes, o levantamento das suas opiniões sobre a definição de grupo do molhe ou grupo do pico do molhe, a averiguação se o tempo de prática confere um estuto diferente a alguns praticantes, a identificação de quem os praticantes recebem as críticas ou sugestões e, por fim, a análise da eventual existência de fenómenos de liderança no grupo de praticantes.

Foi perguntado aos membros do grupo se consideravam existir, efectivamente, um grupo de praticantes. A maior parte das respostas obtidas apontam no sentido da concordância em relação a essa existência, embora existam alguns praticantes, mais circunscritos à prática da modalidade do surf, que completam as suas respostas, com a inclusão de informação complementar. São de opinião que existe um grande grupo de praticantes, comportando no seu interior, em seu entender, dois sub-grupos, relacionados directamente com a prática das modalidades do surf ou com a prática da modalidade do bodyboard. Um outro critério de distinção, e até diferenciação, da existência de vários sub-grupos, assenta na possibilidade de maior ou menor permanência de alguns dos praticantes no local onde decorre a actividade. Seguindo esta perspectiva analítica, existiriam dois, ou até mais grupos de praticantes, dentro do grande grupo de surfistas do molhe de Portimão, estruturados de acordo com critérios de natureza prática, como o praticar uma modalidade ou outra, ou de natureza temporal, ao permitir que alguns praticantes permanecessem mais tempo no local da prática, assumindo, dessa forma, uma relação de maior protagonismo individual e grupal no território, vindo a criar uma sub-estrutura grupal.

Algumas opiniões deixam mesmo entender, objectivamente, uma opinião assente na defesa da existência de um grupo de praticantes, caracterizado pela diversidade de níveis internos e pela complexidade organizacional.

« Não nos apercebemos disso...mas agora analisando a questão de fora talvez exista um grupo...»

Tiago, surfista, 18 anos.

« Sim há, toda a gente se conhece ... os amigos todos andam sempre juntos. Acho que podem ser conhecidos como o grupo do molhe, nem sempre eles estão cá, mas acho que sim..., podem ser conhecidos como grupo do molhe »

Carla, bodyboarder, 16 anos.

« Grupo do molhe ? Tem vários grupos, dentro do grande grupo do molhe...existem depois pequenos grupos ... mas toda a gente se dá bem »

Bruno, surfista, 18 anos

« Eu acho que neste grupo... os locais... o que me dá a ver é existe um ou outro praticante que sobressai no meio deles todos ... mas os outros sub-grupos todos que vão pra lá fazer surf, não há ninguém que sobressaia em relação a ninguém ... estão os locais e depois há os outros sub-grupos ... têm uma relação amigável entre eles todos. Os locais existem porque estão lá há mais tempo... não há uma relação do tipo vai-te embora daqui... tu não és daqui ...não há nada disso, mas às vezes quando as ondas estão boas sente-se isso ... eles dropinam um bocado o pessoal ... também porque são mais rápidos...»

Ricardo, surfista, 17 anos.

Existem assim dois ou três níveis de organização grupal dentro do grande grupo de praticantes, mas que estão de tal forma diluídos que se tornam difícil perceber, delimitar e analisar. Apenas com uma permanência continuada junto dos praticantes foi possível detectar essa realidade mais específica, e identificar um outro praticante que se poderia assumir mais em termos de liderança.

A globalidade dos membros do grupo consideram que o tempo de permanência na actividade, e o conseqüente acréscimo da destreza e perfeição na prática das várias manobras, confere um estatuto diferente aos praticantes que compõem este grupo do molhe. Embora a maior parte dos praticantes do grupo do molhe ou do pico do molhe, - designações aliás, que os praticantes consideram possíveis de utilização para uma referência mais exacta e localizada ao grupo de praticantes - me tivessem informado da não existência de líderes no grupo, o que é certo é que, a partir de uma observação mais atenta da realidade grupal, com a observação dos seus comportamentos em terra, e fundamentalmente no mar, e com a realização da análise do conteúdo das suas entrevistas, verifica-se a existência de alguns praticantes que, por reunirem algumas condições particulares, assumem um estatuto diferente face aos restantes membros do grupo. Por terem mais tempo de prática, por conhecerem melhor as condições do mar e dos ventos,

por possuírem mais conhecimentos sobre a prática da modalidade, por revelarem uma maior experiência, ou por passarem por uma maior evolução, acabam por cimentar uma posição de maior destaque no interior do grupo de praticantes.

Esse seu destaque individual completa-se, e reforça-se, ainda com a possibilidade de aconselhar, criticar ou dar sugestões aos praticantes mais novos, funcionando esse apoio como forma de reforço da sua condição e do seu estatuto dentro do próprio grupo de praticantes. Foi perguntado a todos os praticantes de quem receberiam críticas ou sugestões, com a finalidade de inventariar as condições e origem das opiniões que pretendiam obter, e assim conseguir averiguar se uma situação de liderança, existente de forma mais ou menos camuflada e informal, se podia revestir de características de imposição, mas também, com características de aceitação. Curioso, e significativo, foi verificar que a maior parte das respostas informavam que as críticas e sugestões, para além de serem recebidas de praticantes mais chegados, eram igualmente, e em alternativa, recebidas de praticantes com mais tempo de prática, ou com mais experiência. Esta verificação, permite concluir que os factores e condições, relativos ao tempo de prática ou ao reconhecimento de uma maior experiência, criam condições directas para uma maior facilidade de emissão da crítica ou da sugestão, levando ao destaque de um ou outro praticante e ajudando a definir mais que um nível de estruturação dentro do grupo.

« Não existem líderes estabelecidos, mas há certas diferenças dentro do grupo de praticantes que têm a ver com a antiguidade e a maneira como fazer surf..., com o nível que têm e com o carácter das pessoas..., o carácter tem sempre uma palavra importante, hoje em dia não há ninguém que se assuma e seja visto como chefe ... está muito espalhado ... muito diluído »

Tiago, surfista, 18 anos.

« Eu acho que sim ... há assim como que um respeito dos mais novos para com os mais velhos, não que nós queiramos que isso aconteça ... acontece espontaneamente...eles estão mais num plano de aprendizagem, tal como já se falou... nós "donos" aqui do pico ... eles vêem-nos assim mais ou menos como isso ... donos da praia, mas não tem nada a ver...»

Sérgio, surfista, 24 anos.

« Sim o tempo de prática faz com que as pessoas sejam vistas de forma diferente, eles recebem sempre bem uns aos outros, mas quando alguém é mais velho, tem mais experiência, é quase como o pai da malta toda, os melhores são sempre mais respeitados ... muito bem vistos. »

Carla, bodyboarder, 16 anos.

« Acho que há gente... por exemplo..., uma pessoa que eu gostava de imitar é um indivíduo que pratica há muito tempo, há muita gente que procura imitar esse rapaz, é um bom praticante, não é bem líder, é um símbolo, ele já faz surf há muito tempo »

Rui, surfista, 17 anos.

É esta organização grupal simples, estruturada num grande grupo de praticantes, com a existência de várias dimensões sub-grupais, marcada pela existência de alguns praticantes que se destacam pela qualidade da sua prática e pelo nível dos seus conhecimentos, que aparece como uma das características organizacionais deste grupo de praticantes. Alguns dos praticantes mais velhos consideram, no entanto, que essa organização se encontra numa fase de mudança, caracterizada pelo esbatimento de um conjunto de regras, fundamentais à própria sobrevivência do grupo e possibilitadoras da afirmação da sua individualidade e posição junto dos outros praticantes. Consideram mesmo que se verifica, actualmente, uma alteração das relações individuais no interior do grupo de praticantes, traduzida na alteração de comportamentos considerados imprescindíveis. Esses praticantes mais velhos chegam mesmo a denunciar, o que dizem ser, a falta de respeito, para com um tipo de organização que assimilaram e

divulgaram, desde o momento da sua entrada no grupo de praticantes, mas que hoje vêem detriorar-se com a chegada de novos praticantes.

« Acontece... apercebo-me dessa situação ... aquele indivíduo que já faz umas boas manobras em relação a um indivíduo que começou a fazer há pouco tempo, são vistos de forma diferente, são bons surfistas ... mais velho ... antigamente sim ... agora está-se a perder a tradição.»

Miguel, surfista, 23 anos.

« Antigamente existia mais respeito ... Hoje não respeitam quem vai na onda, e não passam a rebentação na espuma, que é onde apanham mais porrada. Querem passar pela parede que é o sítio mais fácil, mas a parede é de quem vai na onda. A parede é o único sítio onde se faz surf. Acho uma falta de respeito o que vai para a parede atrapalhar o que está em cima da onda. As coisas tornam-se num caos. »

Miguel, surfista, 25 anos.

Concluindo, pode-se dizer que a componente organizativa deste grupo de praticantes, uma tribo de jovens surfistas, é caracterizada pela existência de um conjunto de relações organizacionais que divergem entre a consciência da existência de um único e grande grupo de praticantes, uma estrutura simples em termos de organização social, ou da existência de vários sub-grupos dentro daquele grande grupo, complexificando assim a estrutura e organização social do próprio grupo. Nesta segunda aceção existiriam vários segmentos grupais, embora assimilantes, e até comungantes, de uma idêntica ordem e organização de grupo.

Embora textual e formalmente considerem, e informem, a não existência de líderes no interior do grupo, o que é certo, porém, é que existem alguns praticantes que, por reunirem condições de maior destreza na modalidade, transmitirem maiores conhecimentos relativos a essas modalidade, ou por terem mais tempo de prática, acabam por se destacar, e assumir um maior protagonismo individual, acabando por funcionar como líderes informais ou, como dizia um dos entrevistados, não estabelecidos. É esta organização social, gerada de forma voluntária, ou involuntária, e assumindo características de uma maior ou menor

simplicidade, que permite ao grupo de praticantes garantir a sua autoridade sobre uma territorialidade, obter as condições necessárias para a continuação da sua actuação naquele local, e continuar a fazer a representação de uma actividade que escolheram como forma de se afirmarem individual e socialmente.



Fotografia 10 - Alguns dos membros do grupo, em momentos de descanso no molhe, depois de um anterior momento de prática.



Fotografia 11 - Membros do grupo do molhe com mais tempo de prática do surf.

Dimensão Sócio-Cultural

Em relação ao estudo da dimensão sócio-cultural desta tribo de jovens surfistas do molhe de Portimão, dimensão do quotidiano do grupo de jovens que enquadra directamente nas duas hipóteses que foram definidas para este trabalho, tento averiguar se os membros do grupo têm alguém na família que também pratique as modalidades do surf ou do bodyboard, se consideram ter apoio da família para a prática da modalidade, se foram alguma vez criticados por praticar a modalidade e quais as suas concepções, negativas ou positivas, sobre a Escola e a Família.

Existe um certo equilíbrio entre as respostas que referem que são os únicos a praticar a modalidade e aqueles que informam que na sua família têm um familiar que tenha também aderido à mesma prática. No caso dos entrevistados que referem existir um familiar a praticar a modalidade, esse familiar é, como acontece na maior parte dos casos, um primo, existindo mesmo, três ou quatro casos, de irmãos a praticar a modalidade, fazendo parte do grupo do molhe de Portimão.

Em relação ao apoio dos familiares para a prática da modalidade do surf, ou do bodyboard, a maioria dos entrevistados revela poder contar com esse apoio. Apenas oito dos entrevistados consideram não reunir esse apoio por parte dos familiares, considerando que o actual apoio de que dispõem, é resultante de um longo processo de consciencialização dos seus progenitores, para a importância da modalidade e para o papel que ela preenche na vida dos seus filhos.

« Hoje em dia os adultos já compreendem e respeitam mais a actividade, porque muita coisa tem mudado ao longo dos tempos e vêem o surf como um desporto normal.

como o futebol. No meu caso, tenho apoio da família para prática do surf. A princípio achavam esquisito ... agora acham normal...»

Tiago, surfista, 18 anos.

« Por acaso, não apoiam nem desapoiam ... no meu caso, o surf atrapalhou um bocado os estudos ... na altura em que comecei a fazer surf, comecei a me baldar para os estudos, mas por outro lado ... cheguei a ser criticado ... baldei-me à escola e vinha para a praia...não estudava, passava tardes inteiras aqui...»

Miguel, surfista, 23 anos.

« Quer dizer... eu não tenho apoio... eles não gostam, nem desgostam... mas nunca criticaram...às vezes dizem ... não vais fazer surf, tens que ir estudar... às vezes pensam que eu faço muito surf e não estudo, não estudo para os testes... e às vezes têm razão... mas eu já tenho mais ou menos a responsabilidade, já sei quando tenho que estudar e não tenho...»

Miguel, surfista, 18 anos.

« Não..., pelo contrário, não tenho apoio da família...no ano em que comecei a fazer surf... o meu pai ajudou-me a comprar a prancha e comprou-me o fato e depois... passado um ou dois anos... a partir daí só tive a oposição da minha mãe, embora já seja um bocado crescidinho... ela nunca se deu ao trabalho de compreender e respeitar a minha actividade... falta de interesse... às vezes as pessoas conhecidas dos meus pais ou meus conhecidos encontram-me e perguntam ...então ainda fazes surf ? numa perspectiva negativa, e acho isso deplorável.»

Miguel, surfista, 25 anos.

Esta denúncia da existência de críticas, interpretadas pela família e por outras pessoas, é um dos aspectos referidos por alguns dos membros do grupo, embora considerem que se trataram de situações iniciais, felizmente já ultrapassadas. As razões das críticas, no caso específico das que são ou foram formuladas pela família, radicam directamente no facto dos jovens permanecerem

tempo demasiado na praia e prescindirem das actividades escolares, a favor da prática da actividade do surf. O exemplo seguinte é ilustrativo dessa situação de crítica denunciada por um dos membros do grupo por, precisamente, investir demasiado tempo na actividade.

« Sim, sim, os meus pais criticam ... levas o tempo todo na praia... há dias... até acho natural porque eles pensam que a gente fica desinteressado de tudo... só pensamos naquilo e viramos irresponsáveis..., mas não...»

Bruno, surfista, 18 anos.

As concepções destes jovens sobre a Escola, até porque, como já tive oportunidade de clarificar anteriormente, a maior partes deles tem ainda o estatuto de estudante, apontam no sentido, dentro dos aspectos positivos, de considerarem a escola como um local que dá formação, opinião referida por cerca de dezassete dos entrevistados, e um local onde se aprende, opinião referida por treze dos entrevistados. Consideram igualmente que é um local que classificam como um sítio importante, na medida que é onde se tem os amigos. Alguns dos entrevistados não revelam mesmo quaisquer dúvidas em afirmar que gostam da escola. Existe assim uma concordância com os estudos realizados por Luisa Schmidt, sobre os jovens portugueses, que considera que a escola funciona como um dos locais importantes de convivialidade dos e para os jovens, aparecendo como um «espaço de lazer importante», na qual o «convívio, na opinião dos jovens, é a função que a escola melhor cumpre e que mais satisfação lhes produz» (SCHMIDT 1994: 248).

Foi igualmente pedido aos jovens que referissem eventuais aspectos negativos que, nas suas opiniões, pudessem caracterizar a escola. As respostas incidem nos aspectos da crítica à própria organização e até a alguns professores. Segundo os entrevistados, a escola é um local onde existem maus professores, onde as pessoas não são estimuladas, onde existem disciplinas sem interesse para a

sua vida futura, e ainda um local onde a organização das matérias, de acordo com as suas próprias palavras, se apresenta desligada da realidade. Existem mesmo cerca de oito dos entrevistados que consideram a escola como um sítio chato, defendendo tratar-se de um sítio de «autêntica seca».

« Eu gosto ... gosto de estar na escola..., já gostei mais ... acho que ... eu agora estou numa fase... aborrece-me estudar, da escola, estou na escola e estou sempre a pensar se saio da escola pra ver se há ondas ... pra ver se este fim-de-semana...mas também é mais... porque antes até gostava, e agora está a apetecer-me diversificar...tem aspectos negativos também...e depois ter que estudar para o teste, não tenho paciência para estudar, não me diz nada, a escola é chata, mas há algumas aulas que gosto... aulas em que a gente ri e está na maluquice e depois nos intervalos está lá com os amigos ... isso gosto... »

Mariana, surfista, 17 anos.

Embora existam cerca de quatro ou cinco entrevistados que afirmam que a escola não tem aspectos negativos, podemos concluir que existe uma dualidade de concepções em relação à instituição escola. Por um lado, uma valorização da instituição como espaço relacional, onde se tem os amigos, onde se convive e onde, segundo quatro ou cinco dos entrevistados, se vive. A escola aparece assim, nesta perspectiva de valorização, como um espaço relacional e como mais um local de encontro, conversação e convívio entre os jovens. Por outro lado, a escola parece revelar-se, já numa perspectiva de desvalorização, como uma instituição ou local, onde as pessoas não são estimuladas, sendo percebida como um sítio chato, devido à existência de um conjunto de horários e tarefas escolares a cumprir, muitas vezes distantes dos interesses dos alunos. Um dos entrevistados, reforçando a opinião de crítica à instituição escolar, refere o seguinte:

« A escola é uma instituição completamente desorganizada ...mas é mesmo... há professores que não dão as aulas, pois eu até gosto de estudar, estou num curso que me está a encaminhar para aquilo que eu quero ser ...mas para muitos torna-se uma

obrigação... gosto de estudar ... penso que poderia ter aspectos mais positivos se os professores vissem aquilo de maneira diferente. Tem aspectos positivos, as pessoas passam a saber mais, conforme adquirem mais conhecimentos, ficam mais enriquecidas, ajuda as pessoas a falarem...a comunicarem...»

Paulo, bodyboarder, 19 anos

Os membros da tribo de jovens de surfistas foram também colocados perante algumas situações de entrevista, visando criar as condições para a inventariação das suas opiniões, positivas, e eventualmente negativas, em relação à família. No que diz directamente respeito à inventariação dos aspectos positivos, existentes sobre a família, a maioria dos entrevistados revela valorizar significativamente a instituição família, na medida em que a classificam como a instituição que os apoia, opinião textual de catorze dos entrevistados, ou como instituição importante, opinião referida por dezoito dos entrevistados. Existem cerca de oito praticantes que afirmam convictamente gostar da sua família. Se conjugarmos estas opiniões, com o índice e conteúdo das respostas emitidas à pergunta se a família poderá ter aspectos negativos, nas quais apenas um ou outro jovem dá a conhecer uma ou outra resistência, e não concordância a um ou outro comportamento da sua família, então somos levados a concluir que a instituição social família aparece como uma referência social importante para estes jovens, revestindo-se de uma carga valorativa globalmente positiva.

Em conclusão pode, e deve mesmo, dizer-se que a análise da dimensão sócio-cultural desta tribo urbana de jovens surfistas, permitiu ficar com o conhecimento que os jovens que a compõem, revelam ter o apoio da família para a prática da actividade do surf, mesmo que esse apoio resulte de um processo de crescente consciencialização e admissão da importância e do papel da actividade para a vivência quotidiana dos filhos.

Para estes jovens, a escola é vista como um local importante, valorizado no aspecto específico do campo ou nível relacional, na medida em que aparece como o local onde os jovens se encontram com os amigos, convivem, trocam

impressões e informações, e assistem a uma ou outra aula que lhes consegue despertar o interesse e motivar. A falta de competência de alguns professores e as consequentes faltas de motivação e estimulação dos alunos, para as actividades escolares, assim como a existência de uma má organização da própria instituição escolar, aparecem como os principais aspectos negativos que os jovens consideram existir na escola, determinando a sua desvalorização no aspecto especificamente institucional.

Se a escola aparece classificada nessa dualidade de valorações, positivamente para um espaço relacional e, genericamente, negativa, para um espaço institucional, já a classificação da instituição família parece reunir um maior consenso para estes jovens, aparecendo revestida de uma valoração e concepção globalmente positivas, não revelando quaisquer aspectos negativos.

Dimensão Psicológica

Nesta última dimensão de estudo, relativa à inventariação das atitudes de natureza psicológica, que envolvem e marcam a conduta dos vários membros do grupo, procuro identificar a tipologia das sensações obtidas e sentidas pelos praticantes em vários momentos da sua prática. A opção a seguir, é a de tentar captar as sensações sentidas pelos praticantes, nos momentos de espera das ondas ou em momentos de realização das manobras. É igualmente o tentar identificar as características que, na opinião dos próprios membros do grupo, devem caracterizar um bom praticante da actividade e o tipo e nível de satisfação que lhes é permitido com essa prática.

Tive oportunidade de perguntar aos membros do grupo que sensações obtinham quando estavam em cima da prancha à espera para fazer uma onda.

Tratando-se de um momento de espera de um conjunto de condições, consideradas adequadas para se fazer a onda, gerava-se assim um momento de espera, susceptível de ser interpretado e caracterizado pelos praticantes, cujas opiniões importava caracterizar e compreender.

As respostas fornecidas pelos praticantes, em relação às sensações tidas nesses momentos de espera das ondas, divergiram entre os que consideram existir um momento de ansiedade por apanhar uma boa onda, os que defendem existir um momento de reflexão, o que em certa medida se liga à anterior situação de evasão, o que segundo alguns dos praticantes lhes é permitido com a prática da actividade, os que consideram tratar-se de um momento de animada conversa, comportamento referida por cerca de oito praticantes, ou ainda, os que consideram existir um momento de apreciação da natureza, sentimento informado por dez praticantes.

« Quando veja a onda sinto uma ansiedade em a apanhar, acho que aquilo tem que ser meu..., totalmente meu, acima de tudo sinto-me uma certa individualidade, sinto que ali, sou um indivíduo diferente dos outros, sinto uma grande paz de espírito, quando ali estou..., é isso que as pessoas não compreendem ..., um indivíduo sentado numa prancha...a surfar umas ondas, dizem que já devíamos ter cabeça para ter juízo...é uma seca estar à espera, depois ansiedade em apanhar a onda ... depois é a descontração total »

Paulo, bodyboarder, 19 anos.

Este conjunto de sensações, existentes num momento anterior à realização da onda é completado nos momentos seguintes à sua realização. É nesses momentos específicos, da realização das ondas, que os praticantes, segundo os seus próprios termos, atingem uma maior dose de adrenalina, sentem-se livres e bem, conjuntamente com a obtenção da sensação de evasão aos seus problemas quotidianos.

A importância da prática do surf deriva da possibilidade em usufruir dessas sensações físicas, desportivas, grupais e, para alguns praticantes, numa perspectiva mais purista e idealista do surf, sensações de nível espiritual. São estas sensações, e o papel que têm na vida dos jovens, que acabam por funcionar como o principal elo de ligação à prática da modalidade do surf, ou do bodyboard, e à própria condição de pertença ao grupo do molhe de Portimão.

A globalidade dos entrevistados respondeu afirmativamente a uma pergunta, orientada no sentido de averiguar se a prática do surf os satisfazia, e dez deles, acabaram mesmo por referir que essa prática lhes dava muita satisfação. Consideram, no entanto, que deviam dedicar ainda mais tempo à prática, como condição imprescindível a uma maior evolução e conhecimento específico da actividade. É ainda importante acrescentar que muitos dos entrevistados realçaram a importância da prática do surf, por possibilitar o contacto com a natureza e por permitir uma melhor apreciação de aspectos como o mar, o céu, o sol, o vento ou as ondas.

« O que é que eu sinto ? eu estou na onda ... é demais... sinto, sinto... sinto...força, mais forte, grande, não sei explicar... ligada ao mar, ligada à natureza, parece que esqueço tudo, no momento em que estou na onda esqueço tudo »

Mariana, surfista, 17 anos.

« Ansiedade...Nervosismo, ansiedade porque eu estou à espera que venha uma onda perfeita e nervosismo, porque eu ainda caio, poucas vezes... as ondas nunca são iguais, nunca sabemos o que vem a seguir »

Rui, surfista, 17 anos.

« Uma certa ansiedade... ansiedade... sim..., especialmente quando as ondas estão boas, querer fazer sempre mais uma onda, mas também é sempre um momento de reflexão, principalmente quando está pouca gente. Estamos ali na natureza e despertamos para outras coisas como o mar, a natureza, o pôr- do-sol. É muito difícil definir o que se

sente nessa altura. Quando entramos pra dentro de água é um mundo à parte, esquecemo-nos de tudo...é um momento de evasão...Lá dentro não há aqueles problemas de casa.))

Tiago, surfista, 18 anos.



Fotografia 12 - Exemplo de prancha de surf, personalizada com desenho realizado pelo seu proprietário.

A prática do surf parece pois revelar-se como uma prática importante para estes jovens na medida em que lhes fornece um conjunto de sensações específicas, diferentes das que obtêm na escola e junto da família, contribuindo para reforçar a sua condição de aderentes à prática da modalidade e de membros de um círculo restrito de praticantes com os mesmos interesses. Formam assim um grupo, ou uma tribo urbana de surfistas, com características culturais específicas, desempenhando um conjunto de comportamentos espaciais

específicos, com o objectivo de atingir um conjunto de sensações e emoções, igualmente específicas.

Para os membros deste grupo de surfistas, é importante praticar surf por várias razões. Primeiro, porque afirmam gostar do mar, e essa prática permite o contacto com o mar, depois porque é uma prática que lhes dá muita satisfação, porque lhes permite contactar com a natureza, ou ainda, e finalmente, porque lhes dá a oportunidade de fazer parte de um grupo de praticantes associados pelos mesmos interesses e objectivos. A sua principal preocupação é mesmo, a de conseguir entrar no grupo de praticantes, ser visto como um membro activo desse grupo e vir a tornar-se um bom praticante da actividade do surf. Esta preocupação, aliás revelada por todos os entrevistados, com a possibilidade e desejo de se virem a tornar bons praticantes de surf, assenta num conjunto de critérios que, segundo os praticantes, devem existir em condição na pessoas do surfista.

O principal critério, para estes entrevistados, é de natureza física e de destreza a nível de movimentação, já que para eles, um bom praticante deve, acima de tudo, ser um surfista que faça bem as manobras e revele gostar da actividade. Depois, a acompanhar esse critério de natureza física e a nível do envolvimento coma prática da actividade, encontram-se condições como o conseguir ligar-se à onda e ter um surf bonito, ou ainda o conseguir ser um surfista harmonioso, ser uma pessoa com humor, conhecer o mar, não poluir o mar nem a praia e ser visto como uma 'pessoa fixe'. Curiosas são ainda algumas das respostas dos entrevistados, que consideram condição necessária do bom surfista, o não fumar e o não entrar pelos caminhos das drogas.

Em conclusão, pode-se dizer que a dimensão psicológica dos membros da tribo urbana de surfistas do molhe de Portimão, é caracterizada pela existência de um conjunto de sensações usufruídas pelos jovens do grupo nos momentos anteriores, no durante e nos momentos seguintes à pratica da actividade e à realização das várias manobras nas ondas. Os jovens dizem sentir-se bem no momento de espera das ondas e nos momentos em que as conseguem fazer, e

revelam passar, principalmente, por situações de grande ansiedade nos momentos de espera e luta pelas ondas. Para eles, esses momentos de espera de boas ondas, - de espera do set -, pode ainda permitir momentos de conversação, reflexão e contemplação da natureza.

Para estes jovens que compõem o universo que tive oportunidade de estudar, é importante praticar surf e um bom praticante é aquele que faz bem as manobras, tem um surf bonito e consegue ligar-se à onda, revelando, dessa forma, acentuados índices de conhecimento específico da modalidade e de destreza física que os praticantes mais novos, na maior parte dos casos, desejam alcançar e imitar. Para estes jovens, é importante praticar surf, na medida em que se trata de uma modalidade que lhes dá muita satisfação e lhes permite o esquecimento dos seus problemas quotidianos, através de momentos de autêntica evasão, ou reflexão e apreciação da natureza.

Em síntese, pode dizer-se que a partir da realização da leitura qualitativa dos dados, contemplados nas várias dimensões de estudo, resultaram os seguintes aspectos:

- Existência de um grupo de praticantes da actividade do surf que percebem a sua prática principalmente como um desporto e acentuam o carácter sexualista da actividade, considerando que as raparigas não a praticam, por medo ou por falta de vontade. É difícil começar a praticar surf e a manobra mais importante e desejada é o Tubo.

- A prática da actividade decorre sempre que há ondas, fazendo-o porque gostam de praticar ou porque já tinham amigos que anteriormente já o faziam. A prática do surf ou do bodyboard deve-se a um conjunto de razões directamente relacionadas com a atracção pelo risco e afirmação da sua própria individualidade. É igualmente importante porque permite a evasão ao seu quotidiano escolar e familiar, preferindo a prática em pequeno grupo de molde a conseguirem partilhar saudavelmente as ondas. A preferência pela prática do surf,

em detrimento do bodyboard, deve-se ao facto da primeira modalidade ser mais difícil de iniciar e praticar, reflectindo-se num maior prazer e numa maior respeitabilidade para com os praticantes da modalidade. A maior parte dos praticantes revela ter consciência da existência de um grupo de praticantes, embora alguns considerem existir mais do que um grupo de praticantes dentro do grande grupo do molhe de Portimão.

- Para se praticar a modalidade é necessário adquirir o equipamento, ser boa pessoa, ser conhecedor de um conjunto de regras específicas do grupo e do próprio local, onde decorre a pratica da actividade do surf. O respeito pelos mais velhos, o respeito pelo direito à onda e, especificamente, o evitar dropinar, aparecem como as principais regras a serem cumpridas pelos membros do grupo de praticantes.

- O local escolhido para a prática da actividade do surf, junto ao molhe de Portimão, foi seleccionado por ser um local com boas ondas, com um bom fundo, principalmente para os praticantes mais novos, sujeitos a mais quedas, e ainda, por ser um local perto da área de residência da maior parte dos praticantes. O grupo de praticantes revela uma atitude de defesa desse local, encarando-o como uma territorialidade a preservar, e defender, dando a entender a existência de um conjunto de comportamentos afirmativos dessa posse, face a eventuais estranhos, que pretendam frequentar o local.

- Os praticantes revelam ter consciência da pertença a um grupo de praticantes da actividade do surf e reconhecem que a princípio é difícil entrar no grupo de praticantes. O apoio de amigos que já praticam a modalidade do surf, ou do bodyboard, é a principal condição facilitadora dessa entrada e integração no grupo. Uma vez dentro do grupo, consideram que a relação existente é boa, embora se detectam rivalidades e conflitos entre surfers e bodyboarders, revelados nas classificações que são utilizadas por uns para definir e apelidar os outros. Para que actividade possa decorrer sem problemas todos os praticantes têm que revelar que sabem estar na água.

- Os praticantes consideram que a sua relação com outros grupos de praticantes de surf ou bodyboard, com evidência nas áreas limítrofes de Portimão, é, actualmente, uma boa relação, e informam que esses praticantes têm vindo a aproximar-se do grupo do molhe de Portimão. Não concordam com adjectivos existentes sobre os jovens, como é o caso da conhecida expressão Geração Rasca, e consideram que as pessoas não estão dentro das coisas, nem compreendem os jovens. Alguns dos entrevistados consideram mesmo que os jovens não são todos iguais e que, por existirem jovens que podem ser vistos como rascas, consideram ser necessário fazer uma leitura da juventude, orientada por critérios de diversidade e multiplicidade. Os entrevistados revelam ainda não se identificar com alguns grupos de jovens, destacando os motoqueiros e os toxicodependentes como grupos face aos quais a reacção e rejeição é maior.

- Existem membros do grupo que defendem a não existência de líderes no interior do grupo, face a outros que defendem existir um ou outro membro que se destaca no grupo de praticantes e se assume como líder informal. As razões dessa liderança, exercida em termos de maior ou menor informalidade, radicam directamente na maior quantidade de tempo dedicado à prática da modalidade, na maior experiência, na melhor qualidade das manobras e na transmissão da existência de uma maior evolução que alguns praticantes revelam a todo o grupo. Essas condições permitem que alguns praticantes sejam vistos de forma diferente e reforçam o seu protagonismo dentro do grupo, oferecendo-lhes a possibilidade de fazer críticas ou sugestões aos praticantes mais novos.

- A maior parte dos membros do grupo revelam ter o apoio da família para a prática da actividade do surf, como resultado de um crescente processo de consciencialização e flexibilização dos seus pais. Para estes jovens, a Escola aparece como um local chato, mas é visto como um local importante, na medida em que é um local onde se aprende e obtém formação. É igualmente um local onde os jovens têm os seus amigos e onde podem conversar e relacionar-se entre si. A desvalorização da Escola aparece localizada, especificamente, no aspecto

institucional, devido ao facto dos entrevistados considerarem que é um local caracterizado pela existência de maus professores ou de um ambiente escolar de reduzida estimulação e motivação para os alunos. Para estes jovens, a família é quem os apoia e ajuda nos momentos difíceis, argumentando que não revela quaisquer aspectos de ordem negativa.

- O reforço da pertença ao grupo, e da própria adesão à prática do surf, deve-se ao nível de relacionamento que obtêm, uma vez integrados num círculo específico de amigos e colegas de actividade, assim como ao conjunto de sensações que conseguem usufruir a partir da realização de boas manobras. Afirmam sentir-se bem nos momentos de espera das ondas e nos momentos de realização das manobras. Se no primeiro caso as sensações dominantes podem ser a ansiedade ou até a reflexão, originadas pela espera de uma boa onda, já num segundo momento, a explosão, o contentamento e a satisfação parecem ser as atitudes e sensações mais frequentes. É importante praticar surf e é importante praticar um surf bonito, harmonioso e ligado à onda. O bom praticante é o que faz bem as manobras, e consegue reunir, no momento da sua representação simbólica da actividade, aquele conjunto de atributos. Para estes jovens, a importância da prática do surf deriva ainda da possibilidade que lhes oferece de terem contacto com o mar, contacto com a natureza e, por último, por permitir a possibilidade de evasão aos problemas existentes nos seus quotidianos.



Fotografia 13 - Um dos membros do grupo num momento de descida da onda.



Fotografia 14 - Bodyboarder regressando à 'dimensão terra', depois de um momento de prática.



Fotografia 15 - Situação de despojamento e contemplação das condições do mar, num dos dias de maior concentração dos membros do grupo na zona do molhe de Portimão.

3. A « leitura Quantitativa dos Dados »

Este momento de leitura quantitativa dos dados, com recurso ao programa SPSS, pretendeu captar as características de uma desagregação de dados que, na ocasião, achei por bem realizar. Com isso, procurava detectar tendências de agregação dos dados, procurando captar eventuais movimentos de tendência e de criação de sub-grupos.

Os dados que possuía, interpretados já numa perspectiva de leitura qualitativa, evidenciavam, o que considerei ser, uma situação de acentuada agregação e homogeneidade, havendo, por isso, que procurar a sua especificação e desagregação, como forma de possibilitar a sua melhor compreensão. Estando consciente que o programa SPSS funcionava como recurso adequado ao tratamento de dados, derivados da prévia decomposição de grandes realidades sociais em várias unidades de análise, a aposta, para os momentos seguintes, seria a de tentar aperceber-me se o mesmo programa poderia funcionar em termos inversos, permitindo realizar a desejada desagregação dos dados, optando por recorrer à sua utilização com o objectivo de realizar a análise multivariada de todo o conjunto de variáveis, obtido pela análise de conteúdo por ocorrências.

Passando a possuir as saídas informáticas do programa de SPSS, conforme se pode confirmar no *Anexo C* - incluindo a listagem de variáveis trabalhadas pelo referido programa, a informação sobre o número de categorias por variável de estudo, o peso relativo de cada variável por cada uma das duas dimensões de estudo, o processo histórico demonstrativo das várias iterações realizadas entre as várias variáveis e, por fim, os vários planos factoriais, representativos da posição

relativa das variáveis - os momentos seguintes foram o de procurar realizar uma abordagem dos dados, através da execução de duas aproximações, com a utilização de duas dimensões; a dimensão 1 e a dimensão 2.

A informação que constava dos documentos que tivera oportunidade de obter, (*veja-se Anexos das páginas A 31 a A 34*), permitiam, por um lado, ficar com o conhecimento do peso relativo de cada uma das variáveis por dimensão de estudo, por outro lado, fornecia-me a ideia da existência de variáveis de estudo que, no conjunto das 178 variáveis, não se mostravam com grande significado estatístico, assumindo valores próximos do zero, numa e noutra dimensão. Entre uma opção que podia ter sido o ignorar algumas variáveis, consideradas com menor expressão estatística e sociológica, e uma opção que continuasse a contemplar a globalidade das variáveis, por considerar que todas revelavam interesse e importância para o desenvolvimento do estudo, a opção que segui foi a de atribuir importância a todas as variáveis, tentando, como solução mais razoável, definir um critério de significação para que pudesse captar as que, na globalidade do estudo, tivessem, efectivamente, não apenas mais importância estatística, mas também importância social e, principalmente, importância sociológica.

Foi com o objectivo de definir um critério de significação, para incidir sobre a globalidade das variáveis, que cheguei ao valor de 0,116, resultante da divisão por 4, equivalente a 25 %, do maior valor relativo que uma variável assumisse na dimensão 1 ou na dimensão 2. A variável com esse maior peso relativo era a variável VAR 38, com 0,466 na Dimensão 1, o que, de acordo com a operação antes referida, permitia agora obter o valor de 0,116. Uma vez definido este valor, e considerando-o o valor do critério de significação, o processo seria o de atribuir um maior significado sociológico às variáveis que tivessem um peso relativo, igual ou superior a 0,116, numa das duas dimensões do estudo, ou até em ambas.

O quadro que apresento na página seguinte, pretende precisamente dar a conhecer essa distribuição de variáveis por dimensão de estudo, de acordo com aquele critério analítico de 0,116.

Listagem de Variáveis por Quadrante.

Segundo o critério de utilização do cruzamento da dimensão 1 com a dimensão 2 e os valores iguais ou superiores a 0,116, como critério de análise para a significância de cada variável.

Variáveis	Variáveis Caracterizadoras de ambos os Eixos	Variáveis Caracterizadoras de um Eixo Dimensão 1	Variáveis Caracterizadoras de um Eixo Dimensão 2
Quadrante nº1	GRUPO PROF MÃE VAR 111 (Desporto) VAR 28 (TBOAS OND) VAR 38 (AMIBREB)	GETAR HAB LIT PROFISS VAR 136 (BPessoa) VAR 57 (HALIDER) VAR 67 (APOIOFAM) VAR 619 (CHATO -) VAR 722 (SATISSIM)	VAR 135 (EVDROPI) VAR 35 (PRINDIF) VAR 310 (TSÁGUA) VAR 416 (TOXICOD) VAR 75 (SINTOBEMAE)
Quadrante nº2	HAB PAI PROF MÃE VAR 44 (RGRNCONC) VAR 45 (RGRPND)	GETAR LOCAL N HAB MÃE PROF PAI VAR 132 (FVONT) VAR 138 (RESP+VELH) VAR 23 (E BOM) VAR 57 (N H LIDER)	VAR 1225 (VAU) VAR 131 (EQUIP) VAR 21 (FBONDA) VAR 213 (PRESLOCAL) VAR 218 (MEMB) VAR 31 (PERGMOLHE) VAR 36 (RISIM) VAR 46 (RGRJNSTI) VAR 612 (CESCSITIMPO +) VAR 615 (DAFOR +) VAR 624 (NTEMASP -) VAR 71 (ANSIEDADE) VAR 719 (PESSOA FIXE)
Quadrante nº3	GRUPO HAB PAI PROF MÃE VAR 122 (EVASÃO) VAR 72 (REFLEXÃO)	GETAR LOCAL N HAB LIT PROFISS HAB MÃE PROF PAI VAR 133 (MODOVIDA) VAR1215 (S/POSSO) VAR 29 (BOMFUND) VAR 316 (RIVALI) VAR 513 (+ CHEG) VAR 710 (E IMPPSURF) VAR 725 (MUITA SATIS)	VAR 1228 (SURF>P) VAR 22 (BLOCAP) VAR 211 (NSPOLUI)
Quadrante nº4	HAB PAI PROF MÃE	GETAR LOCAL N HAB LIT HAB MÃE PROF PAI VAR 1114 (FINIOUT) VAR 1123 (RAPMED) VAR 26 (PERTCASA) VAR 514 (CONHDOS) VAR 613 (TEM AMIGOS +) VAR 617 (MAUS PROF -) VAR 724 (SCNATUR)	VAR 1111 (MDIF) VAR 133 (PERSIST) VAR 414 (MOTOQUEIROS) VAR 511 (CONHTO) VAR 516 (TEM + EXP) VAR 618 (NÃO ESTIM -) VAR 74 (APNATU) VAR 717 (LIGONDA)
Número de Variáveis:	10	29	29

Nota:

A Variável 1214 (VAR 1214) ,relacionada com a situação de ir à praia e com o identificador IA/PRAIA , assume um peso relativo de 0,263 na dimensão nº1 , mas está localizada no centro da independência do plano factorial, com as coordenadas , 00 para o eixo nº1 e , 00 para o eixo nº2 .

Quadro 3 - Listagem de variáveis por quadrante

A sua interpretação destaca a existência de um conjunto de variáveis, designadas por opção pessoal como variáveis de caracterização, que se encontram a caracterizar ambas as dimensões, em número de 10, e depois cerca de 29 variáveis a caracterizar, especificamente, a dimensão 1, e outras 29 variáveis com o mesmo efeito, mas sobre a dimensão 2. De acordo com o critério utilizado de 0,116, apareciam assim cerca de 68 variáveis que se mostravam como as variáveis de maior significado, neste primeiro momento de análise quantitativa dos dados. Importava reflectir um pouco, sobre a utilização de uma atitude criterial que não contemplava grande número de variáveis, não atribuindo significado a variáveis que, no anterior momento de análise qualitativa dos dados, tinham contado com percentagens de resposta, e logo de ocorrência, de pelo menos 50%.

O critério seguinte, foi o de tentar completar aquela listagem de 68 variáveis, com todas as que tivessem 50% ou mais de ocorrência. Foi assim que tive oportunidade de fazer um levantamento de mais 21 variáveis que, em soma com as anteriores, viria a permitir contabilizar cerca de 89 variáveis, valor correspondente a metade do número total das variáveis do estudo. Resolvi então construir um quadro síntese de todas as variáveis do estudo, organizado por dimensões de estudo e por quadrante de localização, com a referência específica, se se tratavam de variáveis com significado atribuído a partir da utilização do critério de 0,116, anotadas no quadro da página seguinte com um (*), ou de variáveis, às quais foram atribuídas significado estatístico e sociológico por serem variáveis de resposta em 50%, ou mais, dos entrevistados, registadas no mesmo quadro com (**). Esse quadro síntese permitia ficar com o conhecimento da distribuição global das variáveis por quadrante e por dimensão de estudo, ficar com o conhecimento da distribuição das variáveis, às quais tinha sido atribuído significado a partir da utilização daqueles dois critérios de abordagem e atribuição de significação e, por fim, criava condições para completar a análise do grupo de surfistas, através da confirmação e completaridade da abordagem qualitativa dos dados.

Dimensões de Estudo	Variáveis de Caracterização	Dimensão Características Definição de Prática	Dimensão Caracterizadores Adeso à Prática	Dimensão Caracterizadores Condições soc. à Prática	Dimensão Territorial	Dimensão Relacional Interna	Dimensão Relacional Externa	Dimensão Organizativa	Dimensão Sócio - Cultural	Dimensão Psicológica
Quadrante n°1	Bodyboarders Masculino 15 a 17 Anos L.Raso ut Esc Obr Estudante M Cat IV M Cat IX País+Inq+ Irmão	Desporto (111) * Dá Praser (112) T.Gostar (116) FTemp (118) TEnerg (119) Vicio (115) DCom (1110) Estranh (1112) Drop (1115) Offshore (1117) Dropar (1119)	PeCoiza (121) ** P/Vicio (124) Férias (1221) Ferrag (1226) Boevist (1227) Alemaio (127) Francha Body +FaMan (1233) Go+Body (1234)	RespOnd (134) EvDrop (135)* EPessoa (136)* EvSator (1310)** UICapa (1312)	DenMOnd (24) TBeseOnd (28) * VentAdeq (210)	PrincDH (35) * TSÁgua (310) * RiOutRas (311) Normal (312) -Relcolgrup- SPSMelho (314)** SDropBod (317)	Metálic (418) Tonicod (416) *	+ 1 Grupo (51) WConc (53) -DeFGMolhe- HAlider (57) * -StLider- Evoluq (510) FazManos (515)	ApoioFam (67) * Chato - (619) * Apoia + (621) Elmpor+ (622)** GostoFam+(623)	SintoBem AE (75) *
Quadrante n°2	18 a 20 Anos 24 a 26 Anos L N P.TM PEns Sup M Ens Sec FCat III FCat VIII M Cat VII País+Inq+Out	SProb (117) Facil (1113) * OnShore (1116) Tubo (1120) ** CulpRap (1121) **	DP 1 a 2 A (126) ExpGoes (1213) Van (1225)* Surf+Resp (1230)	Equip (131) * FVont (132) * Resp+Valh (138) * NSol (1311)	FBOnda (21) * EBom (23) * DBOnda (27) DeLocal (212) PresLocal (213) * C Complic (218) DTRopi (217) MEmb (218)	PertGMolhe (31) * RISim (36) * SompdH (37) AmiBRab (38) * CAIqGrup (39) ÉBoa (312)** -Relcolgrup - Boa Rel (315)	REBoa (41) ** RvnaAg (42) Conflit (43) RGRNConc(44)* RGRPNDC (45)* RGRJNST(46)* NDValov (47) EaJovRase (48) Rcomp (49) DonTodos(413)	I Grupo (51) ** Conc (53) ** -DeFGMolhe- HAlider (57) * -StLider-	CEscStimp+ (612)* Apend + (614) DeFor + (615)* WTemAsp- (624)*	Ansiada (71)* Conversa (73) SintoBemQF (76) ** Alegria (79) Pessoa Fina (719) * EspProb (78) TSurfBom(718)
Quadrante n°3	Surfers Feminino 21 a 23 Anos L N Lisboa L R P.TM Ens Sup Estud-Trabal. PEns Obr. M Ens Obr. FCat IX M Cat VIII País+Inq.	Modo Vida (113) * Vida (1125)	Evasto (122) * PC/Amig (125) IntMar (1211) S/Posso (1215) * QdROnda(1216)** Túias (1219) Sostho (1222) Em Grupo(1223)** C/Amig (1224) Surf+P (1228) * SerdH (1229)	ELeopAp (22) * BomFund (29) * NSPohi (211) * NSuLocal (214) Zangas (216)**	Rivall (316) *	RFazNada(417)	TempPnt (59)** + Cheg (513)*	CritMod (610) **	Reflexão (72)*	Liberdade (77) Elmp+Surf (710)* DeSatis (711)** ContaNatur (713) Muita Satis (725) *
Quadrante n°4	12 a 14 Anos L N Faro L N Out Ens Sec PEns Sec M Ens Sup FCat II M Cat II	Arta (114) MDH (1111) * FinsOut (1114) * CutBack (1118) RapaFor (1122) RaplMed (1123) * SerdH (1124)	FazBom (128) DP< 1A (126)	Persist (133) * RespOut (137) Levar (139)	TerCAmig (25) PertCasa (26) *	CompResp (49) Motoques(414)* REGOut (418)	Conlho (511) * > Esper (512)** Conchos (514) * Tem+Exp (516) *	FamPraMod (61)** TemAmig+ (613)* GostEsc + (616) ManaProf. (617)* NaoEstim - (618)*	ApNatn (74) * Gostola (712) FazBMan (715)** GostaQFaz (716) LigOnda (717) * QPnt+ (723)** SCNatur (724)*	

Quadro 4 - Distribuição das variáveis por quadrante e dimensão de estudo, de acordo com o critério de significância de 0,116 (*), e com o critério de significância por ter sido variável de resposta com ocorrência em 50% ou mais dos entrevistados (**).

Com esse quadro, passava igualmente a dispôr de um meio mais fácil para conseguir reter a informação que se apresentava distribuída por cada um dos 4 quadrantes do plano factorial de síntese, que resolvo incluir nas páginas 202 e 203.

A configuração dos planos factoriais e a acentuada condensação da informação em torno do centro do plano, o centro da independência das variáveis, permitia confirmar o que vinha informando desde os primeiros momentos do tratamento dos dados. Tratava-se, efectivamente, de um conjunto de dados que demonstrava uma acentuada identidade e agregação em torno do centro do plano, necessitando de um grande exercício de minúcia, para que se conseguisse detectar algumas divergências e movimentos de tendência.

Havia que tentar encontrar pequenos movimentos de agregação dos dados nessa nuvem de informação condensada, com o objectivo de lhes atribuir significado sociológico, passando a encarar essa estratégia, como um dos momentos seguintes do trabalho.

Para já, a continuação da realização da leitura quantitativa dos dados, com a análise da informação por quadrante factorial, permitia-me preencher um dos passos metodológicos que levariam àquele objectivo que entretanto se desenhara, e que se mostrava tão importante alcançar.

No primeiro quadrante do plano factorial passei a dispôr de informação relativa aos bodyboarders, que pareciam funcionar como um dos sub-grupos do universo de estudo, informação sobre os seus locais de prática da modalidade, e sobre a condição ou carácter masculino da actividade do surf. A informação versava ainda sobre alguns dos grupos de jovens com os quais o grupo estudado parece funcionar mais em termos de rejeição, assim como em algumas das regras a preencher para ser considerado membro do grupo. Este primeiro quadrante contemplava ainda informação relativa a algumas regras a respeitar pelos praticantes, como o são, o não dropinar ou o respeitar o direito à onda, ou informação relativa aos cuidados a ter com o material, como o evitar bater com a prancha ou a necessidade de utilização de uma capa.

Nesse primeiro quadrante aparece também informação relativa ao facto de defenderem a existência de mais de um grupo de praticantes, e de uma concepção que defende a existência de situações de protagonismo de alguns indivíduos, atitudes encaradas segundo um estatuto de liderança.

O segundo quadrante do plano factorial capta, em nuvem central, a informação relativa à dimensão relacional externa, como uma das dimensões do quotidiano dos jovens, que teve oportunidade de definir e estruturar para este estudo. A informação contida neste quadrante, fornece ainda a ideia da rejeição à designação de geração rasca, que ocupa lugar central e aparece associada às variáveis relativas à justificação dessa rejeição, como o são, as que dão a conhecer que os jovens não são todos iguais, ou a existência de alguns jovens que podem ser vistos como rascas, deslocando a carga negativa do conceito para terceiros. É neste quadrante que está localizada a informação relativa à valorização da instituição escola, a referência à escola como um local importante, um local que dá formação, e um local onde se aprende. Inclui igualmente informação relativa às sensações e atitudes de que os praticantes dizem usufruir em momentos de espera das ondas ou de realização das manobras. A informação existente neste segundo quadrante incide ainda nas variáveis que comunicam a existência de um conjunto de razões da escolha daquele local de prática e nas atitudes desempenhadas tendo em vista a sua defesa. Revela ainda, e por fim, alguma informação relativa à concordância com a própria definição de grupo de molhe, defendendo a sua existência, mas sem quaisquer fenómenos de liderança. É também nesse quadrante que aparece a informação relativa às razões da escolha da modalidade do surf ou da modalidade do bodyboard.

No quadrante número três aparece localizado o outro sub-grupo do grande grupo de surfistas da Praia da Rocha, os surfers, e alguns dos valores que, nas suas opiniões, estão e devem estar subjacentes à prática do surf. As variáveis relativas à preservação da natureza e ao encarar a prática do surf como um modo de vida ou evasão, aparecem neste quadrante, associadas às que informam que é importante

praticar surf em grupo, com os amigos ou apenas sózinho. É também neste último quadrante que se localizam algumas variáveis que informam que se pratica surf porque o surf dá mais prazer, que os momentos de espera das ondas são momentos de reflexão e que a actividade do surf permite alcançar uma situação de liberdade, proporcionando muita satisfação aos seus praticantes.

No quadrante número quatro aparece um conjunto de variáveis que informam que é difícil iniciar a actividade do surf, é difícil pôr-se de pé na prancha, estando os praticantes sujeitos a muitas quedas. As variáveis localizadas neste último quadrante, incidem ainda em informação sobre o facto das raparigas não terem força e manifestarem medo em praticar a modalidade do surf ou do bodyboard, ou sobre a necessidade de reunir condições para praticar a modalidade, como o ser persistente e respeitar os outros. A escolha do local, onde decorre a prática da actividade do surf, deveu-se ao facto de ser um local perto de casa e um local onde se encontram os amigos e as críticas e sugestões, em relação à prática da actividade do surf, são pedidas e ouvidas, aos e dos praticantes com mais experiência e mais conhecimentos. As variáveis relativas à opinião sobre a escola revelam um posicionamento que diverge entre a atitude de crítica e a atitude de valorização. A atitude de valorização em relação à instituição escola, tem a ver com o facto de se considerar a escola um local onde se tem os amigos, aparecendo como local importante no aspecto relacional; a atitude de crítica em relação à escola tem a ver com o facto de se considerar a escola como um local onde existem maus professores e onde as pessoas não são estimuladas. Nos momentos de espera das ondas aprecia-se e contacta-se com a natureza. Um bom praticante de surf é aquele que se consegue ligar à onda, ter um surf harmonioso e fazer bem as manobras. O surf dá satisfação pois permite o contacto com a natureza.

Em síntese, pode-se dizer que a abordagem, ou leitura quantitativa dos dados, recorrendo a dois momentos de análise criterial, um primeiro, com a definição de um valor criterial de 0,116 para análise da significância das variáveis, e

um segundo, atribuindo significado estatístico e sociológico a todas as variáveis com 50 % ou mais de ocorrência, visavam actuar em complementaridade e permitir captar a informação que efectivamente ia considerando como informação essencial. Claro está, que esta atitude, e até processo metodológico, de atribuição de significação às variáveis, teve muito a ver com os momentos anteriores de observação directa dos membros do grupo, e da própria análise qualitativa dos dados. Nesses dois momentos de análise criterial, fui-me apercebendo das características comportamentais e relacionais dos membros do grupo e, por consequência, do que viria a ser a verdadeira importância estatística e sociológica de cada variável do estudo.

O primeiro quadrante do plano factorial, aparece assim como o quadrante que sintetiza a informação relativa à identificação dos bodyboarders, encara a modalidade como um desporto e algo que dá prazer. Este primeiro quadrante do plano factorial aparece assim, como o quadrante da identificação do grupo, e de algumas regras a preencher para integrar esse grupo de surfistas.

O segundo quadrante do plano factorial, aparece como o quadrante que sintetiza a informação relativa à dimensão relacional, interna e externa deste grupo, apresentando as opiniões dos membros do grupo em relação às sensações que a actividade lhes permite alcançar. Apresenta igualmente as razões da escolha do local e realça as atitudes e comportamentos desenvolvidos pelos membros do grupo em relação aos outros, e em relação à defesa de uma territorialidade considerada sua posse. O segundo quadrante do plano factorial aparece assim, como o quadrante relacional do estudo, por se poder inferir da existência de informação relativa à relação dos membros do grupo face a terceiros, relação entre si mesmos e relação com um espaço que consideram seu.

O terceiro quadrante do plano factorial sintetiza a informação relativa às condições, colectivas ou individuais, da prática da actividade do surf, e completa o leque das concepções que os praticantes parecem ter sobre a actividade do

surf. Aparece assim como o quadrante da percepção e concepção que os praticantes parecem ter, e comunicar, sobre a actividade que desenvolvem e representam.

O quarto quadrante do plano factorial, sintetiza a informação relativa à apreciação que os membros do grupo fazem em relação aos bons praticantes da actividade do surf, o reconhecimento das qualidades dos indivíduos que os podem e devem criticar e sugerir melhorias na sua prática, ou ainda as ideias negativas ou positivas em relação à instituição escolar.

Se o primeiro quadrante é, como já referi, o quadrante da identificação, o segundo quadrante, o relativo ao aspecto relacional, ou da relacionação, já o terceiro, parece ser o quadrante da concepção sobre a prática, e o quarto parece assumir a condição de quadrante da apreciação das características dos bons praticantes da actividade do surf, e da própria escola.

Identificação, relação, concepção e apreciação parecem ser assim as 4 grandes noções básicas em que se alicerça a estrutura e desempenho deste grupo de praticantes de surf a que eu resolvi chamar tribo urbana de surfistas. Esta perspectiva parece, no entanto, ainda demasiado globalizante, oferecendo condições para permitir uma análise mais concreta da realidade grupal e relacional deste grupo de praticantes do surf. A aposta metodológica seguinte, já em termos de análise de dados final, será a de, no plano factorial que se encontra nas páginas 202 e 203 deste trabalho, tentar detectar e caracterizar, com maior pormenor, esses possíveis movimentos de agregação dos dados.

4 . Os Dados numa « Leitura Qualitativa-Quantitativa »

Depois de ter trabalhado e classificado cada um dos quadrantes dos planos factoriais, obtidos com a análise quantitativa dos dados, procurei detectar eventuais divergências e desagregações, potencialmente marcantes, e caracterizadoras, do universo que tinha escolhido como objecto de estudo. Para que isso fosse possível, havia que conseguir desmontar toda a quantidade da densa informação que aparecia projectada junto do centro dos planos factoriais e passar para a inferência a partir da localização das variáveis no plano, procurando entender o que comunicavam, não apenas de forma explícita, mas também e principalmente, de forma implícita.

A esta abordagem que, partindo de uma análise qualitativa dos dados, servindo-se dos planos factoriais resultantes da análise quantitativa, pretendendo chegar novamente a uma leitura qualitativa dos dados, desejavelmente mais completa e aprofundada, chamei leitura ou abordagem qualitativa-quantitativa dos dados. Tratava-se de uma estratégia que me permitia ficar com a ideia da possibilidade de criação de vários núcleos focalizados de informação, dentro do grande e denso plano factorial, vindo a possibilitar a criação de um outro plano factorial interpretativo da informação mais relevante por quadrante. Permitia-me, igualmente, conjugar a realização de um estudo, numa perspectiva de complementaridade, entre uma orientação qualitativa, com a realização de um estudo em compreensão, e uma orientação quantitativa, com a realização do estudo de uma realidade em extensão; neste caso procurando especificidades dessa extensão. É esse plano que resolvo apresentar na página seguinte.

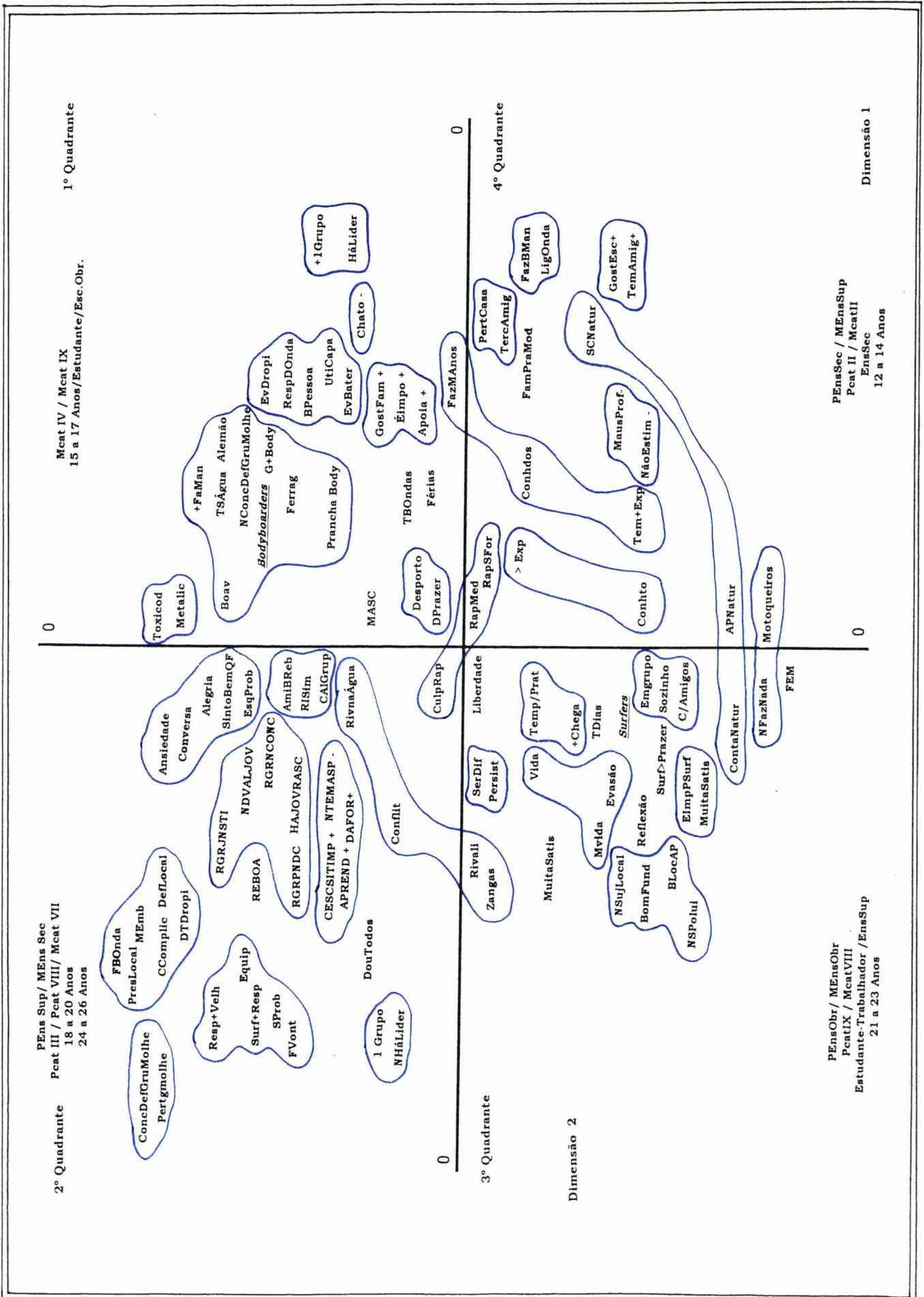


Gráfico 4 - Plano projectivo e explicativo dos movimentos de tendência

e dos sub-grupos de variáveis

Essa construção revela existirem dois grandes domínios, ou áreas de inferência, distribuídos pelos quatro quadrantes do plano factorial, existindo em correspondência directa com o que já antes tinha percebido e comunicado, como sendo os dois tipos de praticantes que constituem o grupo de surfistas do molhe de Portimão.

Um primeiro domínio, formado pelos quadrantes números um e dois, no qual se transmite a informação de um tipo de praticante que possui uma maior consciência de grupo e se mostra mais pragmática e objectivo na acção que desenvolve. Um praticante que valoriza as relações hierárquicas dentro do grupo de praticantes, acentuando a importância do respeito para com os mais velhos e para com aqueles que praticam há mais tempo a actividade. É o tipo de praticante que menciona e atribui significado à rivalidade entre vários grupos de praticantes, admitindo a sua existência e prática como um fenómeno natural de grupo, apresentando as soluções e atitudes que toma para responder a essa situação de relativização do seu poder naquele local. Um tipo de praticante que valoriza a família como a principal instituição, e considera-a como algo importante por ser de quem recebe apoio. Valoriza a escola, em termos relativos, como um espaço de formação e aprendizagem. Considera que foi bem recebido quando chegou ao grupo de praticantes pela primeira vez, processo que aliás se pode repetir, se trazer também um amigo para a prática da modalidade. Por fim, é um tipo de praticante que atribui um significado decisivo ao conjunto de emoções e sensações de que consegue usufruir em momentos de espera das ondas ou de realização de manobras.

Este primeiro domínio parece pois incluir um conjunto de informação relativa a um primeiro tipo de praticante de surf, pertencente ao grupo de surfistas do molhe de Portimão. Alguém que valoriza a sua posição dentro do grupo de praticantes e que valoriza as condições organizativas e as relações hierárquicas dentro do grupo. É também o tipo de praticante que atribui importância ao

conjunto de condições a nível físico, material e emocional, como requisitos para a prática da modalidade.

Um segundo domínio, formado pelos quadrantes números três e quatro, incluindo informação relativa ao outro tipo de praticante, mais ligado a valores de fruição e contemplação, obtidos a partir da prática da actividade do surf, subentendendo valorizar, com maior incidência, um conjunto de valores e sensações de âmbito relacional e espiritual.

Este tipo de praticante revela uma maior preocupação com a preservação ecológica do local da prática e realça um conjunto de valores, sensações ou condições, como a evasão ou a convivência, que obtem junto dos pequeno grupo de amigos que também praticam a actividade do surf. Esta valorização de uma componente mais reflexiva e contemplativa - que atribui importância ao contacto com a natureza e à sua apreciação -, determina mesmo uma certa rejeição a outros grupos de jovens que, segundo os membros do grupo, não parecem atribuir grande significado a esses mesmos valores. Estão neste caso os motoqueiros que aparecem neste estudo como um dos principais grupos de desvalorização e rejeição, por funcionarem como jovens que exibem as suas máquinas poluidoras.

Este segundo tipo de praticante revela não atribuir muito significado à componente organizativa do grupo, desvalorizando, e omitindo até, informação relativa a eventuais fenómenos de liderança no grupo. Por outro lado, trata-se de um tipo de praticante que atribui significado à instituição escolar, encarando-a como local importante no aspecto relacional e, especificamente, como um local onde se encontra com os amigos e pode manter a conversação e convivência desejadas. As suas críticas à escola, derivam do facto de, em muitas situações, não se conseguir construir a tal relação de convivência, estimulação e motivação, situações valorizadas por estes jovens, e que, paradoxalmente, consideram obter com a prática da actividade do surf. Para este tipo de praticante, o bom praticante de surf é aquele que defende valores de preservação ecológica do local, mantém

relações de amizade e respeito com os colegas do surf, não assume atitudes de violência, consegue ligar-se à onda e fazer bem as manobras.

É importante verificar que a localização da variável *Surfers*, também localizada neste segundo domínio, permite efectuar a sua relação directa com este conjunto de valores, levando a concluir que, neste grupo estudado, a maior parte dos praticantes da modalidade do surf, fazem uma leitura da sua actividade e das formas de relacionamento que ela envolve, mais próxima da que é feita por este segundo tipo de praticante. De acordo com as conversas informais, a observação directa dos praticantes no seu local de prática da actividade e a informação obtida a partir da análise de conteúdo, esses tipos de valores e formas de encarar e interpretar a realidade envolvente, parecem associar-se mais ao espírito do antigo surf, assumindo assim uma linha mais purista em relação à actividade. Esta posição implica mesmo um distanciamento face a um certo tipo de espírito mais moderno, onde se enquadram um grande número de surfistas da designada nova geração e a grande parte de bodyboarders.

Segundo alguns dos jovens surfistas, entrevistados durante este trabalho, esse outro tipo de praticante demonstra uma especificidade comportamental e relacional, aparecendo como alguém que vê como natural e, muitas vezes necessário e desejável, a existência de relações hierárquicas dentro do grupo ou, por exemplo, assume atitudes de rivalidade e violência entre praticantes da mesma actividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do texto redigido nas páginas anteriores, ressaltam alguns pontos que, em meu entender, se justificam aprofundar e comentar.

O primeiro ponto, é o relativo à caracterização social e sociológica de um grupo de jovens surfistas, tentando averiguar o seu enquadramento e constituição como um exemplo de uma Cultura Juvenil e a sua perspetivação como uma das formas de procura de identidade e de afirmação juvenil e social. Neste caso, interessa captar a tipicidade dos seus códigos de actuação, assim como as concepções que revelam ter sobre si e face aos outros. A percepção e compreensão desta matriz vivencial, comportamental e relacional passa pela valorização do estudo do seu quotidiano, como condição para a averiguação das possibilidades de enquadrar teoricamente o seu fenómeno grupal numa tipologia de grupos sociais e fazer o seu entendimento integrado na teoria geracional ou na teoria classista da Sociologia da Juventude. É importante captar, e tentar compreender, as suas formas de organização interna, as suas formas de relacionamento interno e externo, as variantes da sua mensagem para com a escola e para com a própria família, assim como ficar a conhecer o conjunto de atitudes desenvolvidas em relação a um espaço onde decorre a sua actuação social, como seres individuais e como membros de grupo.

Um segundo ponto, é o relativo à procura de uma metodologia de abordagem e de estudo daquele grupo - uma tribo urbana de jovens surfistas -, que me permitisse concretizar uma forma de envolvimento no seu quotidiano, como meio de percepção e compreensão dos traços estruturantes dos seus comportamentos, das suas atitudes e das suas opiniões. A acompanhar este desejo

de conseguir encontrar, e ensaiar, uma metodologia que me permitisse a realização de um estudo de caso de natureza qualitativa, passava a valorizar o estudo daquele quotidiano juvenil como forma privilegiada de concretizar aquela orientação metodológica. Foi esse conjunto de opções que, nos momentos seguintes, geraram a necessidade em seleccionar e construir um conjunto de instrumentos de recolha de dados e em definir um conjunto de estratégias e técnicas de análise de dados.

Finalmente, o ponto relativo aos ritmos e processo de desenvolvimento de todo o trabalho, procurando averiguar e confirmar a sua funcionalidade e adequabilidade para uma melhor compreensão e caracterização da juventude assim como para a confirmação das suas formas particulares de constituição numa multiplicidade de grupos.

Em relação ao primeiro ponto, convém informar que os dados obtidos permitem afirmar que o processo de afirmação e emancipação da juventude, à escala do continente europeu, foi condicionado por ritmos diferenciados de evolução, determinados por factores de ordem igualmente diversa. Esse processo de evolução foi um processo mais fácil e rápido na europa do norte, ou no que se designa por europa ocidental, contrariamente à Península Ibérica, particularmente no caso de Portugal, onde foi um processo mais moroso e com necessidade de vencer algumas barreiras e constrangimentos, impostos por uma orientação política e ideológica específicas. É, pois, neste quadro de evidente condicionamento, que se deve prespectivar o processo de emancipação e afirmação da juventude portuguesa, procurando captar as variantes de um processo que viria, nos dias de hoje, a resultar numa multiplicidade de pequenos grupos sociais, intérpretes de realidades vivenciais e quotidianas específicas.

Foi esta evolução da juventude portuguesa, em direcção a um maior protagonismo, afirmação e emancipação, que despertou a atenção de estudiosos e a revelou como realidade social e sociológica. Neste caso, importa prespectivar

a juventude numa acepção de diversidade e complexidade, e não apenas como um grande corpo social homogéneo e idêntico. A razão desta posição deriva do facto de ser necessário defender o carácter complexo e compósito da juventude, formando, como defende Idalina Conde, uma identidade fragmentária, embora com a possibilidade de manter alguma identidade geracional, com base na partilha de alguns valores e concepções específicos da faixa etária da juventude.

É esta diversidade, e complexidade, de formas de agregação social que, nos dias de hoje, são interpretadas pela juventude, aparecendo como contributo decisivo para as actuais formulações teóricas das culturas juvenis. Encaradas como sintoma do reconhecimento social, e sociológico, dessas formas diferentes, e complexas, de agregação social dos jovens, alertam para a necessidade de justificar as teorias existentes sobre a juventude, com um verdadeiro e eficaz trabalho de campo, tentando realizar a auscultação das suas ideias, preocupações e sensações, numa análise racional dos seus quotidianos. Só com essa proposta e orientação metodológica se poderá identificar a especificidade e as variantes das suas formas de conceptualização e reificação do social.

Foi essa preocupação, com a análise do quotidiano específico de um desses grupos de jovens, que determinou, neste estudo, o interesse e atitude em realizar essa caracterização a dois níveis: o nível individual e o nível social. Em relação às características individuais do praticante tipo, do grupo de surfistas do molhe de Portimão, os dados obtidos, revelam a seguinte tipicidade:

- Praticante do sexo masculino.
- Idade compreendida entre os 16 e os 19 anos.
- Nascimento e residência em Portimão.
- Estudante.
- Frequência do 3º ciclo do ensino básico ou ensino secundário.
- Membro de família nuclear.
- Diversidade de habilitações literárias dos seus pais e mães, com a evidência de um grau de habilitação literária superior das mães.

- Diferenciação de categoria sócio-profissional entre pais e mães, com a evidência de uma maior homogeneidade das categorias sócio-profissionais dos pais, nas categorias de empresários da indústria e comércio, quadros e técnicos e outros, face a uma unidade das categorias sócio-profissionais das mães, focalizada nas categorias de pessoal dos serviços pessoais e domésticos e empregados do comércio e serviços.

Num nível secundário, importa questionar a existência e as características da própria realidade grupal juvenil. O mesmo conjunto de dados permitem concluir no sentido da existência de um grupo de jovens que formam um nível específico de cultura, podendo ser entendidos como um exemplo de uma cultura ou subcultura juvenil. Para alguns autores, a razão dessa classificação deriva directamente da especificidade do seu vocabulário, das formas de relacionamento que se estruturam entre os seus membros, das formas das relações que existem face aos outros, ou até, da diversidade e especificidade de condutas, face ao comportamento considerado norma na sociedade.

Se considerarmos que a condição necessária para essa percepção, e enquadramento como cultura juvenil, é o revelar uma especificidade a nível de gostos, traduzidos pela existência de diferenças em relação ao vestuário e à música, a demonstração da existência de conjunto de relações sociais centradas no grupo de amigos e uma valorização relativa das actividades de descanso e lazer face às actividades de trabalho, não restariam dúvidas em classificar este grupo de jovens, como enformador de um exemplo de uma cultura juvenil.

Os dados trabalhados permitem concluir que este grupo de surfistas encerra uma realidade vivencial muito própria, caracterizada pela existência de códigos de linguagem, de vestuário e de comportamento específicos, revelando igualmente formas particulares de percepção e compreensão da natureza e das próprias relações com os seus pares. São portadores de uma forma de sociabilidade juvenil

específica que, em última instância, completa o seu processo de socialização e deixa entender a existência de um conjunto de actividades e comportamentos juvenis, tornadas sociais ao serem reconhecidas e admitidas por todo o grupo. A sua especificidade a nível de sociabilidade é a demonstração da existência de um verdadeiro estrato de cultura ou subcultura juvenil.

Havia, com base nessa confirmação, que visualizar e compreender este grupo de jovens surfistas, numa perspectiva de identidade muito própria, formando um nível social e cultural homogéneo. A consequência directa dessa realidade, era o aparecimento da dúvida se seriam resultado de uma geração juvenil, toda ela à procura de afirmação e emancipação ou, pelo contrário, resultado de apenas uma das partes dessa juventude, tentando atingir uma situação de maior destaque.

Os dados da Sociologia da Juventude subentendem a realidade das culturas juvenis como formas específicas de agregação social dos jovens, encarando-as como modalidades autónomas de transição social dos jovens para a vida adulta e questionam o seu enquadramento numa perspectiva analítica geracional ou classista. É oportuno concluir que o grupo de surfistas, objecto deste trabalho, se pode filiar nas duas teorias de percepção e entendimento das culturas juvenis. Por um lado, comunga de várias características identitárias juvenis como, por exemplo, alguns valores e representações da escola e da família, com concepções idênticas para grande parte da juventude. Por outro, por expressar e ser intérprete de uma forma específica de convivialidade e sociabilidade, resultado da opção pela existência de uma diferenciação a nível de opções desportivas e até de concepção de vida.

Duma forma ou de outra, segundo uma corrente ou segundo a outra, é certo que as recentes atitudes de mobilização e visualização da juventude, assim como a sua constituição numa multiplicidade de pequenos grupos sociais, acaba por vir a determinar a valorização desta faixa etária e aconselha a estudá-la e compreendê-la numa óptica de diversidade e complexidade. Significa isto que,

factores tidos como caracterizadores da juventude, como o seu dinamismo, a sua crescente visualização e impacto na sociedade, ou até a sua inovação a nível comportamental, sem constituírem dados geradores de uma autêntica contracultura, ou de uma cultura de oposição, acabam por determinar a necessidade de encarar essas variantes comportamentais e relacionais, não apenas como atitudes de ordem geracional, mas também como atitudes próximas de uma corrente classista. É essa leitura que pressupõe a existência de uma diversidade juvenil, como característica base da juventude, que acaba por possibilitar a detecção de diferenças juvenis dentro da grande massa da juventude.

Concordo com alguns autores que defendem que o entendimento e estudo das culturas juvenis deve passar por uma concepção que faça a simbiose entre as duas correntes, localizando as culturas juvenis num ponto de confluência entre ambas as teorias. É esta linha de entendimento, e posicionamento teórico, que defendo para caracterizar o grupo de jovens que tive oportunidade de estudar de uma forma mais atenta e pormenorizada. Esta perspectiva, digamos integrativa e globalizante, deve-se ao facto deste jovens, por um lado, revelarem um conjunto de preocupações e comportamentos comuns a toda a juventude e, por outro, por interpretarem um conjunto de actividades desportivas específicas e inovadoras, face à globalidade dos jovens.

Para autores como Simone Marivoet, essa inovação desportiva deve-se às novas dimensões do tempo e do espaço que caracterizam as sociedades modernas. Importa acrescentar que a acompanhar essas novas acepções das dimensões espaço e tempo, existem também novos tipos de desportista, ampliando o próprio conceito de desporto e, como consequência, novas representações lúdicas, simbólicas e sociais, directamente ligadas a essa nova realidade. Foi para tentar averiguar que tipo de condições permitiriam a adesão a um novo tipo de actividade desportiva, que procedi à caracterização sócio-económica dos agregados familiares dos membros do grupo.

Com esses dados, fiquei a conhecer as características genéricas do nível sócio-económico dos membros do grupo, permitindo-me concluir da existência de um conjunto de jovens que se enquadram em famílias com um estatuto sócio-económico médio, podendo ser classificadas como famílias de uma baixa ou média burguesia. Pode-se levantar a questão se existe, neste caso, uma condição de relativa estabilidade sócio-económica que permitiria a compra do material, a própria moldagem do gosto e a adesão a uma actividade de lazer?

Seria uma resposta simples, e simultaneamente perigosa, defender que o processo de adesão dos jovens do grupo se tinha ficado a dever a um conjunto de razões de ordem sócio-económica. Seria igualmente o enveredar por uma atitude de desvalorização das estratégias e variantes, encontradas pelos próprios jovens, para terem acesso à compra do equipamento e à prática da própria actividade. Talvez a solução mais indicada deva passar pela defesa de uma concepção sobre as culturas juvenis, e particularmente sobre a que é enformada por este grupo de jovens surfistas, que faça a simbiose entre estas duas correntes da Sociologia da Juventude, aconselhando, como dado a reter, a necessidade de as perspectivar através da diversidade e de uma cada vez maior complexidade. Esse foi aliás um dos pontos que, desde cedo, fez parte da matriz teórica deste estudo. Outro, foi o considerar a captação e leitura dos quotidianos dos jovens, a única forma de conseguir estudar e compreender as suas realidades grupais. Foi a partir dessa consciência, e respectiva permanência junto dos jovens, procurando não perturbar a sua normal vivência, que me fui apercebendo das suas características culturais e vivenciais específicas e passei a ter condições para ensaiar a classificação da sua realidade.

Os dados trabalhados apontam no sentido dos jovens fazerem uma leitura focalizada, e preferencial, da realidade que os envolve. Quero com isto significar que, se por um lado, valorizam a conversação sobre a prática do surf ou do bodyboard, as condições necessárias à sua concretização, as actividades de lazer fora do espaço escolar, ou as próprias formas de relacionamento existentes entre

eles mesmos, por outro, evidenciam um certo distanciamento, e até alheamento, face a algumas das problemáticas sociais mais actuais. Apenas um ou outro membro do grupo, parece estar mais sensibilizado para questões como a ecologia, o desemprego, ou para o que dizem ser, a falta de qualidade de vida dos adultos. Trata-se de um conjunto de jovens que desenvolve um conjunto de práticas de lazer específicas, em contacto directo com a natureza, rompendo, dessa forma, com o perfil mediático caseiro que, segundo Luisa Schmidt, caracterizaria a juventude portuguesa. São mesmo um grupo de jovens que demonstra distanciamento em relação a esse tipo de actividades, ditas receptivas, procurando construir um trajecto individual e social, alicerçado no protagonismo e na realização de actividades que, contrariamente aquelas, podem ser classificadas como produtivas ou activas. É aliás, a partir desta actividade, ou actuação, que constroem a sua relação simbólica com o espaço que ocupam, com a actividade que representam, e com os amigos com quem convivem.

Em relação à classificação do grupo, de acordo com uma das muitas tipologias de grupo que existem, sou de opinião que este grupo de jovens surfistas revela características de grupo secundário, por desenvolver no seu interior um conjunto de relações sociais, caracterizadas pela complexidade social e pela existência de um certo distanciamento relacional entre alguns dos membros do grande grupo. Se admitirmos a existência de um ou dois subgrupos de praticantes, dentro do grande grupo de surf do molhe de Portimão, então temos a confirmação da existência de vários níveis de organização grupal, vindo a confirmar, dessa forma, a existência de mais de um nível de organização social, e impedindo a possibilidade de preencher o requisito das relações sociais de face a face, como critério de classificação e distinção, entre grupos primários e grupos secundários. Para além de poder ser classificado como grupo secundário, revela ainda características de grupo informal, aberto e funcional. A primeira, na medida em que não formaliza, não comunica, nem exige o preenchimento de grandes pré-requisitos pelos seus membros para que possam pertencer ao grupo. A segunda,

por se constituir e funcionar objectivamente, em contacto com os restantes membros da sociedade, face aos quais decorre a sua função de territorialidade e representação simbólica de uma actividade de lazer. A essa situação junta-se ainda o facto de revelar tratar-se de um grupo que permite a entrada de novos membros, com uma certa flexibilidade, embora sujeitos a um conjunto de rituais e praxes, que visam a sua iniciação como membros. Por fim, como grupo funcional, já que a sua formação, e constituição como grupo, é resultado de um desejo e processo de agregação dos jovens, com o objectivo e função da prática de uma actividade específica. Esta actividade, parece aliás revelar-se como móbil da própria formação do grupo, estruturando o conjunto das relações internas de grupo e determinando a tipicidade das condutas em relação ao espaço onde permanecem e onde decorre a sua actividade.

É esta especificidade vivencial deste grupo de jovens surfistas, interpretando as cláusulas de uma matriz juvenil própria e assumindo-se como verdadeira subcultura juvenil, que permite, e aconselha até, a classificar esta realidade grupal como um bando de jovens, ou até como uma tribo urbana de jovens. Se entrarmos em linha de conta com factores como, a crescente mobilização e visualização de alguns sectores da juventude, a multiplicidade das formas da sua agregação social, ou as atitudes de permanência dos jovens em determinados locais, então os conceitos de bando e tribo urbana revestem-se de uma maior actualidade social e sociológica. A utilização do primeiro conceito, implica reter características grupais e relacionais, como a coesão interna, a violência programada ou acidental, ou o sentimento de pertença ao grupo. Já para a utilização do conceito de tribo urbana, é necessário considerar um conjunto de características como as atitudes e práticas de territorialização, as formas de actuação e os momentos de representação simbólica de uma actividade. Foi comparando os conceitos de bando e de tribo, com a análise das características e consequências subjacentes a ambos, que acabei por confirmar a classificação do grupo de jovens, que constitui o meu universo de estudo, como uma tribo urbana de surfistas. A razão desta classificação,

deriva do facto do grupo de jovens surfistas do molhe de Portimão reunir aqueles três critérios de classificação das tribos urbanas.

Os jovens que se reúnem naquele local, mantêm com ele uma íntima relação de posse e pertença, concretizando assim o critério da pertença a um espaço ou território, através da interpretação de um conjunto de atitudes de rivalidade e afirmação territoriais face a eventuais estranhos. É nesse local que exercem a sua actividade de actuação, perseguindo um conjunto de objectivos ligados ao domínio do lazer e do lúdico, concretizados com a prática do surf e do bodyboard, e de representação, como momento de exibição do individual, e do grupal, através de um conjunto de práticas e comportamentos normalizados e ritualizados. A juntar ao critério da existência de relações de pertença a um determinado território, reuniriam assim as funções de actuação e representação, como condições para a classificação deste grupo de surfistas, como uma tribo urbana. Os próprios jovens que entrevistei, revelam concordar com esta designação de tribo urbana para classificar a sua forma de sociabilidade juvenil, evidenciando possuir um conhecimento exacto sobre outros grupos de jovens que, em seu entender, podem igualmente ser classificados como tribos urbanas.

Um outro dado que foi possível captar e compreender, tem a ver com a concepção que os membros do grupo revelam possuir sobre a própria juventude. Defendem a existência de vários tipos de jovens, ou de juventude, considerando que não se deve generalizar a apreciação e classificação da realidade juvenil. Estava perante a confirmação, convictamente informada pelos jovens com quem trabalhei, que não se deve ter uma concepção unitária da juventude. Vi-me assim a concordar com Idalina Conde quando refere que a juventude, enquanto construção social pode, e deve, aparecer como uma identidade em estado fragmentário.

No caso desta tribo urbana de surfistas do molhe de Portimão, intérpretes de uma forma específica de sociabilidade e convivialidade juvenis, a sua matriz

relacional e comportamental é caracterizada por algumas atitudes particulares, entre as quais se distinguem:

- Interesse e dedicação pela actividade, como razões para a integração no grupo de surfistas e evolução na actividade .
- Prática de alguma violência esporádica e simbólica face a eventuais estranhos que desejam entrar e permanecer no local.
- Preocupação com a preservação ecológica do seu local de prática.
- Desenvolvimento de atitudes que visam a afirmação da sua autoridade naquele espaço.
- Concepção da situação de posse sobre o local da prática.
- Reforço constante e sistemático das suas atitudes de territorialização.
- Actuação física e simbólica, procurando afirmar a sua identidade de jovens com uma actividade lúdica própria.
- Representação de um papel individual, para com o grupo e para com a sociedade que, em última instância, permite a própria realização do individual sobre o social.

Tratando-se de um conjunto de traços culturais do seu quotidiano, enquanto membro do grupo e praticante de surf, seriam igualmente o reflexo da concepção que revelam possuir sobre o local, sobre a prática e sobre si próprios. A conceptualização ou reificação do seu real-social, parece repousar na existência de uma entidade individual - o surfista - que, para conseguir ascender a um nível de maior destaque e afirmação individual, adere a uma entidade social - o grupo -, onde procura, já em ambiente de convívio e com o auxílio dos seus pares, realizar essa sua afirmação, como ser individual e social. O membro do grupo que melhor consegue realizar essa integração, actuação e representação, é aquele que é visto de forma diferente, e pode aspirar a um maior protagonismo no interior do próprio

grupo, vindo a ser intérprete de uma posição de maior destaque e referência nos aspectos desportivo, relacional e organizacional .

Uma vez que todos os membros do grupo têm o mesmo objectivo, e aspiração, em conseguir fazer boas manobras - conseguindo o desempenho de actuações e representações com significado -, sendo actores de um conjunto de atitudes e desempenhos desejavelmente idênticos, é natural que não possuam a percepção da existência de eventuais fenómenos de liderança. Alguns dos praticantes defendem a não existência desse tipo de fenómenos, argumentando existir uma situação identitária, de estatuto e posição, entre todos os praticantes. Outros, em sentido oposto, defendem que a sua emergência e visualização se verifica em situações ocasionais, podendo manifestar-se de forma diluída. Este envolvimento de todos os membros do grupo, numa actividade que acaba por permitir o destaque de um ou outro praticante, e a sua emergência para uma situação de maior protagonismo no interior do grupo, revela-se, para uns praticantes, como um dado e situação com pouco significado, para outros, funciona como o principal motivo de empenho e dedicação à actividade.

Os objectivos definidos para o estudo desta tribo urbana de jovens surfistas, incluíam o desejo de analisar as formas da sua organização social e procuravam inventariar as suas atitudes para com a escola e com a família. Em relação ao primeiro aspecto, é possível afirmar, a partir dos dados recolhidos, que se trata de uma realidade grupal em que existem, pelo menos, dois níveis de organização social . Um primeiro, comunicado pelos próprios jovens, caracterizado por um nível de organização, digamos igualitário, com a existência de um conjunto de relações sociais em que todos os membros dizem dar-se bem, e no qual se verifica a inexistência de fenómenos de liderança. Direi que é o nível da superficialidade relacional de grupo.

Um segundo nível, resultante de uma análise mais atenta do quotidiano do grupo, no qual se pode afirmar a existência de uma complexidade relacional, contemplando situações de rivalidade interna e externa e o destaque de um ou

outro membro do grupo. Este, por possuir mais experiência, mais conhecimentos relativos à prática da actividade do surf e sobre ventos e marés, parece assumir um certo protagonismo no interior do grupo, e funcionar como líder mais ou menos informal. Direi, neste caso, que estamos perante o nível da profundidade ou complexidade relacional de grupo.

Penso mesmo que é a própria prática da actividade do surf que funciona como o principal elemento agregante e estruturador do grupo, definindo a própria matriz das relações organizacionais que nele existem. A sua existência, para além de confirmar que este grupo de jovens possui um conjunto de regras a cumprir pelos seus membros, confirmando a opinião de Machado Pais, quando refere que as culturas ou subculturas juvenis não são entidades anómicas, cria igualmente condições internas para a possibilidade de detecção de eventuais sub-grupos no interior do grupo e para a visualização de uma situação de maior ou menor destaque, de um ou outro membro do grupo.

Esta dualidade relacional, é completada com um outro nível de relacionamento a nível do simbólico. Enquadram-se nesse nível, as relações simbólicas que existem entre os vários praticantes, as relações que existem para com o local da prática, ou as relações que existem em relação à própria prancha que utilizam para a prática da actividade. O primeiro tipo de relações, a nível do simbólico, são as que se traduzem na existência de situações de praxística e ritualização para com os novos praticantes. Encaradas como momentos iniciais, na e para a actividade, são a ocasião em que os praticantes mais velhos, de forma mais ou menos pacífica, fazem prevalecer os seus conhecimentos e autoridade na actividade, procurando cimentar uma posição de destaque individual e no grupo. O segundo tipo de relação simbólica, e até relação de nível ritual, é a que é exercida pelos praticantes para com o local da prática. É esse local que deve ser preservado higienicamente, como condição necessária à realização de boas manobras, e é nesse local que se verifica o despojamento e preparação do material nos momentos de chegada à praia. É nesse local que os praticantes fazem

os seus rituais de observação das condições para a realização da prática e onde decorre a actuação e representação da sua actividade. É curioso, e oportuno destacar, que os próprios membros do grupo revelam possuir uma concepção muito específica do seu local de permanência e prática. Segundo eles, esse local envolve duas dimensões distintas; a dimensão terra, e a dimensão água - o mar -. Na primeira, embora existam momentos e ocasiões de afirmação da sua autoridade e posse, eles são caracterizados pela flexibilidade da mensagem e dos comportamentos, face aos amigos e face a eventuais estranhos que pretendam entrar e permanecer no local. Já no que diz respeito à dimensão água, visto como principal teatro de actuação e representação, e por isso mesmo, local de afirmação do individual e do social, tal como da obtenção de condições para a crescente evolução na modalidade e destaque no interior do grupo, a mensagem, e os comportamentos muitas vezes a ela anexos, são caracterizados pela interpretação de uma maior violência, resultante de uma rivalidade que se potencializa e manifesta. A razão para essa tipicidade de concepções, sobre o elemento terra e sobre o elemento água, e as atitudes que delas derivam, estão igualmente ligadas ao facto de considerarem aquele local como o espaço onde procuram a realização da afirmação da sua identidade, como jovem e como membro de um grupo e onde procuram obter a satisfação, a felicidade e a evasão, como formas de compensação para os seus problemas quotidianos. É nesse palco que conseguem concretizar o que alguns autores dizem ser o retorno à natureza, que caracteriza algumas das novas formas de desporto. Nesse sentido, a territorialização, a actuação e a representação, acabam por ser comportamentos instrumentais, enquadrados dentro da normalidade da sua sociabilidade juvenil específica, permitindo a afirmação da sua identidade e, tal como refere Gustavo Pires, a demonstração da efectiva conquista da natureza, da vitória sobre o medo, do encontro de soluções para situações de difícil resolução, ou até, do sentimento que se está a fazer algo que poucas pessoas são capazes de realizar.

Finalmente o terceiro tipo de relação de nível simbólico, que se realiza com a prancha. Trata-se do principal utensílio necessário à prática da modalidade, sendo usual os membros do grupo de surfistas, referirem-se a ela com diminutivos que traduzem a existência duma relação de íntima afectividade. Um bom estado de conservação da prancha pode contribuir para realização de bons desempenhos da modalidade do surf ou do bodyboard, contribuindo, como consequência, para a concretização da sua actuação e representação. A dedicação que os praticantes revelam ter para com esse utensílio, leva-os a considerá-lo como uma entidade a preservar e acarinhar. Uma relação que quase parece ser de paternidade ou maternidade, por parte dos ou das surfistas do grupo, acaba mesmo por reflectir-se nas atitudes de acariciamento, na colocação do 'axe' e no penteamento, num objecto muitas vezes personalizado com desenhos e mensagens individuais, transformando-o num verdadeiro objecto totémico.

Em síntese, posso dizer que a compreensão da dimensão relacional desta tribo urbana de jovens surfistas, vivida por alguns dos jovens de forma bastante intensa, parece exigir, não apenas, um estudo dos níveis mais superficiais de organização, mas também, dos níveis mais subterrâneos de organização das relações.

O estudo desta dimensão relacional do grupo de surfistas, implica assim, a utilização de uma série de conceitos operatórios, assumindo uma atitude interdisciplinar na pesquisa e tratamento da informação. Foi isso que aconteceu desde o início do trabalho, podendo, neste momento, confirmar a existência de conceitos como grupo gregário, violência instrumental e expressiva, construção social da realidade, intensidade relacional ou territorialidade e vínculo, como conceitos e situações que caracterizam as tribos urbanas, em termos gerais, e o caso da tribo de jovens surfistas do molhe de Portimão, como caso particular.

A própria construção da realidade social, realizada por estes jovens do grupo do molhe, parece repousar numa escala de valores que percepção a escola como um local apazível no aspecto relacional e de convivência, mas que

a desvaloriza em termos de instituição com horários e tarefas a cumprir. Por outro lado, parece incluir uma perspectiva de grande valorização da família, ao encará-la como a principal instituição que os apoia em momento difíceis. A família é vista como a principal entidade de auxílio nos momentos mais ou menos delicados. É, no fim de contas, o exemplo que permite confirmar a opinião de Idalina Conde, sobre a identidade dos jovens, quando refere que, para os jovens, a família aparece num plano de centralidade afectiva. É essa concepção que caracteriza a especificidade cultural deste grupo de jovens surfistas, funcionando a adesão ao grupo, não como uma forma de crítica e repúdio da função socializadora da família, mas antes, como uma forma de diversificação e complementaridade do e ao seu processo de socialização. A família continuaria assim, a ser perspectivada como um valor de referência, e que, para alguns autores, assumiria mesmo a condição de valor de refúgio dos jovens, impedindo a argumentação de radicalismos que defendem o esbatimento e até ruptura das relações entre os jovens e os seus progenitores.

É nesse sentido, que defendo que a construção do real-social destes jovens, aparece pensada, e arquitectada, numa perspectiva que, sem ser de ruptura face à sociedade, e aos valores dominantes, admite fazer uso de atitudes de violência simbólica, como é o caso de «mandar bocas», mandar embora, ou o impedir os estranhos de fazer as ondas que desejam. Revela-se igualmente como uma construção social que privilegia as actividades de preservação do meio ambiente e as momentos de convivência com os amigos.

Uma das questões fundamentais, é a de saber qual o significado de que essa actividade se reveste para os próprios jovens, e para a sociedade em geral. Em seu entender, é uma actividade que visa completar o seu processo de afirmação e formação, funcionando, como me dizia um dos entrevistados, como meio de concretizar um tipo de formação que a escola não proporciona. O desejo de conhecimento do mar e dos ventos, a capacidade de evasão e alheamento face aos problemas quotidianos e as atitudes de luta individual pela onda, funcionam,

segundo alguns dos membros do grupo, como factores que a prática da actividade lhes permite obter e os prepara para a vida adulta. É a obtenção de novos conhecimentos, novas sensações e novas experiências, que lhes permite, de acordo com a sua argumentação, completar o processo de formação mais formal que lhes é transmitido na frequência da instituição escolar e junto da família.

É por se constituírem e aparecerem como formas de agregação juvenil específicas, perseguindo valores e comportamentos, muitas vezes, distintos do resto da sociedade, que as tribos urbanas são, muitas vezes, classificadas como realidades sociais violentas. É pois urgente ampliar essa classificação, contemplando a existência de um outro tipo de tribos urbanas, caracterizadas pela interpretação de comportamentos e defesa de valores, enquadrados na vivência normal das sociedades.

É a generalização da primeira hipótese de classificação, que origina o aparecimento de conotações negativas que actualmente classificam alguns grupos de jovens. Essa razão deriva, em meu entender, da tonalidade do próprio efeito que se processa a partir dessas realidades grupais, em termos de retrossocialização para a sociedade. Se considerarmos, como diz Rudolf Rezhosy, que estamos perante um processo de transmissão de valores e comportamentos dos jovens para os adultos, então dever-se-à questionar qual o verdadeiro impacto dessa cada vez maior propagação. Será que a sociedade em geral, e a família em particular, se encontra em condições de receber um tipo de mensagem, caracterizada por uma cada vez maior inovação, diversidade e complexidade?

Curiosamente, os jovens que tive oportunidade de entrevistar, referem que os seus pais e outros adultos, começaram por ter uma atitude de crítica para com uma actividade que lhes aparecia estranha e diferente dos desportos mais tradicionais de que tinham conhecimento, despertando receios, desconfianças e críticas. Lembro-me nesta ocasião, de um dos dias de observação, e contacto com os praticantes no molhe de Portimão, quando um indivíduo meu conhecido me interpelou, e me colocou com uma admiração exclamativa, a seguinte questão:

- Então?... Não me diga que agora também vem para aqui fazer isto?

Aqui ao pé desta malta...?

A interpelação deixava-me a pensar se a sua razão era por me encontrar simplesmente junto de jovens, fora do meu local usual de trabalho, ou se era por me encontrar junto de um conjunto de jovens que permaneciam naquele local durante horas seguidas, evidenciando, na opinião daquele interlocutor de circunstância, atitudes de desinteresse e desvalorização para com actividades tidas como mais razoáveis. De qualquer das formas, pensei tratar-se de uma informação a reter, ficando a pensar no nível de desconhecimento que pode ainda existir, sobre as actuais formas de agregação social dos jovens e sobre as suas novas formas de procura de lazer.

Em relação ao segundo ponto, relativo a questões de ordem teórica, devo referir que a análise e entendimento do grupo de surfistas do molhe de Portimão, só foi possível realizar tendo presente a atitude de tentar entender cada um dos membros do grupo em si mesmo, procurando compreender as suas emoções e opiniões para, num momento seguinte, tentar integrar essas posições e comportamentos na globalidade da informação fornecida por todo o grupo. Procurava com isso, realizar uma abordagem que conjugasse a perspectiva individual de cada membro do grupo, conseguida principalmente com as entrevistas individuais, com uma perspectiva mais global do colectivo do grupo.

Alguns autores consideram que o fenómeno das tribos urbanas, para além de dever aconselhar a uma análise criteriosa, com o objectivo de se conseguir detectar entre tribos violentas e tribos não violentas, aconselha a ter algum cuidado com a adopção dessas classificações. Outros estudiosos deixam entender que essa formação, em última instância, deve ser vista como resultado da procura de alternativas para o processo de formação e socialização dos jovens que, junto das instituições regulares da sociedade, não parece incluir o conjunto de sensações e estímulos de que os jovens também necessitam, nos seus trajectos para a vida adulta. Autores há que falam mesmo em busca de excitação, como a razão da

formação de grupos desportivos e de outras atitudes e comportamentos ligados ao desporto. Estes jovens, nas suas entrevistas, falam em conceitos e situações como a evasão, a felicidade, a busca de adrenalina e a procura de novas sensações. Consideram que é através da obtenção destas sensações e emoções, que conseguem sentir-se bem, num ambiente urbano, caracterizado por ritmos de vida cada vez mais abrangentes e manipuladores do espaço e da vida dos indivíduos.

É a busca dessas sensações que faz mover os jovens, que os faz praticar futebol, andar de skate, pertencer a grupos de proprietários de bicicletas de todo o terreno, praticar surf, bodyboard ou skimming. Origina igualmente a formação de grupos de jovens mais ligados a outras actividades de lazer, como a música ou os passeios de mota, ou, num outro sentido, de grupos com um carácter mais violento, muitas vezes, próximos da delinquência juvenil e da própria marginalização. Todos eles buscam um conjunto de sensações e procuram protagonizar trajectos específicos, em direcção à vida adulta. A solução para os analisar e compreender está em perspectivá-los numa aceção de diversidade e variedade cultural e sociológica.

A razão da existência dos estudos sobre a juventude e, particularmente, sobre as formas e matizes que as suas formas de agregação juvenil revelam, levaram alguns estudiosos a defender a existência de uma situação que se pode caracterizar como «neotribalismo» na ou da juventude. A formação das tribos urbanas passaria, de acordo com aquelas opiniões, a radicar directamente nesse fenómeno crescente de criação de novas formas de agregação juvenil, pressupondo, muitas vezes, um natural recurso a atitudes e comportamentos de violência. Provavelmente, em termos antropológicos, seria uma extensão da sociedade dita rural, com a definição e defesa de territórios e com a utilização de um conjunto de formas ritualizadas de preservação do poder em determinados sítios, para um tipo de sociedade urbana, onde os jovens procurariam essa afirmação e reforço da identidade, através do recurso a comportamentos que tradicionalmente caracterizavam o espaço rural.

Para que conseguisse captar e estudar essa realidade social e sociológica, houve que definir um conjunto de estratégias e momentos de investigação, acabando, mais tarde, por ver os objectivos atingidos e as hipóteses validadas.

Os primeiros, por ter conseguido compreender e demonstrar que o processo de formação das tribos urbanas, e desta de surfistas em particular, deve ser visto como o resultado da procura de alternativas e complementaridade ao processo de socialização que se destina aos jovens. É, neste caso, o resultado da procura de uma situação de lazer mais abrangente e propiciadora de novas sensações aos jovens, conseguidas a partir do momento em que se inserem num círculo específico de sociabilidade juvenil, formando uma verdadeira cultura ou subcultura juvenil. Consegui, igualmente, compreender que essas formas de agregação social juvenis tinham um certo tipo de organização, mais ou menos diluída ou informal, permitindo o destaque e a liderança, mesmo de forma informal, de um ou outro membro do grupo. Esse conjunto de relações organizacionais fazem parte de um contexto mais amplo de relações, onde se inscrevem, também, as relações sociais e simbólicas, existentes entre os membros do grupo, para com o espaço que ocupam, ou face a terceiros, que tentem estabelecer quaisquer contactos com o grupo, ou com o território de que consideram ser simbolicamente proprietários. As segundas, por ter conseguido compreender e demonstrar que esta tribo de jovens surfistas, mantendo uma relação directa e constante com os membros pertencentes a outras gerações, não aparece numa situação de ruptura geracional face àqueles, e muito menos em relação à família ou à escola. Pelo contrário, procuram alcançar formas de complementaridade à e para a mensagem que lhes é fornecida a partir daquelas duas instituições de cultura e de socialização.

Pode-se pois concluir que é a a partir da condição de pertença a uma tribo urbana, como é o caso dos jovens surfistas estudados, que se passa a assumir atitudes de valorização da mensagem de grupo e das experiências que se obtêm em contacto com os seus pares. É aí que os jovens tentam revelar as suas capacidades individuais e grupais específicas, caracterizadas pela existência de

modelos de comportamento próprios, integrados em trajectos autónomos para a vida adulta, vindo a constituir autênticos exemplos de Culturas Juvenis.

É por estar convicto da especificidade cultural e grupal destes jovens surfistas, considerando que procuram realizar uma forma de actuação e representação ligada a uma actividade distinta e inovadora de lazer, sendo intérpretes de um conjunto de atitudes de territorialização, demonstrativas da consciência e reforço de pertença ao grupo e ao local, que considero este grupo de surfistas como uma tribo urbana. Trata-se, por fim, de uma forma de construção de itinerários pessoais, alicerçados em formas distintas de ler e conceber o real-social envolvente, concretizados por estes jovens, com a formação de círculos de sociabilidade específicos.

Foi a partir dos dados fornecidos pelo programa SPSS, e particularmente dos planos factoriais que obtive, que consegui compreender e confirmar que a realidade social do grupo do molhe era mais complexa do que anteriormente parecia. A conjugação da leitura qualitativa dos dados, com um segundo momento de leitura quantitativa, permitia-me concluir que, dentro do praticante tipo da tribo urbana de surfistas do molhe de Portimão, existiam dois tipos de mensagem, dois tipos de comportamentos, dois tipos de percepção e entendimento da actividade e, por fim, dois tipos de concepção sobre o meio social e espacial envolventes. Existiam, em certa medida, dois tipos de representação simbólica da actividade e de reificação do próprio social.

A sociabilidade juvenil que formava o teatro da sua existência como grupo, parecia ser uma única - a dos jovens surfistas do molhe de Portimão -, mas encerrava uma dualidade de concepções sobre o mundo, e sobre a própria forma de conceber a actividade que os tinha levado a aderir ao grande grupo de praticantes. Por um lado, a existência de um tipo de praticante para quem a prática do surf se encontra num plano de centralidade, supondo e defendendo a existência de relações organizacionais e de rivalidade, como fenómenos naturais de grupo e meios de afirmação de uma identidade e individualidade. Por outro

lado, um outro tipo de praticante que, sem perder de vista a importância da prática da actividade, mostra valorizar, em maior grau, as relações de convivialidade e a preservação e contemplação da natureza, desvalorizando os aspectos meramente organizacionais e de rivalidade. Estes dois tipos de praticantes, um mais pragmático e realista, outro mais contemplativo e idealista, são, sem dúvida, um dos traços característicos da diversidade juvenil que caracteriza o grupo de surfistas do molhe de Portimão. Esta confirmação, existente neste pequeno universo de estudo, reforçava um dos aspectos teóricos no qual, desde cedo, alicercei o meu discurso e entendimento dos grupo juvenis - a diversidade e complexidade da juventude -, reforçando os pressupostos das teorias que argumentam que a análise e compreensão da juventude deve realizar-se de acordo com uma óptica de multiplicidade e diversidade.

Os resultados que iam aparecendo funcionavam como principal factor de motivação à prossecução do trabalho. Procurava uma forma adequada para o estudo de uma tribo urbana, estando consciente que deveria repousar num conjunto de instrumentos e atitudes metodológicas que deviam existir em profunda articulação. Foi com a certeza de ter conseguido pôr em prática esse objectivo, e com a confirmação de ter conseguido captar as características específicas do quotidiano de uma tribo urbana de surfistas, que via confirmar as anteriores opções, em relação a métodos e técnicas utilizados.

Finalmente, em relação ao terceiro ponto, há que fazer algumas considerações relativas ao processo e ritmos da sua realização, assim como o que se conseguiu com a sua realização. A facilidade de integração junto dos membros do grupo, os primeiros momentos de percepção da sua cultura de grupo e a obtenção da primeira informação, a partir da realização das entrevistas, acabaram por funcionar como factores de constante motivação para o desenvolvimento de todo o trabalho. No final, estava consciente de ter realizado um trabalho que me satisfazia e me tinha ajudado a situar melhor as problemáticas específicas da juventude. Estava igualmente consciente de ter conseguido apeceber-me de uma

realidade que, por possuir diversos níveis de organização e estruturação social, me aparecia anteriormente como um corpo social homogéneo e uniforme. A grande funcionalidade do trabalho situa-se porém, em meu entender, na possibilidade que tive em contactar com os jovens e aperceber-me que eles demonstravam interesse pela minha abordagem. Que eu existia, como alguns me chegaram a dizer, alguém que mostrava interesse pela sua actividade, pela sua mensagem e pelas suas preocupações. Foi com tudo isso, que consegui ainda uma melhor percepção e compreensão de uma realidade que faz parte da minha vida pessoal e profissional diárias: o trabalho com a juventude.

BIBLIOGRAFIA

V.V.A.A.

1993 *DICIONÁRIO LELLO UNIVERSAL vol I e II*, Porto: Lello e Irmão.

V.V.A.A.

1979 *Os Grandes Acontecimentos do Século XX*, Lisboa: Ed. Selecções R.Digest.

AGUIAR, Alda M.V. e outros.

1984 "A lição de Salazar" *HISTÓRIA* 73: 3-15.

ALMEIDA, J. Ferreira e PINTO, J. Madureira.

1990 *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa: Presença.

AMORIM, Maria Stella F. e AMORIM, Paulo M.

1976 "Autoridade" *Enciclopédia Mirador Internacional*, Vol. 3, 1066 - 1068, São Paulo: Enc. Britânica do Brasil.

ANDERSON, Michael.

1984 *Elementos para a História da Família Ocidental*, Lisboa: Ed. Quercus

ARIÉS, Philippe.

1978 *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Zahar Editores

1988 *A Criança e a vida familiar no Antigo Regime*, Lisboa: Relógio D'água.

AZEVEDO, Carlos A.M. e AZEVEDO, Ana G.

1994 *Metodologia Científica*, Porto: Carlos Azevedo.

BACHELARD, Gaston.

1990 *A Epistemologia*, Lisboa: Edições 70.

BAECHLER, Jean.

1990 "Tribo (organização política da)" *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, Lisboa: Dom Quixote.

BARATA, Óscar Soares.

1991 *Introdução às Ciências Sociais*, Lisboa: Bertrand Editora.

BARDIN, Laurence.

1994 *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Presença.

BAUER, Mark C. e WRIGHT, Anne L.

1996 " Integrating Qualitative and Quantitative Methods to Model Infant Feeding Behaviour among Navajo Mothers ", *Human Organization*, (vol 55), 2: 183-192.

BÉJIN, André.

1990 "Adolescência" *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, Lisboa: Dom Quixote.

BÉRAUD, Janine e Millet, Louis.

1975 *A Contestação Juvenil*, Mem Martins: Publicações Europa - América.

BERNARDES, Carlos e FAORO, Raimundo.

1976 "Poder" *Enciclopédia Mirador Internacional*, (Vol. 16), págs. 9001- 9004, São Paulo: Enc. Britânica do Brasil.

BIROU, Alain.

1982 *Dicionário de Ciências Sociais*, Lisboa: Dom Quixote.

BLANCHÉ, Robert.

1988 *A Epistemologia*, Lisboa: Editorial Presença.

BLOCH, H. e NIEDERHOFFER, A.

1987 *Les Bandes d'adolescents*, Paris: Payot.

BOTTOMORE, T.B.

1987 *Introdução à Sociologia*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

BOUDON, Raymond.

1990 *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa: Rolim.

1990 *O Lugar da Desordem*, Lisboa: Gradiva.

BOULDING, Kenneth E.

1993 *Las Tres Caras del Poder*, Barcelona: Paidós.

BOURDIEU, Pierre

1989 *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, J.C. e PASSERON, J.C.

1968 *Le métier de sociologue*, Paris: Mouton/Bordas.

CASANOVA, José Luis.

1993 *Estudantes Universitários - Composição Social, Representações e Valores*, Lisboa: Instituto de C. Sociais/Instituto da Juventude.

CASEY, James.

1990 *História da Família*, Lisboa: Teorema.

CASTELS, Manuel e IPOLA, Emílio.

1982 *Prática Epistemológica e Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.

HAZEL, François.

1990 "Poder" *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, Lisboa: Dom Quixote.

CHERKAOUI, Mohamed

1990 "Grupo de Referência", *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, Lisboa: Dom Quixote.

1994 *Sociologia da Educação*, Mem Martins: Publicações Europa-América

CIBOIS, Phillippe.

1983 *L'Analyse des Données en Sociologie*, Paris: PUF.

CONDE, Idalina.

1990 "Identidade nacional e social dos jovens" *Análise Social*, vol XXV, 108-109: 675-693.

COSTA, António Firmino.

1986 "A Pesquisa de Terreno em Sociologia" in Augusto Santos Silva e José M.Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.

1992 *Sociologia*, Lisboa: Difusão Cultural.

COSTA, Pere-Oriol; TORNERO, José M.P. e TROPEA, Fabio.

1996 *Tribus Urbanas*, Barcelona: Paidós

CRUZ, M. Braga da; SERUYA, J.M.; REIS, L.B. e SCHMIDT.

1984 "A Condição Social da Juventude Portuguesa" *Análise Social*, (vol XX), 82: 285-308.

DANCY, Jonathan.

1990 *Epistemologia Contemporânea*, Lisboa: Edições 70.

DEBESSE, Maurice.

1989 *A Adolescência*, Mem Martins: Publicações Europa-América.

DEUTSCH, H.

1974 *Problemes de l'adolescence; la formation de groupes*, Paris: Payot

DUBET, François.

1990 "Juventude" *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, Lisboa: Dom Quixote.

DURKHEIM, Emile.

1989 "As Regras do Método Sociológico" in Manuel Braga da Cruz (org), *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos*, (vol I), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

DUROSELLE, Jean Baptiste.

1990 *História da Europa*, Lisboa: Dom Quixote.

ECO, Humberto.

1980 *Como se faz uma tese em ciências humanas*, Lisboa: Presença.

ELIAS, Norbert.

1992 *A Busca da Excitação*, Lisboa: Difel

ESTEVES, António J.

1995 *Jovens e Idosos - Família, Escola e Trabalho* -, Lisboa: Afrontamento

FERRAROTTI, Franco.

1986 *Sociologia*, Lisboa: Teorema.

FERREIRA, J.M.Carvalho; PEIXOTO, João; CARVALHO, Anabela S. e outros.

1995 *Sociologia*, Lisboa: Ed. McGraW-Hill.

FERREIRA, José Medeiros.

1993 "A Evolução da Sociedade Portuguesa" in José Mattoso, *História de Portugal* (dir), vol. VIII, Lisboa: Círculo de Leitores.

FICHER, Gustave-Nicolas.

1994 *A Dinâmica Social - Violência, Poder, Mudança*, Lisboa: Planeta Editora

FIZE, Michel.

1993 *Les Bandes - L' "entre-soi" adolescent*, Paris: Desclée de Brouwer.

FIZE, Michel e TOUCHE, M.

1992 *Le skate : la furer de faire*, Caen: Arcane Beaunieux .

FLORENTÍN, Manuel.

1996 *Guia da Europa Negra*, Mem Martins: Publicações Europa- América

FRAGATA, Júlio.

1973 *Noções de metodologia para a elaboração de trabalhos científicos*,
Porto: Livraria Tavares Martins.

FREIRE, João.

1989 "As Juventudes Sindicalistas - Um movimento Singular-", *Penélope 4*:
119-137.

GALBRAITH, John Kenneth.

1983 *Anatomia do Poder*, Lisboa: Difel.

GIDDENS, Anthony.

1996 *Novas Regras do Método Sociológico*, Lisboa: Gradiva.

GINSBERG, Morris.

1988 *Introdução à Sociologia*, Mem Martins: Publicações Europa- América

GRAFMEYER, Yves.

1995 *Sociologia Urbana*, Mem Martins: Publicações Europa - América.

ITURRA, Raul.

1986 " Trabalho de Campo e Observação participante em Antropologia"
in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia
das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.

JARY, David e JARY, Julia.

1991 *Dictionary of Sociology*, Glasgow: Harper Collins Publishers.

KELLERHALS, Jean, TROUTOT, Pierre-Yves e LAZEGA, Emmanuel.

1989 *Microsociologia da Família*, Mem-Martins: ed. Europa-América.

KELLERHALS, Jean.

1990 "Família(sociologia da)" *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, 105-106, Lisboa: Dom Quixote.

KUIN, Simon.

1993 "A Mocidade Portuguesa nos anos 30: anteprojectos e instauração de uma organização paramilitar de Juventude", *Análise Social* 122: 555-558

1996 "Mocidade Portuguesa", in Fernando Rosas e J. Brandão de Brito (dir), *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa: Círculo de Leitores.

LAPIERRE, Nicole.

1996 "Plongée en eaux troubles" *Jornal Le Monde*, Litterature originale, Paris: Le Monde.

LASSWELL, Harold e KAPLAN, Abraham.

1979 *Poder e Sociedade*, Brasília: Universidade de Brasília.

LEVIN, Jack.

1987 *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*, São Paulo: Editora Harbra Lda.

LUKES, Steven.

1978 "Power and Authority" in Tom Bottomore e Robert Nisbett (edit), *A History of Sociological Analysis*, New York: Basic Books.

MARIVOET, Salomé.

1994 " Hábitos desportivos: Valores sócio-culturais em mudança" *Actas do Congresso Mundial de Lazer"*, Lisboa: ICS.

MEIRELES, Luisa.

1994 "As tribos da Juventude- Eternamente Jovens -", *Caderno Viva, Expresso* Lisboa: O Jornal.

MESQUITELA LIMA, A.

1992 *Introdução à Sociologia*, Lisboa: Presença.

MICHAUX, Léon.

1974 *Os Jovens e a Autoridade*, Mem Martins : Publicações Europa- América.

MILLS, C. Wright.

1981 *A Elite do Poder*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MORIN, Edgar.

1985 *Sociologia*, Mem Martins: Publicações Europa-América.

MOUSNIER, Roland.

1976 *As Hierarquias Sociais*, Mem Martins: Publicações Europa- América.

NAZARETH, J. Manuel.

1979 *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa: Presença.

1982 *Explosão demográfica e planeamento familiar - subsídios para uma política de defesa de vida em Portugal*, Lisboa: Presença.

1996 *Introdução à Demografia*, Lisboa: Presença.

PAIS, José Machado.

1984 "Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana" *Análise Social*, vol XX, 83: 507-519.

1986 "Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana" *Análise Social* vol XXII, 90: 7-57.

1989 *Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações*, Lisboa: Instituto da Juventude/ Instituto de Ciências Sociais.

1990 "Lazeres e sociabilidades juvenis-um ensaio etnográfico-" *Análise Social*, vol XXV, 108-109: 591-644.

1993a *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nac. Casa Moeda

1993b " Nas rotas do Quotidiano" *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 37: 105-114.

PIMENTEL, Irene Flunser.

1996 "Mocidade Portuguesa Feminina" in FernandoRosas e J.Brandão de Brito (dir), *Dicionário de história do estado Novo*, Lisboa : Círculo de Leitores.

PIRES, Gustavo.

1994 " A aventura desportiva: o desporto para o III milénio" *Actas do Congresso Mundial de Lazer*, Lisboa: ICS

PROST, Antoine e VINCENT, Gerard.

1991 "Da 1ª Guerra Mundial aos nossos Dias" in *Phillipe Ariés e Georges DUBY*
DUBY (dir), História da Vida Privada n.º5, Porto: Afrontamento.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van.

1992 *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

REZSOAHASY, Rudolf.

1991 "A formação dos valores dos jovens: uma abordagem sociológica" in
Luis Alberto Alves (dir), - *Portugal e a Europa- Identidade e Diversidade*
Porto: Asa.

RICARDO, Daniel.

1982 " A Crise Académica de 1961 I - Os Estudantes e a Ditadura", *História*
42: 2-28.

1982 " A Crise Académica de 1961 II - A radicalização do conflito", *História*
43: 64-86.

ROBERT, Philippe.

1990 "Bando" *Dicionário de Sociologia*, in Raymond Boudon (dir) e outros,
Lisboa: Dom Quixote.

ROCHER, Guy.

1989 *Sociologia Geral - A Acção Social* -, Lisboa: Presença.

RUSSEL, Bertrand.

1990 *O Poder - Uma Nova Análise Social*, Lisboa: Fragmentos.

SAMPAIO, Daniel.

1991 *Ninguém Morre Sózinho-O adolescente e o suicídio* -, Lisboa: Caminho.

1995 " Um ano Depois..." *Revista Fórum Estudante*, n.º42, Press Fórum.

SARACENO, Chiara.

1995 *Sociologia da Família*, Lisboa: Editorial Estampa.

SARAIVA, António José.

1983 "Juventude" *Dicionário Crítico*: 107-111, Lisboa: ed. Querco.

SCHMIDT, Luísa.

1993 *A Procura e a oferta cultural e os jovens*, Lisboa: I.C. S./ Ins-Juv.

1994 " Jovens portugueses em overdose « mediática »" *Actas do Congresso Mundial de Lazer*, Lisboa: ICS.

SEDAS NUNES, A.

1994 *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, Lisboa: Presença.

SEGALEN, Martine.

1981 *Sociologie de la Famille*, Paris: Armand Colin.

SILVA, Maria da Conceição T. da.

1967 "Reflexões sobre o conceito de Problema Social I" *Análise Social* nº 17: 5-22.

1967 "Reflexões sobre o conceito de Problema Social II" *Análise Social* nº 18: 207-230.

SILVA, Maria M. Machado da.

1983 " O processo educativo e a violência" *Estudos Políticos e Sociais*, X, 1-2, Lisboa: I.S.C.S.P.

1993 *Educação e Sociedade de Risco*, Lisboa: Gradiva

SIMMIE, J.M.

1978 *Citizens in Conflict - The Sociology of Town Planning-*, Londres: Hutchinson

SOMMERMEYER, Anne e DUVAL, C.

1973 *Autoridade ...mas qual?*, Mem Martins : Publicações Europa-América

TIMMS, Noel.

1970 *Sociologia e Problemas Sociais*, Coimbra: Almedina.

VALA, Jorge

1986 " Análise de Conteúdo" in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.

VALADE, Bernard.

1990 "Sociologia" *Dicionário de Sociologia*, Raymond Boudon (dir) e outros, Lisboa: Dom Quixote.

WEBER, Max.

1989 "Conceitos Fundamentais de Sociologia", " A " objectividade do conhecimento nas ciências sociais", "Status e Classes", in Manuel Braga da Cruz(org), *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos, Vol II*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

WORSLEY, Peter.

1983 *Introdução à Sociologia*, Lisboa: Dom Quixote.

ZAL, Michael H.

1993 *A Geração Sandwich*, Lisboa: Difusão Cultural.

Outra documentação.

Revista *Fórum Estudante*, nº 42- Abril de 1995.

nº 47- Setembro de 1995.

Revista *Ragaza*, nº 14 - Dezembro de 1994.

nº 25 - Novembro de 1995.

nº 25 - (suplemento) - Novembro de 1995.

Revista *Surf Magazine*, nº 34 - Fevereiro de 1995.

Revista *Surf Magazine*, nº 40 - Novembro/ Dezembro de 1996.

Revista *Surfer*, Volume 37, nº5, Maio de 1996.

Revista *Surf Portugal*, nº 39- Fevereiro/ Março de 1995

Revista *Teenager*, nº94 - Dezembro de 1994.

Revista *Visão*, nº 104, Março de 1995.

Suplemento Compacto - *Diário de Notícias*, nº46156, Agosto de 1995.

Suplemento Fórum Estudante- *Correio da Manhã*, nº5688, Novembro de 1994.

Suplemento Magazine - *Público*, nº 260, Março de 1995.

Suplemento Notícias Magazine - *Diário de Notícias*, nº46681, Janeiro de 1997.

Suplemento Tribo - *Correio da Manhã*, nº 6319, Agosto de 1996.

ANEXOS

ANEXO A

Instrumentos de Recolha de Informação

ANEXO B

Exemplos de entrevistas estruturadas, realizadas no âmbito do processo de pesquisa e recolha de informação.

ANEXO C

Documentação referente às saídas informáticas do SPSS, com a listagem e sistematização de variáveis.

ANEXO A

Instrumentos de Recolha de Informação

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Tópicos / Perguntas do Guião da Entrevista.

- 1) * *Para ti o que é o Surf?*
- 2) * *Consideras ser uma modalidade?
um desporto?
um passatempo?*
- 3) * *Quais as condições necessárias para se praticar Surf?*
- 4) * *Porque praticas Surf?*
- 5) * *Desde quando praticas Surf?*
- 6) * *Tens alguém na família que pratique também Surf?*
- 7) * *Como começou o teu interesse pelo Surf?*
- 8) * *Quando praticas o Surf?*
- 9) * *Consideras que o tempo que dedicas à prática do Surf é suficiente?*
- 10) * *O que achas do local onde praticas o Surf?*
- 11) * *Porque razão escolheste este local para praticares Surf?*
- 12) * *Quais as condições necessárias que um local deve reunir para a prática do Surf?*
- 13) * *Quais as atitudes que o grupo de praticantes assume para com o local da prática do Surf?*
- 14) * *Que atitudes costumam tomar quando esse local é «invadido» por pessoas estranhas à prática do Surf?*
- 15) * *Praticas em grupo ou sózinho?*
- 16) * *Consideras existir um grupo de praticantes?*
- 17) * *Consideras fazer parte do « grupo do molhe »?*
- 18) * *Existem regras específicas a respeitar / pré-requisitos a reunir para fazer parte desse grupo?*
- 19) * *Foste bem recebido pelos praticantes mais antigos quando resolveste começar a fazer Surf?*
- 20) * *Se trouxeres um novo amigo para praticar Surf, achas que os teus colegas o receberiam bem?*
- 21) * *Quantos grupos existem na área de Portimão?*
- 22) * *Como é a tua relação, e a dos teus amigos de grupo, com os elementos dos outros grupos que também praticam Surf?*

- 23) * *Qual a relação que achas que tens com os teus outros colegas de Surf?*
- 24) * *Consideras que a permanência na actividade confere um estatuto diferente ao praticante?*
- 25) * *No grupo de praticantes ,de quem recibes sugestões ou críticas?*
- 26) * *Sendo um jovem , como realmente és, e tendo o teu grupo de amigos , o que pensas dos adultos vos identificarem como **Geração Rasca** ?*
- 27) * *Consideras que os adultos compreendem e respeitam esta vossa actividade?*
- 28) * *Tens apoio da família para a prática do Surf ?*
- 29) * *Já trouxeste algum amigo para a prática do Surf?*
- 30) * *Consideras que algém já te criticou por praticares o Surf?*
- 31) * *Foi fácil começar a praticar Surf?*
- 32) * *Quais os cuidados que deves ter para com a tua prancha ?*
- 33) * *O que sentes quando estás em cima da prancha à espera para fazer a Onda ?*
- 34) * *Foi fácil para ti entrares no vocabulário específico do Surf?*
- 35) * *Podes definir alguns conceitos utilizados na modalidade do Surf?*
- 36) * *Quando praticas Surf, o que sentes ?*
- 37) * *Consideras que o tempo que dedicas à prática do Surf é positivo e dá-te satisfação?*
- 38) * *Qual a tua opinião sobre o facto do Surf ser uma actividade fundamentalmente masculina?*
- 39) * *Consideras ser importante praticar Surf?*

- 40) * *Refere aspectos positivos sobre a Instituição Escola.
Refere aspectos negativos sobre a Instituição Escola.*
- 41) * *Refere aspectos positivos sobre a Instituição Família.
Refere aspectos negativos sobre a Instituição Família.*

- 42) * *Já alguma vez foste criticado por dedicares tempo excessivo à prática do Surf?*
- 43) * *Porque praticas Bodyboard / Surf e não Surf / Bodyboard ?*
- 44) * *O que pensas dos praticantes de Skimming?*
- 45) * *O que é para ti um bom praticante de Surf?*
- 46) * *Como definirias o Surf utilizando apenas três ou quatro palavras?*
- 47) * *Das diversas tribos urbanas existentes qual a com que não te identificas?*
- 48) * *O que achas de importante sobre o Surf que eu não te perguntei?*

« ESTUDO DE CASO »
ESTUDO DESCRITIVO ANALÍTICO

ORGANIZAÇÃO DAS PERGUNTAS DA ENTREVISTA POR DIMENSÕES DE ESTUDO

<u>Dimensões :</u>	<u>Número das Perguntas:</u>
<u>Dimensão Caracterizadora :</u> Prática: (Definição da Prática)	1 ; 2 ; 31 ; 35 ; 38 ; 46 .
<u>Dimensão Caracterizadora :</u> Adesão/ Prática da Actividade .	4 ; 5 ; 7 ; 8 ; 9 ; 15 ; 21 ; 43 .
<u>Dimensão Caracterizadora :</u> Condições Necessárias à Prática.	3 ; 18 ; 32 ; 34 .
<u>Dimensão Territorial :</u>	10 ; 11 ; 12 ; 13 ; 14 .
<u>Dimensão Relacional Interna :</u>	17 ; 19 ; 20 ; 23 ; 29 .
<u>Dimensão Relacional Externa:</u>	14 ; 22 ; 26 ; 27 ; 44 ; 47 .
<u>Dimensão Organizativa:</u> « Liderança » / « Chefia »	16 ; 24 ; 25 ; 30 .
<u>Dimensão Sócio-Cultural:</u> « Escola » / « Família »	6 ; 27 ; 28 ; 30 ; 40 ; 41 ; 42 .
<u>Dimensão Psicológica:</u>	33 ; 36 ; 37 ; 39 ; 45 .
<u>DIMENSÕES :</u> - 6 Categorias / Dimensões -	1ª Caracterizadora. 2ª Territorial. 3ª Relacional Interna. Relacional Externa. 4ª Organizativa. 5ª Sócio-Cultural. 6ª Psicológica.
	TOTAL: <u>47 Perguntas</u> .

FICHA DE REGISTO DE IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL E SÓCIO - FAMILIAR

Nº

Identificação/ Detecção de índices sócio-económicos de base na constituição dos grupos (tribos) de Surfer(s)

1. Domínio Individual:

COD

1.1. Nome: _____

1.2 Profissão: _____ .

1.3. Idade: _____ anos

1.4. Local de Nascimento: _____

1.5. Residência: _____

Telefone: _____ .

1.6. Habilitações Literárias :

Não sabe ler nem escrever 1

*Sabe ler e escrever sem possuir
a 4ª classe.* 2

1º Ciclo Ens. Básico. 3

2º Ciclo Ens. Básico . 4

3ºCiclo Ens. Básico. 5

Ensino Secundário. 6

Curso Médio. 7

Curso Superior. 8

Considerando:

2. Domínio Sócio-Familiar:

2.1. *Habilitações Literárias dos Pais :*

	2.1.1.	2.1.2.
	<u>Pai</u>	<u>Mãe</u>
<i>Não sabe ler nem escrever.</i>	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 1
<i>Sabe ler e escrever sem possuir a 4ª Classe.</i>	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 2
<i>1º Ciclo Ens. Básico.</i>	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 3
<i>2º Ciclo Ens. Básico.</i>	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 4
<i>3º Ciclo Ens. Básico.</i>	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 5
<i>Ensino Secundário.</i>	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> 6
<i>Ensino Médio.</i>	<input type="checkbox"/> 7	<input type="checkbox"/> 7
<i>Ensino Superior.</i>	<input type="checkbox"/> 8	<input type="checkbox"/> 8

2.2. *Categorias sócio-profissionais:*

2.2.1. *Profissão do Pai:* _____

2.2.2. *Profissão da Mãe:* _____

3. *Número de elementos do Agregado Familiar.* (exceptuando o inquirido e os pais).

3.1.
*Relações de
Parentesco*

3.2.
Idade:

4. *Observações:*

ANEXO B

Exemplos de entrevistas estruturadas, realizadas no âmbito do processo de pesquisa e recolha de informação.

Entrevista n.º1:
(Cassete n.º1).

Nome: Tiago Reis.
Idade: 18 anos.
Profissão: Estudante.
Hab. Literárias: Frequência do 12ºAno de Escolaridade. (Ens. Sec.).
Actividade: Surfer.

Pergunta:Numa definição o que é que se pode entender por Surf?

Resposta: É difícil dar uma definição, é algo que se entrelaça entre um desporto e algo que nos dá prazer.

P:Será um desporto, um passatempo ou uma modalidade?

R:Se calhar é tudo um pouco, para muita gente é acima de tudo um modo de vida.

P:Que condições são necessárias para praticar Surf?

R: Acima de tudo força de vontade, pois existe uma fase que chega a ser frustrante que é quando nos tentamos pôr em pé em cima da prancha, só tentando muitas vezes conseguimos dar o salto.

P:Como foi o caso do Tiago, custou muito a conseguir pôr-se em pé?

R: Um pouco, mas eu tinha apoio de amigos, uma vez que sózinho se torna difícil pois pensa-se que não se é capaz. Aliás as pessoas pensam que é fácil pôr-se em pé, mas é bastante difícil.

P:E em termos de condições materiais, o que é preciso para praticar Surf?

R: Para este local, o ideal é uma prancha e um fato, para outros locais onde a água não é tão fria, basta a prancha, mas prá aqui é fundamental o fato.

P:No outro dia vi estarem a pôr a cera na prancha, e depois raspam essa cera; porque fazem isso?

R: Nós colocamos o axe e depois penteamos de forma a que não se escorregue quando estamos de pé, raspamos com o pente.

P:Porque praticas Surf?

R: A princípio porque foi um desporto para experimentar, agora porque faz parte da minha vida, é um modo de estar na vida, hoje em dia é mesmo a minha actividade principal, dá-me muito prazer fazer Surf.

P:Desde quando praticas Surf?

R: Há uns 4 ou 5 anos.

P:É a única pessoa na família que pratica Surf?

R: Sim, e agora pus também o meu tio nisto, aquela pessoa que apareceu hoje lá no molhe.

P:Como começou o interesse pelo Surf?

R: Desde pequeno que existe aquela coisa de andar nas ondas, e eu sempre pensei, e agora os Bodyboarders que me desculpem, que o Bodyboard era uma fase intermédia, com o objectivo de chegar ao Surf; andava lá com a prancha de esferovite e o Carlinhos, que é do meu prédio, um dia disse-me, hoje vais comigo para a praia e pôs-me em cima da prancha; havia um fascínio pelo mar,

estava sempre na praia e gostava das ondas. Andava com aquela coisa de experimentar e ele deu-me um empurrão.

P: Quando praticas o Surf?

R: Sempre que posso... sempre ... sempre, hoje em dia todos os dias. Fiz um horário comigo, venho às 6, 7 da manhã e fico até ao final do dia. Na brincadeira, toda a gente me diz então o teu trabalho, vais trabalhar. Quando não há ondas, hoje não há trabalho.

P: Considera que o tempo que dedica à prática do Surf é suficiente?

R: Não é suficiente porque as condições não permitem, pois de todo o tempo que lá estou, aproveito apenas 4 ou 5 horas, e há muitos dias em que não há ondas...

P: Porque razão escolheram o molhe para praticar Surf?

R: É o local onde as ondas se formam melhor devido ao molhe, que ajuda à formação das ondas. Há ali uma certa envolvência, estrutura que se monta ali, até podem estar ondas melhores noutra local da praia, mas por costume ou por hábito é ali que nos juntamos.

P: É agradável estar nesse local?

R: Habituaamo-nos a estar lá e agora é o nosso segundo local; tal como a escola que dizem que é a nossa segunda casa.

P: Quais as condições que um local deve reunir para praticar Surf?

R: Fundamentalmente a formação de boas ondas.

P: Quais as atitudes que o vosso grupo assume para com esse local?

R: Tenta preservar e defender esse local e às vezes quando uma pessoa joga alguma coisa para o chão... não faças isso, estás aqui todos os dias... é ali que passamos grande parte do nosso tempo.

P: Que atitudes costumam tomar quando esse local é invadido por pessoas estranhas?

R: Oh! Oh! Oh! Ao Domingo as coisas tornam-se um bocado complicadas, pois as pessoas não aceitam facilmente e vêm para cima de nós, elas não nos dificultam propriamente a nossa prática pois ela é dentro de água, agora cá fora, estamos habituados a estar ali sózinhos durante o inverno inteiro e ao Domingo vêm as pessoas e dizem saiam daqui, deixem-nos passar... são as pessoas que vêm para cima de nós... os Domingueiros.

P: Considera existir um grupo de praticantes?

R: Há um grupo de praticantes sem dúvida.

P: E o Tiago considera fazer parte desse grupo de praticante do molhe?

R: Não nos apercebemos disso, mas agora analisando a questão de fora, talvez exista um grupo.

P: Considera adequada a definição grupo do molhe?

R: Em certa medida é, pois é ali que nós praticamos. Uma vez que o grupo se fixa mais na zona do molhe e há outros praticantes que se juntam na Praia do Vau, Praia do Alemão ou na zona de Ferragudo.

P: Foste bem recebido pelos mais antigos quando resolveste começar a fazer Surf?

R: Ao princípio as pessoas não costumam ser muito bem recebidas pois existem algumas regras a ser respeitadas e os mais novos não as conhecem logo. Eu tive alguma certa sorte pois conhecia alguns dos mais antigos que me ajudaram na integração no grupo, como por exemplo o Carlinhos.

P: E essas regras, que regras são essas?

R: Existem duas ou três fundamentais; uma delas é quem tem direito à onda, no caso do molhe é quem está do lado direito mais perto do pico. Quem viola essa regra, e é essa violação que costuma dar chatices dentro de água, às vezes é na brincadeira, é o chamado dropinango.

P: Se trouxeres um amigo para praticar os colegas recebem-no bem?

R: Se for alguém do grupo a o trazer, não haverá problemas; aliás algo interessante é que há uns tempos atrás as coisas eram mais difíceis, éramos mais opressivos pois isto do Surf com muita gente é um bocado complicado, é como andar numa estrada com muitos carros, agora até estamos a tentar ajudar os mais novos.

P: Porque diz que antigamente eram mais opressivos?

R: Por exemplo, os mais novos não vão para a zona do molhe e sempre que lá vão, está lá alguém para lhes lembrar que não devem atrapalhar para que nós possamos desfrutar da onda.

P: Quantos grupos existem na área de Portimão?

R: Dois grandes grupos; o grupo do Molhe e o grupo da Praia do Vau. O do molhe mais Surfistas e o da Praia do Vau mais Bodyboarders. Os da Praia do Vau dispersam-se pela Praia do Alemão e por Ferragudo, o nosso grupo é mais concentrado.

P: Como é a vossa relação com os praticantes dos outros grupos?

R: Antes de mais, temos que distinguir dentro de água e fora de água, fora de água damos-nos todos muito bem, dentro de água existem por vezes alguns problemas quando pessoas de outros grupos se vêm instalar no nosso sítio. Hoje em dia essas coisas já estão mais calmas e os elementos dos outros grupos já vêm também praticar no molhe. O nosso grupo está em constante evolução.

A minha relação com os meus outros colegas do meu grupo é boa. As pessoas transformam-se quando entram dentro de água, devido ao desejo de apanhar boas ondas. Toda a gente quer apanhar a melhor onda e a mais perfeita, não para os outros mas para si próprio, para trazer prazer em surfá-la. Nós estamos lá dentro é para tirar o máximo prazer possível.

P: Achas que a permanência na actividade confere um estatuto diferente ao praticante?

R: Acho que sim, tem a ver com a permanência, evolução e a própria personalidade das pessoas.

P: No grupo de praticantes de quem recibes sugestões ou críticas?

R: Das pessoas com quem me dou mais chegadoamente, e quando algum faz uma onda melhor os outros dizem boa! Hu... Hu... Hu..., como sinal de satisfação, havendo assim apoio entre nós.

P: O que pensas dos adultos vos identificarem como geração rasca?

R: É verdade que hoje em dia existem menos valores e que algumas das coisas que se defendiam eram um pouco utópicas e até a própria sociedade conduz as pessoas a serem mais para si próprias, mas acho que há muitos valores que continuam a ser defendidos. Geração rasca é de pessoas que não estão dentro das coisas e vêm de maneira superficial, como por exemplo dizer que as músicas

dos jovens é só barulho, se calhar não se deram ao trabalho de ler as letras das músicas que transmitem mensagens importantes.

P: Consideras que os adultos compreendem e respeitam esta vossa actividade?

R: Hoje em dia já mais porque muita coisa tem mudado ao longo dos tempos e veêm o Surf como um desporto normal como o futebol, no meu caso tenho apoio da família para a prática do Surf. A princípio achavam esquisito, agora acham normal.

P: Já trouxeste algum amigo para a prática do Surf ?

R: Já, duas ou três pessoas, mas o interesse tem que partir sempre da própria pessoa devido à necessidade de força de vontade, e não é por um amigo dizer vem que é suficiente, embora seja importante o tal apoiozinho final, no meu caso tive ajuda do Carlinhos.

P: Consideras que já alguém te criticou por praticares Surf?

R: Apenas algumas criticas sem importância, mesmo aquelas do tipo praticas Surf e não estudas, não tiveram muita importância.

P: Quais os cuidados que se deve ter para com a prancha?

R: Não deixar ao sol para evitar que as pranchas fiquem amarelas e não baterem em nenhum lado porque são frágeis.

P: O que sentes quando estás em cima da prancha à espera para fazer a onda?

R: Uma certa ansiedade... ansiedade ...sim... , especialmente quando as ondas estão boas, querer fazer sempre mais uma onda, mas também é sempre um momento de reflexão, principalmente quando está pouca gente. Estamos ali na natureza e despertamos para outras coisas como o mar, a natureza, o pôr do sol. É muito difícil definir o que se sente nessa altura. Quando entramos para dentro de água é um mundo à parte, esquecemo-nos de tudo, é um momento de evasão. Lá dentro não há aqueles problemas de casa.

P: Foi fácil entrar no vocabulário específico do Surf?

R: Foi fácil.

P: Podes definir alguns desses termos?

R: Dropinango, é tomar a onda que é destinada ao outro surfista; acima de tudo o Surf é individualista. Flat, que é uma chatice quando o mar está flat ...não há ondas; quase todos os conceitos vêm do inglês, Off-Shore e On-Shore, Glass e nome de várias manobras, entre elas o tubo que é importante pois remonta aos valores básicos do Surf; é o prazer máximo. Já fiz alguns tubos e tive muita satisfação.

P: Qual a opinião sobre o facto do Surf ser uma actividade fundamentalmente masculina?

R: Hoje em dia a culpa será mais das raparigas, porque sentem uma certa inibição em praticar Surf em vir para dentro de água. Se calhar elas não têm tanta força de vontade. Elas teriam todo o nosso apoio e acho que existe uma certa ideia errada. Elas ficam-se mais pelas palavras. Nos profissionais há bastantes raparigas.

P: Gostavas de ser profissional?

R: Gostava, pois ser profissional é ser pago para fazer aquilo que mais se gosta.

P:O que é que o Tiago acha da escola, tem aspectos positivos, tem aspectos negativos?

R: Isto é engraçado, pois quando era mais novo achava uma chatice, agora quando comecei a ter uma visão mais de fora da escola, é um sítio importante pelo que se vive na escola, é lá que se tem os grupos e é lá que se tem os amigos. Não tem grandes aspectos negativos.

P:Então e sobre a família o que pensa?

R: A família é a melhor coisa que nós temos. É tudo ... eles é que são os nossos máximos e verdadeiros amigos, eles é que nos dão os apoios nos momentos difíceis. Não há aspectos negativos na família.

P:Já alguma vez foste criticado por dedicar tempo demais ao Surf?

R: Ao princípio houve uma certa relutância da minha mãe, mas como eu tinha boas notas, ela não tinha por onde me pegar, por onde me atacar.

P:Porque praticas Surf e não Bodyboard?

R: O Surf dá muito mais prazer.

P:Qual a relação entre Surfers e Bodyboarders?

R: Os Surfers... prontos ... pensam que estão acima dos Bodyboarders, por talvez os Bodyboarders serem muitos, tipo moscas, tipo enxame, tornam-se chatos. O simples facto de irem deitados... são diferentes, os Surfistas respeitam-se mais... o Bodyboarder é menos harmonioso.

P:O que é para o Tiago um bom praticante de Surf?

R: É a pessoa que tem o maior prazer em fazer surf... o melhor surfista.

P:Como se pode definir o Surf utilizando apenas duas ou três palavras?

R: Liberdade, alienação (sensação de estar noutra sítio), sensações completamente diferentes.

P:Quais os grupos urbanos com os quais não se identificam?

R: Por acaso até nos damos bem com toda a gente. Talvez os motoqueiros sejam aqueles com que nos identificamos pouco.

P:Considera que existem líderes dentro do seu grupo?

R: Não estabelecidos, mas há certas diferenças hierárquicas dentro do grupo que têm a ver com a antiguidade e maneira como fazem surf, o nível que têm e com o carácter das pessoas, o carácter tem sempre uma palavra muito importante, hoje em dia não há ninguém que se assuma e seja visto como chefe, está muito espalhado, está diluído; há uns tempos atrás uma ou duas pessoas tinham esse papel, como por exemplo o Brek e o Zé dos Cães, que tinham o nível acima dos outros. Eram líderes, eram vistos de maneira diferente devido a um conjunto de vários factores, sendo talvez mais respeitados e tendo uma mística.

P:É normal falar-se em velha geração e nova geração? O Tiago faz parte de que geração?

R: Da nova geração, embora todos se dêem bem. Os surfistas da velha geração é como se fossem os nossos ídolos, quando vão à praia estamos sempre com atenção para ver as atitudes deles, o que fazem, embora já vão pouco à praia, quando chegam são sempre bem recebidos e até admirados.

Entrevistas nºs 16 e 17

(Cassete nº 8)

Nome: Rui Duarte.
Idade: 19 anos.
Profissão: Estudante.
Hab.Literárias: Frequência do 10ºAno de Escolaridade.(Ens.Sec.).
Actividade: Bodyboarder.

Nome: Paulo Pereira.
Idade: 19 anos.
Profissão: Estudante.
Hab.Literárias: Frequência do 10ºAno de Escolaridade.(Ens.Sec.).
Actividade: Bodyboarder.

Pergunta:Rui, o que se pode dizer que é o bodyboard?

Resposta:Bodyboard?e um desporto, um passatempo, ao contrário do surf, mas para mim é a mesma coisa que o surf, eu gosto das duas coisas, gosto de ver surf , mas para mim acho que o body deitado dá outra sensação, dá mais prazer, outra visão da coisa, mais perto da onda, é diferente ...

P:E para o Paulo o que é o bodyboard?

Paulo:Tal como o surf é todo um estado de espírito que envolve... pra mim não como desporto, mas mais como estado de espírito que a gente leva durante toda a vida, se formos ver bodyboard e surf como um desporto, acho que isto perdia toda a graça, nós não vamos para ali, não estamos a pagar para estar num pavilhão, aquilo é mais um estado de espírito, descontração total

P:No dia-a-dia isso reflecte-se na sua vida?

Paulo:Totalmente,porque eu desde que comecei isto, vivo com o mar , para o mar, com, a maior parte do meu tempo livre ligado ao mar.

P:O que é que é preciso para se praticar bodyboard?

Paulo:Muita paciência e muita dedicação por aquilo que se faz, senão desiste-se ...

P:E o Rui?

Rui:Muita dedicação, não se deixar levar logo, ser persistente.

P:Há quanto tempo pratica Rui?

Rui:Deve ir fazer uns quatro anos...

P:E o Paulo?

Paulo:Vai fazer cinco

P:Antes disse-se que o bodyboard pode ser visto como um estado de espírito! mas há quem o veja como um desporto?...

Paulo: Sim , mas isso, é já uma distorção daquilo que éou como quem encara o surf e o bodyboard como desportos separados, já são pessoas que são levadas a fazer, o que para eles é um desporto, pela publicidade, por todo um... , uma moda de fazer...

P: Porque pratica bodyboard?

Paulo: Bom, primeiro porque tenho uma grande necessidade de estar sózinho, penso que quando as pessoas estão a fazer surf ou bodyboard, como é o meu caso, ficam completamente isoladas dos problemas que têm lá fora, ficam sózinhas um bocado para pensarem, esquecem todos os problemas que têm...

P: E o Rui?

Rui: Também pratico por causa disso, mas a principal é por causa dele, ele é que me influenciou, não conhecia nada disto, nem do mar, vinha para a praia só de verão e depois a partir de uma vez no inverno que vim, ele é que persistiu, fiz-lhe a vontade uma, duas vezes, continuei, para apanhar o gosto, hoje já venho sózinho e até mais que ele.

P: Tem alguém na família que também pratique?

Rui e Paulo: Não.

P: Como começou este interesse pelo bodyboard?

Paulo: Foi, para dizer a verdade por ter visto uma telenovela da altura, com os surfistas, cheguei aqui, vi, gostei completamente , gostei, cheguei ao ponto mesmo de andar um ano completo a surfar sem fato, com uma prancha completamente velha, isso mostra bem que é mesmo pelo gosto daquilo...

P: O equipamento completo pode custar quanto?

Paulo: O meu custou 110 contos...

Rui: Sim , a nível de 100 contos...

P: Ao fim ao cabo não anda muito longe do preço de um equipamento de surf?

Paulo: Não anda porque a prancha de surf é cara , mas eles também não precisam de comprar os pés de pato...

P: Quando praticam?

Paulo: Ultimamente tenho praticado mais ao fim-de-semana , mas tento praticar sempre que posso e ao fim-de-semana

Rui: Sempre que posso, mais aos dias da semana , por causa da escola..., a qualquer hora nem que seja só duas horas dentro de água .

P: O tempo que dedicam ao bodyboard é suficiente?

Paulo: Para mim não é suficiente, é muito pouquinho, para mim é ao fim-de-semana e um ou dois dias por semana e raramente...

P: Se pudessem praticavam todos os dias?

Paulo e Rui: Sim, sim, sim

Paulo: Levaria o dia todo dentro de água se fosse preciso...

P: O que acham deste local para praticar?

Paulo: Praia da Rocha, para praticar, há uns anos já foi melhor, agora está um bocado fraco, o nível da onda aqui do pico do molhe desceu, está uma onda que já não... é uma onda muito mole, já não é aquela onda potente como era antigamente, no meu ponto de vista, as alterações climáticas, tem havido uma grande alteração dos suertes, das tempestades, tem entrado muito mar de fora, sudoeste, traz areia de outros locais para o pico do molhe, vai criar bancos de areia no fundo fica areado, perde o fundo que tinha.

Rui: O ano passado praticamente só veio nortadas, nortadas...

P: Este local é de prática sazonal? No verão não se pratica muito aqui?

Paulo: Não se pratica muito porque não há mesmo ondas... a costa norte é muito bom, vamos quase todos os fins-de-semana, aqui começa a haver ondas muito pequenas, não vale a pena.

P: Porque escolheram este sítio?

Rui: Praia da Rocha? É o sítio onde começámos, é a nossa casa...

Paulo: Este sítio não é lá muito bom pra aprender, comecei a vir pra qui primeiro porque estava muito próximo da minha casa, depois porque depois quando eu vim, ainda agora há uma certa hierarquização, os mais velhos têm direito a mais ondas...

P: Nota-se isso aqui?

Paulo: Completamente, a todo o momento, toda a onda, aquilo é hierarquização total, dentro do bodyboard e dentro do surf, aqui há uma certa mentalidade distorcida do que é o surf e do que é o bodyboard e depois aqueles mais novos que vêm pra qui fazer surf ou bodyboard levados pelo ambiente que se criou, de toda a publicidade que se tem dado a este desporto, vêm-se a guerrear, isso não tem nada a ver ...

Rui: Isso já é uma distorção... isso já está mais fraco, havia mais... antigamente era mais..

P: De acordo com algumas conversas já tidas com surfers, eles assumem esse papel de dominância face ao bodyboard...

Paulo: É normal, isso é normal, nós de body temos muito mais facilidade em remar, apanhar a onda, passar a rebentação não, mas pronto, todo o conjunto dá-nos mais facilidade em apanhar a onda, isto tem tido uma grande expansão e essa expansão vai fazer com que eles sejam mais prejudicados, são mais bodyboarders e são aqueles que estão a invadir, então eles sentem-se assim um bocado...

Rui: Alguns também são mais velhos que a gente, estão cá há muito mais tempo

Paulo: O respeito também tem a ver com a hierarquização do pico do molhe...

P: E no vosso caso, com 4 ou 5 anos, são novos, são considerados com um certo estatuto dentro do grupo?

Paulo: Quer dizer, com 4, 5 anos já se começa a ganhar um certo estatuto, se formos comparar o nosso tempo com o do Paulão, o nosso tempo não é nada, mas se formos comparar com o tempo que os outros também têm, já começamos a ter ...

P: O Rui apercebe-se dessa hierarquização?

Rui: Sim, sim, todos respeitam um bocado isso...

P: É uma coisa natural, ou as pessoas acabam por ser obrigados a respeitar?

Paulo:Acabam por ser obrigados...é... e depois é uma obrigação que as pessoas quase não sentem.

P:Quais as atitudes que o grupo de praticantes tem para com este local?

Rui:Nota-se a titude de defesa do local, principalmente face aos de fora, pessoal de fora...

P:Reagem face ao pessoal de fora?

Rui:Já passou mais, isso agora já não é tanto...

P:Então algumas situações estão-se a esbater hoje em dia?

Paulo:Estão-se a esbater mas continuam interiorizadas muito no seio das pessoas, especialmente é mais pelos novos praticantes que estão agora , não têm a mentalidade que tinham, vêem mais isto como um desporto, porque é moda...

P:Já me disse que gosta de praticar sózinho, nunca pratica em grupo?

Paulo:Penso que o surf e o bodyboard é um desporto solitário, é ...

Rui:Não tenho essa opinião, pelo menos , três...três ou quatro é uma paródia...é bom para conviver...acho que sózinho..., sózinho também...

Paulo: Claro, surfar sózinho é chato, mesmo estando um grupo dentro de água , é um desporto solitário porque é o indivíduo que vai surfar uma única onda...

P:E se neste local começarem a aparecer pessoas estranhas ao bodyboard a quererem tomar banho ali?

Paulo:Banhistas?Em principio não há grande relutância a isso, mas se começarem a aparecer muitas pessoas temos sempre tendência a pedir às pessoas para se desviarem, elas é que se podem magoar, às vezes são até mal educadas , não compreendem, acabamos sempre por ser vistos como mal educados...eles é que têm atitudes connosco

P:Pode-se dizer que existe um grupo de praticantes aqui na zona do pico do molhe?

Rui:não, não...

Paulo:Eu acho que já houve mais, hoje em dia ainda claro,ainda continua aquele grupo mais para o centro, aquele grupo mais fechado, mas tem tendência a abrir, são muitas pessoas a ir, e começa-se a expandir.

Rui:Isto é mais uma família, o pessoal às vezes reúne-se, conhecidos, falamos também

Paulo:Há um certo limite à entrada de outras pessoas, cada vez mais esse limite tem estado a expandir-se um bocado...

P:Existem algumas regras para ser bem recebido na zona do pontão?

Paulo:Regras?regras propriamente não há,o que é que há é que em principio as pessoas têm que ter conhecimentos, as pessoas já conhecerem outras aqui e depois têm que ser pessoas dadas, têm que se ir metendo, e muito persistentemente, o caso do lvo...

P:Foram bem recebidos pelos praticantes mais antigos quando começaram a praticar bodyboard?

Rui:Acho que fui mal recebido...lembro-me dessa altura, até passavam-me por cima, chamavam-me nomes, da primeira vez é sempre, eu ao fim ao cabo andava ali, andava a atrapalhar, claro , hoje é diferente...

P:Hoje se entrasse um praticante novo, como o recebia, tinha a mesma atitude que eles tiveram para si?

Rui:Se calhar até o mandava desviar mais para o lado

Paulo:Hoje em dia já não se faz tanto isso...antigamente havia aquele grupo fechado e esse tipo de acção já tinha mesmo de ser um grupo fechado, não queriam ali ninguém, ainda por cima um elemento novo, anda ali a atrapalhar, eles não queriam, hoje em dia como já são muitas pessoas a ir para ali ...

P:O Paulo lembra-se desses primeiros momentos quando começou a aparecer pela primeira vez?

Paulo:Lembro, e era discriminado que aquilo era uma coisa impressionante, muito mais que aqueles que são mais novos são...

P:E se trazer um amigo novo consigo, acha que eles o recebem bem?

Paulo:Acabam por o receber, sim, é essa a mudança, hoje traz-se bem, sem problemas...já estamos integrados nesse semi-grupo.

P:Quantos grupos existem na zona de Portimão?

Paulo:Dois, dois e a dividir bem, bem, bem, há três... isto da Praia do Vau, que vêm pr'aqui, os do Vau têm a ideia que este grupo, pelas conversas que tenho tido com eles, é ainda fechado e já não é assim tão fechado.

P:Como é a relação dos praticantes que estão nesta zona do molhe com os dos outros grupos de praticantes?

Paulo:Dão-se bem, quando eles vão lá tudo bem, quando eles vêm cá, já é um bocadinho pior...

P:O tempo de prática confere um estatuto diferente às pessoas?

Paulo:Acho que as pessoas começam a criar um estatuto maior e mais rapidamente a subir conforme o tempo que dispõem para a prática de surf ou bodyboard, uma pessoa que apareça aos dias de semana regularmente e com bastante frequência acaba por subir mais depressa no estatuto e os outros o verem de outra forma, lá está é o espírito daqueles que pensam que os que vêm ao fim de semana, vêm isto como desporto, vêm pra'qui passar o tempo ao fim de semana, os outros...

P:No grupo de praticantes de quem é que o Rui recebe sugestões ou críticas?

Rui:Sinceramente, acho que não, às vezes uma boca ou outra, eu faço aquilo que acho que devo fazer, deve ser assim, mais a divertir-se...

P:E o Paulo?

Paulo:Eu recebo as críticas, não gosto de as receber... e estou sempre a dar críticas aos outros, embora não goste de as receber aproveito-as...eu vejo a minha evolução não se surfo melhor ou surfo pior mas como uma evolução espiritual, é essa a diferença que eu acho entre o desporto e o modo de vida que levo.

P:O que acham dos adultos identificarem os jovens como geração rasca?

Paulo:Primeiro, acho que é uma expressão cínica, primeiro esta geração não é uma geração rasca, é uma geração que depois do 25 de Abril começou a ter mais liberdade e exprime-se de uma forma diferente, com muito mais expansão, e eles como pronto têm outra mentalidade, não estão

habituaados a esse tipo de expressão que as pessoas têm hoje em dia, acham que está errado, mesmo assim acho que é uma expressão cinica por parte deles, pois mesmo que seja geração rasca não é mais que fruto da má condução que tiveram, porque eles é que a educaram, e se esta é uma geração rasca, eles também são uma geração rasca, porque eles é que a educaram mal.

P:E o Rui, o que acha?

Rui:Geração rasca?pra mim não têm razão geração rasca...acho...

P:Acha que os adultos compreendem e respeitam o bodyboard?

Rui:A maior parte das vezes acho que as pessoas não têm conhecimento, mas os que conhecem , compreendem, os poucos que conhecem, acho que compreendem, a maior parte das vezes as pessoas não têm aquele conhecimento da coisa e acabam por não respeitar...

Paulo:As pessoas têm sempre tendência aquilo que não conhecem, têm sempre uma tendência para se defender daquilo, tratar mal, falar mal, é normal, é normal, acho que não é totalmente preconceito é por as pessoas não entenderem, o bodyboard não tem tanto, ultimamente não tem tido esse ponto de vista por parte deles, esta nova geração...

P:A minha dúvida é se os adultos quando dizem isto, têm razão?

Paulo:Não sei, eles são capaz de ter razão, eles têm razão se formos ver pelos motivos deles, podemos estar aqui a julgar as atitudes que eles têm ou os motivos deles, se formos julgar as atitudes penso que é uma atitude errada, completamente errada, agora se formos julgar aqui os motivos que eles têm para julgarem isso, não podemos estar a dizer que eles estão errados, é as bases que eles têm, toda a educação que eles tiveram até agora que os levam a dizer isto, isto é novo e eles não estão preparados ainda...

P:O caso do Paulo, tem apoio da família para praticar bodyboard?

R:Não, nunca tive apoio, não dá para compreender, os meus pais ainda são novos e eles sempre tiveram uma visão um bocado aberta e não compreendo como podem ter uma visão daquelas em relação ao bodyboard.

P:E o caso do Rui, tem apoio?

R:Não tenho qualquer apoio, se dependesse deles eu não vinha

Paulo:A questão da crítica também tem a ver com o dinheiro pois isto é um desporto caro e os pais não estão de acordo, eu vou trabalhar para o verão para conseguir pagar o material e eles preferiam que eu fosse trabalhar no verão, ou talvez nem fosse, mas já que ia pelo menos comprava alguma roupa ou alguma coisa pra escola.

Rui:Agora já se habituaram mais à ideia ...

P:Foi fácil começar a praticar bodyboard?

Paulo:Não foi fácil até pela razão monetária ...não tinha dinheiro e os meus pais também não concordavam, como é que eu podesse ir para a praia no inverno, a chover, cheio de frio,para quem tem material, já conhece alguém aqui é fácil começar a fazer.

Rui:Foi muito difícil, apanhar as primeiras ondas, passado um ano... foi um ano, ali assim , de persistência.

P:Quais os cuidados que se deve ter para com a prancha?

Rui:Não deixar ficar ao sol ...

Paulo:Deve-se lavar a prancha... eu não lavo!, não se deve tirar sempre o axe, risca.

P:O que se sente quando se está em cima da prancha à espera para fazer a onda?

Paulo:Quando vejo a onda sinto uma ansiedade em a apanhar, acho que aquilo tem que ser meu, totalmente meu , acima de tudo sinto-me uma certa individualidade, sinto que ali sou um indivíduo diferente dos outros, sinto uma grande paz de espírito, quando ali estou, é isso que as pessoas não compreendem, um indivíduo sentado numa prancha ... a surfar umas ondas, dizem que já devíamos ter cabeça para ter juízo...;seca de estar à espera, depois ansiedade de apanhar a onda, depois é a descontração total.

P:E o Rui o que sente?

Rui:Uma libertação totalmente boa, uma sensação mais que boa.

P:Foi fácil entrar no vocabulário específico da modalidade?

Rui:Sim , sim,sim, com o tempo ...

Paulo:Pra mim não foi, não conhecia ninguém e uma pessoa não pode aprender as coisas sem falar com os outros, eles às vezes falavam comigo e utilizavam esses termos, eu estava ali a fingir que sabia, mas não sabia coisíssima nenhuma...

P:Quando pratica bodyboard o que sente?

Paulo:Conforme estivermos a surfar mar pequeno ou mar grande,se tiver mar pequeno sentimos alegria de estar ali, quando o mar é pequeno estamos ali, é o convívio, brincamos com os outros,então quando está pequeno entramos em desespero e atiramo-nos uns para cima dos outros, é o espirito brinçalhão,quando está mar grande sentimos uma adrenalina total, estamos ali, sentimos que nos podemos magoar de um momento para o outro ...é mais um vício estar ali, por vezes ...

Rui:É aquela adrenalina...é importante a brincadeira...

P:Qual a opinião do Paulo sobre a escola?

Paulo:A escola é uma instituição completamente desorganizada, mas é mesmo, há professores que não dão as aulas, pois eu gosto de estudar, estou num curso que me está a encaminhar para aquilo que eu quero ser, mas para muitos torna-se uma obrigação , gosto de estudar, penso que poderia ter aspectos mais positivos se os professores vissem aquilo de outra maneira diferente.Tem aspectos positivos, as pessoas passam a saber mais, conforme adquirem mais conhecimentos, ficam mais enriquecidas, ajuda as pessoas a falarem, a comunicarem...

P:Acha que esta modalidade contribui para o seu enriquecimento?

Paulo:A escola é um enriquecimento mais em termos , sei lá, educativos, é preciso aprender muito cá fora e o mar ensina-nos muita coisa, que lá fora na sociedade é diferente que no liceu, aqui aprendemos que estamos sózinhos, todos vão à onda, vemos uma onda e temos que lutar pelo que queremos qui aprendemos muito isso...é um complemento importante da nossa formação.

P:E o caso do Rui, o que acha da escola?

Rui:Eu digo já que não gosto de estudar , mas faço o possível para estudar e tirar notas, há pouco tempo descobri que se não estudar a coisa não vai para a frente, e então, tento fazer o possível para chegar ao fim, o melhor possível, e segundo as regras para no futuro consiga arranjar qualquer coisa, consiga arranjar um emprego, mas parece que a escola às vezes , sei lá, complica um bocado, acho que os professores, a partir do 10ºano, são diferentes ... a maior parte dos alunos pensa isso...9ºano é muito diferente do 10ºano, não dão aquilo que devem dar, esta modalidade ajuda um pouco, sim , sim.

P:Porque pratica bodyboard e não pratica surf?

Paulo:Pratico bodyboard, porque primeiro quando comecei não tinha dinheiro, é um passo logo muito grande e às vezes as pessoas não têm dinheiro,é preferível comprar uma prancha em 2ªmão, só que na altura em que eu comecei era bastante difícil arranjar uma prancha em 2ªmão, não havia grandes conhecimentos, hoje continuo por razões monetárias, segundo porque acho que já é um bocado tarde para começar a praticar surf, é muito difícil, demora muito tempo a aprender...

Rui:Acho que não...

Paulo:Aspiro a mudar para long-board, possui o espírito que eu defendo, o mais antigo..., o que retém mais o espírito , o bodyboard é o mais novo , o que retém menos o espírito, por isso estou nos extremos...

P:E o Rui?

Rui:Principalmente por razões monetárias,primeiro, mas gosto mais de fazer bodyboard do que surf,gosto mais, acho que deitado dá mais, mas... este ano estou a pensar comprar uma tábua...para começar, para curtir umas ondinhas de pé, com o tempo e força de vontade ...

P:Podem-me falar em alguns conceitos de bodyboard?

Paulo:Dropnee,Standup e Prone, que é deitado ...

P:E tubos, já fez tubos?

Rui:Já , já,é a manobra mais sensacional...quanto maior é o tubo ,mais é sensação, adrenalina...

Paulo:Pra mim não é uma manobra, é estarmos a surfar a onda e dar um tubo.

P:O que é um bom praticante de Bodyboard?

Paulo:Um bom praticante pra mim, é aquele que se dá completamente, não pela moda, mas pelo fazer por convicção, por estado de espírito, como modo de vida que ele tem, é isso ...

Rui:Eu não me considero, venho pra qui para me divertir, um bom praticante é aquele que vem para a onda sempre que pode, uma horinha ou duas, não apenas ao fim de semana.

P:Como se pode definir o Bodyboard, utilizando apenas uma ou duas palavras?

Paulo:Estado de espírito ou paz de espírito.

Rui:Descontração .

ANEXO C

Documentação referente às saídas informáticas do SPSS, com a listagem e sistematização de variáveis.

áááá

H O M A L S - VERSION 0.6
 BY
 DEPARTMENT OF DATA THEORY
 UNIVERSITY OF LEIDEN, THE NETHERLANDS

The number of observations used in the analysis = 30

List of Variables
 =====

Variable	Variable label	Number of Categories
GRUPO	Tribo	2
SEXO	Sexo	2
GETAR	GEtar	5
LOCAL_N	LNasc	4
LOCAL_R	LRes	2
HAB_LIT	HabLit	3
PROFISS	Prof	2
HAB_PAI	HabLPai	3
HAB_MAE	HabMÒe	3
PROF_PAI	ProfPai	4
PROF_MAE	ProfMÒe	5
AGRE_FAM	AgFam	3
VAR111	Desp	2
VAR112	DPrazer	2
VAR113	Mvida	2
VAR114	Arte	2
VAR115	VÝcio	2
VAR116	TGost	2
VAR117	SProb	2
VAR118	PTemp	2
VAR119	TEnerg	2
VAR1110	DCom	2
VAR1111	MDif	2
VAR1112	Estranh	2
VAR1113	Facil	2
VAR1114	FIniOut	2
VAR1115	Dropi	2
VAR1116	OnShore	2
VAR1117	OffShore	2
VAR1118	CutBack	2
VAR1119	Dropar	2
VAR1120	Tubo	2
VAR1121	CulpRap	2

VAR1122	RapSFor	2
VAR1123	RapMed	2
VAR1124	SerDif	2
VAR1125	Vida	2
VAR1126	Libert	2
VAR1127	Divert	2
VAR1128	Adren	2
VAR1129	ResOut	2
VAR121	PqGosta	2
VAR122	Evasao	2
VAR123	FazBem	2
VAR124	P/Vicio	2
VAR125	PC/Amig	2
VAR126	DurPrat	2
VAR1211	IntMar	2
VAR1212	ConAmi	2
VAR1213	ExpGos	2
VAR1214	Ia/Praia	2
VAR1215	S/Posso	2
VAR1216	QdHOna	2
VAR1217	Verao	2
VAR1218	FimSem	2
VAR1219	TDias	2
VAR1220	QdNAulas	2
VAR1221	Ferias	2
VAR1222	Sozinho	2
VAR1223	emGrupo	2
VAR1224	C/Amig	2
VAR1225	Vau	2
VAR1226	Ferrag	2
VAR1227	Boav	2
VAR127	Alemao	2
VAR1228	Surf>P	2
VAR1229	SenDif	2
VAR1230	Surf>Resp	2
VAR1231	SurfNBOut	2
VAR1232	PranchaBody	2
VAR1233	+FaMan	2
VAR1234	G+Body	2
VAR131	Equip	2
VAR132	FVont	2
VAR133	Persist	2
VAR134	RespDond	2
VAR135	EvDropi	2
VAR136	BPessoa	2
VAR137	RespOut	2
VAR138	Resp+Velh	2
VAR139	Lavar	2
VAR1310	EvBater	2
VAR1311	NSol	2
VAR1312	UtiCapa	2
VAR21	FBOna	2
VAR22	BLocAp	2
VAR23	EBom	2

VAR24	DeuMOnd	2
VAR25	TerCAMig	2
VAR26	PrtCasa	2
VAR27	DBOnda	2
VAR28	TBoasOnd	2
VAR29	BomFund	2
VAR210	VentAdeq	2
VAR211	NSPolui	2
VAR212	DefLocal	2
VAR213	PresLocal	2
VAR214	NSujLocal	2
VAR215	CComplic	2
VAR216	Zangas	2
VAR217	DTDropi	2
VAR218	MEmb	2
VAR31	PertGMolhe	2
VAR35	PrincDif	2
VAR36	RISim	2
VAR37	SempDif	2
VAR38	AmiBreb	2
VAR39	CAlgGrup	2
VAR310	TSAgua	2
VAR311	RIOutRaz	2
VAR312	RelaColGrup	2
VAR314	SPSMelh	2
VAR315	BoaRel	2
VAR316	Rivali	2
VAR317	SDropBod	2
VAR41	REBoa	2
VAR42	RivnaAgua	2
VAR43	Conflit	2
VAR44	RGRNConc	2
VAR45	RGRPND	2
VAR46	RGRJNSTI	2
VAR47	NDValJov	2
VAR48	HaJovRasc	2
VAR49	CRespAct	2
VAR413	DouTodos	2
VAR414	Motoqueiros	2
VAR415	Metalic	2
VAR416	Toxicod	2
VAR417	NFazNada	2
VAR418	REGJOut	2
VAR51	GrupPrat	2
VAR53	DefGMolhe	2
VAR57	SitLider	2
VAR59	TempPrat	2
VAR510	Evoluc	2
VAR511	Conhto	2
VAR512	>Exper	2
VAR513	+Cheg	2
VAR514	Conhdos	2
VAR515	FazMANos	2
VAR516	Tem+Exp	2

VAR61	FamPraMod	2
VAR67	ApoioFam	2
VAR610	CritMod	2
VAR612	CEscSitImp+	2
VAR613	TemAmig+	2
VAR614	Aprend+	2
VAR615	DaFor+	2
VAR616	GostEsc+	2
VAR617	MausProf-	2
VAR618	NaoEstim-	2
VAR619	Chato-	2
VAR621	Apoia+	2
VAR622	EImp+	2
VAR623	GostFam+	2
VAR624	NTemAsp-	2
VAR71	Ansiedade	2
VAR72	Reflexao	2
VAR73	Conversa	2
VAR74	ApNatu	2
VAR75	SintoBemAE	2
VAR76	SintoBemQF	2
VAR77	Liberdade	2
VAR78	EsqProb	2
VAR79	Alegria	2
VAR710	EImpPSurf	2
VAR711	DaSatis	2
VAR712	GostoMar	2
VAR713	ContaNatur	2
VAR715	FazBMan	2
VAR716	GostaQFaz	2
VAR717	LigOnda	2
VAR718	TSurfBoni	2
VAR719	PessoaFixe	2
VAR722	SatisSim	2
VAR723	QPract+	2
VAR724	SCNatur	2
VAR725	MuitaSatis	2

Marginal Frequencies

=====

Variable	Missing	Categories				
		1	2	3	4	5
GRUPO	0	20	10			
SEXO	0	28	2			
GETAR	0	3	11	10	3	3
LOCAL_N	0	20	4	2	4	
LOCAL_R	0	28	2			
HAB_LIT	0	6	21	3		
PROFISS	0	26	4			
HAB_PAI	0	15	8	7		

HAB_MAE	0	14	7	9		
PROF_PAI	0	11	8	2	9	
PROF_MAE	0	6	4	10	4	6
AGRE_FAM	0	4	22	4		
VAR111	0	21	9			
VAR112	0	8	22			
VAR113	0	13	17			
VAR114	0	2	28			
VAR115	0	1	29			
VAR116	0	1	29			
VAR117	0	10	20			
VAR118	0	9	21			
VAR119	0	3	27			
VAR1110	0	8	22			
VAR1111	0	16	14			
VAR1112	0	5	25			
VAR1113	0	5	25			
VAR1114	0	5	25			
VAR1115	0	5	25			
VAR1116	0	5	25			
VAR1117	0	9	21			
VAR1118	0	5	25			
VAR1119	0	9	21			
VAR1120	0	18	12			
VAR1121	0	12	18			
VAR1122	0	2	28			
VAR1123	0	3	27			
VAR1124	0	4	26			
VAR1125	0	5	25			
VAR1126	0	5	25			
VAR1127	0	3	27			
VAR1128	0	4	26			
VAR1129	0	29	1			
VAR121	0	23	7			
VAR122	0	6	24			
VAR123	0	8	22			
VAR124	0	3	27			
VAR125	0	7	23			
VAR126	18	8	4			
VAR1211	0	9	21			
VAR1212	0	23	7			
VAR1213	0	6	24			
VAR1214	0	11	19			
VAR1215	0	16	14			
VAR1216	0	17	13			
VAR1217	0	7	23			
VAR1218	0	14	16			
VAR1219	0	8	22			
VAR1220	0	8	22			
VAR1221	0	12	18			
VAR1222	0	13	17			
VAR1223	0	26	4			
VAR1224	0	8	22			
VAR1225	0	19	11			

VAR1226	0	8	22
VAR1227	0	3	27
VAR127	0	5	25
VAR1228	0	13	17
VAR1229	0	7	23
VAR1230	0	6	24
VAR1231	0	7	23
VAR1232	0	8	22
VAR1233	0	4	26
VAR1234	0	4	26
VAR131	0	16	14
VAR132	0	15	15
VAR133	0	10	20
VAR134	0	7	23
VAR135	0	10	20
VAR136	0	6	24
VAR137	0	12	18
VAR138	0	8	22
VAR139	0	13	17
VAR1310	0	16	14
VAR1311	0	7	23
VAR1312	0	6	24
VAR21	0	16	14
VAR22	0	6	24
VAR23	0	14	16
VAR24	0	7	23
VAR25	0	11	19
VAR26	0	8	22
VAR27	0	18	12
VAR28	0	26	4
VAR29	0	11	19
VAR210	0	5	25
VAR211	0	3	27
VAR212	0	14	16
VAR213	0	11	19
VAR214	0	7	23
VAR215	0	9	21
VAR216	0	18	12
VAR217	0	10	20
VAR218	0	8	22
VAR31	0	18	12
VAR35	0	6	24
VAR36	0	19	11
VAR37	0	4	26
VAR38	0	28	2
VAR39	0	7	23
VAR310	0	6	24
VAR311	0	7	23
VAR312	3	18	9
VAR314	0	24	6
VAR315	0	10	20
VAR316	0	16	14
VAR317	0	6	24
VAR41	0	24	6

VAR42	0	11	19
VAR43	0	8	22
VAR44	0	27	3
VAR45	0	20	10
VAR46	0	10	20
VAR47	0	13	17
VAR48	0	8	22
VAR49	0	11	19
VAR413	0	6	24
VAR414	0	10	20
VAR415	0	5	25
VAR416	0	5	25
VAR417	0	4	26
VAR418	0	9	21
VAR51	2	23	5
VAR53	3	22	5
VAR57	0	14	16
VAR59	0	27	3
VAR510	0	7	23
VAR511	0	15	15
VAR512	0	14	16
VAR513	0	17	13
VAR514	0	9	21
VAR515	0	9	21
VAR516	0	13	17
VAR61	0	17	13
VAR67	0	22	8
VAR610	0	24	6
VAR612	0	16	14
VAR613	0	15	15
VAR614	0	13	17
VAR615	0	17	13
VAR616	0	7	23
VAR617	0	8	22
VAR618	0	7	23
VAR619	0	8	22
VAR621	0	14	16
VAR622	0	18	12
VAR623	0	8	22
VAR624	0	13	17
VAR71	0	11	19
VAR72	0	9	21
VAR73	0	8	22
VAR74	0	10	20
VAR75	0	11	19
VAR76	0	17	13
VAR77	0	11	19
VAR78	0	8	22
VAR79	0	5	25
VAR710	0	12	18
VAR711	0	18	12
VAR712	0	9	21
VAR713	0	8	22
VAR715	0	23	7

VAR716	0	11	19
VAR717	0	7	23
VAR718	0	7	23
VAR719	0	12	18
VAR722	0	24	6
VAR723	0	15	15
VAR724	0	8	22
VAR725	0	10	20

The History of Iterations

=====

Number of Iterations	Total Fit	Difference between two Consecutive Iterations
1	,0738628	,0738628
2	,1001592	,0262964
3	,1204509	,0202917
4	,1332643	,0128135
5	,1415233	,0082589
6	,1467252	,0052019
7	,1497363	,0030111
8	,1513761	,0016398
9	,1522520	,0008759
10	,1527245	,0004725
11	,1529859	,0002615
12	,1531355	,0001496
13	,1532241	,0000886
14	,1532786	,0000544
15	,1533131	,0000346
16	,1533358	,0000226
17	,1533510	,0000153
18	,1533616	,0000105
19	,1533690	,0000074

The iterative process stops because the convergence has been reached in 19 iteration(s).

Dimension	Eigenvalue
1	,0804
2	,0730

Discrimination measures per variable per dimension

=====

Variable	Dimension	
	1	2
GRUPO	,014	,120
SEXO	,005	,091
GETAR	,302	,016
LOCAL_N	,262	,023
LOCAL_R	,017	,011
HAB_LIT	,232	,023
PROFISS	,132	,023
HAB_PAI	,174	,120
HAB_MAE	,217	,091
PROF_PAI	,159	,073
PROF_MAE	,426	,123
AGRE_FAM	,066	,057
VAR111	,275	,163
VAR112	,014	,006
VAR113	,420	,058
VAR114	,008	,000
VAR115	,038	,021
VAR116	,025	,001
VAR117	,053	,014
VAR118	,037	,002
VAR119	,030	,031
VAR1110	,040	,016
VAR1111	,015	,118
VAR1112	,007	,035
VAR1113	,052	,053
VAR1114	,201	,081
VAR1115	,013	,096
VAR1116	,002	,027
VAR1117	,011	,105
VAR1118	,045	,069
VAR1119	,011	,043
VAR1120	,015	,003
VAR1121	,000	,031
VAR1122	,054	,020
VAR1123	,138	,016
VAR1124	,004	,047
VAR1125	,017	,053
VAR1126	,007	,001
VAR1127	,000	,001
VAR1128	,002	,019
VAR1129	,000	,001
VAR121	,008	,000
VAR122	,150	,164
VAR123	,105	,085
VAR124	,004	,005
VAR125	,001	,003

VAR126	,002	,005
VAR1211	,033	,004
VAR1212	,000	,000
VAR1213	,000	,001
VAR1214	,263	,000
VAR1215	,383	,056
VAR1216	,000	,000
VAR1217	,000	,000
VAR1218	,000	,000
VAR1219	,002	,045
VAR1220	,000	,000
VAR1221	,045	,004
VAR1222	,053	,053
VAR1223	,025	,007
VAR1224	,015	,097
VAR1225	,075	,247
VAR1226	,017	,079
VAR1227	,000	,082
VAR127	,018	,074
VAR1228	,022	,226
VAR1229	,073	,001
VAR1230	,061	,020
VAR1231	,051	,002
VAR1232	,028	,049
VAR1233	,025	,077
VAR1234	,017	,043
VAR131	,008	,212
VAR132	,152	,002
VAR133	,041	,282
VAR134	,037	,058
VAR135	,072	,194
VAR136	,131	,013
VAR137	,000	,048
VAR138	,243	,041
VAR139	,108	,004
VAR1310	,078	,094
VAR1311	,011	,010
VAR1312	,018	,030
VAR21	,065	,125
VAR22	,053	,258
VAR23	,328	,002
VAR24	,011	,037
VAR25	,058	,049
VAR26	,341	,004
VAR27	,065	,009
VAR28	,301	,182
VAR29	,221	,104
VAR210	,002	,006
VAR211	,066	,220
VAR212	,000	,075
VAR213	,045	,199
VAR214	,077	,023
VAR215	,048	,009
VAR216	,089	,000

VAR217	,029	,031
VAR218	,046	,173
VAR31	,080	,192
VAR35	,000	,149
VAR36	,034	,150
VAR37	,001	,000
VAR38	,466	,247
VAR39	,035	,052
VAR310	,018	,115
VAR311	,021	,085
VAR312	,030	,012
VAR314	,037	,041
VAR315	,078	,002
VAR316	,120	,007
VAR317	,091	,022
VAR41	,039	,078
VAR42	,006	,045
VAR43	,020	,002
VAR44	,235	,189
VAR45	,172	,116
VAR46	,005	,125
VAR47	,000	,105
VAR48	,018	,012
VAR49	,087	,003
VAR413	,024	,018
VAR414	,000	,238
VAR415	,012	,093
VAR416	,000	,156
VAR417	,002	,026
VAR418	,009	,000
VAR51	,073	,020
VAR53	,082	,050
VAR57	,160	,003
VAR59	,003	,011
VAR510	,008	,054
VAR511	,000	,187
VAR512	,098	,025
VAR513	,390	,000
VAR514	,286	,039
VAR515	,008	,103
VAR516	,014	,235
VAR61	,070	,000
VAR67	,143	,046
VAR610	,011	,087
VAR612	,018	,140
VAR613	,109	,004
VAR614	,000	,008
VAR615	,031	,180
VAR616	,003	,003
VAR617	,165	,039
VAR618	,007	,140
VAR619	,109	,053
VAR621	,001	,016
VAR622	,083	,050

VAR623	,041	,084
VAR624	,003	,217
VAR71	,002	,189
VAR72	,239	,211
VAR73	,025	,016
VAR74	,007	,230
VAR75	,000	,274
VAR76	,079	,010
VAR77	,000	,000
VAR78	,003	,002
VAR79	,008	,006
VAR710	,147	,006
VAR711	,027	,000
VAR712	,015	,098
VAR713	,018	,015
VAR715	,062	,018
VAR716	,067	,011
VAR717	,074	,183
VAR718	,037	,003
VAR719	,001	,178
VAR722	,220	,076
VAR723	,001	,089
VAR724	,328	,015
VAR725	,191	,007

Hi-Res Chart # 1:Discrimination measures

The object scores are:

=====

Object	*	dimension	
	*		
	*	1	2
1	*	-,31	,44
2	*	,28	-,66
3	*	,86	,14
4	*	,39	,17
5	*	,40	,64
6	*	-1,42	,71
7	*	-1,67	-,38
8	*	2,39	-1,89
9	*	2,73	-1,83
10	*	1,05	,78
11	*	-,34	1,02
12	*	,53	1,28
13	*	,41	,84
14	*	,11	-,48
15	*	-,09	-,29
16	*	-1,15	-1,04
17	*	-,74	-,19

18 *	,29	1,48
19 *	,20	,46
20 *	-,44	,40
21 *	-1,31	-,22
22 *	,11	,76
23 *	-,19	,27
24 *	,13	,64
25 *	-,01	,15
26 *	,40	-,17
27 *	1,00	,96
28 *	-1,06	,69
29 *	-1,36	-2,39
30 *	-1,14	-2,29